



GODSPEED ESTAVA CHEIA DE
MENTIRAS. AGORA É
GOVERNADA PELO CAOS.

UM MILHÃO DE SÓIS

BETH REVIS

Autora best-seller do *The New York Times*

novo século®



Descubra os segredos que Godspeed esconde nessa eletrizante sequência de “Através do Universo”. Já se passaram três meses desde que Amy foi desconectada. A vida como ela conhecia chegou ao fim. E para onde quer que ela olhe, enxerga apenas as paredes da nave espacial Godspeed. Mas ainda pode haver esperança. Elder assumiu a liderança da nave e finalmente se vê livre para agir de acordo com seus desejos: sem mais Phydus, sem mais mentiras. Quando Elder descobre os terríveis segredos da nave, ele e Amy correm em busca da verdade por trás da vida em Godspeed. Eles precisam se unir para desvendar um grande mistério, posto em ação centenas de anos antes. Seu sucesso ou fracasso determinará o destino dos 2.298 passageiros. Porém, a cada passo, a jornada se torna ainda mais perigosa, a nave, cada vez mais caótica, e o amor entre eles, mais impossível de se concretizar.

Beth Revis

Um Milhão de Sóis

Elder

— Isso não vai ser fácil — resmungo, encarando a porta de metal sólido que leva à sala de máquinas no Nível dos Transportadores de *Godspeed*. No reflexo sem brilho, vejo os olhos escuros do Eldest, pouco antes de morrer. Vejo o sorriso no canto da boca de Órion enquanto apreciava a morte de Eldest. Em algum lugar, sob minhas características clonadas e os ecos de todos os Eldests que vieram antes de mim, deve haver algo no meu ser que pertença apenas a mim, unicamente e que não seja encontrado no material clonado dois níveis abaixo de meus pés.

Gosto de pensar assim, de qualquer forma.

Passo o polegar sobre o escâner biométrico e a porta desliza, abrindo-se, levando consigo a imagem de um rosto que nunca senti como sendo o meu.

Um odor bastante mecânico — uma mistura de metal, graxa e combustão — me envolve quando entro na Sala de Máquinas. As paredes vibram com o pulsar abafado dos motores da nave, um som de *whirr-churn-whirr* que eu costumava achar bonito.

Os Transportadores de Primeiro Nível me esperam em posição de sentido. A Sala de Máquinas é geralmente cheia, repleta de atividade, enquanto os Transportadores tentam entender o que paralisou o motor do reator rápido refrigerado a chumbo, mas hoje solicitei uma reunião privada com os dez Transportadores de escalão mais alto, os mais altos oficiais abaixo de mim.

Sinto-me desalinhado, comparado a eles. Meu cabelo é muito comprido e bagunçado, e enquanto minhas roupas deveriam ter sido recicladas muito tempo atrás, suas túnicas escuras e calças bem passadas vestem perfeitamente bem. Não há uniforme para os Transportadores — não há uniforme para ninguém na nave —, mas a Primeira Transportadora Marae exige limpeza de todos os seus comandados, especialmente os Transportadores de primeiro nível, os quais todos dão preferência às mesmas roupas escuras usadas por ela.

Marae está na geração dos vinte anos de idade, apenas poucos anos mais velha que eu. Mas já há rugas em seus olhos, e a curva caída de sua boca parece permanente. Um carpinteiro poderia verificar a precisão de seu nível de bolha de ar pela linha do cabelo tosado de Marae. Amy diz que todos a bordo de

Godspeed se parecem. Eu suponho, dado que somos monoétnicos, que ela está correta de alguma forma. Mas ninguém poderia confundir Marae com outra pessoa, nem pensar que ela fosse qualquer coisa abaixo de uma Primeira Transportadora.

— Eldest — ela diz à guisa de saudação.

— Já disse a você: chame-me simplesmente de Elder.

A carranca de Marae aumenta. As pessoas começaram a me chamar de Eldest assim que assumi a função. E eu sempre soube que *seria* o Eldest em algum momento, embora jamais sonhasse que seria tão cedo. Ainda assim, nasci para essa posição. Eu *sou* essa posição. E se não posso enxergar isso em mim mesmo, posso vê-lo através da forma que os Transportadores permanecem em sentido e atentos, da mesma maneira que Marae aguarda a minha fala.

Eu só... não posso ter esse título. Alguém me chamou de Eldest na frente de Amy, e não consegui aguentar a forma como seus olhos se comprimiram e como seu corpo se enrijeceu, por apenas um minuto, tempo longo o suficiente para que eu percebesse que não havia nenhuma chance de suportar vê-la olhar para mim como Eldest novamente.

— Posso ser Eldest sem mudar o meu nome — digo.

Marae não parece concordar, mas ela não vai me contestar.

Os outros Transportadores de Primeiro Nível olham fixamente para mim, esperando. Todos estão quietos, com suas costas eretas e seus rostos vazios voltados para mim. Sei que parte de sua perfeição deve-se à mão forte de Marae como Primeira Transportadora, mas também sei que parte disso vem do passado, de Eldest, antes que ele fosse assassinado, e da forma precisa que esperava do comportamento de todos.

Não há nada de mim em sua obediência estoica.

Limpo minha garganta.

— Eu, ah, preciso falar com vocês, os Primeiros Transportadores, sobre o motor — engulo, minha boca seca e com gosto amargo. Não olho para eles, não de verdade. Se eu olhasse para seus rostos — seus rostos mais velhos e experientes — perderia a coragem.

Penso em Amy. Quando a vi pela primeira vez, tudo o que conseguia ver era seu cabelo vermelho e brilhante em espirais, como tinta congelada na água, sua tez pálida quase tão transparente quanto o gelo que a mantinha congelada. Mas quando imagino seu rosto agora, vejo a estrutura determinada de sua mandíbula, o jeito como ela parece mais alta quando está brava.

Respiro profundamente e atravesso o chão até chegar perto de Marae. Ela encontra o meu olhar de frente, suas costas retas, a boca comprimida. Fico desconfortável perto dela, mas ela não se mexe quando levanto os dois braços e

empurro seus ombros fortes, e ela bate no painel de controle logo atrás. Emoções perpassam nos rostos dos outros — a Segunda Transportadora Shelby parece confusa; os olhos do Nono Transportador Buck se comprimem, e seu maxilar se fecha com força; a Terceira Transportadora Haile sussurra alguma coisa para a Sexta Transportadora Jodee.

Mas Marae não reage. Essa é a marca do quão diferente Marae é de todos os outros na nave: ela sequer me questiona quando a empurro.

— Por que você não caiu? — pergunto.

Marae ergue-se, apoiando-se no painel de controle.

— A borda impediu minha queda — ela diz. Sua voz é monótona, mas percebo um tom cauteloso em suas palavras.

— Você teria continuado a cair se alguma coisa não a tivesse parado. A primeira lei do movimento — fecho os olhos brevemente, tentando lembrar tudo o que estudei ao me preparar para esse momento. — Em Terra-Sol havia um cientista. Isaac Newton — hesito ao dizer o nome, incerto como pronunciar uma palavra com dois *asem* uma linha. Sai como “is-saahk”, e eu tenho certeza de que está errado, embora isso não seja importante.

Além disso, está claro que os outros sabem de quem estou falando. Shelby olha nervosamente para Marae, seus olhos correndo uma, duas, três vezes para a máscara que é o seu rosto não natural e impassível. A postura rígida dos outros Transportadores de primeiro nível se desfaz.

Devolvo um sorriso amargo. Parece ser o que sempre faço: quebro a ordem perfeita que Eldest trabalhou tanto para manter.

— Esse Newton, ele idealizou algumas leis sobre movimento. O assunto sobre o qual ele escreveu parece absurdamente óbvio, mas... — balanço a cabeça, ainda um pouco chocado com a simplicidade das suas leis do movimento. Por que elas nunca haviam me ocorrido antes? E ao Eldest? Como foi que, enquanto Eldest me ensinava o básico de todas as ciências, de alguma forma as leis de Newton nunca foram mencionadas? Ele apenas não as conhecia, ou queria manter essas informações longe de mim também?

— Foi a parte sobre a inércia que chamou a minha atenção — digo. Começo a andar de um lado para o outro — um hábito que peguei de Amy. Peguei um bocado de coisas dela, incluindo o seu hábito de questionar tudo. *Tudo*.

No topo de minhas perguntas, há um medo sobre o qual tenho sentido pavor em vocalizar. Até agora. Até parar na frente dos Transportadores com o motor claudicante rangendo às minhas costas.

Fecho os olhos por um momento e, na escuridão por trás de minhas pálpebras, vejo meu melhor amigo, Harley. Vejo o vazio oco do espaço enquanto

a porta da escotilha se abria e seu corpo flutuava para fora. Vejo a sugestão de um sorriso em seus lábios. Pouco antes de sua morte.

— Não há forças externas no espaço — digo, minha voz apenas um pouco mais alta do que o *whirr-churn-whirr* da máquina.

Não havia força que pudesse impedir Harley de sair pela porta da escotilha três meses atrás. E agora que ele está no espaço, não há força que possa pará-lo enquanto flutua para sempre entre as estrelas.

Os Transportadores me observam, esperando. Os olhos de Marae estão apertados. Ela não irá ceder. Vai me obrigar a arrancar a verdade dela.

Continuo — Eldest me falou que o motor estava perdendo eficiência, que estávamos centenas de anos atrasados. Que tínhamos de consertar o motor ou correríamos o risco de nunca alcançarmos Terra-Centauri.

Viro-me e olho para o motor como se ele pudesse me responder.

— Não precisamos disso, precisamos? Não precisamos do combustível. Precisamos apenas do suficiente para alcançar a velocidade máxima e então podemos desligar o motor. Não há fricção, não há gravidade; a nave manteria sua rota pelo espaço até que alcançássemos o planeta.

— Teoricamente — não sei se a voz de Marae é cautelosa porque ela duvida da teoria ou porque duvida de mim.

— Se o motor não está trabalhando — e não tem trabalhado há décadas — então o problema seria que nós estamos indo *rápido* demais, certo? Que vamos passar como um raio direto pelo planeta... — Agora há dúvida em minha voz — o que eu estou falando vai contra tudo aquilo que eu pensava que sabia. Mas tenho pesquisado o problema do motor desde a morte de Eldest, e não consigo relacionar o que ele me disse com o que aprendi nos livros de Terra-Sol. — Com os diabos, nosso problema deveria ser o fato de que vamos bater em Terra-Centauri porque não conseguimos ir mais devagar, e não estarmos flutuando sem rumo no espaço, certo?

Sinto que até mesmo o motor tem olhos, e que ele também está me observando.

Olhando para os Transportadores, posso ver que todos eles — *todos eles* — sabem que os problemas do motor não são o combustível e a aceleração. Eles sabiam de tudo isso. Eu não havia dito nada de novo a eles com essa informação. É óbvio que os Transportadores de Primeiro Nível conhecem Newton, Física e as Leis da Inércia. Claro que conhecem. Claro que sabiam que as palavras de Eldest sobre o combustível ineficiente e sobre arrastar-se através do espaço com um cronograma atrasadíssimo eram inteiramente falsas.

E que tolo estúpido eu sou por pensar diferente.

— O que está acontecendo aqui? — pergunto. Meu embaraço alimenta

minha raiva. — Há realmente alguma coisa errada com o motor? Com o combustível?

Os olhos dos Transportadores viram-se para Marae, mas ela me observa silenciosamente.

— Por que Eldest mentiria para mim sobre isso? — posso sentir o controle me fugindo. Não sei o que esperava; que eu resolveria o grande problema, e que os Transportadores pulariam sobre ele e o consertariam? Não sei. Realmente nunca havia pensado além da ideia de falar para eles que as Leis da Física vão contra as explicações dadas a mim por Eldest. Nunca havia pensado quealaria o que acabei falando e que eles olhariam para a Primeira Transportadora, não para mim.

— Eldest mentiu para você — Marae fala calmamente — porque nós mentimos para ele.

Um pingo de água bate contra o chão de metal.

Mantenho meus olhos fortemente fechados, ignorando o frio e concentrando-me, ao invés disso, na escuridão por trás de minhas pálpebras.

— Dirigindo o carro por uma longa e vazia estrada — falo em voz alta, minha voz ecoando, chocando-se com as altas paredes arqueadas de metal. — Com os vidros abaixados. E a música tocando alto — luto para lembrar-me dos detalhes. — Tão alto que você sente a vibração da música na porta do carro. Tão alto que a imagem no retrovisor se torna embaçada porque ele também está vibrando. E — completo, meus olhos ainda firmemente fechados — com meu braço esticado para fora da janela. Com minha mão reta. Como se estivesse voando.

Outra gota de água cai, dessa vez contra meu pé descalço, enviando um arrepio dos meus dedos até as raízes do meu cabelo.

— Andar de carro. Isso é o que mais sinto falta hoje — murmuro. Minhas pálpebras se abrem. Meus braços, que eu havia levantado tolamente enquanto imaginava meu passeio pela estrada, caem.

Não há mais carros. Não há mais estradas sem fim.

Apenas isso.

Duas câmaras crio descongelando em uma nave que a cada dia fica menor.

Ping. Splash.

Estou brincando com fogo aqui, sei disso. Ou, ao invés disso, com gelo. Eu devia colocar os meus pais de volta em suas câmaras crio, antes que eles descongelem ainda mais.

Mas não faço isso.

Mexo no colar com crucifixo no meu pescoço, uma das poucas coisas que ainda tenho da Terra. Isso — sentada no chão do nível crio e olhando meus pais congelados e lembrando de mais uma coisa da qual sinto falta — isso é o mais próximo que consigo chegar de uma prece, agora.

Elder zombou de mim por rezar em uma ocasião, e eu gastei uma hora criticando-o por isso. Ele terminou levantando as mãos, rindo e me dizendo que eu podia acreditar no que quisesse, caso fosse me apegar às minhas crenças de

forma tão enfática. A ironia é que tudo a meu respeito, incluindo o que quer que eu tenha acreditado em algum momento, está fugindo por entre meus dedos.

Era mais simples antes. Mais fácil. Tudo era claro. Meus pais e eu íamos ser congelados criogenicamente. Acordaríamos após trezentos anos. O planeta estaria lá, esperando por nós.

A única coisa de todo o plano que realmente aconteceu é que fomos congelados. Mas então fui acordada mais cedo — não. Não. *Ele* me acordou mais cedo. Elder. Não posso me permitir esquecer esse fato. Não posso me permitir, jamais, esquecer que ele é o culpado por eu estar aqui. Não posso deixar que os três meses que se passaram entre nós façam desaparecer a vida que ele tirou.

Por um momento, penso no rosto de Elder — não bonito e nobre como o conheço agora, mas desfocado e aquoso como da primeira vez que o vi, enquanto ele se curvava sobre meu corpo trêmulo e nu, depois de me retirar dos confins do caixão de vidro onde me encontrou. Lembro-me da cadência morna de sua voz, da forma como ele me disse que tudo ficaria bem.

Que mentiroso.

Exceto... Isso não é verdade, é? De todos nessa nave, até mesmo os corpos congelados de meus pais, Elder é o único que me contou a verdade e esperou que eu a aceitasse.

A imagem aquosa de Elder se torna nítida nos olhos de minha mente. E não o vejo mais através do líquido crio; lembro-me dele na chuva. Daquela noite no Nível dos Alimentadores, quando os *sprinklers* no teto derramaram uma “chuva” tão pesada sobre nossas cabeças que as flores se curvavam com a sua força, quando eu ainda tinha medo e incerteza, e gotículas correram desde as pontas dos cabelos de Elder até as maçãs salientes do seu rosto, terminando em seus lábios cheios...

Sacudo minha cabeça. Não posso odiá-lo. Mas também não... Bem, não posso odiá-lo, de qualquer maneira.

Aquele a quem posso odiar? Órion.

Envolver meus joelhos com meus braços e olho para as faces congeladas de meus pais. A pior parte de ser acordada antes do tempo, sem seus pais, em uma nave bagunçada como essa, é que não há nada com que preencher os seus dias além do tempo e do pesar.

Não sei quem sou aqui. Sem meus pais, não sou uma filha. Sem a Terra, mal me sinto humana. Eu preciso de *algo*. Alguma coisa que me preencha novamente. Alguma coisa que me defina.

Outra gota bate no chão.

Já se passaram 98 dias desde que acordei. Mais de três meses. E o que

deveria ser cinquenta anos antes de nós pousarmos se tornou apenas uma questão. Pousaremos algum dia?

Essa é a questão que me traz aqui embaixo todos os dias. A questão que me faz abrir as câmaras criogênicas de meus pais e olhar para seus corpos congelados. *Pousaremos algum di?* Porque, se esta nave está realmente perdida no espaço, sem qualquer chance de chegar ao novo planeta... Então posso acordar meus pais.

Só que... Prometi a Elder que não o faria. Perguntei a ele, cerca de um mês atrás, qual era o motivo de manter meus pais congelados? Se nunca iremos pousar, porque não acordá-los imediatamente?

Quando os olhos dele se encontraram com os meus, pude perceber a simpatia e a amargura neles.

— A nave vai pousar.

Levei um tempo para perceber o que ele queria dizer. A nave vai pousar. Somente nós não vamos pousar. Então — eu mantive minha promessa a ele e aos meus pais. Não os acordaria. Não enquanto seu sonho de chegar a um novo mundo fosse possível.

Por hora, estou disposta a deixar essa chance ser o suficiente. Mas e nos próximos 98 dias? Talvez, então, não me importe se a nave pousará ou não. Talvez então eu tenha coragem suficiente para apertar o botão de reanimação e deixar as duas caixas crio descongelarem completamente.

Inclino-me, de forma que meus olhos ficam ao mesmo nível que os olhos do meu pai, embora fechados e atrás de centímetros de gelo cheio de partículas azuis. Toco com meu dedo o vidro ao longo da câmara crio, seguindo o seu perfil. O vidro, já embaçado pelo calor da sala, é escorregadio ao meu toque, deixando um contorno brilhante no rosto do meu pai. O frio emana para dentro de minha pele, e me recordo do momento — apenas por uma fração de segundo — quando sentia o frio antes de não sentir nada.

Não consigo lembrar-me de como era meu pai quando sorria. Sei que seu rosto *pode* se mover, rugas podem aparecer em seus olhos com seu riso, seus lábios podem se contorcer. Mas não consigo me lembrar — e sou incapaz de visualizar isso enquanto olho através do gelo.

Esse homem não se parece com meu pai. Meu pai era cheio de vida, e essa coisa... Não é. Suponho que meu pai está ali, em algum lugar, mas...

Não consigo vê-lo.

As duas câmaras crio são colocadas de volta no lugar, e eu fecho as portas com um estrondo.

Levanto vagarosamente, sem certeza de onde ir. Atrás das duas câmaras, na direção em frente desse nível, há um caminho cheio de portas fechadas.

Somente uma daquelas portas — aquela com uma mancha de tinta vermelha perto do teclado — se abre, mas através dela fica a janela para as estrelas do lado de fora.

Eu costumava ir até lá com frequência, porque as estrelas me faziam sentir normal. Agora, elas me fazem sentir como se eu fosse a aberração que quase todos na nave dizem que sou. Por que, de verdade? Sou a *única* que realmente sente falta das estrelas. Das 2 mil e tantas pessoas na nave, sou a *única* que sabe o que é deitar na grama em seu quintal e tentar capturar os vagalumes que flutuam preguiçosamente entre as estrelas. Sou a *única* que sabe que o dia cede lentamente seu lugar à noite, não apenas um ligar/desligar de um interruptor. Sou a *única* que já abriu os olhos o máximo possível e *ainda* assim podia ver somente o céu.

Não quero mais ver as estrelas.

Antes de sair do nível crio, verifico as portas das câmaras dos meus pais para me certificar de que estão trancadas da forma correta. O fantasma de um X permanece na porta da câmara de meu pai. Eu traço as duas barras de tinta com meus dedos. Órion fez isso, identificando as pessoas que ele planejava matar em seguida.

Viro-me, olhando na direção do laboratório de genética em frente ao elevador. O corpo de Órion está congelado lá dentro.

Eu poderia acordá-lo. Não seria tão fácil quanto apertar um botão de reanimação, como acordar meus pais, mas poderia fazê-lo. Elder me mostrou como as câmaras crio eram diferentes; me mostrou o temporizador que deveria ser programado para a reanimação de Órion, a ordem em que os botões deveriam ser pressionados. Poderia acordá-lo, e enquanto ele estivesse lutando para viver novamente, poderia fazer a pergunta que me angustia todas as vezes que observo seus olhos protuberantes através do gelo.

Por quê?

Por que ele matou as outras pessoas congeladas? Por que ele havia marcado meu pai como o próximo a ser morto?

Mas o mais importante, por que ele havia começado a matar agora?

Órion pode acreditar que os militares congelados forçarão as pessoas nascidas na nave a serem soldados ou escravos... Mas por que ele havia começado a desligá-los da tomada quando a aterrissagem no planeta era impossível de qualquer forma?

Ele havia se escondido de Eldest por anos, antes que Elder me acordasse. Poderia continuar escondido se não tivesse começado a matar.

Portanto, acho que minha pergunta de fato não é apenas por que, mas...

Por que *agora*?

Elder

Encaro Marae, minha boca aberta.

— O q-que diabos você quer dizer? — finalmente balbucio.

Marae empina os ombros para trás, endireitando a coluna e parecendo ainda mais alta. Meus olhos viram-se para os outros Transportadores, mas noto que os dela não. Ela não precisa deles para confirmar quem ela é ou no que ela acredita.

— Você precisa entender, Eldes... Elder — Marae fala. — Nosso primeiro dever como Transportadores não é consertar o motor.

Minha voz sobe com a raiva e indignação.

— Claro que seu maldito dever é consertar o motor! O motor é a parte mais importante de toda a nave!

Marae balança a cabeça.

— Mas o motor é apenas uma *parte* da nave. Temos que nos concentrar em *Godspeed* como um todo.

Espero que ela continue enquanto o motor move-se ruidosamente atrás de nós, o batimento do coração da nave.

— Há muitas coisas erradas com *Godspeed*., com certeza você já percebeu isso — ela franze a testa. — A nave não é exatamente nova. Você conhece as leis do movimento, mas estudou entropia?

— Eu... hum — olho ao redor para os outros Transportadores de primeiro nível. Estão todos me olhando, esperando, e eu não tenho a resposta que eles querem ouvir.

— Tudo se move constantemente para um estado mais caótico. Um estado de desordem, destruição, desintegração. Elder — Marae fala, e desta vez ela não gagueja meu nome. — *Godspeed* é velha. Ela está se desintegrando.

Quero negar isso, mas não posso. O *whirr-churn-whirrido* motor soa como um estertor da morte ricocheteando através da sala. Quando fecho os olhos, não ouço a batida das engrenagens ou sinto o cheiro de graxa queimada. Ouço 2298 pessoas suplicando por ar; o fedor de 2298 corpos em decomposição penetra em meu nariz.

Isso mostra quão frágil é a vida em uma nave de gerações: o peso de nossa

existência repousa sobre uma máquina quebrada.

Eldest me disse, há três meses, “Seu trabalho é cuidar das pessoas. Não da nave.” Mas... Tomar conta da nave é cuidar das pessoas. Atrás dos Transportadores estão os controles principais, monitorando as fontes de energia que se aplicam às outras funções da nave. Se eu destruísse o painel de controle atrás de Marae, não haveria mais ar na nave. Destrua outro painel, não há mais água. Aquele outro, luz. E mais aquele, os sensores de gravidade cessariam. Não é apenas o motor que é o coração da nave. É tudo na sala, tudo, pulsando com tanta vida quanto as 2298 pessoas desse nível e do nível inferior.

Marae estende a mão, e a Segunda Transportadora Shelby automaticamente passa a ela o disquete já piscando com informações. Marae varre o dispositivo com seus dedos, deslizando a tela para baixo, e então me entrega o objeto.

— Somente na semana passada tivemos que fazer dois grandes concertos no compartimento de fusão interna da lâmpada solar. A eficiência do solo está abaixo das especificações técnicas padrões, e o sistema de irrigação continua vazando. Há mais de um ano a produção de comida tem sido a mínima necessária, e logo enfrentaremos um racionamento. A produtividade tem decrescido significativamente nos últimos dois meses. Não é pouca coisa manter essa nave viva.

— Mas o motor — digo, olhando a tela, cheia de gráficos com setas apontando para baixo e gráficos de barra com braços curtos nas extremidades.

— Dane-se o motor! — Marae grita. Mesmo os outros Transportadores perdem suas feições imóveis ao observar, chocados, os gritos dela. Ela dá um profundo e trêmulo suspiro e pressiona o nariz entre os olhos. — Desculpe-me, senhor.

— Está bem — murmuro, porque sei que ela não prosseguirá até ouvir isso de mim.

— Nosso dever, Elder, é óbvio — Marae continua, destacando suas palavras e mantendo-se sob controle. — A nave é mais importante que o planeta. Se houver uma escolha entre melhorar a vida a bordo da nave e trabalhar no motor para levar-nos para mais perto de Terra-Centauri, devemos escolher *primeiro a nave*.

Pego o disquete, incerto sobre o que falar. Marae raramente revela o que está sentindo, e nunca perde o controle. Não estou acostumado a ver qualquer coisa em seu rosto além de um decoro calmo.

— Claro que podemos fazer *alguns* sacrifícios com o intuito de fazer o motor funcionar novamente...

— A nave antes do planeta — Marae diz. — Essa tem sido nossa

prioridade desde que a Peste e os Transportadores apareceram.

Não vou ignorar isso.

— Isso foi há... — tento somar os anos, mas nossa história é confusa demais por causa das mentiras e do Phydus para saber exatamente há quanto tempo isso vem ocorrendo. — Gerações e gerações se passaram desde a “Peste”. Mesmo com a nave como a prioridade principal, nesse tempo todo, nós *tínhamos* que ter encontrado *alguma* maneira de melhorar o motor para levar-nos ao planeta.

Marae não fala, e, em seu silêncio, detecto alguma coisa sombria.

— O que você não está me dizendo? — pergunto.

Pela primeira vez, Marae vira-se para os outros Transportadores em busca de aprovação. Shelby assente, um movimento que quase não noto.

— Aconteceu antes de eu ser nomeada Primeira Transportadora. Antes de você nascer. O Primeiro Transportador naquela época era um homem chamado Devyn — os olhos de Marae dirigem-se para Shelby mais uma vez. — As informações sobre o motor sempre foram... Conhecidas seletivamente.

O que significa, claro, que pouquíssimas pessoas conheciam a verdade.

— Eu era uma aprendiz nesse tempo — Marae continua — e lembro que Elder, o outro Elder, antes de você...

— Órion — falo.

Ela assente.

— Eldest o enviou para fazer algum tipo de manutenção na nave; quando ele voltou, não se reportou a Eldest. Ele foi diretamente até Devyn. O que quer que tenha dito então... Causou um impacto em Devyn. Todas as pesquisas cessaram por um tempo depois disso.

— Os Transportadores entraram em greve? — eu me inclino para frente, chocado. De todos em *Godspeed*, os Transportadores são os mais leais. Não sei se é porque confiamos neles até mesmo sem o Phydus, ou se é porque eles são geneticamente programados para serem leais, ou simplesmente porque eles, como Doc e muitos outros, *gostam* do sistema de regras do Eldest, ou qualquer que seja a razão, os Transportadores são inabaláveis em sua lealdade.

— Não pararam exatamente, não como os tecelões fizeram na semana passada. Eles executaram todas as suas tarefas normalmente. Exceto pelas pesquisas do motor.

— O que os fez voltar a pesquisar os problemas do motor? — pergunto. Sinto vagamente a presença dos outros Transportadores na sala, o silêncio profundo, o desconforto presente em cada um, mas minha atenção está focada em Marae.

— Elder morreu — ela diz simplesmente.

Ela quer dizer Órion — quando Órion era Elder, ele fingiu sua própria morte para evitar a morte real pelas mãos de Eldest.

— Depois disso — Marae prossegue — o Primeiro Transportador Devyn retomou a pesquisa sobre o motor. Contudo... Tudo foi feito mais secretamente do que antes. Poucos Transportadores tinham acesso ao motor, e Devyn não era exatamente, bem, franco com Eldest. Quando eu o substituí, prossegui conforme ele havia me treinado. Mas... Comecei a notar... Irregularidades.

— Irregularidades?

Marae assente.

— As coisas não batiam. Alguns dos problemas do motor pareciam novos, como se fossem recentes e criados intencionalmente. Todos os registros das pesquisas passadas haviam desaparecido; destruídos, provavelmente, porque nunca fomos capazes de achá-los.

Então Devyn havia enganado sua aprendiz, Marae. O que quer que Órion tenha dito a ele, aquilo fez Devyn mudar tudo, a ponto de esconder informações de seus próprios Transportadores e de Eldest. Órion, uma vez, me dissera que *Godspeed* estava no piloto automático, que poderia chegar a Terra-Centauri sozinha. Por que ele diria isso se era a pessoa que sabia que os problemas com o motor eram piores do que qualquer um poderia imaginar?

— Eldest começou a perceber isso também, não é? — pergunto.

Marae baixa os olhos para suas mãos.

— O trabalho do Eldest é tomar conta das pessoas. O trabalho dos Transportadores é tomar conta da nave. Mas antes dele... Antes dele morrer, acho que sim. Ele percebeu que alguma coisa não ia bem.

Esfrego meu rosto com as duas mãos, lembrando onde havia escutado pela primeira vez essas palavras. Lembrando-me de como Eldest havia passado cada vez mais tempo no nível dos Transportadores, naquelas últimas semanas antes que Órion o matasse.

Há quanto tempo isso vinha acontecendo? Eldest me disse para me concentrar nas pessoas, mas nós não podíamos ser os únicos Eldests a perceber que tínhamos que prestar atenção também no motor. O que aconteceu com os outros? Tudo estava ligado à chamada Peste, o começo das mentiras, o início do Phydus. Em algum lugar entre a Peste e o presente, a verdade havia se perdido, e nós, todos nós, eu, o Eldest, os Transportadores e todos os demais, estivéssemos ou não recebendo Phydus, havíamos nos permitido acreditar cegamente no que nos diziam.

— Para mim... chega — digo, jogando as mãos para baixo. — Estou cheio das mentiras, da maneira como as coisas costumavam ser. O que *exatamente* está

errado com o motor da nave? Se não é uma questão de eficiência do combustível, o que é? Estamos indo muito rápido? Muito devagar? *O quê?*

Nesse momento, Marae relaxa.

— Não estamos indo muito rápido ou muito devagar — ela parece triste, com o olhar preocupado. — Não estamos nem nos movendo.

Olho o relógio no disquete quando volto para meu quarto no Hospital. Droga. É mais tarde do que imaginava. Todos os dias eu passo mais e mais o tempo das manhãs no nível crio. No início, era para correr. Mas depois desisti de correr. Agora vou somente para me forçar a lembrar de alguma coisa da Terra da qual sinto falta, com a maior quantia de detalhes possível. E então, eventualmente, forço-me a me despedir de meus pais. De novo.

A lâmpada solar acende, iluminando todo o Nível dos Alimentadores. Embora eu tenha a persiana de metal puxada sobre a única janela do meu quarto, traços de luz cruzam o chão.

A manhã havia começado oficialmente. Ótimo.

Pressiono minha mão contra o botão na parede ao lado da porta. *Bip!* Poucos momentos depois, uma pequena porta de metal na parede desliza e se abre, e uma lufada de vapor inunda o quarto.

— Só isso? — digo para o pequeno pastel de massa depositado no interior do compartimento. Eu o pego. A comida da parede nunca foi apetitosa, mas pela primeira vez posso dizer que a porção é pequena. A coisa toda cabe na palma da minha mão, de uma forma achatada e meio côncava. Duas mordidas depois, e o café da manhã terminou.

Alguém bate à minha porta. Embora a porta esteja trancada, um pânico irracional enche meu coração.

— Amy?

— Doc? — pergunto enquanto abro a porta do quarto. Seu rosto solene me cumprimenta.

— Queria ver como você estava — ele fala, entrando no quarto.

— Estou bem — digo imediatamente. Doc havia me oferecido, mais de uma vez, adesivos transdérmicos azuis claros. São “para os nervos”, ele fala, mas não quero usá-los. Não confio nos pequenos adesivos que ele distribui no lugar das pílulas; não confio em nenhum medicamento feito nessa nave que também já produziu Phydus uma vez.

— Não — Doc diz com um gesto de desdém. Ele olha para a única cadeira em meu quarto, que está perto da mesa, mas não se senta. Uma jaqueta está

jogada nas costas da cadeira, e disquetes e livros que eu havia furtado do Salão de Registros bagunçam a mesa. Ele provavelmente não gostaria de se sentar em nenhum lugar sem antes limpá-lo com antisséptico e um pouco de Lysol.

Não que haja qualquer Lysol aqui.

A postura de Doc é estranha; ele mantém os braços colados ao corpo, com as costas demasiado retas. Mas seu rosto está bastante sério.

— Tenho certeza de que você percebeu o aumento... Bom, está claro agora que não há mais traços de Phydus nas pessoas. E agora nós temos... A nave não é bastante segura nesse momento, especialmente para alguém que...

— Alguém com a minha aparência? — pergunto, sacudindo meu longo cabelo ruivo sobre meus ombros.

Doc vacila, como se meu cabelo fosse um palavrão gritado em uma igreja.

— Sim.

Ele não está falando nada de novo. Sou a única pessoa nessa nave que não nasceu aqui. E enquanto os residentes da *Godspeed* tiveram sua individualidade retirada deles, de forma que são todos monoétnicos, tenho uma pele absolutamente clara, olhos verdes brilhantes e um cabelo ruivo para mostrar quão diferente deles eu sou. O ex-líder da nave, Eldest, não melhorou as coisas, inclusive falando aos residentes que eu era um experimento genético que tinha dado errado. Na melhor das hipóteses, a maior parte das pessoas aqui pensa que sou uma aberração.

Na pior, eles me culpam pela forma como as coisas estão desmoronando.

Três semanas antes, fui fazer a minha corrida habitual da manhã. Parei perto de uma granja de galinhas e olhei para os pintinhos. O fazendeiro saiu com a ração — ele é um homem grande, com braços da grossura de minhas pernas. Ele colocou o balde de ração no chão e... Simplesmente, me *encarou*. Então andou até a cerca e pegou uma pá. Ele a ergueu, testando o seu peso e correndo um dedo ao longo da lâmina afiada e brilhante. Comecei a correr, então, olhando por cima do ombro. Ele me observou, com a pá na mão, até que eu ficasse fora de sua vista.

Desde então não corro mais.

— Não sou estúpida — digo a Doc, levantando-me. — Sei que as coisas não estão muito boas por aqui.

Abro a porta do meu guarda-roupa e puxo um longo pedaço de pano bege, tão escuro que é quase marrom. O material é fino e um pouco elástico. Começando pela minha orelha esquerda, passo o pano sobre a testa, então sob meus cabelos ruivos, e em seguida ao redor, envolvendo meus cabelos de forma que fiquem completamente escondidos pelo pano. Quando termino, torço o cabelo coberto e amarro as pontas do pano em um nó. Então, pego a jaqueta da

cadeira e a coloco sobre meus ombros, colocando o capuz sobre minha cabeça. A última coisa que faço é enfiar meu colar de crucifixo sob minha blusa, de forma que ninguém consiga vê-lo.

— Não é perfeito — digo, enquanto Doc inspeciona meu vestuário. — Mas mantendo meu cabelo escondido e minhas mãos nos bolsos da jaqueta, é difícil para alguém notar quão diferente eu sou, a menos que cheguem perto. E eu realmente não planejo chegar perto de ninguém.

Doc aquiesce.

— Estou satisfeito por você ter pensado nisso — ele fala. — Estou... Bem, estou impressionado.

Reviro meus olhos.

— Mas não acho que seja suficiente — ele acrescenta.

Tiro o capuz do rosto e o viro para Doc, olhando em seus olhos.

— Eu *não* ficarei trancada nesse quarto para sempre. Sei que você não acha seguro, mas *não* serei mais prisioneira do que já sou. Você não pode me manter aqui.

Doc balança a cabeça.

— Não. Você está certa. Não posso. Mas acho que você precisa — sua mão move-se para o seu pescoço, onde o comunicador sem fio está enterrado sob a pele.

— Não! — essa é outra discussão que nós tivemos muitas vezes antes. Doc, e Elder também, não entendem o motivo de eu recusar um comunicador sem fio, ou com-wi. Sei que o Elder quer que eu tenha um porque ele se preocupa comigo. E... Seria bom ser capaz de falar com ele sempre que quisesse. Apertar um botão e ser capaz de andar pelo tubo gravitacional até o nível de Elder, falar com ele, ou apenas descobrir onde ele está na nave.

Um com-wi é o melhor dos celulares, mantendo você sempre conectado.

Mantendo você o tempo todo ligado a essa nave, essa nave que *não é* minha casa. Não vou pegar um com-wi, assim como não vou ficar trancada nesse quarto. Com-wis são tão... Tão... Tão *extraterrestres*. Simplesmente não posso me permitir ficar conectada a essa nave. Não posso deixá-los me cortar e implantar algo extraterrestre dentro de mim, sob minha pele, ligado ao meu cérebro. Não posso fazer isso.

Doc mexe em seus bolsos e puxa alguma coisa com um movimento suave, que parece contrário à sua rigidez usual. Ele mostra a coisa para mim.

— Isso é — ele faz uma pausa —, isso é um com-wi especial.

Eu me forço a olhar para a coisa em sua mão. Essencialmente, é um pequeno botão, não maior que uma moeda de dez centavos, com três fios saindo

de cada lado. Em um com-wi comum, os botões ficam escondidos sob a pele atrás de sua orelha esquerda e os fios enterrados em sua carne. Mas Doc fez um trançado dos fios em um círculo, criando um bracelete. Pequenas palavras estão impressas ao longo do fio vermelho; tão pequenas que mal posso vê-las.

— Dê-me sua mão.

Estendo o braço obedientemente, então hesito, puxando-o para perto de mim. Doc agarra meu pulso antes que eu tenha chance de objetar e desliza o com-wi em forma de bracelete pela minha mão. Ele o aperta rapidamente — não o suficiente para cortar minha circulação, mas o bastante para fixá-lo ao meu pulso sem escorregar. Antes que eu possa dizer alguma coisa, Doc protege os fios com uma cinta de metal.

— Você terá que levá-lo até a boca para falar — ele diz. — E mantenha-o próximo ao ouvido para ouvir as comunicações. Há um amplificador ali — ele aponta para a pequena malha preta que circunda o botão. O objeto inteiro é menor que os fones de ouvido que eu usava quando corria antes da escola, mas claramente é muito mais poderoso. Quando Doc faz o teste, enviando-me um pedido de ligação, o objeto bipa alto o suficiente para que eu possa ouvi-lo do meu pulso. Intrigada, levanto minha mão até o ouvido e ouço a voz eletrônica fina do com-wi falar pedido de ligação: Doc.

— Você fez isso? — pergunto, espantada.

Doc hesita. Sua inquietação é tão pouco natural que paro de observar o bracelete com-wi e, em vez disso, viro-me para seu rosto nervoso.

— Não — ele responde finalmente. — Não fiz isso. Eu o encontrei.

— Onde? — pergunto. O medo penetra em minhas veias como vermes se contorcendo na lama.

— No Salão de Registros.

Olho para o com-wi no meu pulso com aversão. Tudo o que eu consigo pensar é na repulsiva cicatriz em forma de teia de aranha ao lado da cabeça de Órion, exatamente abaixo de sua orelha esquerda. Imagino os fios ao redor de meu pulso sendo arrancados da carne, esvaindo-se em sangue e entranhas.

— Isso era dl? — sibilo.

Doc aquiesce.

— Eu o encontrei entre seus pertences. Ele mesmo alterou o objeto. Não sei por que ele o manteve, de qualquer forma; mas o objeto funciona perfeitamente — Doc faz uma pausa. Eu não imaginei que fosse possível, mas ele parece ainda mais desconfortável quando encontra meus olhos. — Havia... Um recado. Ele fez esse com-wi especificamente para você.

— Para mim? — pergunto, baixando os olhos para a coisa enroscada em meu pulso.

— Ele escreveu que temia por sua segurança, se alguma acontecesse com ele e o sistema do Eldest falhasse, como ele achava que iria acontecer. E aconteceu.

Não sei o que fazer com essa informação. Que Órion, o mesmo que tentou matar meu pai, que *efetivamente* matou outras pessoas da Terra, impotentes, congeladas e indefesas, que ele se importaria o suficiente comigo para reconstruir seu com-wi... Uma confusão de sentimentos, parte gratidão, parte repulsa, se agitam em mim.

— Não que eu realmente queira um com-wi, mas você não poderia fazer outro? Um *novó*? Um que não tivesse estado sob a *pele* de outra pessoa?

— Não temos recursos ilimitados. Há mais bebês a caminho do que com-wis prontos, e os Transportadores já estão se esforçando para fazer mais. Além disso, não posso programar um com-wi usado para um bebê; existe uma chance maior dele se desgastar ao longo do tempo.

Brinco com o fecho metálico, tentando me livrar daquela maldita coisa.

As mãos de Doc se contraem, mas ele não tenta me parar. Em vez disso, ele fala:

— Amy, você precisa de um com-wi. É esse ou ter um implantado.

— Você não pode — começo.

— Não — ele diz —, mas o Elder pode. E ambos concordamos, e você também sabe disso, que você precisa ter condições de pedir ajuda se...

Minhas mãos se congelam. *Se.*

Droga. Ele está certo.

Doc balança a cabeça, convencido de que não vou arrancar a coisa e jogá-la fora.

— Bem, eu só queria lhe dar isso. Avise-me se... se você precisar de alguma coisa — ele sai, fechando a porta atrás de si.

Mas eu, eu permaneço tão paralisada como quando estava no caixão de vidro, e o gelo paralisara meu coração.

Com os diabos é uma de *suas* expressões.

Eu não sou um deles.

Eu, com o meu com-wi no pulso, não sou um deles.

Não sou.

Não sou.

Elder

As palavras levam um longo tempo para fazer sentido.

— Nós estamos... parados? — examino os rostos dos Transportadores, torcendo por algum sinal de que isso não seja verdade, mas a mandíbula travada de Marae é evidência suficiente para mim.

Oh, *com os diabos*. Como vou contar *isso* para Amy?

— Há quanto tempo estamos parados? — minha voz aumenta. Pareço uma criança fazendo birra, mas não posso evitar.

— Nós... não temos certeza. Por algum tempo. Talvez desde a Peste — Marae morde os lábios.

— Não houve nenhuma Peste — digo automaticamente. Ela sabe disso; apenas está acostumada a chamar a revolta que aconteceu tantas gerações atrás de Peste, perpetuando a mentira na qual é baseado o sistema do Eldest.

Atrás de mim, o coração da nave continua a bater: *whirr-churn-whirr*.

— Como podemos estar parados? — pergunto. — O motor continua trabalhando — até para mim mesmo pareço desesperado, uma criança se recusando a acreditar que os contos de fadas não são reais.

— Na verdade, nós temos desviado energia desde que o sistema de Eldest começou. Precisamos disso para o funcionamento interno da nave. A lâmpada solar sozinha não é mais forte o suficiente.

Eu me forço a encarar os olhos de Marae.

— Então, onde estamos?

Marae balança a cabeça, desconcertada pela minha pergunta.

— O que você quer dizer?

— Quão distante estamos de Terra-Centauri? Se paramos por... Por tanto tempo, então nosso plano de aterrissagem é... Impreciso, para dizer o mínimo. Então, quão distante estamos?

— Não sabemos — Marae diz. — Não podemos ficar preocupados com a aterrissagem no planeta agora. Temos que manter *Godspeed* inteira.

A autoridade em sua voz — a forma com que *ela* deu uma ordem a *mim* — parece arranhar a minha espinha.

— Vamos fazer o seguinte — digo. — Um de vocês será alocado na

navegação. Exclusivamente. Se soubermos quanto estamos distantes, saberemos o tamanho do conserto a ser executado no motor. Talvez possamos fazer a nave arrastar-se tempo suficiente para alcançar o planeta. Talvez tenhamos, eventualmente, que discutir medidas mais drásticas — olho diretamente para Marae. — Mas *vamos* nos concentrar mais em fazer essa nave realmente alcançar Terra-Centauri.

A segunda Transportadora Shelby abre a boca para falar, mas Marae levanta a mão primeiro para impedi-la.

— Farei isso sozinha — ela fala —, mas, primeiro, queremos fazer um *pedido* a você.

A forma como fala “*pedido*” se parece mais com uma ordem, mas concordo mesmo assim.

— Queremos que os Alimentadores voltem a receber Phydus.

Minhas mãos escorregam para o bolso. Por um momento, imagino se Marae sabe que tenho carregado os fios da máquina de Phydus comigo desde o dia em que Amy os arrancou, três meses atrás.

— Não — falo de maneira firme, tanto para mim mesmo quanto para eles.

— Não seria difícil consertar a máquina de Phydus — Marae diz. — De fato, a Segunda Transportadora Shelby já fez um relatório preliminar de conserto...

Marae estende sua mão e Shelby entrega outro disquete já piscando com um diagrama mecânico.

Olho para o disquete. Seria um concerto fácil — e uma solução fácil. Um pouco de Phydus — talvez não tanto quanto Eldest usava... E poderíamos eliminar um bocado de conflitos que estavam acontecendo... Fazer as pessoas voltarem ao trabalho sem confusão...

— Não — digo enfaticamente, minha voz baixa. — Não vamos usar as bombas.

— Não precisa ser através das bombas — Marae diz. — Doc tem trabalhado em alguns adesivos transdérmicos para nós, usando o composto Phydus.

Eu a interrompo.

— Ninguém *precisa* de Phydus.

Os lábios de Marae se contraem. Ela se aproxima e passa o dedo sobre o topo do disquete. Os diagramas mecânicos são substituídos por um gráfico de linhas.

— A produtividade diminuiu 10% na primeira semana dos Alimentadores sem Phydus. Agora, está caindo perto de 30%, e não há indicação de que subirá

novamente — ela me oferece o disquete, mas não o pego. — Nosso fornecimento de comida está perigosamente baixo. Esse é um problema primário, mas também estamos ficando sem outros itens importantes, como roupas.

Abro a boca para falar, mas ela continua no mesmo tom de voz.

— Agora, nós temos crime. Nunca tivemos antes. Mas agora sim. Violência doméstica, roubo, vandalismo. Com Phydus...

E agora isso. Dúvida. Eles confiam mais em Phydus que em mim.

— Tomarei conta das pessoas — digo, minha voz firme. — Você toma conta da nave.

— Mas Eld, Elder— fala Marae, apoiando uma mão esguia em meu braço. — Por que se importar? Eles não precisam ser nada mais que trabalhadores. Não precisamos que sejam nada além disso.

— Entendo o que você quer dizer — agarro as bordas do disquete.

Não digo a ela que já havia pensado em tudo isso antes.

Não falo que é por isso que carrego os fios da máquina Phydus em meu bolso todos os dias.

Ao invés disso, digo:

— O que precisamos é de uma força policial. Como eles tinham na Terra-Sol. Preciso de pessoas em quem possa confiar, que possam me ajudar a manter as coisas funcionando normalmente.

Marae fica mais ereta. — Uma força poli-ça?

Dessa vez, sou eu quem movimenta a tela do disquete e começo a tocá-lo. Após um momento, entrego a ela um artigo sobre ciências sociais e polícia. Ela olha brevemente, então passa o disquete para Shelby.

— Basicamente, preciso de pessoas que possam ajudar na manutenção das regras. Investiguem crimes, impeçam as pessoas de praticá-los. Se houver problema, precisarei de ajuda.

— Os Transportadores sempre foram obedientes ao sistema do Eldest. Nós garantiremos que o sistema não falhe. Qualquer que seja a capacidade dele — ela quer dizer: está disposta a tentar o uso da polícia em vez do Phydus. Não estou confiante o suficiente em suas palavras ou em minha posição para perguntar o que acontecerá se minha última sugestão falhar.

Conheço os Transportadores de Primeiro Nível melhor do que quase todos nessa nave, ainda que eu tenha trabalhado com eles somente nos meses seguintes à morte de Eldest. Posso ler seus rostos. Haile, Jodee e Tailor concordam com Marae, ávidos por aceitar essa função. Prestyn, Brittne, Buck e até mesmo a Segunda Transportadora Shelby parecem desconfiados. Contudo, sei que seguirão Marae, até mesmo se não estiverem me seguindo. E embora ela

algumas vezes ainda tente me dar ordens porque sou jovem, ela de fato nunca esquece minha posição como Eldest, mesmo que eu não use esse nome.

Isso pode funcionar.

E, assim que penso nisso, Shelby faz um ruído de surpresa. Viramo-nos para ela. Em suas mãos está o disquete que ela pegara mais cedo. Ela o direciona primeiro para Marae, mas depois reconsidera e o entrega para mim. Os Transportadores quebram sua fila ordenada e se amontoam ao meu redor enquanto leio as palavras brancas gigantes piscando na tela negra.

Não aceitem a opressão do sistema do Eldest. Não há um líder. Liderem a si mesmos.

— Alguém conseguiu penetrar na rede dos disquetes — Marae rosna. Seus olhos ferozes encontram os meus. — É isso que você quer dizer sobre precisar de uma força policial.

— Sim — minha voz não tem a sua paixão. Aquelas palavras piscando através da tela dizem que eu não sou nada, e pela primeira vez desde a morte de Eldest, penso que elas podem estar certas.

Marae tira o disquete de meus dedos e tenta limpar a tela. As últimas palavras — LIDEREM A SI MESMOS — ficam maiores, preenchendo toda a tela. Marae desliza os dedos pela tela novamente. Nada acontece.

— Diabos! — eu nunca a escutara praguejar antes.

Os Transportadores ficam mais próximos à tela. Parecem preocupados — Haile e Jodee começam a sussurrar, e as mãos de Brittne movem-se para o seu com-wi. Os olhos de Shelby continuam a ler a frase sem parar, mastigando as palavras silenciosamente.

— Calma — Marae fala, e eu e todos os Transportadores voltamos nossa atenção para ela. — Essa é a nossa primeira tarefa como força poli-çal E nós *não* falharemos com o Eldest.

Ela entrega o disquete para o quarto Transportador Prestyn.

— Foi uma boa quebra do sistema — ele diz, após examiná-lo por alguns instantes. — Começarei a investigar com meu grupo agora mesmo.

Marae acena levemente, e Prestyn caminha para a porta, já gritando ordens em seu com-wi.

— Verificarei todos os parâmetros de segurança — fala a Segunda Transportadora Shelby.

— E precisaremos iniciar uma pesquisa de métodos para aumentar a segurança da rede de disquetes — diz Marae. O restante dos Transportadores se dispersa, num burburinho de atividades, já abafando os sons do motor atrás de mim.

Marae toca em meu cotovelo e me coloca de lado. Ainda posso ver as

letras brancas brilhantes no disquete, zombando de mim.

— O que você vai fazer, Elder? — pergunta.

Olho para ela.

— Realmente não sei.

Amy

O dispositivo de comunicação *wireless*, chamado de com-wi, deveria me conectar com a nave, mas tudo que ele faz é me fazer sentir ainda mais desconectada do meu passado. Mas... Preciso dele, como Doc disse. Porque não estou segura aqui. Minha mão se fecha em volta do pulso. Os hematomas há muito desapareceram, mas outras mãos, uma vez, seguraram meus pulsos, forçando-me até o chão... Solto a mão e respiro profundamente. Não vou me permitir pensar nisso. Não posso pensar nisso.

Ao invés disso, olho para o com-wi. Imagino os fios trançados, serpenteando, separando-se, deslizando sob a minha pele, enterrando-se na minha carne. Estou usando algo que já esteve *dentro* de outra pessoa. É como usar um dente em um colar ou brincos feitos de unhas dos pés. É ainda pior que tenha vindo de Órion. Eu adoraria arrancar essa coisa que já foi dele do meu pulso e destruí-la... Mas algo me impede.

Pelo menos, com o com-wi, posso me comunicar com Elder. Nas últimas semanas, eu o tenho visto cada vez menos — e entendo, de verdade, sei que ele está ocupado. Mas... Não posso deixar de sorrir. *Será* bom poder falar com ele. Aperto o botão no com-wi e falo o nome de Elder. Levo-o até meu ouvido, esperando ouvir sua voz.

— Bip! Ligação negada — uma agradável voz feminina de computador diz.

Bem, *seria* bom falar com Elder. Se ele pelo menos respondesse minha chamada.

Olho o com-wi mais de perto — pequenas letras negras estão impressas ao longo de um dos fios. Definitivamente não notaria a presença delas se não estivesse inspecionando o com-wi tão de perto. Enfio meu dedo nos fios trançados, separando o fio vermelho dos outros para que eu possa ver as letras com mais clareza.

É uma frase, quatro palavras repetidas em letras minúsculas: abandone toda a esperança.

Meu primeiro pensamento é: como Doc não percebeu isso? Ele disse que havia limpado o com-wi. Mas, suponho, esse é apenas mais um sinal de quão

perturbado — e com isso quero dizer completo psicopata — Órion era. Não ficaria surpresa se Doc tivesse visto a mensagem e mesmo assim me entregasse o com-wi — palavras impressas em um fio realmente não mudam o fato de a droga do comunicador funcionar ou não. Doc se preocupa mais com a praticidade do que com o fato de haver algum pedaço restante da insanidade de Órion entrelaçado na coisa.

Além disso, a frase é apropriada. Se há algo que não tenho mais, é esperança. É quase como se Órion tivesse deixado essa mensagem só para mim.

E então percebo: ele deixou.

Doc disse que o com-wi veio com um recado. De certa forma, é minha herança.

Minha mente gira. Órion não precisa me dizer que não há mais esperança para mim a bordo de *Godspeed*., percebi isso sozinha. Mas... Talvez ele quisesse me dizer algo mais... Porque eu sei de onde vem essa frase. Ela é, de acordo com a minha professora de inglês do primeiro ano do ensino médio, a Srta. Parker, uma das frases mais conhecidas na literatura, junto com a frase de Rhett não dando a mínima para Scarlett^[1] e Hamlet filosofando sobre a possibilidade de ser ou não ser. *Abandone toda a esperança* é a frase escrita acima das portas do inferno no *Inferno* de Dante.

E, considerando que os livros eram praticamente proibidos até que Elder assumisse como governante de *Godspeed*, isso não é algo que Doc teria sabido. De todas as pessoas na nave, eu provavelmente sou a única que sabe sobre os livros da Terra. Além de Órion, é claro, que passou a maior parte de sua vida escondido no Salão de Registros, tendo por única companhia palavras e personagens de ficção.

Quanto mais penso sobre isso, mais convencida fico. Essas não são apenas algumas palavras casuais que Órion rabiscou em algum lugar. “Abandone toda a esperança” é uma frase específica, de um livro específico, escrita em um com-wi que Órion deixou especificamente para mim.

Talvez eu esteja dando importância demais a isso. Provavelmente não é nada. Mas já tive “nada” por tempo demais e estou pronta para *algo*. Qualquer coisa. Preferiria ir ao Salão de Registros e procurar a frase no *Inferno* de Dante do que simplesmente ficar sentada aqui e olhar para as paredes por mais tempo. Fecho a jaqueta até o pescoço, saio do quarto e sigo para o elevador. Estou animada, e minhas pernas querem *correr*... Mas, em vez disso, quando saio do quarto, lembro-me de como correr só me torna mais visível e ando com a cabeça baixa e o capuz do casaco sobre a cabeça. Enquanto subo as escadas para o Salão de Registros, olho para cima, como de costume. Em um nicho ao lado da porta

está pendurado um quadro de Elder, uma das últimas obras de Harley. Isso é o mais próximo que cheguei a ver dele em vários dias; quanto mais o tempo passa, mais ele fica enredado no comando de *Godspeed*. De muitas maneiras, ele é mais prisioneiro do que eu.

O Elder pintado espia da sala para seu reino cercado, e eu me viro, seguindo a direção de seus olhos pintados.

O brilho da lâmpada solar cega-me por um momento, e naquela fração de segundo de escuridão, percebo algo que não sabia antes: não preciso ver a paisagem para conhecer cada centímetro do Nível dos Alimentadores espalhado à minha frente. Fecho meus olhos, e ainda posso ver os campos se esparramando em colinas perfeitamente espaçadas. Conheço o padrão exato das cores dos reboques que compõem a Cidade do outro lado da nave. Conheço o ponto exato no céu de metal, quando os rebites que seguram o teto se afastam tanto que realmente não consigo mais vê-los. Conheço a forma de cada nuvem pintada.

Tento arrancar de minhas lembranças uma imagem de como era minha casa no Colorado, mas não consigo me lembrar exatamente. As persianas nas janelas — elas eram mais da cor de tijolo vermelho ou vinho? Que tipo de flores minha mãe plantava no jardim?

Conheço *Godspeed* agora mais do que me lembro da Terra.

— Saia do caminho, aberração — uma mulher robusta diz, passando por mim ao sair do Salão de Registros. Devo parecer uma aberração mais do que o normal, vestindo jaqueta quando todo mundo está usando mangas curtas, parada em pé na porta do Salão de Registros, como uma idiota.

Um homem jovem, magro e alto olha diretamente para mim enquanto segue a mulher pelo caminho que conduz ao Hospital. Puxo meu capuz mais para baixo. Ele vira a cabeça para olhar para mim quando desce as escadas, e algo em seus olhos me faz virar e correr para o Salão de Registros.

Godspeed não substituiu apenas a Terra em minha cabeça; ela substituiu minha casa. E é habitada por pessoas que escondem pensamentos sombrios por trás de olhos escuros que me fitam.

Sacudo a cabeça, querendo que os pensamentos sobre minha velha casa na Terra e sobre o homem saiam da minha mente confusa. Não vale a pena pensar em nenhum dos dois.

O Salão de Registros está escuro e silencioso. Há pessoas aqui, mas elas me ignoram de uma forma que não fariam lá fora, onde a falsa luz solar ilumina minha pele pálida e o cabelo vermelho que espreita sob meu cachecol. Estão concentrados nas informações que estão vendo e entendendo pela primeira vez. Não estão se concentrando em mim.

É por isso que gosto daqui.

Há multidões de pessoas em cada uma das telas digitais gigantes penduradas nas paredes. Embora Elder tenha aberto todo o Salão de Registros para todas as pessoas a bordo, a maioria dos Alimentadores ainda prefere examinar os disquetes quando vem aqui. Poucos se aventuram a ir até as salas que ficam além dessa, cheias de livros; menos ainda vão até o segundo e terceiro andar para visitar as galerias.

Aqui, cada um dos disquetes de parede é marcado com um tema diferente — *História*, *Agricultura* e *Ciência* são os mais populares. Uma multidão de quase uma dúzia de pessoas examina o diagrama de um reator nuclear no disquete de parede *Ciência*, discutindo em tom suave sobre algum detalhe nos esquemas.

O disquete de parede menos popular é o de *Literatura*. Há apenas algumas mulheres jovens examinando uma cópia de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare.

Elas estão tendo mais dificuldade com a língua do que meus colegas no primeiro ano do ensino médio, mas me pergunto se, quando passarem pelos Vós e Vossos e pela versão medieval do nosso dedo do meio erguido, sairão dali pensando que *aquilo* é amor? Considero por um momento parar ali e contar-lhes sobre o debate que tivemos em sala de aula, onde argumentei que *Romeu e Julieta* não estavam realmente apaixonados. Na primeira série do ensino médio, eu era tão segura de mim que venci o debate (e como prêmio, fiquei livre da lição de casa), e lembro-me de atacar o lado oposto tão apaixonadamente que a classe inteira ficou em polvorosa. Mas agora... Agora, não consigo me lembrar de um único argumento do debate de ambos os lados, e não consigo pensar em nada para dizer a essas pessoas. Como posso argumentar que *Romeu e Julieta* realmente não demonstra o que é o amor para um grupo de pessoas que não têm noção do que o amor é de verdade?

Quando *eu* mesma não sei o que é o amor realmente — só o que não é.

De repente, todos os disquetes de parede ficam pretos.

— Ei! — uma das meninas lendo Shakespeare grita.

— O que está acontecendo? — um homem corpulento na parede dos disquetes de *Agricultura* rosna.

Palavras gigantes em letras brancas brilhantes rolam nas telas escuras, enchendo o salão com uma frase, que é repetida várias vezes.

Liderem a si mesmos.

Meus olhos se arregalam e puxo meu capuz ainda mais para baixo sobre o rosto, com tanta força que as costuras se esticam contra a parte de trás da minha cabeça. Enquanto todos estão distraídos, lendo as palavras e se perguntando como elas apareceram nos disquetes, eu corro para a parte de trás do Salão, em

direção às salas dos livros. Algo assim ia acontecer, de qualquer maneira. Elder está passando todo o seu tempo livre comigo no Salão de Registros, lendo sobre civismo e forças policiais, mas acho que ele realmente não entendeu que algumas pessoas vão querer se rebelar simplesmente porque, pela primeira vez, elas podem.

— Quem fez isso? — a voz masculina interrompe os murmúrios da multidão. Sua voz soa cautelosa, até mesmo com medo, mas também agressiva, como se ele quisesse encontrar e punir quem interrompeu a rede dos disquetes.

— O que isso significa? — uma mulher perto de mim diz. Sua amiga sacode violentamente a cabeça, o cabelo batendo nas bochechas, os olhos arregalados de medo.

Uma mulher no disquete Ciência começa a tocar na tela, tentando fazer a mensagem ir embora. A multidão em volta dela começa a sussurrar, inquieta, enquanto nada do que ela faz muda a mensagem. Quem interrompeu os disquetes fez um bom trabalho, aparentemente.

— Eldest precisa consertar isso — diz o primeiro homem. Demoro um momento para perceber que ele está falando de Elder. Muitas das pessoas ao seu redor acenam com a cabeça, seus olhos na tela, suas bocas escancaradas.

— Os disquetes só se alteraram quando a aberração passou por nós — uma das mulheres que estava lendo *Romeu e Julieta* diz em voz clara e forte.

Ela começa a procurar por mim no meio da multidão na porta de entrada. Abaixo minha cabeça e corro de volta para o salão.

Não respiro até chegar à sala de ficção e a porta se fechar atrás de mim. Não há fechadura — poucas salas na nave inteira têm fechadura —, mas se eu ficar escondida aqui, as pessoas reunidas na entrada do Salão irão se esquecer de sua raiva e de mim.

A sala de ficção é menor do que as outras nesse piso; claramente, os fabricantes da nave decidiram que a história e a ciência eram mais importantes do que romances. Eu gostaria que fosse mais parecida com a minha biblioteca lá em casa, com enormes pufes de pelúcia espalhados pelo chão, tapetes escuros, cartazes de autores famosos nas paredes e minúsculas janelas quadradas e empoeiradas filtrando a luz do sol.

Em vez disso, a sala de ficção parece como todo o resto da nave — fria, estéril e limpa demais. É como um quarto de hospital com livros no lugar de camas: chão de azulejos brancos, paredes escuras forradas, mesa de metal prateado.

Mesmo que a sala esteja absolutamente limpa, há um cheiro sempre presente de poeira e papel velho que emana dos livros. Tudo aqui está em ordem alfabética, independentemente do assunto. Chaucer está ao lado de Agatha

Christie; J.K. Rowling ao lado de Dr. Seuss, que está ao lado de Shakespeare. Quando chego ao final de uma fileira e olho para a seguinte, vejo títulos ilegíveis, alguns escritos em línguas que posso adivinhar — francês, alemão, espanhol — e alguns em línguas que não posso sequer começar a decifrar, chinês? Coreano? Japonês?

Poderia me perder aqui, mas preciso ver se Órion realmente deixou uma pista para mim na frase impressa no meu com-wi. Paro de vagar por entre os contos de fadas e poesias (Grimm e Goethe) e vou até primeira fileira de livros, passando os dedos ao longo de suas lombadas irregulares. Vou até a primeira estante, olhando os títulos — *O Peregrino*, *O Jogo do Exterminadore Ratoeira* — até chegar ao que estou procurando.

Inferno, Volume I da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, colocado ao lado de um volume fino dos sonetos de Shakespeare. Irônico — um livro de poemas de amor ao lado de um livro sobre o inferno. Pego a coleção de poemas e a coloco sobre a mesa de metal perto da porta, para que ela possa ser recolocada com outros na letra S; então engancho meu dedo na lombada de *Inferno* de Dante.

Somente o título já me faz lembrar aquelas semanas na aula de inglês da Srta. Parker. Posso sentir o assento duro da minha carteira; posso me lembrar de rir com Ryan e Mike enquanto trabalhávamos em nosso projeto final.

Engraçado como um livro sobre o inferno pode fazer você se lembrar de casa.

Enquanto tiro o *Inferno* da prateleira, algo desliza para fora, pairando até o chão. Eu me abaixo para pegá-la — uma folha retangular de plástico preto, tão fina como papel, com aproximadamente o comprimento e a largura da minha mão aberta. Ela lembra um disquete, mas é menor, e há um pedaço de plástico rígido, pouco maior do que uma unha, se sobressaindo em um dos cantos. Eu a coloco no bolso; Elder provavelmente saberá o que é. Eu me volto e estendo a mão para Dante novamente.

A porta se abre violentamente. Vejo de relance o rosto de uma mulher em pânico — olhos arregalados de medo, cabelo escuro balançando. Ela passa correndo por mim, vai para o outro lado da sala e se joga atrás da última estante.

Eu corro até ela e caio de joelhos ao lado de seu corpo, que treme.

— Qual o problema? — pergunto, estendendo a mão para ela. Agora que tenho a chance de realmente olhar para ela, percebo quem é: Victria. A amiga de Harley e Elder. A garota que escreve histórias ou romances, eu acho. Na última vez que falei com ela, contei-lhe sobre o céu na Terra e como ele não tinha fim, e ela cuspiu na minha cara, denunciando-me na frente de todos.

Ela tira a mão da minha. Há gotas de suor em seu rosto e braços, e ela está ofegante.

— Luthe, Luthor. Ele está...

Ele.

Meu estômago se contrai.

É ele. O que me prendeu três meses atrás, que usou a Temporada como uma desculpa para tentar me estuprar. Ele era como Harley e Elder — consciente do mundo à sua volta sem Phydus para entorpecer sua mente. Ele sabia que o que estava fazendo quando me atirou no chão e jogou seu peso contra mim. Quando ele viu a esperança deixar meus olhos. Quando desisti de lutar.

Ele me disse que seu nome era Luthe, mas Victria o chamou de Luthor. Como Lex Luthor, o arqui-inimigo do Super-homem... Mas as façanhas de um supervilão careca parecem cômicas em comparação com o mal que jaz sob a pele de Luthor. Então percebo — Luthe é seu apelido. O nome pelo qual seus *amigos* o chamam. A ideia de chamá-lo assim me enche de repulsa. Não gosto de pensar nele nos mesmos termos que seus amigos o fazem.

A porta se abre novamente. Victria choraminga suavemente, escondendo o rosto. Fico de pé em um salto.

Ele fica parado na porta, vasculhando o quarto.

Seus olhos me identificam.

E ele sorri. Lentamente.

Sedutoramente.

Elder

A PORTA ESTÁ FECHADA. DO JEITO QUE EU A DEIXEI.

Depois — depois de tudo — depois Que Órion foi congelado e Amy descobriu a verdade e Eldest morreu e eu o vi morrer.

Eu o vi morrer.

Depois de tudo isso, rastejei de volta para o Nível do Guardiã. O vazio oco do Nível do Guardiã. E invadi o quarto de Eldest, achei seu estoque de álcool e fiquei bêbado por dois dias seguidos. Então vomitei por mais dois dias, e depois tranquei novamente sua porta, uma das poucas portas que ainda tem uma tranca.

E coloquei uma mesa na frente dela.

Agora, empurro a mesa para fora do caminho com tanta força que ela se inclina para um lado e cai no chão.

Antes, o Nível do Guardiã parecia muito grande, grande o suficiente para que todos na nave ficassem em pé dentro dele ao mesmo tempo, para que pudessem ser enganados enquanto olhavam para o teto e suspiravam para as lâmpadas chamadas de estrelas.

Quando éramos Eldest e eu, esse lugar parecia enorme, o espaço entre nós cheio de vazio e silêncio. Agora que sou só eu, o Nível do Guardiã parece claustrofobicamente pequeno.

Meu com-wi emite um sinal sonoro. Aperto o botão para silenciá-lo.

E antes que eu possa me convencer a não fazê-lo, antes que possa ir embora e prometer entrar no quarto dele mais tarde... Eu destranco a porta do quarto de Eldest.

As partículas de poeira formam um redemoinho na luz, quando entro. Respiro profundamente, esperando sentir o cheiro almiscarado do sabão de Eldest, mas, em vez disso, o lugar cheira a mofo. Meu pé gruda no chão. Perto da porta está um frasco de álcool aberto e derramado que secou, virando uma massa grudenta. Essa é a minha marca no quarto de Eldest.

O quarto em si está bagunçado e abarrotado, mas é assim que Eldest o mantinha. A cama por fazer, os cobertores como um redemoinho de pano ao pé da cama. Derramando-se por baixo da cama, há uma pilha de roupas amassadas.

Um prato sujo que ainda está cheio de algumas migalhas repousa perigosamente perto da borda de seu criado-mudo.

Sinto-me um intruso, um invasor do espaço privado de Eldest, mas me lembro de que, tecnicamente, *eu sou* Eldest agora, e esse quarto é mais meu do que de um homem morto.

Sobre a mesa estão os restos dispersos de um modelo de motor. Pego o pequeno núcleo do reator nuclear feito de resina, limpando o pó cuidadosamente da sua superfície. A primeira vez em que vi a maldita coisa foi quando Eldest a escondeu de mim. Sinto o peso do modelo de motor na minha mão. Ele sabia que algo estava errado, mesmo então. Se ele tivesse simplesmente me *contado* a verdade desde o início, talvez pudéssemos ter trabalhado juntos para resolver os problemas do motor. Se todos fossem honestos, com os diabos, provavelmente estaríamos em Terra-Centauri agora!

Jogo o modelo do motor do outro lado da sala. Ele bate contra a cama de Eldest, espalhando resina rachada em seu travesseiro, que ainda mostra uma depressão no meio, onde ele colocou a cabeça.

Droga.

Esfrego minhas mãos sobre seu rosto.

Droga.

Entre a mensagem hackeada na rede de disquetes e o entusiasmo de Marae em formar a Força Policial, acabei tirando da cabeça a verdade mais dura de todas.

Não estamos indo a lugar algum.

Parados.

Olhando para os pedaços quebrados do motor na cama de Eldest, percebo uma coisa. Não vou contar ao resto da nave. Não vou. Nunca pensei que iria ficar preso nas mentiras que Eldest teceu ao redor de *Godspeed*... Mas não posso contar a eles. Não posso dizer-lhes que não estamos apenas indo devagar. Estamos parados. Se somente a falta de Phydus resulta em chamadas para a revolução vazando pela rede de disquetes, então com certeza vão destruir essa nave distante se eu lhes disser que não estamos indo a lugar nenhum; vão rasgar o metal com os dentes e serão engolidos pela escuridão do espaço.

Assim como Harley.

Corro os dedos pelo meu cabelo, emaranhando-o em nós. O que estou fazendo aqui? Eldest poderia ter suspeitado de que estávamos parados, mas provavelmente não escondera o segredo para reviver o motor em seu quarto.

Um disquete na mesa de Eldest brilha. As palavras brancas e brilhantes ficam escuras e desaparecem.

O disquete emite um bip e reinicia sozinho. Depois de um momento, ele mostra a tela de início normal.

Seja o que for que Marae e os Transportadores de Primeiro Nível fizeram, funcionou, e a mensagem do hacker foi eliminada da tela.

Meu com-wi bipa novamente.

Começo a responder quando percebo algo — outra porta. Silencio o bip em minha orelha esquerda e avanço em direção à porta, passando por cima das pilhas de roupas sujas de Eldest. Por que há outra porta aqui? Há uma para o banheiro, é claro, mas nunca notei essa antes — só estive no quarto de Eldest duas vezes, e ambas as vezes eu estava concentrado em encontrar outra coisa: primeiro no modelo do motor e depois no álcool.

Há uma marca ao longo do chão; Eldest utilizava essa porta frequentemente. Minhas mãos tremem enquanto estendo a mão para a maçaneta antiga — é de metal, de Terra-Sol. Ela não gira, mas quando eu a puxo, a porta se abre de qualquer maneira.

Olho curiosamente para dentro.

Um armário.

Os armários são raros; a maioria dos quartos têm roupeiros em vez deles, mas devo admitir que estava esperando por algo mais aqui. Desapontado, me afasto, mas algo chama minha atenção. Um pedaço de pano está pendurado para fora de uma caixa no topo do chão do armário. Tem uma cor estranha, como um azul esverdeado, uma cor que eu me lembro na parte mais profunda de mim.

Prendo a respiração, então me esqueço de respirar novamente. Quando me inclino e puxo o pedaço de pano para fora da caixa, minhas mãos estão dormentes.

Quando me mudei para o Nível do Guardião, uma das únicas coisas que trouxe comigo foi um cobertor. Pequeno, manchado e desgastado até ficar esfarrapado em alguns lugares. Um tom de azul esverdeado especial.

Esse cobertor era a coisa mais antiga que eu possuía. Na época, pensei que ele tinha sido de meus pais. Sendo o Elder, nunca me fora permitido saber quem eles eram, pois, de outra forma, ficaria inclinado a protegê-los. Ou assim Eldest me dissera. Na realidade, sou um clone, fabricado, não nascido.

Eldest me fez mudar de família muitas vezes até os doze anos — seis meses com os pastores, seis meses com os açougueiros, seis meses com os fazendeiros de soja.

E com todas aquelas mudanças, eu nunca soube qual família era a minha.

Mas o cobertor era meu.

Minha lembrança mais antiga é a de me esconder debaixo dele, quando me disseram que eu tinha que me mudar novamente. Não me lembro com que

família eu estava ou para qual família eu estava indo, mas me lembro de ter me encolhido sob o cobertor e pensado que talvez, quando eu era um bebê, minha mãe — minha verdadeira mãe — me embrulhara nele e me segurara em seus braços.

Após os primeiros dias no Nível do Guardião, Eldest e eu tivemos uma briga, e ele me chamou de criança impossível, mimada e estragada. Prontamente, entrei em meu quarto e soquei as paredes, derrubando tudo que estava à vista em minha prateleira — e então vi o cobertor. O epítome de ser um bebê.

Tentei rasgá-lo ao meio, mas não consegui, então joguei-o na cesta do lixo.

E, de alguma forma, Eldest guardou esse pedaço de mim. Guardou-o durante anos. Pressiono-o agora contra o meu rosto e penso em tudo que Eldest era, e tudo que ele não era.

A única coisa pendurada no aro no armário é um manto pesado, o manto cerimonial que Eldest só usava em ocasiões importantes. Deixo cair o cobertor de volta na caixa e estendo a mão para o manto. É muito mais pesado do que eu esperava. Definitivamente, lâ — já cardei e fiei o suficiente antes que Eldest começasse a me treinar para reconhecer a sensação áspera e encerada do pano. O bordado abrange todo o comprimento e a largura do manto. Estrelas dançam ao longo do topo, colheitas crescem ao longo da barra, e, entre elas, há uma banda do horizonte que nunca termina.

O fecho abre ao meu toque, e deslizo sob o manto. O peso dele empurra meus ombros para baixo, fazendo-me parecer corcunda. A barra arrasta-se pelo chão, pelo menos uns cinco centímetros dela, e meu peito não é largo o suficiente para preencher o manto; as estrelas afundam ao meu redor.

Fico ridículo.

Tiro o manto e o enfio de volta no armário.

Preciso sair daqui. Preciso sair. *Agora*. Não posso ficar aqui. Não com ele. Escapar. Preciso escapar. *Agora*. AGORA. Mas não há para onde ir. Ele cruza o limiar e chega até mim em dois passos. Luthor chega mais perto de mim, tão perto que posso sentir o calor do seu corpo queimando minha pele.

Quando encho os pulmões de ar para gritar, aspiro um pouco do ar que ele exalou também. Luthor chega perto de mim, e o grito na minha garganta morre, sufocando-me e deixando-me sem fôlego.

Luthor tira o capuz do meu rosto. Ele agarra o envoltório marrom da minha cabeça, e eu me desvencilho dele, meu cabelo derramando-se sobre os ombros. A estante atrás de mim é um muro inabalável. Luthor desliza a mão até o lado do meu rosto e pega um punhado de meu cabelo. Ele o puxa, com força, puxando-me mais perto dele. Resisto à força de sua mão. Não me importo se ele arrancar o cabelo da minha cabeça, não vou deixá-lo me controlar. Estendo a mão por trás de mim e pego dois livros da prateleira pelas lombadas. Enquanto Luthor enrola os fios do meu cabelo em torno de sua mão, forçando-me a encará-lo, eu pego os livros, batendo com eles em ambos os lados de sua cabeça.

— Ai! — Luthor grita, um rugido inumano de dor. Ele toca as têmporas, falando uma série de palavrões — alguns eu conheço, outros não —, seguindo-me quando derrubo os livros e passo por baixo de seus braços.

— Vamos! — grito para Victria, que ainda está se escondendo atrás da última estante. Ela sai, e eu agarro seu pulso e a arrasto atrás de mim, para fora da sala de ficção e em direção ao corredor.

Luthor nos segue rapidamente, mas temos vantagem suficiente para chegar até o salão de entrada lotado antes que ele nos alcance. Paro quando chegamos ao centro. A mensagem, que havia preenchido todas as telas antes, se foi, e os disquetes voltaram ao normal. Uma mulher baixa, vestindo as roupas impecavelmente engomadas e escuras que os Transportadores usam, está perto do disquete Ciência, em profunda conversa com o grupo que estava estudando os esquemas do motor antes. Algumas pessoas levantam as cabeças, assustadas com nossa entrada súbita, mas a maior parte não presta atenção a nós.

Luthor está em pé com ambos os braços agarrando a soleira da porta que

leva ao salão, olhando para nós. Ele não vai fazer nada agora. Não com todo mundo aqui. A Temporada não existe mais; não há mais Phydus. Ele não tem uma desculpa.

Victria puxa sua mão para fora do meu alcance.

— Obrigada — ela resmunga; o som parece mais como um rosnado.

— Ei! — a voz de Luthor ecoa por todo o salão de entrada. A maioria das pessoas se volta para olhá-lo, mas Victria abaixa a cabeça e se apressa em direção à saída, abandonando-me no centro do corredor enquanto Luthor sai de perto da soleira da porta e se dirige em direção a mim.

— Você acha que pode simplesmente se afastar de mim? — Luthor grita.

— Eu sei que posso — digo, e realmente dou mais alguns passos para perto da saída antes que ele me agarre pelo braço e me vire em direção a ele.

Examino o salão de entrada. Todo mundo está nos observando. Alguns chegaram mais perto, e, considerando a preocupação em seus olhos, posso ver que estão quase vindo em meu auxílio. Ainda assim — hesitam. Porque ele é um deles. E eu não sou.

— As coisas são diferentes agora — sibilo para Luthor, puxando meu braço de suas mãos. — Você acha que pode pegar o que quiser, mas não pode.

Me afasto rapidamente, determinada a escapar dessa sala antes que ele me toque novamente. Ouço sua risada, um som desagradável que envia arrepios à minha espinha.

— As coisas *são* diferentes — ele grita atrás de mim. — Não temos mais um líder!

Giro nos calcanhares.

— Elder é o líder! — minha voz é clara e alta; ela soa como um grito furioso. Não posso deixar de lembrar-me da mensagem que os disquetes exibiram antes.

Luthor bufa em desprezo.

— Você acha que aquele garoto pode me impedir? Você acha que aquele garoto pode impedir qualquer um de nós?

Ele balança os braços, indicando todas as pessoas que agora estão olhando avidamente enquanto gritamos no meio do salão geralmente silencioso.

— Nós podemos fazer qualquer coisa que quisermos — Luthor diz numa voz baixa que apenas eu posso ouvir. Sorri um sorriso largo e olha em volta de si, então levanta a voz em um rugido poderoso. — Nós podemos fazer tudo o que quisermos!

Vejo nos rostos das pessoas ao nosso redor.

A percepção de que o que ele disse é verdade.

Elder

— Elder? — uma voz chama enquanto a porta de Eldest se fecha atrás de mim.

— Mas que diabos? — murmuro, olhando em volta. Ninguém tem acesso a esse nível, exceto eu.

O cabelo vermelho balança ao redor do batente da porta do Centro de Aprendizagem.

— Amy? — pergunto, chocado, correndo em direção a ela.

Ela sorri — não um sorriso aberto, apenas um suave curvar de lábios que não chega até seus olhos.

— Eu esperava que você estivesse aqui — ela diz.

— Como... Como você chegou aqui?

Ela sai do Centro de Aprendizagem e entra no Grande Salão comigo. Ela ergue a mão esquerda.

— Doc o entregou a você! — digo, examinando o com-wi ao redor de seu pulso.

Amy concorda com a cabeça.

— Eu imaginei que... Era de Órion, então provavelmente daria acesso ao Nível do Guardião.

Ela dá de ombros.

— Funcionou. Tentei falar com você antes, através do com-wi, mas você não atendeu. Ou será que fiz alguma coisa errada?

— Não, recebi algumas chamadas que ignorei.

Amy soca levemente meu ombro.

— Me ignorando, não é?

— Não conseguiria, mesmo que quisesse — digo.

Ela sorri de novo, outra torcida irônica dos lábios, um sorriso sem brilho. Estamos a poucos centímetros de distância um do outro — ela perto da porta do Centro de Aprendizagem, eu mais perto do meio do Grande Salão, e o silêncio cai entre nós como algo tangível, estranho. Ela puxa o colar para fora da blusa e torce o pingente em seus dedos.

— Qual o problema? — pergunto.

— Nada — ela diz imediatamente, largando o colar.

Aperto os olhos, mas deixo o momento passar.

— Não vejo você há algum tempo — ela diz, finalmente. Ela não se afastou da porta do Centro de Aprendizagem, então eu me aproximo dela. Amy coloca uma mão no bolso e parece, por um momento, que vai tirar algo de dentro dele.

— Tive que resolver alguns problemas na Cidade e, depois... No Nível dos Transportadores.

— Agora é minha vez de lhe perguntar — diz Amy, tirando a mão vazia do bolso. — Qual o problema? Você viu a mensagem que estava nos disquetes?

— Sim — rosno. — Os Transportadores foram capazes de reverter o que o hacker fez, mas...

Dou de ombros, e embora eu queira parecer indiferente, até eu sei que o gesto é de amargura.

— O dano está feito. Pedi a Maraé e aos Transportadores do primeiro nível que sejam minha força policial.

— *Ótimo* — Amy diz com tanta veemência que olho para ela. — É somente que... Estou feliz por você estar finalmente fazendo isso. Organizando uma força policial, quero dizer — acrescenta ela, quando percebe o meu olhar.

— Eu deveria ter feito isso há um mês — digo, e depois espero por sua reação.

A mão dela treme, como se ela quisesse estendê-la até mim, mas ela não o faz.

— Você ainda não está me dizendo algo — ela diz em voz suave.

E você também, eu penso, mas posso ver na expressão dura de seus olhos que não vai me dizer o que a está incomodando. Em vez disso, confesso a minha verdade.

Sobre os motores. E as mentiras. Como não estamos nos movendo e nem sequer sabemos onde estamos. Conto a ela que não contei a ninguém a bordo.

— E nós não podemos dizer a eles — acrescento. — Se os Alimentadores ficarem sabendo...

Amy morde o lábio, mas não discute. Por enquanto.

Passo os dedos pelo meu cabelo, tentando puxar minha resposta pelas raízes.

— Estamos parados há muito tempo. A nave não vai durar para sempre. É... *Godspeed* está se desfazendo.

Quando digo isso para ela, finalmente percebo a verdade. E finalmente vejo as coisas que nunca vi antes, e o que elas realmente significam. A diminuição da produção de alimentos, apesar de estarmos bombeando todos os

adubos e nutrientes que podemos nos campos. É verdade que a maioria dos Alimentadores não tem trabalhado tão arduamente quanto costumavam trabalhar quando recebiam Phydus, mas mesmo a falta de produtividade não pode desculpar a forma como as plantas quase não têm força suficiente para atravessar a camada do solo.

Naquele ano em que tivemos tanta chuva, foi apenas para pesquisa ou o sistema de irrigação estava quebrado? O substituto da carne, criado quimicamente, usado na produção de alimentos pelo menos duas vezes por semana é realmente uma melhor fonte de nutrição ou simplesmente o melhor que Doc e os cientistas puderam fazer quando os animais já não eram suficientes para alimentar a todos?

Estou começando a entender por que Eldest estava... Tão desesperado.

Penso no som do motor, mesmo que sua energia esteja apenas sendo desviada para as funções internas da nave, aquele *churn* entre os *whirrs*.

Não é um som saudável.

Quando termino de falar, percebo como ela ficou calada o tempo todo.

— Amy? — pergunto baixinho.

Ela olha nos meus olhos.

— Será que isso significa... Que posso acordar meus pais agora?

— O quê? Não! — digo imediatamente.

— Mas... Se não vamos pousar... Se não há nenhuma esperança de pousarmos um dia... Então, por que não?

— Nós ainda podemos pousar! Com os diabos, dê-me uma chance para corrigir esse problema.

— Talvez um dos congelados possa corrigi-lo. Há cientistas e engenheiros congelados também, você sabe.

— Amy, não. Não. Meu pessoal pode lidar com isso.

Ela murmura algo que não entendo.

— O quê? — pergunto.

— Como se eles tivessem feito um bom trabalho até agora! Que inferno, Elder, desde quando os motores estão desligados? Desde antes de você nascer! Talvez até mesmo há décadas... Ou *mais*.

— Não preciso disso! — esbravejo. — Não de você também! Não preciso de você me dizendo o que fazer ou que não sou bom o suficiente.

— Não estou *duvidando* de você! — Amy joga as palavras contra mim. — Só estou dizendo... Alguém da Terra provavelmente poderia corrigir esse problema!

— Você só está *dizendo* que deveríamos acordar seus pais!

— Isso não tem nada a ver com eles!

— Com você, sempre tem! Você não pode simplesmente acordar seus pais só porque é uma garotinha assustada!

Amy olha-me ferozmente, uma onda de raiva tingindo suas bochechas.

— Talvez se você mesmo admitisse que não é bom o suficiente para fazer tudo nessa maldita nave, veria que há pessoas que realmente podem ajudá-lo bem aos seus pés!

Sei que ela falou isso com raiva — que eu não era bom o suficiente. Mas suas palavras *magoadam*, como uma faca quente cortando através de mim.

— Você não percebeu que a metade dos meus problemas é por *sua* causa? Se eu não tivesse que me preocupar com a aberração, talvez eu pudesse fazer alguma coisa!

Assim que as palavras escapam dos meus lábios, desejo poder agarrá-las com as mãos e esmagá-las em meus punhos.

Mas não posso.

As palavras estão lá.

Chamei Amy de aberração, coisa que jurei que nunca faria.

Eu era a única pessoa em toda a nave que não a havia chamado disso.

E agora eu chamei.

Amy vira a cabeça, quase como se as palavras a tivessem atingido no rosto. Ela gira nos calcanhares e vai em direção à porta do Centro de Aprendizagem e ao tubo gravitacional que a levará para longe de mim.

— Amy! — grito, correndo atrás dela. Ela abaixa a cabeça para longe de mim, seu cabelo balançando para baixo para cobrir seu rosto, e corre através da porta. Eu a agarro pelo cotovelo, girando-a e puxando-a de volta para o Grande Salão. Ela se solta das minhas mãos, mas pelo menos não continua correndo de mim.

— Sinto muito — digo imediatamente. — Não quis dizer aquilo. Sinto muito, sinto muito, sinto muito. Levanto a mão novamente, mas ela recua para longe de mim, e eu a solto imediatamente.

Ela não olha nos meus olhos.

— Você está certo — ela finalmente diz, piscando rapidamente e olhando para as estrelas artificiais.

— Não, não estou; desculpe-me, você não é uma aberração, não é.

Ela balança a cabeça.

— Não é sobre isso. Sobre... Eu estar com medo — ela sussurra.

Ela torce o com-wi em seu pulso algumas vezes, deixando uma marca vermelha.

Eu já a vi em silêncio antes, absorta. Houve momentos em que estávamos

falando, e ela de repente parava de conversar, recuando para dentro de si mesma por alguns instantes antes de retornar para mim. Antes, sempre pensei que tinha algo a ver comigo, que ela se lembrava da minha traição ou que eu havia dito alguma coisa que provocara uma lembrança do passado que ela não podia mais ter.

Agora estou pensando se é outra coisa.

— Qual o problema? — pergunto, minha voz mais baixa, a discórdia desapareceu, substituída pela preocupação.

Ela dá um pulo com a pergunta.

— Alguém a machucou? — pergunto. — Ou ameaçou você?

Eu me aproximo dela. Quero estender a mão para ela, tomar-lhe as mãos, puxá-la para perto de mim. Mas ela parece tão rígida quanto uma pedra.

O que eu devo dizer? Que eu ainda tenho pesadelos sobre algo que aconteceu há três meses? Quão patético isso pareceria? Se eu fosse dizer alguma coisa, deveria ter dito *naquela época*. Mas então tudo se tornou muito mais importante — as mortes de Harley e Eldest, a captura de Órion, a eliminação de Phydus. Elder tem mais de 2 mil pessoas com problemas, e elas esperam que ele as conserte. Como posso sobrecarregá-lo com mais um dos meus? Se houvesse alguém a quem eu pudesse contar, seria ele — mas não posso. Não posso. Não é somente o fato de que três meses se passaram ou o fato dele estar ocupado com a nave, ou que eu tenho medo de que ele não acredite em mim.

É que, quando isso aconteceu, não foi ele quem me salvou.

E se ele não pôde me salvar naquela época, como pode me salvar agora?

— Posso protegê-la — diz Elder, movendo-se para perto de mim, mas sem olhar nos meus olhos. — Você poderia morar comigo... — suas palavras desaparecem no silêncio.

Estamos tão perto que poderíamos nos tocar. Tudo o que eu precisaria fazer é levantar minha mão. Mas nenhum dos dois se move.

— Não é necessário — digo automaticamente.

Estou no controle. Não preciso correr e me esconder. Não vou deixar Luthor me transformar em uma criança tola.

E não quero que Elder acredite que ele precisa cuidar de mim. Porque se ele acha que quero sua proteção, também vai achar que quero algo mais.

Ando para lá e para cá, mas isso só faz as paredes parecerem mais próximas.

Elder passa os dedos pelos cabelos, bagunçando-os.

— Você não precisa ficar aqui apenas para se sentir segura — ele finalmente diz, levantando-se também. — Você poderia ficar por... Por outras razões...

— Não — sussurro, sabendo e temendo o que ele vai dizer em seguida. Não posso; não estou pronta; não... Eu não sei. Não sei o que quero, mas sei que não quero ouvir o que ele vai dizer, tão certo como sei que ele vai dizer assim mesmo.

Ele agarra meus braços, não em um aperto de raiva como antes, mas de uma forma suave, macia, que me traz para mais para perto dele. Eu não me movo.

— Amy... Eu — ele olha para baixo, e respira profundamente. — Eu... Eu me preocupo com você. Quero que você queira estar aqui — ele não chega a olhar nos meus olhos. — Comigo.

Ele me solta, levantando uma mão para tirar o cabelo do meu rosto.

Não posso evitar; fecho os olhos e me inclino sobre sua mão, sentindo o calor rugoso de seus dedos na minha bochecha. Sua respiração estremece.

Eu me aproximo mais.

Olho para cima, e ele está buscando meus olhos, como ele fez depois me beijar pela primeira vez na chuva.

— O que você está procurando?

Ele não responde.

Não precisa.

Sei o que ele quer.

E não é justo.

— Só porque somos os únicos dois adolescentes em toda a nave, isso não significa que tenho de amar você. Por que não posso ter uma escolha? Opções?

Elder recua, ofendido.

— Olha só, não é que eu não goste de você — digo rapidamente, chegando perto dele. Ele se afasta. — É só que...

— Só o quê? — ele rosna.

Apenas que se eu estivesse de volta à Terra em vez de nessa maldita nave, se eu tivesse conhecido Elder na escola ou num clube ou num encontro às cegas, se eu pudesse escolher entre Elder e qualquer outro garoto no mundo... Será que eu o amaria, então?

Será que ele me amaria?

Amor sem escolha não é amor absoluto.

— Somente que eu não quero ficar com você só porque não há mais ninguém.

11

Elder

Mas ela já foi embora.

— Mas...

Na manhã seguinte, vou direto até meus pais. Olho seus rostos congelados até meus olhos doerem, então os fecho com força. Fechados. Mas não importa se eu olho para eles ou não, a verdade permanece: eles estão congelados. Eu não. E *Godspeed* está parada.

Parada.

Forço esses pensamentos para fora da minha cabeça. Em vez disso, tento pensar em alguma coisa para dizer aos meus pais, alguma lembrança que perdi. Mas não consigo me concentrar. Suspiro, levanto-me e coloco meus pais de volta em suas câmaras de congelamento. Nada parece certo desde minha briga com Elder, e não posso me fixar no passado deles e no nosso.

É estranho. Na Terra, já fui chamada de coisa muito pior do que aberração. Mas aqui, essa palavra tem um significado diferente, e quando é dirigida a você por uma das poucas pessoas em quem você confia, ela carrega uma dor diferente.

Quando me levanto, algo cutuca a lateral da minha perna. Enfio a mão no bolso e retiro o pequeno retângulo de plástico preto que encontrei ontem no Salão de Registros. Quase o mostrei a Elder, mas... Não pude.

Quando cheguei ao Nível do Guardiã, só queria estar com ele, sem mensagens funestas de Órion para nos distrair. E depois tudo que eu queria era escapar dele.

O retângulo preto parece uma versão pequena de um disquete, então passo meus dedos ao longo do topo. Uma janela brilhante se acende no meio da tela. Palavras piscam sobre ela: ACESSO RESTRITO.

Olho para cima. Sem querer, perambulei até passar pelas câmaras crio e em direção ao laboratório de genética do outro lado desse nível. Além daquela porta, estão os contêineres de material genético que Doc e Eldest usavam para manipular gestações durante a Temporada, a bomba de água usada para distribuir Phydus... E Órion. O que resta dele. Uma casca congelada como meus pais.

Deslizo meu polegar pelo escâner biométrico que tranca a porta para o laboratório de genética e entro quando a porta se abre. Alguém colocou uma cadeira ao lado da câmara crio mais próxima na sala, de frente para a grossa

janela de vidro, como um padre colocando uma cadeira para falar com um doente acamado. Chuto a cadeira fora do caminho de modo a ficar cara a cara com o homem atrás do vidro.

Órion.

— Odeio você — digo.

Os olhos esbugalhados, os dedos em garra, mas ele não pode me alcançar. Não pode responder, não pode piscar, não pode se mexer. Está congelado, como se estivesse morto.

Mas eu ainda o odeio.

Essa é a punição de Órion. Pelos assassinatos dos congelados e pela morte de Eldest. Quando — se — a nave pousar, e as outras pessoas congeladas criogenicamente acordarem, elas então o julgarão por seus crimes e farão o que acharem melhor. Essa é a sentença que Elder deu ao homem quando apertou o botão para congelá-lo. Mas eu sei — de uma maneira que ninguém nessa nave sabe — que a verdadeira punição é estar congelado. Minha mente se lembra de como é estar dormindo, mas sem estar dormindo. Meu corpo se lembra da forma como meus músculos não se moviam — não podiam se mover. Meu coração nunca vai se esquecer de como é perder-se dentro e fora do tempo, sem nunca saber se um ano ou mil anos se passaram, de torturar-se com a ideia de que sua alma está presa no gelo por toda a eternidade.

Eu conheço a tortura que existe por trás do gelo.

Atrás da janela de vidro no crio tubo, posso ver as veias vermelhas aparecendo nos olhos de Órion. Imagino-me espelhada em suas pupilas, mas ele está cego. Sua mão está pressionada contra a pequena janela no tubo de crio congelamento. Por um momento, coloco a minha mão quente e viva sobre a dele. Então olho em seus olhos e tiro minha mão dali.

Em minha outra mão, ainda seguro o pequeno disquete que encontrei no Salão de Registros. Olho para a impressão que minha mão deixou no vidro na frente do rosto de Órion, e então olho novamente para a janela na tela e para as palavras escritas nela: ACESSO RESTRITO. Algumas informações na rede de disquetes são restritas — Elder precisa usar sua impressão digital, como no escâner biométrico, para desbloqueá-las. Duvido que a minha impressão digital seja suficiente, mas...

Pressiono o polegar contra a caixa brilhante.

A tela inteira acende.

E me encontro olhando para o rosto de Órion.

<<INICIAR TRANSMISSÃO DE VÍDEO>>

Na tela, Órion se parece exatamente com o que me lembro dele pouco antes de ser congelado: cabelo escuro despenteado que precisava ser lavado, os olhos que parecem estranhamente gentis, dadas suas tendências homicidas, e um curvar de lábios descontraído, amigável, que disfarça as linhas em seu rosto. Ele está sentado ao pé de uma escadaria tão grande que se estende além dele, bem longe da vista, mais e mais para cima. Nunca vi essa escadaria antes, fato que acho estranhamente reconfortante. Gosto de saber que ainda há coisas em *Godspeed* que não conheço.

A imagem oscila enquanto Órion ajusta a câmera.

ÓRION: Se você está vendo isso, então alguma coisa deu errado.

Olho para cima, para o Órion congelado. Sim, algo deu errado. A nave está parada, Elder já está escondendo a verdade de todo mundo, e eu não sei quanto tempo mais podemos sobreviver.

ÓRION: Espero que ninguém jamais veja isso. Espero que tudo tenha corrido como eu planejei, que Elder tenha ficado ao meu lado, e que juntos tenhamos derrotado Eldest e começado um novo sistema de governo em *Godspeed*, baseado não na tirania, mas no trabalho conjunto.

Órion suspira pesadamente.

ÓRION: Mas não tenho certeza de que Elder está do meu lado, e sei que Eldest não está, e há muita coisa em jogo para deixá-las serem decididas ao acaso. Preciso de um plano de contingência. E Amy — você é meu plano de contingência.

Órion se volta para mim, como se soubesse que eu estaria um pouco à sua esquerda, seus olhos cravados nos meus.

ÓRION: Espero que Elder seja o líder que preciso que ele seja — que essa nave precisa que ele seja. Mas se ele não for e se eu estiver... Bem, se eu não puder estar aí para ajudar, tudo o que me resta é esse vídeo e a esperança de que você, alguém de Terra-Sol, saberá o que fazer. Não posso deixar essa informação somente para aqueles nascidos na nave. Eles não sabem o suficiente. Eles não podem fazer uma escolha sobre o que fazer quando só conhecem uma coisa. Mas você, Amy, você conhece tanto a nave quanto um planeta. Você pode ser objetiva. Você saberá qual é o mal maior.

Quando você souber tudo o que sei, tudo o que Eldest tentou manter escondido, então você também saberá o que fazer.

Olho para Órion, congelado, imóvel, e, em seguida, volto a olhar para a tela.

ÓRION: Amy, você vai ter que fazer uma escolha. E em breve. Olhe ao seu redor. O sistema Eldest está morrendo há gerações. Não fui o primeiro Elder

a se rebelar, e Elder não será o último. Qualquer que fosse o controle que Eldest mantinha anteriormente, está desaparecendo. A nave está morrendo. Está vendo isso, não está? Está vendo a ferrugem. Está vendo como a luz solar não é tão brilhante quanto deveria ser. Como as plantas demoram mais para crescer... Quando crescem. Como a única coisa que tem mantido o povo calmo e controlado é Phydus. Eu conheço Elder. Sei que ele vai tentar governar sem Phydus. E nada poderia ser mais perigoso. Quando os Alimentadores não receberem Phydus, quando eles virem o que está acontecendo com seu mundo — então vocês terão uma verdadeira rebelião em mãos.

Penso na maneira como a voz de Luthor soou, alta e raivosa, no Salão de Registros. *Podemos fazer tudo o que quisermos!*

ÓRION: *Godspeed* não vai durar muito mais tempo. Ela não foi projetada para durar para sempre. É um milagre que tenha durado tanto tempo assim. Então veja — essa é a razão pela qual preciso de você, Amy, e preciso que você faça a escolha que, por qualquer motivo, não posso mais fazer. Sei que você me odeia; você deve me odiar.

Órion se inclina para frente; seu rosto preenche toda a tela.

ÓRION: Mas você já se perguntou por que eu estava desligando os congelados agora, por que nesse momento?

Respiro profunda e tremulamente; havia me esquecido de respirar.

ÓRION: Por que não apenas esperar e deixar alguma geração futura tomar conta do problema?

Mesmo que ele esteja na tela, e não aqui de verdade, posso sentir a urgência em sua voz atingir o âmago do meu ser, até chegar a meus ossos.

ÓRION: A escolha está chegando. E é uma escolha! E você — você deve decidir por todos.

Por um longo momento, Órion fica silencioso.

ÓRION: Mas não posso lhe dizer o que é. Você terá que descobrir.

Órion passa os dedos pelos cabelos, exatamente da mesma forma que Elder faz quando está preocupado.

ÓRION: Levei anos para descobrir a verdade, e mais outro tanto para aceitá-la. Quando eu a conheci... Sei que você deve me odiar porque deixei pessoas de Terra-Sol morrer...

Deixou-as morrer? Foi muito mais do que isso. Ele as tirou de suas câmaras crio e ficou *observando-as* morrer. Há uma grande diferença aí. Ele as matou.

Meus olhos se estreitam de forma que o rosto de Órion parece nada mais do que um borrão. Olho para o Órion verdadeiro, congelado por trás do vidro da crio câmara.

Você não tem ideia de quanto eu o odeio, penso. Poderia culpá-lo por tudo o que há de errado na minha vida agora.

ÓRION: Mas Amy, você é tão especial. Você é de Terra-Sol. Mas você não tem uma agenda como os outros... Como seus pais. Você não veio aqui com uma missão. Você — e somente você — será capaz de determinar qual escolha deve ser feita, se os riscos valem a pena. Não posso confiar em mais ninguém para fazer essa escolha, nem mesmo Elder ou aqueles que uma vez considereei como amigos. Vou esconder as pistas para que somente você, alguém de Terra-Sol, possa encontrá-las. Não confie em ninguém, Amy. Nem em Elder, nem em Doc, nem em ninguém do meu passado. Eles são de *Godspeed*, não de Terra-Sol. Eles não saberão — nem mesmo podem saber — que há uma escolha a ser feita.

Não gosto da maneira como Órion me diz para não confiar em Elder. Não gosto nada. Mas penso no que aconteceu ontem, e na forma como mantive meus segredos mais sombrios escondidos dele. Já estou fazendo o que Órion queria que eu fizesse antes que ele me pedisse e me odeio um pouco por isso.

ÓRION: Você precisa começar com a primeira peça do quebra-cabeça. Mas aqui está o mais importante, Amy. Eu já a dei para você. Então vá encontrá-la. Encontre todas as pistas que deixei para você. Tenho a esperança de que, quando você o fizer, a escolha que fará será a certa.

Órion olha diretamente atrás dele, então de volta para mim.

ÓRION: Porque seu tempo está acabando.

<<FINAL DA TRANSMISSÃO DE VÍDEO>>

Sinto-me sozinho.

Não quero dizer que me sinto solitário, quero dizer sozinho, da mesma forma como sinto o cobertor pousado sobre meu corpo, ou as penas do travesseiro sob minha cabeça ou os cordões apertados da calça enrolados em volta da minha cintura. Sinto-me sozinho, como se isso fosse uma coisa real, penetrando em toda a extensão desse nível como a neblina cobrindo um campo, atingindo todos os cantos do meu quarto e não encontrando nada vivo a não ser eu mesmo. É um tipo de sensação fria, essa.

Quando finalmente saio da cama, a única coisa que quero fazer é ir até Amy e pedir-lhe perdão. Talvez possamos pelo menos ter de volta o que tínhamos antes de nossa briga, mesmo que tudo o que tivéssemos fosse uma estranha amizade pontuada por silêncios significativos. Preciso descobrir o que fazer com os motores da nave — se é que *alguma coisa* pode ser feita —, mas não posso consertar a nave sem primeiro consertar aquilo que estraguei em meu relacionamento com Amy.

Minha intenção de fazer isso é tão firme que só quando estou a meio caminho do tubo gravitacional para o Nível dos Alimentadores é que me lembro do olhar em seus olhos quando ela me deixou ontem, uma combinação de raiva e mágoa e tristeza — e percebo que provavelmente ela não vai querer nem me ver. A lâmpada solar se acende enquanto meus pés pousam no estrado sob o tubo gravitacional. Eu me arrasto pelo caminho. A névoa da manhã evapora diante dos meus olhos.

Em vez de ir até o quarto de Amy na Enfermaria do Hospital, viro à esquerda para o Salão de Registros. Talvez se eu der a Marae alguns dos livros que li sobre forças policiais e educação cívica, ela possa ter uma ideia melhor de como organizar os Transportadores para essa nova obrigação. É isso que digo a mim mesmo, de qualquer maneira. Mas a realidade é que estou com receio de ver Amy, sabendo que ela ainda vai estar com raiva de mim. E que ela tem todo o direito de estar.

Fico surpreso que, quando entro no Salão de Registros, já há pessoas lá, reunidas em torno dos disquetes de parede na entrada. A maioria delas se

aglomera em torno da seção de Ciências. A Segunda em Comando do Nível dos Transportadores, Shelby, aponta para o gerador em um diagrama do motor da nave, enquanto fala com as pessoas reunidas a seus pés. Ela olha nos meus olhos e acena para mim. Eu sabia que Shelby tinha, com a permissão da Primeira Transportadora Marae e a minha, começado uma aula para Alimentadores interessados nos aspectos técnicos da nave, mas não havia me ocorrido que essas lições começariam apenas quinze minutos após a lâmpada ser ligada.

Hesito antes de ir para o corredor que leva às salas de livros. A palestra de Shelby não é inútil? O motor está morto, mesmo que os Alimentadores ainda não saibam disso. Diabos, nem sequer temos certeza de quão longe estamos de Terra-Centauri. Mesmo que esses Alimentadores reúnam informações suficientes para colocar a nave em movimento novamente, as chances são de que eles não viverão para ver o planeta.

Uma mulher dos Alimentadores, que está ouvindo Shelby falar, esfrega a barriga em um círculo lento. Ela está grávida de três meses agora, mas sua túnica esconde sua barriga arredondada. Seu movimento, embora inconsciente, lembra-me: é esse o motivo. As palestras de Shelby não são destinadas a resolver o problema do motor — não de verdade —, mas para dar esperança a essas pessoas.

Essa é a única coisa certa que Eldest fez. Ele pode ter mentido — mas no final, ele lhes deu uma razão para continuar.

É disso que todos estão sentindo falta agora.

Entro silenciosamente no corredor e vou em direção às salas dos livros. Abro violentamente a porta da sala dedicada aos trabalhos em estudos sociais e cívicos.

— Mas quê? — alguém grita da dentro da sala.

Salto para trás, assustado, meu coração acelerado.

— Você me assustou pra caramba! — exclamo, e caio sentado na cadeira da mesa em frente a Bartie.

Bartie está rindo demais de sua própria reação para responder. Por um momento eu me sinto como nos velhos tempos. Bartie e eu éramos amigos quando morei no Hospital, um ano antes de me mudar para o Nível do Guardião com Eldest. Tínhamos nossa gangue, na época: Harley, Bartie, Victria, Kayleigh e eu, contando minhas estrelas da sorte porque, pela primeira vez, eu tinha amigos.

Passávamos nossos dias no Hospital ou no jardim. Harley pintava enquanto Bartie tocava violão e Victria escrevia. Kayleigh estava sempre por perto, tentando mexer em tudo. Ela fez uma estrutura de metal para esticar telas para Harley que quase arrancou os dedos dele, e uma vez tentou entender os

esquemas da velha Terra-Sol para construir uma guitarra elétrica que quase eletrocutou Bartie.

Aqueles tempos eram feitos de risos e de felicidade.

O sorriso desaparece do meu rosto, e o sorriso de Bartie se esvai. Não preciso olhar para ele para saber que nós dois estamos pensando a mesma coisa: tudo mudou depois que Kayleigh morreu. Kayleigh era a cola que mantinha nossa amizade unida, e, quando ela se foi, nós não éramos mais nada. Harley caiu em uma armadilha escura de onde somente os remédios de Doc o tiraram. Quando ele começou a se recuperar, preferi me mudar para o Nível do Guardião, e Bartie e Victria tinham ido para direções diferentes. Victria passava seu tempo no Salão de Registros com Órion, e Bartie, tanto quanto eu podia dizer, encontrava amizade apenas em sua música.

— Como tem passado? — pergunto, inclinando-me para a frente.

Bartie encolhe os ombros. Uma pilha de livros o rodeia, mas são todos livros grossos, de aspecto régio, da seção de cívica da sala de livros, não livros de música.

— É estranho vê-lo sem Amy — diz Bartie.

— Eu... É só que... Nós — dou um suspiro, correndo os dedos pelo meu cabelo. Amy e eu temos passado muito tempo ultimamente no Salão de Registros, nessa mesma sala, na verdade, desenvolvendo um plano para instituir uma força policial. Sei que ela desconfia de mim, hesita em confiar em mim depois que confessei ter sido aquele que a acordou, mas... Ela tinha parado de se encolher ao meu toque, seu sorriso voltou a ser amigável.

Até que eu a chamei de aberração.

Com os diabos.

— Tudo bem? — Bartie pergunta, com uma pitada de preocupação real no rosto.

— Sim — eu murmuro. — É que... Amy...

Bartie franze as sobrancelhas.

— Há mais problemas nessa nave do que uma aberração de Terra-Sol.

— Não a chame de aberração! — digo, virando minha cabeça para encarar Bartie tão violentamente que meu pescoço estala.

Bartie se inclina para trás em sua cadeira, levantando as duas mãos em um gesto de defesa ou rejeição.

— Eu estava simplesmente dizendo que você tem coisas mais importantes com que se preocupar.

Meus olhos se estreitam, lendo o título do livro grosso que Bartie estava examinando. Na capa, há uma mulher com pele mais pálida do que a de Amy e um vestido tão largo que duvido que ela conseguisse passar pela porta. Li o título

— *Uma História da Revolução Francesa.*

— Por que você está lendo isso? — pergunto. Tento rir de forma afável, mas o som sai como um bufo estranho. Olho para Bartie com novos olhos, olhos desconfiados. Muito tempo se passou desde que íamos com Kayleigh e Victria até o Salão de Registros e fazíamos corridas de cadeiras de balanço na varanda.

E a Revolução Francesa não é um tópico que eu teria pensado que Bartie estudaria.

Estaria ele interessado na aberr — forço-me a parar até mesmo de pensar na palavra. Estaria ele interessado na mulher *incomum* na capa do livro?

Ou estaria ele interessado na guilhotina cortando a cabeça do rei? Dou um safanão mental em mim mesmo. Estou sendo paranoico.

— Comida — diz Bartie.

— Comida?

Ele balança a cabeça, empurrando o volume para mais perto de mim, e pega um livro mais fino, encadernado em couro verde.

— Eu pensava que era... Interessante. Aquela frase “que comam brioches”; fiquei pensando se eles teriam se revoltado se não houvesse escassez de alimentos.

— Talvez eles estivessem apenas se revoltando contra vestidos como esse — digo enquanto aponto para as volumosas faixas de seda que saem da saia da mulher na capa do livro. Estou tentando brincar de novo, mas Bartie não está rindo nem eu, minha mente está se lembrando da linha vermelha no gráfico que Marae me mostrou, a linha que mostrava a produção decrescente de alimentos. Quando o resto da nave vir quão rápido o alimento está desaparecendo, que a nave está morta no céu vazio e que em breve estaremos também, quanto tempo vai demorar até que eles, como as pessoas no livro de Bartie, transformem suas ferramentas agrícolas em armas e se revoltem?

Bartie não me responde, apenas abre o livro verde menor. Seus olhos não se movem sobre as letras, entretanto, e tenho a sensação de que ele está esperando que eu diga ou faça alguma coisa. Não tenho mais tanta certeza de que estou apenas sendo paranoico.

— Alguma coisa vai ter que mudar, e logo — diz Bartie, com os olhos no livro.

— Isso está se acumulando há meses, desde que você os transformou.

— Eu não — digo automaticamente, defensivamente, embora não haja nenhuma acusação de verdade em sua voz. — Eu simplesmente... Quero dizer, acho que os modifiquei, mas os transformei de volta no que *eram*. Como deveriam ser. O que são.

Bartie parece duvidar.

— De qualquer maneira, estão diferentes agora. E está ficando pior.

A primeira causa de discórdia, penso, é a diferença.

Bartie vira a página do fino livro verde.

— Alguém tem que fazer alguma coisa.

A segunda causa de discórdia, a falta de um forte líder central.

O que ele pensa que eu tenho feito? Diabos, tudo que tenho feito nesses dias é correr de um problema para o próximo! Se não é uma greve num bairro, são reclamações em outro, e cada problema é um pouco pior do que o anterior.

Bartie olha pra mim. Não há dúvida sobre isso agora: há desprezo e raiva em seus olhos, embora sua voz permaneça suave.

— Por que não está fazendo nada? Por que você não mantém a ordem? Eldest podia ser um estúpido, mas pelo menos você não precisava se preocupar em como seria o seu dia quando ele estava no comando.

— Estou fazendo o que posso — protesto.

— Não é o bastante! — as palavras saltam ao redor da sala, batendo em meus ouvidos.

Sem pensar no que faço, esmurro a mesa. O barulho assusta Bartie; o choque me faz esquecer a raiva. Chacoalho a mão, a dor faz meu braço formigar.

— O que está lendo? — rosno.

— O quê?

— Que diabos está lendo?

Quando olho para cima, os olhos de Bartie encontram os meus. Nossa raiva desaparece. Somos amigos — mesmo sem Harley, ainda somos amigos. E mesmo que a nave não tenha sido exatamente um local acolhedor ultimamente, ainda podemos nos agarrar ao nosso passado.

Bartie levanta o livro menor para que eu possa ver o título: *A República*, de Platão.

— Li isso no ano passado — digo. Livro confuso como os diabos. Aquela parte sobre a caverna não fazia o menor sentido.

Bartie encolhe os ombros.

— Estou na parte sobre a aristocracia — ele pronuncia “a-risto-crácia”. Eldest me disse que era “a-risto-cra-cía”, mas ele provavelmente também estava enganado, e, além disso, qual é a diferença?

Conheço a parte da qual ele está falando muito bem — ela foi o ponto central da aula que Eldest tinha preparado para mim. Era também, essencialmente, a base de todo o sistema Eldest.

— Um aristocrata é alguém que nasceu para governar — digo. — Alguém nascido com talento inato para orientar todos os outros.

Bartie não pode estar pensando no que estou pensando: que a única razão

pela qual eu nasci para governar foi porque fui colhido quando era um embrião, de um tubo cheio de outros clones geneticamente melhorados, cujo DNA fora modificado para tornar-se o governante ideal.

— Mas mesmo Platão diz que o estado ideal de uma aristocracia pode se deteriorar — diz Bartie.

A palavra *decadência* lembra-me da entropia que Marae mencionou, como tudo está constantemente girando fora de controle, inclusive a nave. Inclusive eu.

— Um Eldest é como um aristocrata — Bartie acrescenta. Ele está buscando meus olhos agora, o livro, esquecido, como se quisesse que eu percebesse algum significado mais profundo no que ele está dizendo. Afasto minha mente do motor quebrado e das mentiras de Marae, de volta para a conversa que estamos tendo.

— Mas o sistema Eldest não está se deteriorando — digo. Ele funciona. Está funcionando.

— Você não é Eldest — Bartie ressalta. — Você ainda é Elder.

Sacudo a cabeça.

— Apenas no nome. Posso governar sem precisar tomar o título.

— Títulos me confundem — Bartie pega *A República* novamente, fechando-a e olhando para a capa. — Esse livro fala sobre a aristocracia e a tirania como se fossem duas coisas diferentes, mas não vejo uma diferença — ele o faz deslizar sobre a mesa.

— Há outras formas de governo, no entanto.

— O que você está dizendo? — pergunto cautelosamente.

Bartie fica em pé, e eu também.

— Você não precisa fazer isso sozinho — ele diz. — Olhe para a realidade da situação. Mesmo que você seja o único aristocrata nessa nave, o único líder, você tem dezesseis anos de idade. Talvez você seja um grande líder um dia...

— Um dia? — rosno.

Ele encolhe os ombros.

— As pessoas não o respeitam agora. Talvez em cinco ou dez anos.

— As pessoas me respeitam pelo que eu sou!

Bartie deixa cair o livro sobre a mesa; sua batida ecoa na superfície do metal.

Ele se dirige à porta, passando por mim quando se aproxima dela.

— Você nos deu a todos a chance de pensar, de escolher por nós mesmos o que queremos — sua voz é calma, quase um sussurro. — Eu respeito isso. Mas você tem que compreender que, talvez, ao termos a chance de pensar sobre isso, não escolheremos você como nosso líder.

Bartie pega dois livros da mesa — *Uma História da Revolução Francesa* e

um livro da sala de ciências, *Instruções Técnicas em Sistemas de Comunicação*. Ele abandona a *República* de Platão sobre a mesa e carrega os outros livros através da sala sem falar nada. Quando a porta se fecha atrás dele, no entanto, parece que há um monte de palavras à deriva no silêncio deixado para trás.

A última causa de discórdia. Pensamento individual.

Ele não tem a mínima ideia de que não durmo uma noite inteira há três meses. Que não faço nada *a não* sertentar evitar que uma nave cheia de pessoas zangadas, passionais e egoístas se autodestrua. Que agora, além de tudo isso, preciso me preocupar com o motor que não funciona. Tudo o que ele vê é o meu fracasso.

Se não posso governar sem Phydus, isso é tudo que qualquer um deles vai ver.

Fracasso.

Por lhes dar sua vida de volta e não ser capaz de salvá-los de si mesmos.

Quando saio, tenho de piscar para me acostumar com a luminosidade.

Tudo parece mais calmo aqui, mais sereno, quase reverente. O som no ambiente do Salão de Registros não estava exatamente alto, mas não estava tranquilo, também.

Algo atrai meu olhar. Viro-me lentamente. Ao lado da porta do Salão de Registros, há um quadro, um retrato meu colocado em lugar de honra. Foi um dos últimos quadros que Harley pintou.

E alguém o rasgou, deixando-o em tiras.

É como se uma garra gigante feita de facas rasgasse a tela; cinco longos talhos cortam meu rosto e peito, deixando à mostra cordões e tinta seca como feridas sangrentas. O pano de fundo atrás de mim no quadro — um espelho dos campos e fazendas de *Godspeed* — está praticamente intocado. Quem quer que tenha feito isso teve o cuidado de destruir meu rosto e deixar o resto do quadro ileso.

E não estava assim quando entrei no Salão de Registros. Quem fez isso esperou a oportunidade perfeita para ter certeza de que eu visse, e para certificar-se de que eu saberia que foi feito quando eu estava por perto.

Eu me forço a me virar. Meus olhos passeiam pelos campos e pelo caminho.

Não há ninguém aqui. O vândalo já desapareceu... Ou simplesmente entrou no Salão de Registros para desaparecer no meio da multidão, observando-me enquanto eu passava.

Em meu quarto, não consigo parar de andar para lá e para cá. Órion deixou pistas — para mim? Sobre algo importante, alguma coisa de vida ou morte, aparentemente. Poderia ser sobre a morte da nave? Os motores parados?

E... por que ele já me deu a primeira pista?

Paro de caminhar e olho a parede do meu quarto, observando a tabela que pinteí lá. Já se passaram três meses desde que Elder impediu Órion de assassinar os congelados das forças armadas. Antes disso, eu havia tentado identificar o assassino pintando a lista de vítimas na minha parede. Sigo as letras desleixadas, a tinta tão espessa que as bordas deixam pequenas sombras na parede branca. Linhas finas de gotas negras secaram como dedos de bruxas que chegam até o chão. Uma linha é mais longa e mais espessa do que as outras. Corta a empoeirada hera que Harley pintou, há muito tempo, para sua namorada, a quem esse quarto pertenceu.

Rabiscos negros em uma parede suja. Isso é tudo que Órion já me deu, além dos corpos das vítimas.

Fecho os olhos e respiro profundamente, lembrando-me do cheiro da tinta enquanto eu mergulhava o pincel de Harley nela.

Tinta.

Harley.

É isso que Órion me deu. A única coisa que ele já me deu. O último quadro de Harley. Quando Harley estava no nível crio, juntando pedaços de fio para conseguir abrir a escotilha e se matar no vácuo do espaço. Ele deu o último quadro que pintou para Órion — que o deu para mim. Depois da morte de Harley, eu estava triste demais para olhar para ele e pedi que Elder o levasse ao quarto de Harley para mim.

Que é onde ele ainda deve estar... Corro para fora de meu quarto e pelo corredor. O quarto de Harley é fácil de achar — manchas de cor criam um caminho do arco-íris que vai direto até sua porta.

Seu quarto cheira a poeira e terebintina, como velhos erros. As lâminas que cobrem sua janela projetam um fluxo de luz artificial sobre uma planta pequena em um pote artesanal, que há muito tempo já morreu. Grãos de poeira

brilham nas faixas de luz.

Parece uma violação, entrar nesse quarto. Minha mão toca a moldura da porta, meu polegar ainda descansando no escâner biométrico.

Entro lentamente, ainda segurando a moldura da porta com uma das mãos, relutante em mergulhar totalmente nesse refúgio do passado de Harley. Meus dedos deslizam da parede até a cômoda encostada nela, deixando quatro trilhas brilhantes de poeira no seu topo. É esse o resultado de três meses de poeira acumulada, ou mais? Nunca vi Harley em seu quarto, só o vi saindo dele uma vez quando passamos no corredor. Não consigo imaginá-lo nele agora. É muito pequeno, muito apertado. Isso é mais um depósito do que um lar.

Mas Harley era um artista, um verdadeiro artista, e seu depósito é mais precioso do que qualquer coisa que já vi num museu. Telas estão empilhadas contra a parede. Percorro uma fileira delas, todas de frente para o quarto. Uma não é nada mais do que respingos de tinta colorida e preta, um experimento fracassado, eu acho. Há outra carpa, o mesmo tipo de pintura que Harley fez para mim, mas esse parece mais um desenho animado e é menos realista, com cores mais claras, que seriam pastel, se não se chocassem de forma tão brilhante.

O último quadro está virado para a parede, mas mesmo antes de virá-lo, vejo os rasgos na tela, bordas irregulares de onde saem fios.

É um quadro de uma garota. Há um sorriso nos lábios, mas não em seus profundos e lacrimejantes olhos. Parece que ela acabou de sair de uma banheira ou piscina; seu cabelo está molhado, e gotas de água deixam manchas escuras pelo seu rosto.

Os cortes na tela foram feitos com raiva — eles são irregulares e desiguais. Alguém — Harley? — voltou atrás e tentou consertar a tela, mas ninguém seria capaz de consertar aquele rosto.

Kayleigh. Tem que ser. Meus dedos correm pela tinta espessa do cabelo dela. Essa é a garota que Harley perdeu; aquela que o fez perder a si mesmo.

De repente, eu me sinto como uma intrusa, violando o santuário de Harley. Não importa que ele tenha morrido: esse quarto ainda é *dele*, e sou uma intrusa aqui.

Vim por causa do quadro. Eu deveria pegá-lo e ir embora. Examino o quarto, procurando pelo quadro que me pertence. Lá, *lá*, sob a janela — o céu negro. Os pontos branco-prateados das estrelas. As carpas laranja-douradas nadando em volta de seu tornozelo. Harley.

Corro pelo quarto em direção à tela, e meu quadril derruba uma régua na extremidade da mesa, espalhando os papéis empilhados em cima dela. Fico de joelhos e tento recolher o maior número possível deles. Posso ver alguns esboços — uma garota nadando, uma garota flutuando, uma lagoa vazia cheia de peixes

com a barriga para cima — mas ao mesmo tempo em que quero ficar ali olhando, realmente olhando os desenhos, sinto que não deveria; que é proibido até mesmo tocá-los.

— O que você está fazendo aqui? — uma voz sussurra da porta, e todos os meus medos são confirmados. O fato de que é errado estar nesse quarto faz minha barriga se contrair.

Olho para cima. Victria aparece delineada pela luz do corredor. Ela entra no quarto, e um manto de sombras a cobre.

— Bem? Dada a impaciência raivosa em sua voz, posso ver que tudo o que aconteceu entre nós na biblioteca não conta. O que conta é que eu violei a santidade do quarto de um de seus poucos amigos.

Ela agarra um pequeno livro encadernado em couro com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. Não consigo entender essa garota — ela me odeia por eu ter contado a ela sobre o céu; ela ignora o fato de que eu a salvei de Luthor; ela me despreza por simplesmente estar no quarto de Harley.

— Você não deveria estar aqui — ela fala com desprezo.

— Eu sei... Eu...

Victria atravessa o quarto e tira os papéis de minha mão, segurando-os com tanta força que as folhas finas ficam amassadas e algumas se rasgam.

— Esses papéis não são seus!

Meus olhos se estreitam.

— Isso é — puxo a tela mais para perto de mim. — Ela é minha.

— Tanto faz — ela cautelosamente começa a pegar os desenhos espalhados de Harley. Estou sendo claramente dispensada.

Começo a sair, levando a tela comigo. Quando me viro para a porta, Victria está me ignorando. Ela recolocou os papéis sobre a mesa e os está alisando. Olho de relance para ver o desenho. Deve ser Elder, acho, mas ele parece mais velho, e há um sorriso em seus lábios de carvão que nunca vi na boca do verdadeiro Elder. É raro ver um desenho de Harley que não seja fiel.

Ela não me vê quando chego mais perto. Nunca tinha visto aquele olhar de saudade no rosto de Victria antes. Nunca o vi no rosto de ninguém — exceto quando Harley me contou sobre Kayleigh.

— Victria? — pergunto.

Ela pula, sua mão se movimentando de forma desordenada, jogando o desenho de Harley do outro lado da mesa.

— Você já tem seu quadro, agora vá embora!

Estudo seu rosto. Os olhos dela voltam-se mais uma vez para a mesa e o desenho, expondo o amor que vejo escondido ali.

Saio sem dizer outra palavra.

Só quando estou em meu quarto, mergulhando o pincel na espessa tinta branca é que percebo que o desenho não representava Elder, afinal. As rugas nos olhos, o sorriso nos lábios tortos — tinha de ser Órion.

Elder

Doc envia uma mensagem no com-wi quando estou saindo do Salão de Registros.

- Onde você está agora? — ele pergunta.
- Salão de Registros.
- Ótimo. Venha até a parede perto do jardim.
- Por quê?
- Não posso explicar. Simplesmente venha.
- Mas, eu queria falar...
- Falar com Amy? — ele pergunta, mastigando cada palavra.

Sim. Eu quero. Todas as explosões de Bartie e o quadro cortado me fizeram lembrar que Amy é uma das poucas pessoas nessa maldita nave que não espera que eu fracasse. *Tenho* que pedir desculpas — de novo — por chamá-la de aberração. Quero lhe dizer que não importa o que ela precise para se sentir segura em *Godspeed*, eu vou dar a ela. Quero lhe dizer que, se a única coisa que vai trazer de volta o sorriso aos olhos é acordar seus pais, talvez nós devamos fazê-lo. E mesmo que eu saiba que não posso realmente dizer-lhe isso, quero olhá-la nos olhos e ter certeza de que ela sabe que eu o faria, se eu pudesse.

Meu silêncio é suficiente para responder a Doc.

— Elder, esse é o seu trabalho. Você não pode decidir quando você é Eldest e quando não é. Você *sempre* é Eldest. Mesmo que você não queira usar o título. Ah. Aí está a repreensão que eu estava esperando.

Suspiro.

— Certo. Estou indo aí.

A aprendiz de Doc, Kit, me encontra no jardim. Doc não queria ter uma aprendiz, mas ele já chegou à idade em que vai precisar de uma substituição, e eu insisti. De todas as enfermeiras que se candidataram ao cargo, Kit foi a melhor. Não a melhor com a medicina — Doc constantemente reclama que ela é uma aluna lenta, mas é a melhor com as pessoas, e eu decidi que Doc precisa de alguém mais humano ao seu lado enquanto trabalha. Doc não ficou feliz com a minha decisão, mas aceitou-a.

— Obrigada — Kit diz. — Nós simplesmente não sabíamos o que fazer.

— O que está acontecendo? — pergunto, seguindo-a pelo caminho, além das hortênsias e da lagoa até a parede de metal atrás do jardim.

Doc se agacha no chão, sem se importar com a sujeira e as manchas de grama que devem estar entranhando-se em suas calças.

Uma mulher está ajoelhada em frente à parede. Ela se parece um pouco com algumas das imagens de pessoas orando em Terra-Sol — suas mãos pousadas sobre o solo, as palmas para cima, e seu corpo curvado para frente, o rosto apoiado na parede de metal.

— Ela não quer se levantar — Doc diz.

Eu me agacho ao lado dela.

— O que há de errado com ela?

Doc balança a cabeça.

— Ela apenas não quer se levantar.

Coloco minha mão nas costas da mulher. Ela não se mexe — não reconhece a minha presença. Minha mão desliza até seu ombro, e aplico uma leve pressão, a mais leve que posso, até que seu peso corporal se desloca para trás. Ela se inclina para trás, sentada em seus tornozelos.

Eu a conheço.

Tento conhecer todos a bordo da nave, mas não consigo. Há muitas pessoas, e não importa quanto eu tente, não consigo conhecer todos. Mas conheço essa mulher.

Seu nome é Evalee, e ela trabalha no distrito de armazenagem de comida na Cidade. Morei com a sua família quando era pequeno — não me lembro exatamente quando. Acho que ela não tomava Phydus quando eu morava com eles, mas, sem dúvida, começou a tomar depois, quando a visitei antes de mudar para o Nível do Guardião. Mesmo então, ela era gentil comigo. Ela colocou remédio na minha mão, quando eu a queimei aprendendo a enlatar vagem de feijão e ignorou meu choro, embora eu tivesse idade suficiente para saber que uma queimadura tão pequena não merecia lágrimas.

— Evie — digo. — Sou eu. Elder. O que está havendo?

Ela olha para mim, mas seus olhos estão tão mortos, como se ela ainda estivesse drogada. Mais mortos. Evie não se afasta enquanto ergue uma das mãos e arranha a parede à sua frente.

— Sem saída — ela sussurra.

Ela vira a cabeça, lentamente, para a parede. Como uma criança afundando em seu travesseiro, Evie repousa o rosto contra o metal. Suas unhas raspam lentamente a parede até embaixo, tão suavemente que mal consigo ouvi-las. Sua mão chega até a terra e relaxa, a palma para cima.

Doc nos observa com uma expressão sombria no rosto. Olho para ele.

— O que há de errado com ela?

A boca de Doc se aperta quando ele solta um longo suspiro pelo nariz, então ele fala.

— Ela é um dos meus pacientes com depressão. Desapareceu ontem; acho que estava apenas caminhando ao longo da parede até que ficou esgotada e acabou aqui.

Olho para os pés de Evie. Estão manchados de castanho avermelhado, até mesmo no peito do pé, e há linhas escuras de lama sob suas unhas.

— O que podemos fazer? — pergunto. Mas o que eu realmente quero saber é: será que todos os outros reagirão dessa forma quando descobrirem que a nave está parada? Sempre pensei que o pior que poderia acontecer seria uma rebelião, mas essa depressão que os deixa como mortos no seu interior me faz sentir como se eu também estivesse vazio. Seria melhor para nós destruir a nave em um acesso de cólera ou silenciosamente arranhar as paredes até simplesmente parar de respirar?

Doc olha para sua aprendiz. Kit coloca a mão no bolso do jaleco e tira um adesivo transdérmico verde-claro de dentro dele.

— Foi por isso que mandei uma mensagem para você — diz Doc enquanto Kit estende o adesivo para mim.

— Desenvolvi um novo adesivo transdérmico para os pacientes com depressão.

Viro-o em minha mão. Doc os produz ele mesmo, com a ajuda de alguns dos Transportadores no laboratório de pesquisa de bioquímica. Agulhas minúsculas aderem em um lado como limalhas de ferro presas em fita adesiva; quando você pressiona o adesivo contra a pele, as agulhas grudam em você e injetam medicamentos diretamente em seu sistema.

— Então, use-o — digo, entregando-o a Doc.

Doc pega o adesivo, segurando-o cuidadosamente.

— Eu preciso lhe perguntar... Eu queria que você visse por que é necessário, mas então eu preciso lhe perguntar... Fiz esses adesivos usando Phydus.

Olho fixamente para Doc. Phydus? Eu disse a ele para destruir todos os suprimentos da droga. É evidente que ele não fez isso — e ele não me teme o suficiente para mentir e dizer que destruiu.

Mas tem audácia suficiente para pedir minha permissão antes de utilizá-lo.

Kit mexe-se nervosamente atrás de nós. Mesmo Doc parece preocupado com minha reação à droga ilícita. Apenas Evie, com o rosto pressionado contra a parede de metal, seus pés lamacentos e calosos, não se importa.

— Use-o — digo, ficando em pé. Doc abre a embalagem do adesivo,

rasgando-a, e posso ouvir o suspiro de submissão de Evie enquanto a droga penetra em seu sistema.

Doc pede que ela fique em pé e o siga até o Hospital, e ela silenciosamente obedece.

Ando atrás deles. O vazio de Evie foi pior do que a irracionalidade que vi nos Alimentadores quando eles ainda estavam recebendo Phydus. Volto a pensar nos olhos sem vida, drogados por Phydus, de Amy — Doc disse que ela teve uma reação ruim à droga. Evie está tendo uma reação ruim à falta dela?

— Leve-a até uma das salas no quarto andar — Doc diz a Kit.

Lanço um olhar para Doc enquanto Kit leva Evie até o elevador.

— O quarto andar tem somente camas de pacientes comuns agora — Doc diz com firmeza.

Ele sabe o que estou pensando — sobre os Grisalhos, cinzas, e a forma clínica como Doc os matava sob as ordens de Eldest para abrir espaço para os mais jovens.

— Você quer que eu lhe dê meu relatório semanal agora, enquanto você está aqui? Podemos ir ao meu consultório.

Concordo com a cabeça e sigo-o em silêncio até o elevador. Quando chegamos ao terceiro andar, nós dois saímos, deixando Kit e Evie, que irão até o quarto andar. Doc leva-me a seu consultório. Paro em uma das portas — a de Amy. Quero virar à direita e ir até ela. Só quero lhe pedir desculpas repetidas vezes até que ela as aceite. Mas em vez disso, viro à esquerda e entro no consultório de Doc.

— O Hospital tem estado muito ocupado ultimamente — Doc diz. — Essa é a primeira vez que tenho a oportunidade de vir ao meu consultório em dois dias. Desculpe-me pela confusão.

Suspiro. O escritório parece imaculado, mas não impede Doc de imediatamente endireitar os papéis em sua mesa.

O Hospital tem estado mais ocupado que o habitual, no entanto. Contusões e cortes resultantes de lutas. Lesões causadas pelos equipamentos agrícolas, quando os operadores estavam distraídos em seu trabalho por devaneios sem sentido, o que nunca teria acontecido se eles ainda estivessem recebendo Phydus. Algumas pessoas apenas fazendo coisas estúpidas para mostrar quanto de audácia elas tinham. E alguns... Alguns casos bastante estranhos. Onde as pessoas se machucaram a si mesmas ou machucaram umas às outras, só porque de repente eles tinham a capacidade de sentir, e não importavam o que sentiam, contanto que sentissem algo.

Amy disse que seria capaz de identificar a rapidez com que os efeitos de Phydus se dissipariam nos Alimentadores pelo número extra de pessoas que

viriam ao Hospital a cada dia.

Meu estômago se contrai ao pensar em Amy. Ela está no final do corredor, provavelmente sentada em seu quarto, me odiando.

— Meu relatório — diz Doc, deslizando um disquete até o outro lado da mesa enquanto se senta.

Antes de olhar para ele, digo:

— Será que Evie vai ficar bem?

Doc acena.

— O adesivo de Phydus é como qualquer outro adesivo transdérmico... A única diferença é que as drogas injetadas dele são uma variação do Phydus. É forte o suficiente para agir rapidamente, mas também desenvolvi um antídoto, caso seja necessário.

Ainda estou hesitante sobre o uso Phydus sob qualquer forma, mas pelo menos há um antídoto. Deixo o assunto para ser discutido depois.

Por um momento, penso em dizer a Doc que sei sobre a nave, que estamos parados. Se Eldest soubesse, ele teria contado a Doc. Mas eu não sou Eldest, e Doc não é meu amigo. Em vez de falar, examino o relatório que Doc me entregou.

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DE SAÚDE DA NAVE

População anterior da nave: 2298

População atual da nave: 2296

Flutuações na população: -2

Jordy, fazendeiro: suicídio

Ellemae, Guardiã da Estufa: complicações em ferimentos externos

Doenças e lesões.

+3 infecções devido a ferimentos anteriores

+18 gastroenterites devido à preparação imprópria de alimento +6 acidentes de trabalho

+9 ferimentos autoinfligidos e violência

+43 problemas relacionados ao álcool (envenenamento, lesões etc.) +24 desnutrição

+63 superalimentação

Problemas psicológicos e de saúde

-1 depressão

+8 colecionismo^{2}

+6 hipocondria

+2 comportamento sexual pervertido

Anotações médicas

+2 gestações

Clico sobre as mortes e leio os nomes cuidadosamente, memorizando-os. Porque aqui está a simples verdade — se eu não tivesse eliminado o uso de Phydus na nave, pessoas como Jordy e Ellemae ainda estariam vivas. E embora eu pudesse dizer que uma vida mais curta com sentimentos é melhor do que uma vida mais longa sem eles, os mortos não podem me dar sua opinião.

Faço uma pausa nos casos de desnutrição e superalimentação. Alguns deles estão ligados com o colecionismo, tenho certeza. As pessoas têm medo de não ter alimento suficiente mais tarde, então estão poupando-os agora, em vez de comê-los. Ou estão comendo tanto quanto podem, antes que os suprimentos se esgotem.

Não posso deixar de pensar no aviso de Bartie. O caminho para uma revolução passa pelo estômago das pessoas.

Quando chego ao final do relatório, pergunto:

— Duas novas gestações?

Doc pega o disquete de volta e o lê, mesmo sabendo o que há nele.

— Oh, sim — ele diz. — Ambas viviam na Enfermaria e optaram por não participar da Temporada. Desde então, no entanto, decidiram procriar.

— Doc — digo, a curiosidade fazendo minha voz aumentar de tom. — Se quiséssemos aumentar a população da nave, então, a Temporada não seria muito eficaz, não é?

Doc desliga o disquete e o coloca sobre sua mesa, cutucando um lado até que ele fique alinhado com o tapete da mesa.

— Eu, ah, por que você diz isso?

Inclino-me para frente, sentado na borda da minha cadeira.

— Eu costumava pensar que a Temporada era exatamente como as coisas eram, da mesma forma como os animais entram no cio. Mas é bastante óbvio agora que a Temporada *não é* natural. E se for algo projetado por você e Eldest, e se ainda estivermos tentando restaurar nossa população dizimada pela Peste... Bem, a Temporada não faz sentido, não é? Uma Temporada de Acasalamento por geração? Isso *reduziria* a nossa população ao invés de restaurá-la.

Minha voz se extingue, mas Doc não responde imediatamente. Quanto mais eu falo, mais percebo quão certo estou. A Temporada é apenas um método maluco dos diabos para restaurar uma população.

— Bem, em algumas gerações, tivemos duas Temporadas — Doc diz defensivamente. — E nós a projetamos de tal modo que muitos casais têm nascimentos múltiplos.

Por um momento, olhamos um para o outro.

— Começou algumas gerações atrás — Doc diz, finalmente. Sua voz é sem expressão; é como se ele estivesse confessando um pecado para mim. — Imaginamos que seria melhor diminuir o crescimento da população. Estamos tendo problemas para produzir alimento suficiente do jeito que as coisas estão.

— O que acontece quando não conseguimos produzir alimentos suficientes? — pergunto.

Doc me olha em silêncio, e posso ver que ele está avaliando se deve ou não me contar. Com os Transportadores, posso exigir verdade e ter a certeza de que vão dá-la a mim. Mas com Doc, tenho que esperar e torcer. Doc era a favor do uso de Phydus estabelecido por Eldest e era a favor dos métodos de Órion — afinal, foi ele quem manteve Órion vivo quando Eldest ordenou sua morte. Mas acho que Doc ainda não resolveu se sou um substituto à altura para qualquer um dos dois.

Aparentemente, porém, sou confiável o suficiente para ter a verdade. Pelo menos nesse caso. Finalmente, ele diz: — Eldest tinha pensado nisso. Temos armazenado um suprimento de mais de 3000 adesivos transdérmicos pretos.

— Pretos? — pergunto. — Nunca vi um adesivo preto.

Doc acena com a cabeça secamente.

— Caso a nave não seja mais capaz de sustentar a vida, os adesivos pretos serão distribuídos à população da nave.

E agora entendo para que servem os adesivos pretos. Uma morte rápida ao invés de uma lenta.

Coloco o último quadro de Harley em pé na cama e me afasto para olhá-lo. Seus olhos sorridentes estão na mesma altura dos meus, mas não há o efeito Mona Lisa aqui — a ilusão de que ele está olhando para mim.

— Então — digo em voz alta para o Harley pintado — exatamente onde está essa pista que Órion diz que está aqui?

Hesito em tocar a tinta — não quero fazer nada para danificá-la. Em vez disso, examino o quadro detalhadamente à procura de alguma mensagem escondida de Órion.

Eu me perco na imagem — há o rosto de Harley, e as estrelas, e as pequenas carpas nadando ao redor de seu tornozelo. Há todas as lembranças. Como pode alguém que conheci por um tempo tão curto ter deixado tal impressão indelével em minha alma? Vê-lo desse jeito, tão feliz e livre, me faz lembrar de algo sobre Harley, aquela faísca, aquela alegria, aquele *algo* que me faz desejar que ele estivesse aqui agora.

Forço meus olhos a se desfocar, a olhar além da imagem e dentro na pintura. Mas não há nada lá.

Passo as mãos ao longo das laterais da tela cheias de respingos de tinta. Nada.

Então eu a viro.

Realmente, nunca havia olhado para a parte de trás do quadro. Mas agora que o faço, noto um esboço, fraco, quase invisível, feito com um pedaço de carvão ou lápis, ao que parece. Olho mais de perto, aproximo-me mais e, em seguida, ergo o quadro e coloco-o contra a luz.

Um pequeno animal — esse não é um esboço de Harley; seus quadros eram muito mais realistas. Essa criatura, que se parece com um desenho em quadrinhos, lembra um pouco um hamster, mas com orelhas enormes, exageradas... Um coelho. E, ao lado dele, um círculo... Ou, em vez disso, um círculo achatado mais parecido com um formato oval. No centro do círculo há um pequeno quadrado que se parece com um daqueles cartões de memória superfinos que mamãe usava em sua câmera fotográfica sofisticada. Está preso à tela com algo grudento, mas quando deslizo minha unha sob a borda do objeto,

ele prontamente se solta.

Seguro o objeto na ponta do dedo indicador. Plástico preto cobre uma fina faixa de metal dourado entretecida com fios prateados de circuitos. O que é isso? Parece tão familiar. Eu o viro, mas o outro lado é apenas plástico rígido.

E então eu o reconheço — *já* vi algo assim antes. Corro até minha mesa e pego a pequena tela que me mostrou o primeiro vídeo de Órion. Conectado a uma pequena porta no canto da tela há uma peça idêntica de plástico preto quadrado. A coisa na parte de trás da pintura de Harley é como um cartão de memória... Se eu pudesse descobrir como trocá-lo com o que já está lá.

Olho atrás da pintura outra vez, esperando por alguma outra pista. E ali, logo abaixo do desenho, estão palavras pequenas, quase ilegíveis.

Siga-me na toca do coelho.

— Cada vez mais e mais curioso^[3] — digo.

Elder leva cerca de 2,5 segundos para chegar ao meu quarto, depois que o chamo pelo com-wi.

— Qual o problema? — ele pergunta, derrapando ao entrar pela porta.

Rio da maneira como seus olhos rastreiam meu quarto, à procura de um dragão para matar, para salvar sua donzela em perigo.

— Como você chegou aqui tão rápido?

— Eu estava no consultório de Doc.

A risada desaparece. No silêncio, eu me lembro do que ele me chamou, de *aberração*, e a forma dos lábios de Elder quando pronunciou a palavra.

— Ouça, Amy, me desculpe.

Começo a abrir a boca, mas Elder continua.

— Sério. Não quis dizer aquilo. Realmente sinto muito.

— Sinto muito, também — digo, olhando para minhas mãos. É bobagem se fixar em uma palavra dita com raiva quando temos toda a nave em que pensar.

O silêncio se espalha entre nós, mas pelo menos ele não desvia os olhos de mim.

— Então — diz Elder, finalmente —, qual o problema?

— Nada de errado — digo. — Apenas... estranho. Encontrei isso.

Ofereço o pequeno chip preto que tirei da parte de trás do quadro de Harley e a tela que encontrei no *Inferno* de Dante.

— Um cartão de memória e uma tela de vídeo dedicado! — Elder diz, rindo. — Não vejo um desses há anos! Os disquetes praticamente os substituíram.

— Como se usa essa coisa de cartão de memória? — pergunto, oferecendo-o a ele.

— Um vídeo dedicado é apenas uma tela de membrana digital — diz Elder

enquanto gentilmente retira o cartão de memória original e o substitui pelo novo. O chip quadrado se encaixa na tela como se houvesse uma atração magnética entre eles.

— É como um disquete, mas você precisa ter um cartão de memória na parte de trás para fazê-los funcionar — ele coloca o cartão de memória velho na beira da minha mesa, então, em seguida, vira a tela de vídeo dedicado mais e desliza o dedo pela tela. Um quadrado brilhante aparece.

— Aqui, deixe-me ver — digo, tomando a tela de vídeo dele e pressionando meu polegar sobre ela. A caixa brilhante desvanece, substituída por um vídeo que começa a rodar automaticamente.

— Esse é... É o nível crio — eu sussurro. O ângulo faz com que pareçam ser imagens da câmera de segurança.

Elder balança a cabeça.

— Isso não é possível, as câmeras lá embaixo foram destruídas antes de Órion ter começado a...

Começado a desligar os outros congelados.

Por vários momentos, não acontece nada na tela. Estou quase perguntando a Elder se está pausado ou quebrado quando vejo um movimento no canto do vídeo.

Uma sombra, primeiro serpenteando pelo chão como uma mão com garras. E então...

— Sou eu — sussurra Elder.

Olho para ele, sem ter certeza do porquê de seu tom ser tão alto e preocupado.

— Vamos — Ah. Não vamos assistir a isso. Não acho que devemos assistir a isso.

Sua mão se move para parar o vídeo, mas eu a empurro para longe.

— Por quê? — exijo.

Elder morde o lábio, a preocupação estampada em seu rosto.

O Elder na tela rasteja para a frente. Não há som no vídeo, o que torna ainda mais estranho quando o Elder na tela para, como se tivesse ouvido algo. Depois de um momento, ele se vira para a porta quadrada que parece pertencer a um necrotério. Ele a abre e desliza a bandeja para fora.

E então não estou mais olhando para Elder. Estou olhando para mim.

Essa sou *eu*, congelada no gelo. Tão imóvel. Pareço estar morta. O horror enruga meus lábios. Isso é a minha carne, meu corpo. Nua. Lá está Elder, olhando para o meu corpo nu.

— Elder — eu grito, e dou um tapa, virando sua cabeça para cima.

— Não sabia que era você! — ele diz.

— Não sabia que você era um perverso — grito de volta.

— Sinto muito! — Elder desvia de mim.

O Elder na tela olha para cima, de repente, chamando a nossa atenção de volta para o vídeo. Mas depois de ouvir, a cabeça inclinada para o lado como um pássaro preocupado, o Elder na tela volta sua atenção para mim. Ele levanta uma mão — noto que ela está tremendo ligeiramente — e a coloca sobre a minha caixa de vidro, exatamente sobre o local onde meu coração está. Então ele dá um pulo — claramente assustado com um som qualquer que ouviu — e sai da visão da tela.

— Você simplesmente me deixou lá? — pergunto. Eu sabia que ele havia feito isso, ele já havia confessado — mas ver a cena dessa forma. Ver a mim mesma, deixada lá tão descuidada, impotente.

Elder parece abatido. Ele não olha para a tela; apenas me observa, com um olhar no rosto como se quisesse que eu gritasse, batesse nele e simplesmente acabasse com isso.

Mas não estou mais zangada... Pelo menos, não estou tão zangada quanto triste. E um pouco revoltada. Não sei como colocar em palavras aquele gosto amargo e nauseante, na parte de trás da língua, então não digo nada, simplesmente me volto para a tela.

Por vários minutos, nada acontece. Observo enquanto uma fina trilha de condensação vaza da borda de minha caixa de vidro e cai como pequenos pingos silenciosos no chão. Já estou derretendo.

De repente, não quero ver isso. Não quero me ver acordar. Não posso reviver o afogamento no líquido crio, engasgando com os tubos na garganta. Fecho meus olhos e viro o rosto, mesmo que ainda seja preciso mais, muito mais tempo para que eu derreta totalmente na tela. Mas então Elder suspira de surpresa, e meus olhos se voltam para a tela novamente.

Há outra sombra lá, maior e mais alta, arrastando-se lentamente em direção ao meu eu congelado. Um raio de luz ilumina o lado do seu pescoço, a parte em que uma teia de cicatrizes chega até atrás da orelha esquerda.

Órion.

A primeira coisa que ele faz é colocar-me de volta no congelador crio. Ele tranca a porta e se vira para sair.

Mas então ele para.

Olha fixamente por um longo momento ao lado oposto da tela, na mesma direção que Elder tomou ao sair, e bate os dedos na parte superior da câmara crio, pensando. Então, lentamente, deliberadamente, ele me puxa para fora da câmara. Ele olha para mim por um momento.

E então vai embora.

Órion me disse que teve a ideia de desconectar os congelados ao ver Elder me descongelar. E é isso aí. Esse é o momento em que ele percebeu quão fácil seria matar pessoas que não podem se defender.

Estática preenche a tela.

— É por isso que ele destruiu as câmeras no nível crio — diz Elder.

Essa é uma razão, de qualquer forma.

Elder coloca a tela de vídeo sobre a minha mesa e fica em pé. Seu cabelo cobre seu rosto, mas ainda posso ver seus olhos se virarem para mim. Esperando pela minha reação.

Mas não sei como responder. Não sei como me sinto sobre isso. Sobre a forma como Elder olhou para mim, sobre a forma como Órion não olhou. Meu cérebro não consegue processar.

— Amy?

A cabeça de Elder ergue-se de repente, o pânico em seus olhos. Não foi ele quem falou.

Nós dois corremos para a tela de vídeo sobre a mesa. A estática desapareceu. O rosto de Órion preenche a tela, tão perto que a câmera devia estar a poucos centímetros dele.

Antes que a tela fique preta, a voz de Órion é ouvida claramente.

— Amy? Você está pronta? Está pronta para conhecer a verdade?

Elder

A tela fica vazia. A última pergunta de Órion fica suspensa no ar, mas a imagem que Amy viu de mim, puxando-a para fora da câmara crio, enche seus olhos.

— Amy? sussurro, hesitante.

Ela passa a mão no rosto. Seus olhos estão vermelhos.

— Amy?

— Não importa — ela diz, a voz embargada no meio da frase. — O que está feito, está feito.

E é isso que me mata por dentro. Porque o que está feito foi feito por mim. Embora eu gostasse que Amy pudesse me ver do jeito que a vejo e me quisesse do jeito que a quero, ela nunca será capaz de esquecer a imagem que viu — eu, tirando sua caixa da câmara crio e indo embora. Não é de admirar que ela não queira ficar no Nível do Guardião comigo.

Queria socar quem fez Amy ver isso. Cerro os punhos involuntariamente. Não que eu seja assim tão brilhante, mas certamente não preciso de alguém *mostrando* a Amy que diabos de imbecil eu fui!

— Quem lhe deu isso? — exijo saber.

Seus olhos verdes claros encontram os meus, sua voz firme agora.

— Órion.

— *O quê?*

— Foi o Órion. Mais ou menos. Quero dizer, ele deixou o com-wi para mim. Tem uma inscrição nele, olha.

Ela estende o com-wi para mim.

— É de um livro. O livro me levou ao quadro, o quadro me levou a... Isso.

— Por que ele deixou mensagens para você? Que jogo é esse que ele está jogando?

Amy hesita, então me dá o cartão de memória que estava originalmente acoplado à tela de vídeo. Quando ela aperta o polegar na janela de identificação, o vídeo é reproduzido. A voz de Órion chama Amy de seu plano de contingência, busca sua ajuda para uma missão caso ele tenha falhado, e — não posso deixar de notar — parece que eu também estou falhando.

— Onde você conseguiu isso?

— Já disse — diz Amy. — Órion me deixou essas pistas.

— E você acha que, se você jogar o joguinho dele e resolver essas pistas, então...

O quê?

— Não sei — diz Amy. — Mas a maneira como ele continua a dizer que alguém de Terra-Sol precisa tomar a decisão me faz pensar...

Lembro-me da Primeira Oficial Transportadora Marae me contando sobre como Órion influenciou a decisão de reter informações sobre o motor inoperante da nave, e como Eldest tentou matar Órion logo depois. Se ele fez esses vídeos como uma maneira de espalhar as informações sobre o que descobriu e o que levou Eldest a tentar matá-lo, então realmente pode haver uma maneira de fazer *Godspeed* se mover novamente.

Isso é *muito* importante. Isso — talvez no final dessa busca maluca por pistas e códigos esteja a solução para o motor da nave! Nesse caso...

— Devemos acordá-lo — digo.

Amy olha para mim como se eu estivesse sugerindo que déssemos à nave mais uma Temporada.

— Nós *poderíamos* acordá-lo — insisto. — Forçá-lo a nos dizer o que sabe.

— Ele não merece ser acordado — Amy cospe as palavras com mais veemência do que eu esperava.

— Mas Amy...

— Além disso — acrescenta rapidamente —, não poderíamos confiar nele, mesmo se o acordássemos. Isso — ela cutuca com o dedo a tela de vídeo — pode ser a coisa mais próxima da verdade que jamais vamos conseguir dele.

Mordo o lábio inferior. Sei que ela não gostaria de saber o que penso sobre Órion. Que talvez ele estivesse parcialmente certo. Não em matar os outros, não certo nisso. Mas certo em atacar Eldest, em aprender o que podia sobre a nave e agir utilizando esse conhecimento. Isso exigiu coragem, e tenho um pouco de inveja dele por isso.

Estou contente por Amy não conseguir ler minha mente.

— Esse último vídeo não tinha pista alguma. Acho que precisamos encontrar a pista nisso aqui — Amy pega a tela do último quadro de Harley e a vira, mostrando-me o esboço do coelho e a frase Siga-me na toca do coelho.

— Você acha que ele escondeu algo nos campos onde ficam os coelhos? — pergunto, em dúvida.

Afinal de contas, os coelhos não escavam buracos, eles fazem ninhos — eles são maiores do que os coelhos nativos de Terra-Sol, mais próximos das

lebres.

— Sim, exatamente — ela diz. — Ou talvez ele esteja se referindo a outro livro.

Ah. Veja só. Não sou idiota. Amy realmente não acha que a pista está nos campos dos coelhos em absoluto — ela só está tentando me distrair. Ela provavelmente já sabe o livro que quer.

Mas se ela precisa de espaço, isso é o mínimo que posso dar a ela, mesmo que o espaço de que ela precisa se estenda entre nós como água de uma inundação.

Observo enquanto Amy silenciosamente se prepara para enfrentar as pessoas fora da segurança de seu quarto. Ela enrola uma longa tira de pano em torno dos cabelos e o torce, fazendo um coque baixo. Coloca o colar com a cruz dentro da túnica com uma das mãos, enquanto pega um casaco de mangas compridas com capuz com a outra.

Ela faz tudo isso num movimento rápido e fluido, como se tivesse feito isso muitas vezes antes. Odeio o jeito como esconder quem ela é tornou-se um hábito para ela.

Mas não digo a ela para não incomodar.

Realmente não nos falamos até estarmos no caminho que leva ao Salão de Registros.

— Tem certeza de que não quer que eu vá com você? — pergunto.

— Tenho certeza — ela diz, e não sei se a voz dela está baixa porque tem de encontrar seu caminho através das sombras sob seu capuz ou se é porque está escondendo seu medo. Seja o que for que ela não está me dizendo, porém, está determinada a encontrar sozinha.

Amy começa a descer o caminho em direção ao Salão de Registros, deixando-me para virar à esquerda, para procurar tocas de coelhos quando ambos sabemos que a próxima pista de Órion provavelmente está no livro no qual ela está pensando. Ela parece tão... Derrotada, com o capuz puxado para cima, os ombros curvados e os olhos no chão.

— Não — aumento o passo e em poucas passadas estou ao seu lado. Eu a agarro pelo cotovelo.

— Não? — ela pergunta.

— Sei que você ainda está com raiva de mim — começo.

— Não, na verdade, não...

— Está, e está tudo bem, eu mereço. E sei que você está tentando mostrar como você é forte, para provar que você não precisa de mim, mas não há razão para nos separarmos. Você está sendo teimosa. E ouça — minha voz falha e diminui de tom —, também sei que você não está me dizendo algo. E está tudo

bem; fique com seus segredos. Mas isso que você não está me dizendo assusta você, e não vou deixar que você fique assustada *e* sozinha. Então você vai ficar comigo, e eu vou ficar com você.

Amy abre a boca para protestar.

— Não há argumentos — digo.

E pela primeira vez em muito tempo, seu sorriso chega até os olhos.

Visitamos os campos dos coelhos primeiro, mesmo que eu tenha quase certeza de que Amy acha que vamos encontrar as respostas no Salão de Registros. Não falamos depois do meu desabafo, mas em algum lugar entre a soja e os amendoins, estabelecemos um tipo de silêncio mútuo amigável. Não é estranho ou esquisito ou qualquer coisa assim — estamos apenas passeando ao longo do caminho juntos.

O caminho se estreita pouco antes de chegarmos aos campos dos coelhos, e nos movimentamos na direção do centro, ao mesmo tempo. O dorso da minha mão roça a dela. Eu a puxo para longe muito rapidamente e a enfio no bolso, para me certificar de que não vou tocá-la novamente. Quando abaixo os olhos para Amy, para ver se ela percebeu, ela olha para mim ao mesmo tempo. Ela sorri, e eu sorrio, e ela esbarra em meu ombro, e eu esbarro no ombro dela, e nós dois rimos sem fazer ruído.

Em seguida, vemos um coelho saltando em nosso caminho.

— Que estranho — digo. — Como é que esse se soltou?

— A cerca foi destruída — Amy diz, apontando para onde o arame frágil foi arrancado de um poste e pisado, deixando uma abertura na cerca com largura suficiente para um homem passear.

— Você acha que alguma coisa aconteceu? — sussurra Amy.

Não respondo. Não é preciso. O corpo esparramado no meio do campo é resposta suficiente.

A granja de coelhos foi onde senti horror pela primeira vez. Não medo — já me assustei muitas vezes na vida, tanto nessa nave quanto na Terra. Mas não conhecia o horror até que olhei nos olhos da garota na granja dos coelhos e percebi que ela estava vazia por dentro.

Agora, quando Elder rola o corpo no campo para que possamos ver-lhe o rosto, posso ver que, mais uma vez, a garota na granja dos coelhos tem olhos vazios. Caio de joelhos ao lado dela. Elder coloca a mão no pescoço, ele está usando o com-wi para se comunicar com Doc e sua força policial, mas já é tarde demais. Muito tarde.

Minha mente toma conhecimento dos detalhes de uma forma desligada, embora a repulsa esteja borbulhando dentro de mim. Os braços da garota estão abertos, com profundos hematomas roxos nos pulsos. Marcas de dedos cercam sua garganta. A saia foi puxada para cima. Os olhos são grandes e olham sem piscar para o céu de metal. Um grande coelho encosta o focinho em seu pé descalço. As solas dos pés estão manchadas da grama, os joelhos, enlameados, como se ela tivesse corrido e caído mais de uma vez.

Gentilmente, puxo para baixo a barra da saia, de modo que ela fique na altura dos joelhos, quase cobrindo a lama, e então fecho suas pálpebras.

— Quem faria isso? — Elder pergunta.

Podemos fazer qualquer coisa que quisermos, Luthor disse.

Abro minha boca para falar, mas as palavras não saem. Tento forçá-las para fora, mas tudo que sai é um som quase inaudível de medo.

— O que aconteceu? — Doc pergunta enquanto corre para a frente através do campo.

Sua assistente, Kit, o acompanha.

Doc começa a examinar o corpo. Estou no caminho, eu sei, mas não consigo me mover até que Kit coloca a mão no meu cotovelo e me puxa para cima. Ela me leva para longe do corpo e me coloca contra as paredes, longe da morte.

— Aqui — ela diz, oferecendo-me alguma coisa. Um pequeno adesivo transdérmico verde.

— Não — digo automaticamente. Nunca confio em qualquer medicamento feito nessa nave.

— Isso vai acalmá-la — Kit insiste.

— Não.

Volto para o corpo. Elder e Doc estão ambos de joelhos ao lado da garota, falando em tons de urgência. Discutindo.

— Elder! — uma voz o chama do outro lado do campo. Vejo uma mulher Transportadora; alta e magra, com cabelos impecavelmente cortados, correndo na nossa direção.

Elder fica em pé.

— Marae, obrigado por ter vindo.

— Você me disse para vir — ela diz, simplesmente.

Os três se debruçam sobre o corpo sem olhar duas vezes para mim. Elder e Doc discutem uma autópsia, enquanto Marae digita num disquete rapidamente, os dedos dançando na tela. Kit segue as ordens de Doc para começar a preparação de uma sala de exames. Logo outras pessoas vêm — todos vestindo a roupa escura e bem passada que os Transportadores de alto escalão usam. Eles falam tanto com Elder quanto com Marae antes de sair para cumprir suas ordens — um vai reunir os coelhos que se soltaram, outro conserta a cerca, outro traz um carrinho elétrico e começa a carregar o corpo da garota.

Durante todo esse tempo, fico em pé num canto. Não posso evitar olhar para o rosto da garota e me lembrar de como ela uma vez chorou sem saber por quê.

Elder se move com eficiência rápida. Ele é a pessoa mais jovem em toda a nave, mais jovem mesmo do que eu quase um ano, mas cada vez que dá uma ordem, as pessoas correm para obedecer. Mesmo que eu tenha tido certeza de que Elder é o líder que *Godspeed* precisa, realmente nunca o vi assumir o comando. Não dessa maneira. E enquanto isso prova que ele pode liderar toda a nave, como eu sempre disse que podia, isso também me faz sentir ainda mais isolada. Não o conheço. Ou — eu o conheço, mas apenas um deles. Conheço o Elder que é gentil e quase como um cachorrinho em sua devoção, mas não conheço esse Elder que comanda pessoas mais velhas do que ele, que emite ordens que são imediatamente obedecidas. Esse Elder é completamente estranho para mim.

— Vou tentar recolher DNA tanto quanto eu puder durante a autópsia — Doc diz enquanto dois Transportadores levam o corpo para o carrinho elétrico.

Quero dizer acho que sei quem fez isso.

— Você acha que haverá o bastante para identificar o assassino? — Elder pergunta. — Vou lhe conceder acesso ao banco de dados do escâner biométrico.

Doc começa a seguir o carro.

— Pode haver algo sob as unhas que posso usar. Se não, acredito que encontraremos líquido seminal nesse caso. Pode levar alguns dias para processá-lo e compará-lo a todos os registros.

Quero dizer só a vi uma vez, mas sinto que a conhecia melhor do que qualquer um de vocês.

Quando Doc vai embora, Elder reúne os Transportadores.

— Shelby, veja se não há qualquer tipo de gravação em vídeo dessa área mostrando quando a garota foi atacada. Buck, eu gostaria que você rastreasse todos os Alimentadores na área e os interrogasse, talvez haja testemunhas do que aconteceu aqui.

Abro a boca. Quero dizer estou me despedaçando e preciso de alguém para me manter em um único pedaço.

Mas nenhum som sai da minha boca. Sinto as mãos em volta do meu pescoço, esmagando minha traqueia. Engulo em seco. Ele não está aqui. Não mais. Ele a matou e foi embora.

Tento falar novamente. Eu *deveria* falar, tenho que falar.

Mas não posso.

Em vez disso, corro.

Meu corpo se regozija na corrida — não corro há muito tempo. Tenho tido medo demais para fazer minhas corridas diárias, mas agora não estou correndo como se estivesse fazendo exercício.

Estou correndo como se a força do vento chicoteando meu corpo fosse suficiente para evitar que todos os pedaços de mim se despedacem.

Passando a cerca, pelo caminho, passando pelos campos de soja. Quando chego à estrada principal que liga o Salão de Registros ao Hospital, vou direto ao Salão. Não sei por quê. Eu deveria odiar este lugar. A última vez que vi Luthor foi aqui, no Salão de Registros. Mas tenho certeza, mais certeza do que qualquer outra coisa, de que a pista deixada por Órion para mim está aqui, e talvez, se eu puder encontrar essa pista, eu também possa encontrar algo para fazer as coisas ficarem bem novamente.

Ainda estou correndo quando entro no Salão, passando pelos grupos de pessoas reunidos perto dos disquetes de parede, e vou direto para a sala de ficção. Abro a porta com tanta força que ela bate na parede, e não paro até chegar à prateleira que contém o livro que estou procurando.

Tiro o livro pesado da prateleira, ofegante, num esforço para recuperar a respiração. Uma imagem está impressa na capa da frente. Uma menina, uma árvore e um gato sorridente. A capa está velha e rachada, a ilustração, desbotada. Meu coração se acelera enquanto carrego o livro para a mesa no meio da sala.

Caio sentada numa cadeira e deixo o livro cair sobre a mesa de metal com um barulho surdo. Posso imaginar o olhar de desdém de Elder quando deixo o livro cair sobre a superfície da mesa. Ele trata livros como tesouros, coisas raras, e creio que o são, mas meu pai costumava deixar orelhas nos livros e lê-los até que eles se desmanchassem, e gosto mais desse método.

Abro o livro e leio a página do título.

As Aventuras de Alice no País das Maravilhas

De Lewis Carroll

Edição de Colecionador

Annotations & Literary Criticism © 2002

Já vi este livro antes. Não este exatamente, mas uma cópia do mesmo. Foi leitura obrigatória para a aula de Literatura Avançada na escola, no Colorado.

Eu planejava ter essa matéria no último ano.

Saímos da Terra antes que eu tivesse chance de terminar o ensino médio.

Esses livros eram totalmente novos na escola. Agora, este está caindo aos pedaços por causa da idade, apesar de estar armazenado numa sala com temperatura controlada.

Fecho o livro de um estalo, e uma pequena nuvem de poeira sobe. Enquanto respiro o cheiro de mofo de páginas antigas e tinta seca, a coisa dentro de mim que eu tinha tentado manter inteira se quebra.

Deixo a cabeça pender sobre o livro, pressionando meu rosto contra a ilustração do sorriso perverso do Gato de Alice, e começo a chorar, em grandes soluços, que me sufocam. E penso sobre a última vez que sufoquei, com os tubos na garganta, enquanto emergia do gelo semiderretido, enquanto eu mesma derretia e depois, quando o braço de Luthor pressionou meu pescoço. E então tudo em que posso pensar é como a garota no campo dos coelhos também foi sufocada. E, repentinamente, não consigo encher os pulmões de ar, exatamente como ela não conseguiu.

Ela morreu, sozinha e com medo. Não estou morta, mas, ainda assim, estou sozinha e com medo.

Elder

— Encontrei — digo, abrindo a porta.

Amy está sentada no meio da galeria no segundo andar do Salão de Registros. Seus joelhos estão dobrados, encostados no queixo, com os braços em volta das pernas. Um livro grosso, antigo, encontra-se ao lado dela, aberto, mas ignorado. A sala de arte está cheia de esculturas e pinturas dos artistas da geração passada, empilhadas em um lado, e há fileiras de telas em pé no outro lado — principalmente de Harley, mas algumas de outros artistas. A arte não é exatamente respeitada aqui em *Godspeed*, e apesar de Órion ter feito uma tentativa de transformar a coleção numa galeria adequada, ele estava muito mais concentrado nos livros do que nos quadros.

— Como você me encontrou? — Amy pergunta enquanto me sento ao lado dela.

Puxo levemente o com-wi em torno de seu pulso.

— Eles têm localizadores, sabia?

Ela balança a cabeça em silêncio. Sua cabeça pousa no meu ombro, seu longo cabelo vermelho derramando-se no meu braço.

— Sinto muito que você tenha visto aquilo — digo.

— Apenas sinto que tenha acontecido. Você... — Amy não olha para mim quando diz isso. — Você sabe quem fez isso?

— Temos alguns suspeitos. A Segunda Oficial Transportadora Shelby disse que viu um Alimentador gritando ontem no Salão de Registros. Algo sobre fazer qualquer coisa que ele quisesse...

Eu a observo de perto. Shelby também disse que a pessoa com quem o Alimentador estava gritando era Amy. Ela não dá nenhuma indicação disso agora, embora eu possa ver o segredo velado em seus olhos, tentando rasgar seu caminho até a saída.

— Por que você correu? — pergunto suavemente.

A última vez em que a vi ela era um borrão de roupa marrom. Não gosto da ideia de Amy correndo sozinha, mas não podia abandonar a investigação, não na frente dos Transportadores, e não antes de saber que eles tinham tudo de que precisavam para encontrar o assassino. Segui a localização de Amy em seu com-

wi até poder escapar.

— Pensei em ir em frente e começar a trabalhar na pista que Órion me deixou — ela diz, a voz embargada.

— Encontrou alguma coisa? — pergunto, fingindo não perceber que ela esteve chorando. A morte da garota no campo dos coelhos parece tê-la afetado mais do que aqueles que nasceram na nave.

Amy joga o livro para mim. Estremeço com a ideia de um livro — um livro de Terra-Sol! — ser jogado pelo chão, mas vou buscá-lo silenciosamente. Leio o título e folheio algumas páginas.

— Por que haveria uma pista aqui?

— Alice segue um coelho em uma toca — ela diz, virando as páginas na minha mão até um capítulo perto do início. De alguma forma, ela evita tocar-me, da mesma forma como está se afastando do contato com meus olhos. — Pensei que encaixava. Mas acho que não.

Olho para a ilustração que acompanha o capítulo: uma menina de vestido com saia bufante, olhando curiosamente para um buraco ao pé de uma árvore.

— Por que você veio até a galeria? — pergunto, fechando o livro e colocando-o suavemente ao meu lado.

— Ninguém mais vem aqui — ela diz em voz baixa. — Eu não queria ficar na sala de ficção, e achei que ninguém iria me encontrar aqui.

Me pergunto se ela inclui a mim como ninguém.

Amy torce o com-wi em volta do pulso. Sua pele está rosada ali. Quero estender a mão e impedi-la de fazer isso. Em vez disso, viro o livro na mão. Não consigo entender Amy, mas talvez, se conseguir descobrir a pista, eu consiga tirá-la do lugar em sua mente onde ela se refugiou.

— Ah — digo.

Amy desvia sua atenção para mim.

— O quê? Ah, o quê?

Levanto a parte de trás do livro para ela.

— Outras obras de Lewis Carroll — leio em voz alta. — *Alice Através do Espelho*.

— E? — Amy me observa com curiosidade.

— A primeira pista estava na parte de trás de um quadro, não é? — pergunto. Amy faz movimento com a mão para que eu vá em frente. — Bem, talvez a segunda pista também esteja.

— *Alice Através do Espelho* é um livro — diz Amy. — Não um quadro.

Em vez de discutir, fico em pé e vou até uma pilha de quadros. Harley pintou tantos, e a galeria é tão pequena que nem todos estão pendurados nas paredes. Percorro as telas rapidamente — sei exatamente o que estou

procurando.

— Harley fez um quadro logo depois que sua namorada, Kayleigh, cometeu suicídio. Eu me lembro de quando ele terminou; Órion disse que era a sua maior obra.

Amy me olha com desconfiança.

— Qual o problema?

— Você realmente acha que ele iria usar outro quadro para a próxima pista?

— ela pergunta.

— Talvez? — dou de ombros, ainda examinando as telas. — Ele deixou as pistas especificamente para você, mas vamos ser honestos; ele não conhecia você há muito tempo. Acho que ele viu quão próxima você ficou de Harley naquele curto período de tempo e percebeu que a melhor maneira de deixar essas pistas era através de seus quadros.

Amy não percebe a amargura em minha voz; mesmo Órion percebeu que ela era mais próxima de Harley do que eu.

— Então, onde está esse quadro? — Amy pergunta.

— Não sei. Ele costumava ficar na parede.

— Onde? — Amy pergunta. Ela vai até o centro da sala, examinando a única parede que não está decorada com peças de arte.

— Lá, na verdade — digo. Vou até o final da primeira fileira dos quadros de Harley e começo a olhar através da segunda. — De qualquer forma, Órion disse a Harley que todos os quadros bons têm títulos. Harley disse que não achava que seus quadros precisavam de nomes, mas Órion deu muita importância a isso e chamou o quadro de...

— *Alice através do Espelho* — diz Amy.

— Sim — olho para ela. Ela está curvada, em frente à parede branca, lendo uma placa minúscula.

— *Alice através do Espelho*, pintura a óleo, por Harley, Alimentador — ela diz. E se volta para mim. — Mas onde está? Há um gancho aqui para o quadro, mas não o quadro.

— Não está aqui, também — digo, empurrando a pilha de quadros para o lado.

— Esse deve ter sido um quadro importante; é o único que tem placa.

Amy está certa. O resto da sala está bagunçado, mas essa parede branca é diferente, claramente especial. Ela obviamente foi planejada para ser o centro das atenções, mesmo que não haja mais nada para chamar a atenção.

— Órion dá nome ao quadro, pendura-o no centro da sala, preocupa-se em fazer uma placa que mostra o título do quadro; essa tem que ser a próxima pista

que ele queria que encontrássemos — os olhos verdes dela buscam os meus, como se ela pudesse ver a arte de Harley neles.

Ando para perto de Amy, olhando para a parede vazia.

— Mas onde está o quadro?

Amy

— Quem o levaria? — pergunto. — Alguém próximo a Harley?

— Ele não tinha muitos amigos. Eu, Bartie, Victria.

— Um deles?

Elder balança a cabeça. Acredito nele — Bartie é sério demais para pensar em roubar um quadro, e embora Victria não tenha escrúpulo algum, ela teria escolhido um quadro de Órion, não de Kayleigh, a julgar pelo esboço que roubou da sala de Harley.

— E eu sei que Doc não faria isso.

Eu bufo. Não, Doc não faria isso.

— A menos...

— Sim? — pergunto.

— Os pais de Harley podem ter pegado o quadro...

Por alguma razão, isso me surpreende. Eu realmente nunca pensei que Harley tivesse pais. Ele era... Sozinho. E embora eu saiba que as pessoas que vivem na Enfermaria foram separadas do resto dos Alimentadores de propósito, simplesmente não me ocorreu que havia alguma coisa de Harley fora do Hospital e das estrelas.

— Vamos lá — diz Elder. — Vamos tentar.

Durante todo o tempo que passei em *Godspeed*, acho que nunca realmente andei pela nave toda. Já corri por ela algumas dúzias de vezes — ou, pelo menos, corri, antes da distribuição de Phydus ser interrompida —, mas nunca andei por ela.

Começamos pelo mesmo caminho que tomamos para chegar aos campos dos coelhos. Quando chegamos à bifurcação na estrada, viramos à esquerda em vez de continuar em direção aos campos. Olho para trás — a cerca foi consertada, e a área se encontra de certa forma como se nada tivesse acontecido. Posso ver um casal de coelhos preguiçosamente saltitando, farejando o chão, onde sua proprietária estava morta poucas horas antes.

— Conte-me sobre o quadro — digo, tentando desesperadamente substituir a imagem em minha mente da morte da menina dos coelhos por qualquer outra coisa.

— É muito bom — diz Elder. — Mas, não sei... É estranho, acho. Normalmente, Harley pinta coisas da vida real, mas esse é... Diferente. É uma imagem de Kayleigh imediatamente depois de sua morte.

De alguma forma, não me surpreende que o quadro que Harley fez em memória da morte de Kayleigh seja estranho — afinal, o único outro quadro surreal que ele pintou foi de si mesmo.

— A morte dela surpreendeu a todos nós. De todos nós, eu sempre pensei que seria Harley...

— Você pensou que Harley se mataria? — pergunto.

— Ele tentou algumas vezes. Uma vez antes de Kayleigh. Duas vezes depois. Três vezes depois — ele acrescenta.

Ele havia esquecido a terceira tentativa, a que realmente funcionou.

— Logo depois que Kayleigh morreu — diz Elder —, Harley começou a pintar esse quadro. Quer dizer, *imediatamente* depois que ela morreu; ele começou a montar a tela no mesmo dia em que encontramos o corpo, pintou durante a noite. Finalmente, Doc o medicou com um adesivo transdérmico. Quando ele adormeceu, tirei o pincel molhado de sua mão. As pontas dos dedos estavam amassadas devido à forma como ele segurava o pincel — a voz de Elder parece distante.

Pintinhos amarelos recém-saídos do ovo piam quando passamos por eles. A luz solar é brilhante e está exatamente acima de nós, fazendo com que nossas sombras desapareçam na estrada empoeirada. A Cidade está longe o bastante de nós, de forma que não podemos ver os rostos das pessoas, embora as vejamos caminhando por ela, e o Salão de Registros e o Hospital estão distantes o suficiente para que eu não sinta os olhares penetrantes. Abaixo o capuz do casaco e desenrolo o pano que envolve meu cabelo, apreciando o ar fresco em meu couro cabeludo.

Aqui, nessa pequena parte da nave, sem ninguém ao meu lado a não ser Elder, não sinto medo.

Elder caminha pela estrada, os olhos baixos e o rosto preocupado. Sei como o silêncio e os segredos podem corroer você por dentro.

Toco seu cotovelo, e ele para, surpreso.

— Conte-me como ela morreu — digo.

Elder

Eu tinha treze anos e ainda morava no Hospital. A nave ia pousar em 53 anos e 147 dias, e, naquela época, eu seria aquele que levaria todos em *Godspeed* para o novo mundo. Eu tinha ficado no Hospital tempo suficiente para saber que Harley era meu melhor amigo, que Doc era basicamente um cara legal, e que não iria demorar muito tempo até que eu — finalmente — iniciasse minha formação como Elder.

A vida era boa.

Naquela época.

Harley havia me desafiado a escalar a estátua do Eldest da época da Peste, que ficava nos jardins do Hospital. Eu não havia passado do pedestal, mas ele estava pendurado no benevolente braço esquerdo do Eldest da época da Peste, olhando para baixo, para o caminho que levava à lagoa perto da parede posterior da nave.

— Algo grande está flutuando na água — disse Harley. Ele balançou o corpo e saltou, pousando com um som surdo na lama composta falsa ao meu lado. Ele havia deixado uma mancha de tinta de roxa no cotovelo do Eldest da época da Peste. — Vamos ver.

Harley era mais alto que eu e caminhava com passos mais largos. Mesmo assim, fiquei tentado a desafiá-lo para uma corrida. Mas ele também era quatro anos mais velho do que eu, e correr era coisa de criança.

— Vamos correr — Harley disse, chutando a lama ao sair correndo. Ele olhou por cima do ombro, riu, e quase tropeçou num pé de hortênsia que florescia, derramando-se no caminho. Pequenas pétalas azuis voaram, passando por meus tornozelos antes de pousar no chão.

Eu tinha quase alcançado Harley, ia estender a mão para agarrar sua camisa, puxá-lo para trás e tirá-lo fora do curso para que eu pudesse passar por ele — quando ele parou, como se estivesse paralisado.

Harley estendeu os braços para fora. Ele me atingiu no peito, dolorosamente me abraçando e me obrigando a parar.

— O que diabos foi isso? — engasguei, curvado.

Harley não disse nada.

O rosto estava suado da corrida, mas por baixo do suor ele estava pálido, o que lhe dava um brilho doentio. Afastei-me de Harley e olhei para a lagoa.

Soube imediatamente que a garota com o rosto para baixo flutuando na água parada estava morta. Seu cabelo estava puxado sobre a cabeça, os fios longos e escuros dele afundando abaixo da superfície, como se fossem âncoras sendo arrastadas ao longo do fundo lodoso da lagoa. Os braços relaxados jaziam de ambos os lados, as palmas para baixo, e enquanto eu a observava, eles lentamente desapareceram sob as profundezas.

Havia algo de familiar nela — algo familiar...

Ao longo de toda a orla de sua túnica havia pequenos pontos brancos.

Quase como as pequenas flores brancas que Harley havia pintado para sua namorada, Kayleigh. As que ele pintou em sua túnica favorita na noite em que passou oito horas seguidas cobrindo as paredes de seu quarto com hera e flores.

As flores de Kayleigh.

A túnica de Kayleigh.

Kayleigh.

Harley fez um ruído inumano e se lançou em direção à beira da água, deixando uma cicatriz vermelho-acastanhada na terra com a força de sua pisada. Espalhou a água para fora com os braços quando se atirou na lagoa, como se pudesse remover tudo o que via diante de si.

A água não queria desistir dela. A cabeça afundou mais ainda.

Harley mergulhou e pegou Kayleigh pelo pulso. Ele a virou na água e estapeou seu rosto como se quisesse acordá-la, mas sua cabeça só balançava suavemente. Ele nadou um pouco, em seguida, puxou o corpo para a frente, depois nadou um pouco mais, então puxou novamente. Ela flutuava de bom grado ao seu lado, seus braços e pernas dançando como um boneco de madeira quando todas as suas cordas são puxadas de uma vez.

Harley escorregou, apoiando-se em um joelho, então conseguiu ficar em pé no fundo molhado da lagoa e se arrastou na lama espessa. Com um arranco final e poderoso, jogou o corpo de Kayleigh para a margem e caiu ao lado dele.

Um fio de água barrenta correu do canto esquerdo da boca de Kayleigh exatamente onde ela costumava contorcer os lábios num sorriso amistoso. A lama correu pela lateral do rosto dela, juntando-se na borda de sua bochecha e caindo sem cerimônia no chão abaixo dela.

Harley estava gritando e soluçando alguma coisa, mas eu não conseguia entender as palavras.

Tudo que eu podia fazer era ficar ali, uma testemunha, a minha boca levemente aberta.

Como a boca de Kayleigh.

Sua perna esquerda estava torcida para trás, o tornozelo sob suas nádegas e o joelho projetado para frente em ângulo agudo. Um braço estava jogado em cima da barriga, o outro, esticado como se estivesse apontando o caminho para o Hospital. De repente, tornou-se muito importante para Harley posicionar seu corpo de forma correta. Ele ajeitou a perna e alisou suas calças para baixo.

Colocou os braços estendidos ao lado do corpo e esfregou o polegar sobre a palma da mão direita, como costumava fazer quando pensava que ninguém estava olhando, pouco antes de se inclinar para dar-lhe um beijo, e eles se esqueciam de tudo, menos do seu amor.

— Harley — eu disse, quebrando o feitiço. Dei um passo para frente, esmagando a lama na margem. Ajoelhei-me e senti a água morna encharcar minhas calças; estendi a mão, em direção a ele ou Kayleigh, não tenho certeza.

— Não a toque! — Harley rosnou.

Não me movi rápido o bastante. Harley avançou para mim e atingiu meu queixo com toda a força do punho. Meus dentes morderam minha língua, e senti gosto de sangue. Deixei-me cair na lama e me encolhi atrás dos braços.

Quando me atrevi a olhar novamente, Harley estava olhando para cima. Uma de suas mãos ainda segurava a dela, o polegar passando metodicamente sobre a palma fria e sem vida, para trás e para frente, para trás e para frente.

— Por que ela me deixou? — ele sussurrou para o céu de metal pintado acima de nós.

Porque não foi um acidente.

Não poderia ter sido um acidente.

Kayleigh amava a lagoa. Gostava de nadar com as carpas. Ela mergulhava com punhados de ração no punho fechado e abria os dedos debaixo da água para que os peixes tímidos dançassem até ela para morder suas mãos. Ela conseguia segurar a respiração por mais tempo do que qualquer pessoa que eu conhecia. Ninguém conseguia pegá-la quando ela nadava, nem mesmo Harley, que sempre tentava.

Kayleigh não podia ter morrido por acidente. Não na água.

Olhei para o que restava dela.

Adesivos amarelos claros forravam o interior de ambos os braços. Os adesivos de Doc — aqueles que faziam você adormecer. Isso — foi isso que a matou. Não um acidente. Uma escolha. Kayleigh deitara numa cama de água e se certificara de que nunca mais iria acordar. Suicídio. Sabíamos que deveria ter sido suicídio. Ela estivera falando sobre quanto odiava estar presa nessa nave, durante semanas. Meses. Somente pequenas coisas, um comentário aqui, uma observação sarcástica lá. Não notamos nada. Não até que...

Meus olhos desviaram do corpo para a água, que se movia gentilmente,

quase parada, atrás da menina. Olhei mais longe, além dos juncos e flores de lótus na outra margem, meus olhos passando pela grama verde brilhante e nova.

Até que esta se chocava contra uma parede de metal.

Uma dura, fria, implacável parede de metal, cravejada de rebites, manchada de graxa pelo tempo. Meus olhos acompanharam uma junção na parede até a parte de cima desta, curvando-se mais acima, até se encontrar com a brilhante lâmpada solar no centro do teto. Acima disso, eu sabia, ficava o Nível dos Transportadores, e acima dele, o Nível do Guardião.

E, além dele — além de toneladas e toneladas de metal impenetrável — ficava um céu que eu nunca tinha visto.

Um céu que Kayleigh nunca tinha visto. E ela não podia viver sem o céu.

Elder termina sua história quando entramos na Cidade. Quero dizer algo para consolá-lo, mas essa é uma lembrança de algo que aconteceu anos atrás, e não há nada realmente a dizer, de qualquer maneira.

Nunca estive tão longe na Cidade antes. O Nível dos Alimentadores parece diferente agora, no meio do dia, embora não haja muita diferença na luz solar entre a manhã, quando eu costumava correr, e o dia — esse sol falso não se move através do céu, não pinta o horizonte de rosa, laranja e azul.

A Cidade é maior do que parece quando vista do outro lado do Nível dos Alimentadores. Quando olho para a Cidade do Hospital ou do Salão de Registros, ela parece feita de peças de Lego. Os prédios são caixas coloridas empilhadas umas em cima das outras, e as pessoas são quase pequenas demais para serem vistas.

Mas aqui é diferente. As ruas estão lotadas. Homens — e algumas mulheres — puxam carroças, correndo pelas ruas pavimentadas e puxando suas cargas atrás de si como se não fossem pesadas. Vegetais, carne, caixas, fardos de pano — todos correm de uma rua para outra. O barulho é mais alto do que eu esperava. Pessoas chamam umas às outras do outro lado da rua, e um casal na esquina está gritando um com o outro, sacudindo os braços. Sinto cheiro de fumaça e estou preocupada que algo ruim tenha acontecido, mas não — a fumaça vem de uma grelha ao ar livre.

A Cidade em si parece mais caótica, também. Há tantas *pessoas*. E, pela primeira vez, eu realmente penso nelas como indivíduos, cada um com sua própria história. Tento imaginar suas vidas. O homem por trás da janela, batendo com seu cutelo em uma pilha de costelas. Ele está entediado ou escondendo sua raiva por trás do brutal ataque à carne? A garota encostada no edifício, suando e abanando-se — o que a fez querer deixar o conforto de sua casa para ficar ali? O que ela está esperando?

E o que todos farão quando descobrirem a verdade? Quanto da Cidade será destruído quando eles descobrirem, e inevitavelmente irão descobrir, que *Godspeed* não está nem mesmo se movendo?

Embora eu mantenha minha cabeça abaixada, preocupada com essas

peessoas que poderiam repentinamente me atacar, Elder cumprimenta todos com um sorriso. Ele parece conhecer todo mundo, e eles sorriem de volta.

Seus sorrisos desaparecem quando os olhos deslizam para mim, entretanto. Eles sibilam “aberração” tão suavemente que Elder não percebe. Cuidadosamente, puxo o capuz por cima do cabelo, certificando-me de que esteja totalmente escondido sob ele.

— A família de Harley vive no distrito dos tecelões — diz Elder, levando-me pela rua. — Fica no meio da Cidade.

Cada bloco recebe o nome da atividade que as pessoas fazem. Devemos estar no distrito da carne — há um aroma persistente de sangue no ar, misturado com um traço de gordura rançosa. Moscas zumbem nas janelas e pousam preguiçosamente sobre as postas de carne à espera de ser processadas.

— Você pode esperar aqui um momento? — Elder pergunta. — Estou vendo algo que devo resolver.

Concordo com a cabeça, e ele entra no açougue da esquina. Chego mais perto para ouvir. Dois homens, ambos da geração mais velha, estão trabalhando, embora haja cinco estações de trabalho no prédio.

Um dos homens olha para cima quando Elder entra. Ele cutuca o companheiro.

— Oh, hã, oi, Eldest — ele diz a Elder, limpando as mãos sujas de sangue no avental sujo que veste.

Elder não se dá ao trabalho de dizer ao homem que prefere ser chamado de Elder.

— Onde estão seus outros trabalhadores?

Os homens olham nervosamente um para o outro. O primeiro se volta para a vaca que está desmembrando, cortando um osso da perna com uma serra. O outro homem está em seu balcão, sem saber o que fazer.

— Eles, bem... Eles não vieram hoje.

— Por que não?

O homem encolhe os ombros.

— Dissemos a eles ontem que precisaríamos de ajuda, que Bronsen estava trazendo pelo menos três cabeças, mas...

— Mas eles não vieram.

O homem acena com a cabeça.

— Por que vocês não fizeram algo sobre isso?

O homem continua enxugando as mãos no avental, mas elas estão tão limpas quanto possível, sendo esfregadas contra aquela coisa suja.

— É... É, ah... Não é nossa obrigação fazer isso.

— Não é sua obrigação fazer o quê?

— Dizer aos outros para vir trabalhar.

Elder contrai a mandíbula. Ele sai, deixando a campainha da porta fazer sua despedida.

Corre pela rua, e sua carranca afasta quaisquer outras saudações daqueles que passam por nós.

— Eldest nunca teve esse tipo de problema — ele rosna para mim num tom de voz baixo. — As pessoas simplesmente não querem trabalhar. Preguiçosas. Ele *nunca* teve de lidar com isso. As pessoas o obedeciam e não ousavam faltar ao trabalho. Eldest se certificava de que tudo nessa nave corresse bem.

— Eldest não fazia isso — digo. Minhas palavras surpreendem Elder o suficiente para fazê-lo parar. — Ele não fazia — insisto. — Phydus fazia.

Elder sorri, e um pouco de sua raiva se dissipa. Passamos por um grupo de fiandeiros sentados na calçada, conversando felizes uns com os outros, enquanto os fios deslizam sob seus dedos. No quarteirão seguinte, entretanto, os edifícios que abrigam os teares estão escuros e silenciosos, sem tecelões à vista. Elder faz uma carranca enquanto me leva até uma escada de metal localizada ao lado de trailers pintados de cores brilhantes, amontoados no topo da área de trabalho.

— O amarelo — Elder diz, apontando para um trailer três lances acima. — É onde Harley costumava morar.

Sigo os passos de Elder escada acima. Quanto mais alto subimos, mais manchas de tinta vemos espalhadas no corrimão e nos degraus. Mesmo aqui, Harley deixou sua marca. Elder hesita antes de bater, seu punho posicionado sobre uma mancha de tinta seca azul-claro.

Sem resposta.

Ele bate novamente.

— Talvez eles não estejam aqui? — pergunto. — É o meio do dia.

Quando ninguém responde à terceira batida, Elder empurra a porta e a abre.

Está escuro lá dentro, e há um cheiro azedo no ar. Ainda há vestígios de Harley aqui — o interior está pintado de branco com espirais amarelas na parte superior. Há uma mesa no centro da sala, mas todas as cadeiras, com exceção de uma, foram empilhadas no canto, e a parte superior da mesa está cheia de pedaços de pano, tesouras e garrafas pequenas de corantes coloridos — os equipamentos de um tecelão.

— Olá? — Amy chama. — Acho que há alguém lá atrás — ela acrescenta, apontando com a cabeça para o pano que cobre a porta que leva à parte de trás do trailer.

Passo à frente dela e puxo a cortina para o lado. Esta sala é ainda mais escura e cheira a almíscar e suor. É o quarto principal — além desta sala, há outra porta fechada com uma cortina que leva, eu sei, a um banheiro e um quarto menor.

Enrolada numa bola apertada no centro do leito está a mãe de Harley, Lil. Seu cabelo está bagunçado, mas ela está totalmente vestida, embora as roupas estejam manchadas.

— O que você está fazendo aqui? — Lil pergunta, sua voz calma e derrotada.

— Onde está — eu me esforço para lembrar o nome do pai de Harley. — Onde está Stevy?

Lil encolhe os ombros sem se levantar.

Amy move-se para frente, hesita, e então senta-se na beira da cama.

— Está tudo bem? — ela estende a mão para Lil, mas esta, assustada pela cor clara da pele de Amy, se encolhe de volta. A mão de Amy cai no colo. Depois de um momento, ela volta e fica atrás de mim.

— Onde está Stevy? — pergunto novamente.

— Saiu.

— Quando volta?

Lil encolhe novamente os ombros.

De sob as cobertas, ouço seu estômago roncar.

— Vamos pegar algo para você comer — digo. Dou um passo à frente,

estendendo a mão em direção à dela. Embora Lil não recue diante de mim, ela não responde à minha oferta, tampouco.

— Não adianta — ela diz. — Não há comida.

— Não há comida? — pergunto. Instintivamente, olho para a porta fechada pela cortina; o distribuidor de alimentos na parede fica na sala principal do *trailer*. — Está quebrado? Vou pedir à manutenção que venha e veja o que há de errado com ele.

— Não adianta — ela diz em voz baixa. Eu a ignoro e uso o com-wi para chamar o Nível dos Transportadores, solicitando que mandem alguém assim que for possível.

Quando termino a ligação, volto a atenção novamente para Lil.

— Qual o problema? — pergunto. — Por que você não está trabalhando? Você quer que eu ligue para Doc?

Ela olha para o teto.

— Não consigo trabalhar. Os corantes me lembram dele. As cores. Cores em toda a parte.

— Lil — digo, fazendo uma nota mental para falar com Doc depois —, você pegou algum dos quadros de Harley do Salão de Registros?

Então, ela se senta.

— Não!

Mas seus olhos se voltam para a cortina.

Ela percebe meu olhar naquela direção.

— Eles são meus. Ele é meu filho. Ele era meu filho. É tudo que me resta dele.

— Nós só queremos olhar — Amy diz em voz baixa atrás de mim.

Lil cai novamente em seu travesseiro.

— De que adianta? Ele não vai voltar. Nenhum dos dois vai voltar.

Ela não olha para cima novamente, quando Amy e eu damos a volta em torno da cama até a cortina na parede posterior. Eu a levanto, e Amy me segue até o quarto.

Um banheiro. O vaso está sujo, e a pia está manchada. Nós nos movemos rapidamente para o lado, onde outra cortina bloqueia uma porta.

Este é o quarto de Harley — ou, pelo menos, era, até que ele se mudou para a Enfermaria. Há vestígios do que o quarto costumava ser — um colchão estreito contra uma parede, uma mesinha pequena que ainda tem um relógio — mas, claramente, nos anos desde que ele os deixou, a sala tornou-se uma espécie de espaço de armazenamento para sua família. Eu manobro pelas caixas até ver o que viemos procurar: o quadro de Harley, *Alice através do Espelho*.

— É lindo — Amy suspira. Acho que ela está certa, mas quando o vejo,

simplesmente me lembro da maneira como realmente aconteceu, e não a forma como Harley o pintou.

O quadro é vividamente brilhante, apesar de tudo na minha memória ser escuro: a água, a lama, os olhos. Cinco figuras repousam na parte superior do quadro, olhando para a lagoa — eu, Harley, Victria, Bartie e, atrás de nós, Órion. Harley deve ter usado algum tipo de tinta reflexiva na superfície da lagoa — mas, logo abaixo da superfície espelhada da água, uma garota está nadando, flutuando de costas, os olhos sorridentes olhando para cima em direção à superfície. Carpas nadam em torno de seus dedos, e as raízes de uma flor de lótus estão emaranhadas em seu cabelo solto, preto e espesso.

— Ela realmente gostava de carpas — diz Amy.

— Eram os favoritos de Kayleigh.

Posso quase sentir o gosto da água escura da lagoa. Posso sentir a frieza da pele de Kayleigh. Posso ver a maneira como seu rosto inchado afunda sob o toque de Harley.

— Vamos procurar a pista — Amy diz, gentilmente, puxando-me para longe da beira da lagoa. — Provavelmente, está na parte de trás do quadro, como no outro.

Ergo o quadro contra a luz, e então o viro.

— Veja — Amy diz.

Um retângulo está desenhado em tinta clara na parte de trás e, no centro dele, outro pequeno cartão de memória. Eu o removo com a unha. Há outra mensagem escrita na parte de trás do quadro na mesma letra apagada da primeira pista:

1, 2, 3, 4. Faça a soma e abra a porta.

— Será que ele quis dizer a porta no quarto andar do Hospital? A que leva até o elevador que desce para o nível crio? — pergunto.

— Acho que não. Ele lhe contou sobre a porta, ele sabe que eu vi o que há por trás dela. Se ele deixou essas pistas para que eu as encontrasse, então deve estar falando de outras portas trancadas.

— Não há nenhuma — começo a falar, mas paro abruptamente. Há poucas portas trancadas na nave; e menos ainda que meu escâner biométrico não possa abrir. Mas há uma área que está cheia de portas trancadas, as portas trancadas com um teclado cujo código nem mesmo Eldest sabia. — As portas do nível crio — digo. — Aquelas próximas à escotilha.

Amy concorda.

— Deve ser.

— Você ainda tem aquela tela de vídeo com você? — pergunto. Amy tira-o do bolso, e eu insiro o cartão de memória nela. Amy passa o dedo sobre a janela de identificação na tela. A tela ganha vida com o rosto de Órion. Depois de hesitar por um momento, Amy se inclina mais para perto de mim, perto o suficiente para ver a tela, mas não tão perto que ela chegue a me tocar.

<<INICIAR TRANSMISSÃO DE VÍDEO>>

Quase não conseguimos ver Órion escondido na sombra. Ele está sentado no quarto degrau de uma grande escadaria que se estende para longe atrás dele. Sua mão direita bate contra o joelho de uma maneira inquieta, quase nervosa.

— Onde fica isso? — Amy pergunta.

Sacudo a cabeça, concentrado no vídeo.

A câmera treme quando Órion ajusta a imagem. Ele fala baixinho, quase gentilmente.

ÓRION: Primeiro, quero dizer que sinto muito por Kayleigh. Eu nunca quis que ela morresse.

— Ele a matou? — Amy arqueja.

Não digo nada, mas sinto como se houvesse uma pedra em meu estômago.

ÓRION: Eu não a matei. Mas poderia muito bem tê-la matado. Ela descobriu tudo. O maior segredo de Eldest. O que ele não quer que ninguém saiba.

— O que poderia ser...

— Shh.

Órion pausa, engolindo em seco, como se tomado pela emoção.

ÓRION: Amy, você deveria saber disso — se decidir continuar procurando — o assassinato de Kayleigh foi um alerta. Eldest pode ter matado Kayleigh, mas há coisas que posso fazer. Cadeados que posso trocar. Ele é um tolo — ele não pensou em verificá-los.

Órion para abruptamente. Seus olhos perdem o foco.

ÓRION: Não sei mais o que é certo e o que é errado. Não desde que Kayleigh morreu. Não sei se o que ela sabia era algo que a nave toda deveria saber. Não sei se ela deveria ter descoberto a verdade.

Órion se mexe na escada.

ÓRION: Não sei se matá-la valeu a pena para salvar a nave.

Ele encolhe os ombros, como se houvesse uma possibilidade de que matá-la fosse desculpável, ou até compreensível.

ÓRION: Talvez fosse. Talvez Eldest esteja certo. Essa verdade... Acho que ninguém a quer.

Órion enfia um chumaço de cabelos atrás da orelha.

Eu coloco um chumaço de cabelo atrás da minha orelha.

ÓRION: É por isso que eu preciso de você, Amy. Você vai saber. Porque você nasceu em um planeta, mas você viveu em *Godspeed*. Você é a única em toda a nave que pode saber o que fazer com essa verdade.

Órion vira-se para a câmera, e seus olhos parecem encontrar-se com os meus.

ÓRION: Vi o arsenal. Eldest mostrou-me uma vez. Pouco antes... De qualquer forma, comecei a fazer perguntas como: se estamos em uma missão exploratória pacífica, como Eldest diz, por que estamos armados para uma guerra?

Olho para Amy, mas sua atenção está focada na tela de vídeo. Dentro de mim, a pedra fica maior. Amy nunca acreditou que Órion tinha uma razão para matar os congelados, ela achava que ele era louco e que sua teoria de que os congelados iriam explorar aqueles de nós nascidos na nave era um engano. Acho que ela não acredita que há mesmo um arsenal atrás de uma das portas fechadas, mesmo agora, vendo Órion falar sobre isso.

Órion olha sobre os ombros, o medo preenche seu rosto. Ele parece culpado ou com medo, ou ambos.

ÓRION: Então, aqui está o que você precisa fazer, Amy. Você precisa ver o arsenal por si mesma. Você veio de Terra-Sol, seu pai era das forças armadas. Você deve saber qual é o montante razoável de armas que uma nave como a nossa deve ter. Então, vá até o arsenal. Veja por si mesma.

Órion se desloca para fora de foco, então se inclina para frente, o rosto enchendo a tela.

ÓRION: Ah, certo. Você precisa do código para passar pela porta trancada, não é? Bem, só vou dizer isso, Amy. Vá para casa. Você me ouviu? Vá para casa. Você encontrará a resposta lá. **VÁ PARA CASA.**

A tela fica preta.

<<FINAL DA TRANSMISSÃO DE VÍDEO>>

Ir para casa? Para casa? Mas que diabos isso significa? Terra? Sim, bem que eu queria. O novo planeta? Tão impossível quanto.

— Talvez ele queira dizer que a próxima pista está escondida dentro de um atlas ou algo assim? — Elder diz.

Há, há, há, Órion, piada engraçada. Minha casa não é nada, a não ser um livro de mapas para lugares onde não posso mais ir.

— Talvez — é tudo que digo em voz alta. — Acho que vale a pena conferir. Elder coloca o quadro no chão suavemente, com reverência, e olha por cima do ombro para ele enquanto me segue para fora do quarto minúsculo, através do banheiro e do quarto seguinte. Lil ainda está na cama.

Ela se senta quando nos vê.

— Você o pegou, não é? — cospe.

— Não — diz Elder. — Ele é seu.

Lil pisca, e seus olhos se concentram nele. Ela olha para mim, mas seus olhos desviam-se rapidamente de novo, incapazes de suportar minha visão, suponho.

— E farei com que a comida seja enviada a você — diz Elder. — Vou mandar Doc vir aqui também. Ele está trabalhando em alguns adesivos que acho que vão ajudá-la.

Lil acena com a cabeça, mas não se levanta da cama quando saímos da casa. Parte de mim pensa: será que ela vai saltar da cama e correr até seu precioso quadro? Ou ela não se importa o suficiente para fazer nem mesmo isso?

Enquanto descemos as escadas em direção às ruas da Cidade, Elder aperta o com-wi e começa a dar ordens, primeiro para que a comida seja entregue e então para que o remédio também seja. Ele está tão concentrado que não nota o homem zangado que nos reconhece quando estamos descendo.

— Onde ela está? — o homem exige saber. Ele se inclina tão perto de Elder que este se afasta até ficar encostado no corrimão das escadas.

— Quem? — Elder pergunta.

— Lil. Você vai obrigá-la a trabalhar? Por que *num* é justo que eu *teja* trabalhando e ela não!

— Stevy, ela está doente. Ela precisa de um tempo. Eu chamei Doc...

— Ela não tá doente! Só é preguiçosa! — o homem ruge.

Elder ergue ambas as mãos.

— Stevy, estou fazendo o que posso. Ela pode voltar ao trabalho quando estiver pront...

Mas ele não tem chance de terminar a frase. Seus olhos se esbugalham com o choque ao ver Stevy erguer o punho e atingir diretamente sua mandíbula. Elder cai no chão. Assim que consegue se levantar, com a ajuda do corrimão, Stevy acerta-o novamente com o punho. Elder cambaleia para trás, mas, dessa vez, não cai.

Não percebo que gritei até que o som sai de minha garganta. Atrás de nós, o grupo de fiandeiros que estava do lado de fora cardando lã — todos notaram — está se levantando; estão correndo para frente, estão gritando também; estão se mantendo afastados, estão sussurrando uns para os outros por trás de suas mãos.

Eu me viro.

— Alguém faça alguma coisa! — grito na direção deles.

Já vi brigas suficientes na escola para saber que uma garota como eu seria muito estúpida se corresse e ficasse entre eles — eles são bem mais altos do que eu, e um dos socos de Stevy poderia facilmente me nocautear.

Três dos fiandeiros, dois homens e uma mulher que não são muito maiores do que eu, correm para a frente. Mas antes de chegarem até nós, Stevy cai no chão, segurando a cabeça. Os fiandeiros param abruptamente, olhando.

Elder limpa o lábio sangrando com as costas da mão.

— Faça parar — diz Stevy, sua voz em algum lugar entre um gemido e uma ordem.

— Vai parar automaticamente em cerca de dois minutos — Elder fala calmamente, mas há uma impassibilidade fria em sua voz que me assusta. — Quando isso acontecer, acho que você vai ter aprendido que me atacar com um soco é uma ideia muito ruim.

— O que você fez? — pergunto.

Seu lábio não para de sangrar, seus dentes estão manchados de vermelho.

— Algo que eu disse a mim mesmo que nunca faria — Elder murmura. — Vamos.

Ele não continua a descer pela rua principal. Em vez disso, muda de direção em um beco que leva às Estufas.

— Foi algo com o com-wi — Elder diz, ainda que eu tenha deixado a pergunta de lado. — Eldest fez isso comigo uma vez. É muito eficaz para parar alguém.

— Elder! — uma voz grita atrás de nós. Elder para e, em seguida, vira-se lentamente para a cena do crime.

Stevy está deitado no chão, gemendo e segurando a cabeça. Bartie paira sobre ele, apontando para Elder.

— Que direito você tem de punir o homem daquele jeito? — ele ruge. — Você disse que era *muito* melhor do que Eldest, mas olhe para você! A primeira vez que alguém protesta contra você, você o pune tão severamente que ele não pode sequer ficar em pé!

Elder aperta os olhos e anda até onde estão Bartie e Stevy.

— Ok, em primeiro lugar, ele pode ficar em pé. É apenas uma coisa que faz seu com-wi fazer um ruído. E, em segundo lugar, *ele* me atacou com um soco. Ele me *atacou* com um soco.

Ainda que Bartie e Elder estejam perto o suficiente agora para poder falar em tom de voz normal, os dois estão gritando. Bartie está com sua guitarra presa às costas, e por um momento louco acho que ele vai agarrá-la pelo braço e atingir Elder na cabeça com ela. Em vez disso, ele só grita:

— O que você vai fazer da próxima vez que alguém discordar de você? Matá-lo?

— Ora, vamos! Pare de exagerar!

Mas ninguém parece pensar que Bartie está exagerando. Estão todos vendo Stevy gemer e se contorcer no chão.

— Não é tão ruim assim — Elder diz a Stevy. — E, além disso, deve ter parado agora — mas Stevy não se levanta. Pergunto-me se ele está fingindo sentir dor para chamar atenção ou realmente está tão mal quanto parece?

— Não podemos confiar em você, Elder — Bartie diz, ainda gritando alto o suficiente para todo mundo ouvir. Está atraindo uma multidão. Os fiadores deixaram suas rocas girando para ver o que está acontecendo. Os padeiros, cobertos de farinha, estão colocando a cabeça para fora de suas janelas da loja. Os açougueiros saem, cutelos de carne ainda nas mãos.

— Quando foi que eu menti? — Elder diz. — Quando eu mostrei ser desonesto?

Tento não pensar sobre como Elder não disse a todos que a nave está parada. Não é uma mentira, afinal, ele apenas... Não está dizendo *toda* a verdade.

— Tudo o que *já* fiz foi por essa nave! — Elder grita.

— Mesmo ela? — Bartie pergunta, apontando atrás de Elder. Para mim.

— Não incluía Amy nisso.

Fico paralisada no lugar, quando todos, mesmo Stevy, direcionam o olhar para mim.

Quando acordei em *Godspeed*, saí correndo e encontrei-me em uma Cidade — mas era uma Cidade diferente desta. As pessoas tinham um olhar vazio e pareciam robôs; eram assustadoras porque eram vazias por dentro. Agora suas emoções estão vindo à tona, e o medo, a raiva e a desconfiança se misturam dentro deles, transbordando em olhares estreitos e lábios torcidos e punhos fechados.

— Saia daqui, Amy — murmura Elder, lançando um olhar preocupado para mim. Estendo as mãos para ele, e ele as agarra, dando-lhes um aperto suave antes de libertar-me. — Volte para o Hospital. Vá para onde é seguro.

Mas quero ficar aqui. Quero mostrar a Elder que não sou outro erro que Bartie que pode usar contra ele. Quero ficar atrás dele e provar minha lealdade.

Isto é, até que alguém na multidão avança.

Luthor.

Apenas um rosto anônimo em uma multidão enfurecida. Bartie grita mais alguma coisa, e Elder grita de volta e desvia a atenção de todos para sua briga.

Exceto Luthor.

Seus olhos estão fixos nos meus. Seus lábios se curvam num sorriso que os deixa retorcidos nos cantos, lembrando-me do Grinch que roubou o Natal.

Ele murmura algo com a boca, e embora eu não consiga dizer o que ele está me dizendo sem som, posso adivinhar as palavras. Posso fazer qualquer coisa que eu quiser.

Eu corro — escapo — fujo.

Elder

Estou contente por Amy ter saído daqui — não quero que ela se envolva nessa briga. Detesto a forma como Bartie a trouxe para essa discussão.

E detesto a rapidez com que a multidão se formou.

Toco o com-wi no lado do meu pescoço.

— Marae, venha até aqui. Traga a força policial.

Ela começa a responder, mas corto a comunicação. Preciso me concentrar em Bartie.

— Ah, chamando reforços? — Bartie diz desdenhosamente.

— Por que você está fazendo isso? — pergunto. — Pensei que fosse meu amigo.

— Isso não tem nada a ver com amizade.

A voz dele não está elevada, agora; essas palavras são apenas para mim, mesmo que a multidão toda esteja ouvindo.

— Isso tem a ver com a chance de transformar essa nave no tipo de mundo no qual queremos viver.

— E não há lugar para mim, é isso?

— Não há lugar para um Eldest. Mesmo um Eldest que chama a si mesmo de Elder.

Pelo canto dos olhos, vejo manchas azul-escuro e negras passando pelo tubo gravitacional na Cidade. Marae estará aqui em breve, junto com cerca de meia dúzia de Transportadores.

Stevy geme e luta para se levantar.

— Tudo bem — digo. — Está acabado. Vamos simplesmente voltar ao trabalho. Algumas das pessoas na multidão começam a se afastar. A tensão já está se dissipando.

— Todos vocês se afastem! — Marae ruge, correndo para a frente.

E a tensão volta.

— Ah, aqui vem a mais recente ideia de Elder: a força policial — zomba Bartie, sua voz ressuscitou. — Aqui, para assegurar que vamos trabalhar como bons meninos e meninas ou então...

— Não é isso — digo para ele e Marae.

— Será que ninguém vê o que está acontecendo? — uma nova voz atravessa a massa de pessoas que nos rodeia. É Luthor. Claro que é. Ele sempre gostou de brigar, até mesmo anos atrás, quando vivíamos na Enfermaria. Só que agora ele não se preocupa em esconder isso. — Ele está com *medo*. Nosso Elder está com *medo*. Ele tem medo de vocês! Vocês! Vocês têm o poder. Ele não pode controlar todos nós!

— Nós podemos fazer o que quisermos! — outra voz soa na multidão.

— Podemos nos liderar! — Bartie responde.

O grito torna-se uma torcida. *Podemos nos liderar! Podemos nos liderar! Podemos nos liderar!*

Marae e os outros Transportadores tentam abafar o grito da multidão com suas próprias ordens, exigindo silêncio. Xingamentos se misturam com os gritos — palavras de escárnio e ameaças. Os Transportadores respondem na mesma moeda. Suas ameaças levam à ação.

Marae empurra um homem que tem duas vezes o tamanho dela para trás quando ele chega muito perto de nós; outro homem dá um soco em Shelby.

Aperto minha mão contra meu com-wi. Área de comunicação: dentro de quinze metros a partir de minha localização — ordeno. Assim que o sinal sonoro do com-wi diz que a ligação foi feita com todos os outros com-wi na área, digo: — Todos *fiquem calmos*. Acalmem-se. Não há necessidade disso.

Algumas pessoas param; eles estão ouvindo os com-wi, posso ver isso. Mas não o suficiente.

— PAREM todos — grito, e minha voz ecoa em todos os ouvidos. — Olhem ao seu redor! — ordeno, e a maioria deles faz isso. — Esses são seus amigos, sua família. Vocês estão lutando entre si. E não há necessidade disso. Parem de brigar agora.

Respiro fundo. Boa parte da multidão se acalmou.

— E a Distribuição de Alimentos? — Luthor ruge em meio ao silêncio.

— O quê? — minha cabeça se vira para Marae. — O que está acontecendo na Distribuição de Alimentos?

— Você não sabe? — Bartie diz, o nojo em sua voz. — Como você pode chamar a si mesmo de líder se nem sabe que a distribuição de alimentos parou?

Viro-me de novo para Marae.

— Estamos cientes do problema — ela diz, pedindo desculpas. — Nós íamos justamente falar com você.

Não fico à espera de outra resposta. Saio andando pela rua em direção à Distribuição de Alimentos. A multidão ao nosso redor fica surpresa — eles não estavam esperando que eu, de repente, começasse a correr em direção a eles.

Alguns não saem do meu caminho rápido o bastante, e vou de encontro a eles, mas não paro. Posso ouvir suas vozes e o barulho de seus pés no chão atrás de mim, mas estou com tanta raiva que mal posso pensar direito. Não preciso que a Distribuição de Alimentos, dentre todas as coisas, seja adicionada aos meus problemas.

Diabos, diabos, diabos, diabos.

O Centro de Distribuição de Alimentos é um armazém gigante tão distante da Cidade que chega até as paredes de aço que revestem o Nível dos Alimentadores. A Distribuição de Alimentos é automática, ou deveria ser. Quando chego ao enorme prédio de tijolos e aço, o gerente, Fridrick, fechou a porta com correntes. Ele está na frente das portas, os braços cruzados, olhos fixos em mim, à espera de uma luta.

Tudo em mim fica sob tensão — meus punhos, meus dentes, meus olhos.

— O que está acontecendo? — rosno. A multidão que se juntou em volta de Bartie e de mim agora se aperta contra mim e Fridrick; e é ainda maior do que antes. Maraé e os Transportadores tentam se mover em torno das beiradas, dizendo às pessoas para ir embora e cuidar de seus problemas, mas eles não estão ouvindo. Em vez disso, a multidão está crescendo.

— Vou distribuir os alimentos manualmente — diz Fridrick. — Farei com que todos recebam o que é *justo*.

— O que isso quer dizer?

— Ele está guardando a comida para si mesmo! — uma mulher grita.

— Não está certo!

— Vamos quebrar as portas!

— Acalmem-se, com os diabos! — grito, girando sobre os calcanhares e olhando para a multidão. Eles não se acalmam, mas pelo menos pararam de gritar. — Agora — digo, virando-me para Fridrick, que tem sido responsável pela Distribuição de Alimentos desde antes do meu nascimento. — Qual é o problema com a distribuição de alimentos?

— Não há problema — diz Fridrick. — Quando todos saírem, vou começar a distribuir a comida.

Lanço um olhar duvidoso à corrente nas portas.

— Ele só vai dar comida para alguns de nós! — uma voz profunda masculina grita da multidão.

— Para aqueles que *merecem*! — diz outra voz.

Arrisco um olhar atrás de mim. Maraé e os Transportadores estão todos logo atrás de mim, impedindo a multidão de avançar. Há pelo menos duas centenas de pessoas aqui, talvez mais. Elas se movem em ondas, não como indivíduos, e as ondas estão chegando mais perto de Fridrick e de mim.

— Você não é o dono da comida — digo a Fridrick. Agora falo alto de propósito, pretendendo que todos ouçam.

— Eu sou — ele olha pra mim.

— Você não pode decidir quem irá comer e quem não irá — digo de volta.

— Os níveis de armazenamento estão baixos.

Sei que estão.

— Então, o que faço? — Fridrick exige em tom de zombaria. — Dou menos comida a todos? Ou faço o que deve ser feito: só distribuo comida para os que *trabalharam* por ela?

Interjeições de raiva, aplausos, palavrões e gritos irrompem em torno de nós.

— Há o suficiente para uma distribuição regular por várias semanas. Depois disso, podemos discutir o racionamento.

Fridrick aperta os olhos.

— Não vou alimentar os que não trabalham.

— Todos trabalham! — grito, exasperado.

Essa não foi a coisa certa a dizer. Fridrick não responde — a multidão responde por ele. Eles gritam nomes: os nomes de seus vizinhos, seus familiares, seus inimigos, seus amigos. As pessoas que não estão trabalhando. Os tecelões, que só voltaram para os teares porque ordenei o fim de sua greve, mas que continuam a trabalhar em ritmo mais lento. Os trabalhadores das estufas, que foram pegos mais de uma vez armazenando vegetais para si mesmos.

E indivíduos — pessoas específicas que apenas decidiram não trabalhar porque são preguiçosas ou por causa da depressão, como Evie e a mãe da Harley, Lil.

Erguendo-se acima de tudo há um cântico novo: Nada de trabalho? Nada de alimento! Nada de trabalho? Nada de alimento!

— E quanto ao Hospital? — uma voz estridente se eleva acima do cântico.

— Eu trabalho! — uma voz perto da parte de trás da multidão grita de volta. Meus olhos passam sobre as pessoas e vejo Doc, olhando nervoso e ansioso ao ouvir seu precioso Hospital posto em cheque.

— E todos eles na enfermaria? — Fridrick diz. O que ele não diz é: — E Amy?

Droga.

— Você está certo — os ombros de Bartie passam por Marae, que parece muito querer socá-lo bem no pescoço. — Vou me dedicar ao trabalho produtivo a partir desse ponto — ele diz em voz alta.

O silêncio cai. Todos olham para ele. Olho com admiração: como ele fez isso? Como ele chamou a atenção de todos de forma tão absoluta? Embora todos

tenham se acalmado para ouvir Fridrick e eu, não foram respeitosos. Ficaram esperando que um de nós escorregasse; estavam procurando munição para jogá-la de volta para nós. Mas todos estão concentrados em Bartie agora, esperando suas próximas palavras.

Ele não fala. Em vez disso, levanta a guitarra sobre a cabeça e estica o braço dela em direção à Fridrick.

— Considere isso como pagamento pelo alimento dessa semana — diz Bartie.

— E, como não há mais ninguém responsável pelo Salão de Registros, ficarei com esse emprego.

Fridrick pega a guitarra e olha para ele, sem saber o que fazer. Finalmente, balança a cabeça, concordando, uma vez. Ele vai aceitar o pagamento.

— E — acrescento, com o tom de voz mais alto que consigo — vamos continuar a distribuição de alimentos para todos.

Fridrick aperta os olhos.

— Não haverá mais discussão — acrescento em um tom mais calmo, antes que ele possa abrir a boca. — A distribuição de alimentos continuará, como sempre.

Viro-me para sair, não lhe dando a chance de discordar. Quando chego até Marae, porém, posso ouvir Fridrick resmungar através da multidão.

— Por enquanto.

Eu volto, minha boca já aberta, embora não tenha certeza do que vou dizer, quando um grito se eleva na parte de trás da multidão. A multidão se mexe — a concentração de todos se move de Fridrick para mim e para a mulher na outra extremidade do quarteirão, ajoelhada no chão, próxima ao corpo de um homem.

Aperto os olhos para ver.

É o corpo de Stevy.

Estou sem fôlego quando chego ao Hospital. Não estou tão em forma quanto estava quando corria na Terra. Kit me faz parar na porta.

— O que está acontecendo? — ela pergunta. — Doc acabou de me ligar da Cidade.

Chacoalho a cabeça.

— Algumas pessoas estavam causando problemas. Bartie, Luthor e alguns dos alimentadores.

— Doc diz que está ficando muito ruim — Kit responde. Meu rosto deve ter demonstrado minha preocupação, porque ela rapidamente acrescenta: — Mas alguns Transportadores estão com Elder, e tenho certeza que tudo ficará bem.

Ela corre para ajudar quando uma enfermeira a chama, deixando-me com meus pensamentos preocupados. Começo a ir em direção ao elevador — eu poderia ir para o meu quarto, mas lembro-me das palavras de Órion do último vídeo: Vá para casa. Você irá encontrar as respostas lá. Vá para *casa*. E embora eu não saiba ao certo o que ele quer dizer, sei de uma coisa: aquele pequeno quarto quadrado na Enfermaria pode ser o lugar onde durmo todas as noites, mas não é minha casa.

Em vez disso, volto para o Salão de Registros. Talvez Elder esteja certo, e a pista esteja escondida num atlas, mas não acho que Órion teria feito algo assim tão simples. Ainda assim, agora é provavelmente um dos horários mais seguros para ir, especialmente considerando que Luthor está ocupado na cidade.

Enquanto subo as escadas para o Salão de Registros, noto que o cubículo onde o quadro de Elder ficava pendurado está vazio. Olho para trás. Daqui, é impossível ver o que está acontecendo na Cidade, mas não gosto da forma como Kit me assegurou de que tudo estava bem. Quando as pessoas dizem isso, elas normalmente querem dizer que nada está bem.

Há menos pessoas do que o normal no Salão de Registros, e a maioria não está assistindo aos disquetes de parede ou indo para as salas de livros. Em vez disso, estão reunidas em grupos, conversando em tom baixo e ansioso. Várias olham para mim quando entro, e percebo que não estou usando meu lenço de cabeça ou meu capuz. Tento cobrir meus cabelos, mas é tarde demais. Um dos

homens perto da porta chega perto de mim.

— Você estava na cidade? — ele pergunta.

Concordo com a cabeça. Ele parece mais curioso do que ameaçador, mas os músculos das minhas pernas ficam tensos, prontos para correr se for preciso.

— É verdade o que estão dizendo? Que há um tumulto?

— Não chamaria de tumulto — digo. — Olha, era apenas um grupo de pessoas causando problemas.

Uma mulher abaixa a cabeça, ouvindo seu com-wi. As informações dela são muito mais atuais que as minhas. Eles podem se comunicar com qualquer um na Cidade e obter informações, mas eu só tenho Elder. Meus dedos pairam sobre meu com-wi de pulso... Mas então eu me lembro de Bartie e Luthor incitando a multidão, usando-me como prova da incapacidade de Elder. Ele fica melhor sem a minha presença incomodando-o agora, isso é certo.

Os outros não parecem convencidos com a minha descrição dos problemas da cidade, mas puxo meu capuz mesmo assim e vou em direção às salas de livros nos fundos do Salão. Demoro um pouco para encontrar o que estou procurando, mas eventualmente descubro um livro de grandes dimensões com um mapa do mundo na capa. Percebo, ao tirar o livro da prateleira, que realmente não seria de muita utilidade ter um atlas da Terra aqui nessa nave ou quando pousarmos no novo planeta. Este livro serve apenas como registro, eu suponho, e nada mais.

Há uma seção inteira no Atlas sobre a América. Viro primeiro na página da Flórida, que é onde passei a maior parte da infância. Corro minhas mãos sobre as páginas, mas já sei que não há nada incomum lá, nenhum disquete nem cartão de memória, nenhuma nota manuscrita. Viro as páginas até chegar ao Colorado. Esse foi o último lugar que chamei de lar. Invernos frios. Céu limpo. Noites eternas estreladas.

Mas as páginas estão vazias — não há nada aqui tampouco.

Gostaria de saber se há alguma outra coisa que evoque a Terra nessa nave — um globo terrestre, talvez — eu me lembro de ter visto um no Nível do Guardião. Mas isso foi uma pista deixada por Órion para *mim*, e não acho que ele esconderia algo nos aposentos de Elder para que eu o encontrasse.

Saio da sala de livros. Não percebo o silêncio até chegar à entrada principal. O Salão de Registros todo está estranhamente vazio. As poucas pessoas que estavam aqui antes já se foram, deixando o hall de entrada para mim. Tiro o casaco, e o ar frio faz meus braços se arrepiarem. Parece quase perigoso estar aqui, sozinha, sem nem mesmo o casaco para me proteger — mas parece liberador também.

Olho para os disquetes de parede, perguntando-me se devo me dar ao trabalho de procurar os mapas neles, e então meu olhar se desvia. Pendurados no

teto há dois modelos de barro gigantes de planetas. Um pequeno modelo da nave espacial *Godspeed* voa entre eles em um fio.

O planeta Terra é menor do que o modelo de Terra-Centauri e tão detalhado que posso identificar o longo braço da Flórida, os sulcos irregulares das Montanhas Rochosas. Pulo para alcançá-lo, mas meus dedos não conseguem sequer tocar o Polo Sul. Penso em encontrar uma escada, cortar o fio que segura a Terra e jogá-la ao chão como uma pinhata, mas duvido que qualquer dos segredos de Órion saia dela como doces. O modelo estava lá quando a nave foi lançada; como Órion poderia ter colocado algo dentro dele?

Olho para o modelo de *Godspeed*. Esse realmente parece ser removível — seria simples o suficiente apenas tirar o modelo do gancho onde ele está pendurado, e eu provavelmente poderia alcançá-lo se subisse em uma cadeira.

Mas... *Godspeed* definitivamente não é minha casa. Minha casa pode não ser a Flórida e pode não ser o Colorado, mas sei que não é *Godspeed*.

Ouçoo um suave bip, bip-bip. Então, novamente: bip, bip-bip.

Meu com-wi! Levo o pulso até o ouvido e pressiono o botão ao lado.

— Pedido de ligação: Elder — o com-wi diz.

— Aceite! — digo ansiosamente.

— Amy? — a voz de Elder parece exausta.

— Sim. Qual o problema? O que está acontecendo na cidade?

Elder ignora as minhas perguntas.

— Onde você está agora?

Olho à minha volta no salão vazio.

— No Salão de Registros. Pensei que seria uma boa ideia dar uma olhada na próxima pista de Órion...

Elder me interrompe no meio da frase.

— Você pode ir a algum lugar mais seguro? Vá para seu quarto, sim?

— O que está acontecendo?

— Só quero ter certeza de que você está segura. Tranque a porta. Elder equipou minha porta com uma trava que funciona através de um escâner biométrico durante a minha primeira semana na nave, tornando-o um dos poucos quartos verdadeiramente privados a bordo.

— Elder, qual o problema?

— Eu só... Quero que você fique segura. Tenho que ir...

A ligação no com-wi é desconectada antes que ele termine de falar.

Elder

— Afastem-se! Deem-nos um pouco de espaço! — os berros de Doc não ajudam em nada; pelo contrário, a multidão chega mais perto.

— Estou feliz por você já estar aqui — digo, caindo de joelhos ao lado de Doc, enquanto ele examina Stevy.

Doc toca o pescoço de Stevy, balança a cabeça e se inclina para trás.

— O que aconteceu? — Bartie diz. Não há mais desafio em sua voz. Ele é meu velho amigo novamente, aquele que costumava fazer corridas em cadeiras de balanço pela varanda do Salão de Registros. E ele está com medo. — O que você fez?

— Não fiz nada — digo.

— Você fez algo com seu com-wi. E agora ele está morto.

Sua voz está mais alta agora. Não é mais meu amigo, é meu adversário.

— É isso que acontece com as pessoas que protestam contra você, Elder? Elas morrem?

— Não seja tolo — Doc diz. Ele remove algo pegajoso do braço de Stevy. Um pequeno adesivo transdérmico verde-claro. Nossos olhos se encontram por alguns instantes. É um adesivo de Phydus; um daqueles que Doc desenvolveu recentemente.

— Que tipo de adesivo é esse? — pergunta Bartie.

Atrás de nós, posso sentir os olhares dos outros. Marae, tão eficiente como sempre, organizou seus Transportadores para formar uma espécie de barreira que nos rodeia, mantendo a maior parte da multidão a distância. Mas isso não vai durar.

— É um adesivo especial — Doc responde a Bartie. Ele olha mais de perto, esquecendo Bartie e todos os outros enquanto murmura para mim: — Alguém escreveu algo nele.

Ele estende a mão e mostra o adesivo. Bartie tenta pegá-lo, mas chego primeiro do que ele.

— Siga — leio em voz alta. Escrito em tinta preta grossa, só há uma palavra: Siga.

— Mas como é que esse adesivo matou Stevy? — pergunto.

— Não foi esse que o matou — diz Doc. Ele empurra a manga de Stevy, expondo os adesivos escondidos sob as roupas dele. Um é inofensivo. Mas três são uma overdose.

Ele retira os adesivos restantes do braço de Stevy.

Franzo a testa: os adesivos devem ser de ação rápida, mas a concentração de Phydus nesses adesivos parece ser muito forte, se apenas três podem matar instantaneamente um homem.

— O que está escrito neles? — Luthor grita, tentando empurrar Marae para o lado a fim de que ele possa chegar mais perto.

Doc começa a entregar os adesivos para mim, mas Bartie os arranca de suas mãos estendidas.

— O — ele lê o primeiro, em voz alta para que a multidão possa ouvi-lo. — Líder — ele olha para mim, e há medo real em seus olhos. Ele acha que eu fiz isso.

— Siga o líder. Esses adesivos, os adesivos *especiais* que *mataram* Stevy, são uma ordem. Um aviso. Para *seguir o líder*.

Antes que eu possa explicar que nada disso é culpa minha, que não escrevi essas palavras nem coloquei os adesivos em Stevy, Bartie se volta para a multidão.

— Isso é o que acontece quando você não segue o líder.

Ele cospe as palavras e joga os adesivos usados sobre o corpo frio de Stevy.

— Isso é o que acontece! — Luthor grita, seguindo a deixa de Bartie. Suas palavras ressoam por toda a cidade. — Esse é o preço que você paga se não seguir o líder! Não siga Elder, e ele irá matar você!

— Espere um minuto — eu grito, ficando em pé. — Eu não fiz isso! Não faço isso!

Mas é tarde demais. As palavras de Bartie e Luthor se espalharam como veneno. Posso ver o medo e a repulsa nos olhos das pessoas enquanto elas passam pela barreira humana criada por Marae e os outros Transportadores. Eles invadem o espaço ao meu redor, passando por mim — derrubando-me e empurrando Doc enquanto recolhem o corpo sem vida de Stevy. Entoam a frase — *Sigam o líder*—, mas de forma sarcástica, com raiva. Estão zombando de mim.

É um grito de guerra.

Mais e mais pessoas — aquelas que estavam esperando, afastadas — juntam-se à multidão gritando. O corpo de Stevy torna-se uma bandeira de revolta. Sua forma sem vida é passada de mão em mão, levantada sobre a multidão, agitando-se sobre as mãos das pessoas como se fossem ondas.

— Basta — digo.

— Eles não podem ouvir você — os olhos de Doc estão piscando, mas seu rosto é impassível.

Pressiono meu com-wi:

— BASTA! — eu grito, e, dessa vez, cada maldita pessoa a bordo da nave me ouve.

— A nave está agora em toque de recolher. Vão para suas casas. Não saiam de casa. Os Transportadores irão assegurar que o toque de recolher seja cumprido hoje à noite. Todo mundo, *todos*, sairão das ruas da cidade, sairão do trabalho, e irão para suas casas.

Se Eldest desse esse tipo de ordem, ele o teria feito com fria autoridade. Mas não eu. Estou tão zangado que estou tremendo e não consigo evitar que minha voz trema de raiva. Agora olho para a multidão à minha frente, mesmo que essa comunicação esteja sendo transmitida a cada pessoa a bordo da nave.

— Olhem o que vocês estão fazendo. Vejam como vocês estão tratando o corpo de um de vocês. Isso é nojento. Deixem-no aqui para que Doc possa enviá-lo para as estrelas.

Silêncio.

— Vão. Agora — digo, e minha voz soa exatamente como a voz de Eldest costumava ser.

Eles vão.

Resmungam, franzem carrancas e murmuram imprecações... Mas vão.

Marae move-se silenciosamente ao meu lado.

— Eles ainda têm medo de você — ela diz.

— Eles têm medo do passado. Ainda se lembram de Eldest.

— É o suficiente. Funcionou, não é?

Mas não sei se realmente funcionou. Por que posso ter autoridade suficiente em minha voz para mandá-los para casa, mas o que falarão atrás de suas portas fechadas?

Quando chego ao elevador, minha mão paira sobre o botão três, mas no último segundo, pressiono o quatro, em vez do outro. Não quero me esconder em meu quarto. Se algo estiver errado, se eu precisar estar em algum lugar seguro... Prefiro estar com meus pais. Além disso, o nível crio é um dos lugares mais seguros para mim na nave. Embora Elder tenha contado a todos sobre o nível crio depois de interromper a distribuição de Phydus, poucos se interessaram em vê-lo, e um número ainda menor pode acessá-lo através do escâner biométrico. No quarto andar, corro pelo corredor e passo meu polegar sobre o escâner. Quando o elevador se abre no nível crio, meu com-wi emite um bip.

Mesmo que sua voz tenha de percorrer toda a distância desde meu pulso, posso ouvir o grito de Elder de “BASTA!” através do meu com-wi. Levo o comunicador até o ouvido, mas a contração em meu estômago tem mais a ver com a mensagem de Elder do que com o movimento descendente do elevador. Alguém morreu.

Outra pessoa. Primeiro a menina nos campos dos coelhos. E agora, alguém que morreu na cidade.

Preciso descobrir o que as pistas de Órion querem dizer. Ele não me disse que escolha eu tenho que fazer ou a que ele está me levando, mas não pode ser pior do que o ódio, o medo e a raiva que vão continuar a crescer até que as pessoas comecem a se despedaçar — especialmente quando ficarem sabendo que a nave não está nem mesmo se movendo.

Mordo o lábio, pensando. Órion sabia que isso aconteceria. Ele havia planejado isso desde o início, desde o momento em que me tirou da câmara crio. Seja qual for seu segredo, ele sabia que precisaríamos dele agora.

Então, por que diabos ele me deu uma pista tão confusa? Ir para casa? O que ele quer dizer com isso? Será que ele não percebe que não tenho mais uma casa para onde ir?

As portas do elevador se abrem, e eu vou direto para as câmaras crio 40 e 41, assim como tenho feito todas as manhãs durante os últimos três meses. Então, puxo meus pais para fora e sento-me no chão. Não que eles possam dar-me respostas, mas se eu concentrar meus olhos em seus rostos congelados, talvez

eu possa concentrar minha mente no quebra-cabeça de Órion. Assim que começo a vasculhar meus pensamentos confusos, porém, o barulho do elevador ressoa.

Meu coração se aperta.

Alguém está vindo.

Meu primeiro pensamento: *Elder*. Mas não pode ser ele. Ele está na cidade.

Meu segundo pensamento: *meus pais*. Levanto-me de um pulo e coloco-os de volta em suas câmaras crio, o coração disparado. As portas de suas câmaras fazem um clique ao se fechar, exatamente quando as portas do elevador se abrem.

Victria.

— O que você está fazendo aqui? — rosno. Eu não devia, não há nenhuma razão para agir assim, mas estou no meu limite.

Victria não se incomoda em me responder — lançando-me um olhar gelado — , então cruza a sala até o laboratório de genética.

Quando ela chega à porta, digo:

— Está trancada.

Victria não se dá ao trabalho de se virar para mim. Ela simplesmente coloca o polegar sobre o escâner biométrico, digita a senha e entra no laboratório.

— Ei! — grito, levantando-me da mesa. — Como você fez isso?

Corro até a porta do laboratório. Victria está encostada na bancada de trabalho onde Eldest e Doc costumavam guardar os replicadores de DNA/RNA.

— Como você sabia a senha? — pergunto. — E como você passou pelo escâner biométrico? Os únicos que podem abrir essa porta são Elder, Doc e alguns dos Transportadores.

— E você.

Ela diz isso como se fosse uma acusação. É verdade — mas não me dou ao trabalho de responder à sua acusação desdenhosa. Em vez disso, espero por sua explicação.

— Elder me deu acesso mais de um mês atrás — ela admite.

— Ele... Deu?

Victria finalmente presta atenção em mim.

— Você sabe, o Elder existia antes de você aparecer. Com os diabos, ele até mesmo tinha amigos e uma vida, sem você.

— Eu... Eu sei.

O rosto de Victria está impassível, mas posso ver o músculo em sua mandíbula apertado, com a força que ela está fazendo para manter suas emoções sob controle.

— Pode sair, por favor? — ela pergunta. Mas não olha para mim. Está

olhando para a câmara crio onde Órion está congelado, os olhos esbugalhados, as mãos arranhando o vidro. Fecho a porta do laboratório de genética, dando-lhe privacidade.

Elder me disse que ele e seu grupo de amigos se separaram depois que Kayleigh morreu. Acho que Victria, a única outra garota do grupo, perdeu mais do que qualquer um deles, com a exceção de Harley. Posso vê-la, a escritora que amava livros, passando a maior parte de seu tempo no Salão de Registros. Onde Órion ficava.

Ela deve me odiar. Primeiro, afastei Elder e Harley dela, dois de seus últimos amigos de infância. Então a afastei de Órion.

De alguma forma, nunca pensei que alguém se importasse com Órion. Minhas lembranças dele são da última vez em que o vi vivo. Embora eu tenha pensado, quando o conheci, que ele era bondoso e gentil, generoso e amigável, tudo de que posso me lembrar dele é o olhar cheio de loucura em seus olhos enquanto ele gritava com Elder para deixar meus pais e os outros congelados morrerem. Mas é claro que Victria não viu isso. Tudo o que ela via era seu amigo, o Guardião dos Registros, com o rosto retorcido e congelado.

E, no dia em que Elder estabelece o toque de recolher na nave, quando ela deve estar com medo, porque estamos todos com medo, num dia como esse, ela ignorou a ordem de para ir para o quarto. Ela vai, em vez disso, até Órion.

Então eu percebo: ela não desobedeceu à ordem de Elder. Ele lhe disse para ir para casa.

Bem, às vezes, casa é uma pessoa.

Volto para as câmaras de congelamento. Victria, sem querer, me deu a resposta; finalmente entendi o que Órion queria dizer. Ele me disse para ir para casa.

E eu fiz isso, mesmo antes de entender o que ele queria dizer.

Coloco minha mão na maçaneta da câmara crio 42. É onde eu deveria estar. É a única casa que me resta.

Abro a porta.

Converso com meus pais todas as manhãs, mas, dessa vez, o cheiro persistente do líquido crio faz com que eu sinta gosto de bile no fundo da garganta. Engasgo, meu corpo se lembrando de como era a sensação de se afogar no líquido doentivamente doce. Não consigo respirar, e então estou respirando muito forte, e cada vez que inspiro vem o cheiro do líquido crio, e esse cheiro está me matando.

Lembro-me de como o líquido queimava minhas narinas, a forma como minha visão turva era azul, azul como as centáureas.^[4]

A caixa de vidro no interior está sem a tampa — ela se quebrou em vários

pedaços quando Doc e Elder a derrubaram na pressa de me salvar de morrer afogada na minha câmara.

Sinto-me jogada de volta àquele momento. Lembro-me de estar com dor, mas a lembrança do que e como doía desvaneceu com o tempo. Em vez disso, me lembro da voz de Elder me acalmando. Eu estava tão assustada, tão desorientada, e sua voz me resgatou da névoa cheia de terror.

Eu me forço a parar de pensar sobre meu despertar e, em vez disso, me concentro na câmara crio real. O vidro é frio ao toque, e fico espantada com o tamanho reduzido da caixa, de como meus braços e pernas ficavam pressionados contra o vidro enquanto eu lutava para escapar.

Minhas mãos param.

Ali — exatamente onde meu coração estaria se eu ainda estivesse na caixa agora — há um pedaço de papel, dobrado ao meio.

Minha mão treme quando o desdobro.

PESSOAL MILITAR A BORDO DA GODSPEED

1. Katarzyna Bergé
4. Lee Hart
12. Mark Dixon
15. Frederick Krasczinsky
19. Brady MacPherson
22. Petr Plangariz
26. Theo Kennedy
29. Thomas Collins
30. Ximena Roge
33. Alastair Potter
34. Aigus Wu
38. Jeremy Doyle
39. Mariella Davis
41. Robert Martin
46. Grace Spivey
48. Dylan Farley
52. Ines Gomez
58. Aislinn Keenan
63. Emma Bledsoe
67. Jagdish Iyer
69. Yuko Saitou
72. Huang Sun
78. Chibueze Kopano

- 81. Mary Douglass
- 94. Naoko Suzuki
- 99. Juliana Robertson
- 100. William Robertson

Elder

Depois de lembrar Doc de passar na casa de Lil antes de levar embora o corpo de Stevy, ajudo os Transportadores a inspecionar as ruas da Cidade. Rostos espreitam pelas janelas quando passo por elas. Às vezes, vejo um olhar submisso marcado pela preocupação e pelo medo, mas mais frequentemente as pessoas olham para mim com raiva. Eles podem ter obedecido ao toque de recolher, mas seus olhos são desafiadores, zangados.

Meu estômago ronca — minha última refeição de verdade foi ontem — e eu só paro para comer quando Marae insiste. As ruas estão vazias, mas não vamos embora até a luz solar ser desligada. Enquanto vou pelo tubo gravitacional até o nível dos Transportadores, não posso deixar de notar que quase todas as luzes estão acesas na Cidade. Tenho quase certeza de que posso adivinhar por que estão acordados e sobre o que estão conversando.

A maioria dos Transportadores permanece na Cidade — suas casas ficam aqui, afinal, e eles só vão ao Nível dos Transportadores para trabalhar — mas Marae me segue no tubo gravitacional. Enquanto nossos passos ecoam no chão de metal, percebo que hoje à noite, depois que Marae deixar o Nível dos Transportadores e eu voltar para o Nível do Guardião, estarei ainda mais separado do resto da nave — dois níveis totalmente vazios para mim.

Vamos em direção ao *whirr-churn-whirrdo* motor. Está escuro dentro da sala do motor, mas mesmo assim ele lança uma sombra. O ar cheira a graxa queimada; o equipamento parece menor aos meus olhos agora que sei que ele não está fazendo a nave se movimentar. Marae não olha para ele ao cruzar a sala e vai diretamente até uma porta grossa e pesada, trancada com um cadeado.

A Ponte.

Eu me lembro das palavras que Eldest me disse antes de começar a me treinar — Ponte é para os Transportadores. Eu cuido das pessoas, não da nave.

Marae abre a porta e espera que eu entre primeiro. Um teto de metal em forma de arco curva-se sobre a ponte. A sala tem um formato oval pontiagudo, levando-me até sua extremidade. Há duas fileiras de bancadas com monitores projetando-se a partir delas. Um painel de controle gigante em forma de V foi construído na parte da frente da sala.

Sento-me ao painel de controle e tento imaginar como seria levar essa grande nave até a nova Terra.

Mas não posso... A ideia é tão impossível para mim que não posso sequer imaginar ser o líder triunfante que pousa a nave.

Pulo da cadeira. Eldest estava certo. Não pertenco a esse lugar.

Marae está na frente de um dos painéis de controle. Há duas telas lá, ambas em branco. Em uma delas está escrito COMUNICAÇÃO, e na outra, NAVEGAÇÃO.

— Eu estava trabalhando nisso hoje, como você pediu, quando você me enviou o pedido de ajuda para lidar com... Com o problema — ela diz, roçando os dedos sobre o letreiro de metal que diz Navegação.

— Você já teve a chance de descobrir onde estamos? — pergunto, interessado.

Marae faz uma carranca.

— É uma bagunça — ela levanta um painel articulado localizado abaixo das telas, mostrando-me um amontoado de fios e circuitos. — Se eu tivesse que adivinhar, diria que isso foi deliberado, provavelmente, na época da Peste; afinal de contas, nós perdemos comunicação com Terra-Sol naquela época.

— Então, alguém, provavelmente o Eldest da época da Peste, cortou as comunicações com Terra-Sol e destruiu o equipamento de navegação também? — pergunto, notando que ambas as operações ficam no mesmo painel de controle.

Marae encolhe os ombros, escondendo os equipamentos eletrônicos destruídos sob o painel de metal novamente.

— Tenho tentado resolver tudo isso.

Embora ela tente disfarçar por detrás de uma voz em tom neutro, ainda assim posso identificar o desdém.

— Sinto muito por hoje. Sei que os problemas no nível dos Alimentadores interromperam o seu trabalho.

Marae olha para mim.

— Você agiu bem hoje — ela diz finalmente.

— Agi bem? — bufo. — Aquilo ficou a um passo de se transformar em um motim. Da próxima vez será um motim. Mas... Obrigado. O fato dos Transportadores ficarem ao meu lado realmente ajudou.

— Os Transportadores sempre ficarão ao lado do Eldest — Marae diz simplesmente, no mesmo tom que usaria para me dizer que o nome da nave é *Godspeed* ou que as paredes que nos rodeiam são de aço. — Mas... Espero que você perceba, Elder, que não haveria necessidade de estarmos lá se você voltasse a fornecer Phydus para a nave. Se não tivéssemos esse tipo de problema, então

os Transportadores e eu *poderíamos* nos concentrar sobre os problemas com o motor e o sistema de navegação.

— Nada de Phydus — digo imediatamente, mas o tom determinado usual da minha voz se foi. Mesmo que Stevy tenha sido envenenado por Phydus, Marae ainda está certa. Quanto tempo foi desperdiçado hoje não apenas no nível dos Transportadores, mas em toda a nave? *Precisamos* trabalhar, ou vamos todos morrer. Não podemos nos dar ao luxo de sermos interrompidos dessa forma.

— Eldest — Marae começa.

— Elder — insisto.

— Sem Phydus, as coisas vão continuar a piorar. Eles não se importam com que tipo de líder você é; eles querem outra pessoa. Qualquer outra pessoa. Ou líder nenhum. As pessoas estão, lá no fundo, constantemente se movendo em direção a um estado de entropia. Muito parecido com o que acontece com a nave. Estamos entrando em uma espiral fora de controle. É por isso que precisamos de Phydus. Phydus significa controle.

Suspiro.

— Eu admito que a forma como tenho lidado com as coisas, ou não, nesses três últimos meses não tem funcionado muito bem. Pensei que podia confiar em todos para continuarem a fazer as coisas como sempre fizeram.

— Você não consegue ver? — Marae pergunta gentilmente, como uma criança falando com o filho. — É *exatamente* por isso que *precisamos* de Phydus. Essa é a primeira coisa que você precisa fazer se quiser controlar a nave como Eldest.

— Não quero fazer isso.

— Não quer fazer o quê?

— Não quero controlar a nave como Eldest controlava — digo. — Amy — Marae estreita os olhos à menção do nome de Amy. Eu continuo de qualquer forma, minha voz, agora, um rosnado. — *Amyme* ajudou a ver que Eldest nunca controlou a nave, de qualquer maneira, ele apenas controlava as drogas. Acho que posso fazer melhor do que isso. Espero que possa.

— Você percebe — Marae diz — que a falta de Phydus pode resultar em um motim?

Balanço a cabeça.

Eu sei disso.

Sempre soube.

Olho para a lista impressa e amaldiçoo Órion em voz alta. Outro quebra-cabeça. Olho para trás, mas Victria ainda está no laboratório de genética. A pista de Órion era simples: 1 , 2, 3, 4. *Some tudo e destranque a porta.* Corro o dedo pela lista, contando. Há 27 pessoas na lista. As portas nesse nível são trancadas com um teclado numérico — se eu digitar 27 talvez consiga abrir uma delas.

Minha mão vai imediatamente até o com-wi em meu pulso. Sei que Elder gostaria de abrir a porta comigo. Mas não aperto o botão. Tudo em que posso pensar é a raiva em sua voz quando ele ordenou o toque de recolher. E — me encolho — prometi a ele que iria direto para o quarto e trancaria a porta. Quão zangado ele vai ficar se descobrir que vim para cá em vez disso?

Ainda segurando a lista, passo pelas outras câmaras crio e vou em direção ao corredor do outro lado desse nível. Há quatro portas aqui — cada uma delas feita de aço, grossas e pesadas, trancadas com seu próprio teclado. A escotilha que leva para o espaço fica depois da segunda porta — o teclado está manchado de tinta vermelha, uma lembrança da última noite de Harley. Há uma porta à esquerda e uma porta à direita. No final do corredor, há outra porta, a maior de todas.

Começo pela porta à esquerda da escotilha. O teclado tem letras e números. Tento digitar primeiro o número 27, mas um código indicando erro pisca na tela: ERRO: O CÓDIGO DE ACESSO DEVE SER DE QUATRO DÍGITOS OU MAIS. Então tento 0027 e, quando isso não funciona, soletro: *v-i-n-t-e-e-s-e-t-e*.

Nada.

Vou para a direita, passando pela escotilha, e tento usar a senha em cada uma das outras duas portas fechadas.

Nada ainda.

Frustrada, conto o número de pessoas na lista, mas ainda é 27. Corro de volta até os elevadores e pego um disquete sobre a mesa lá, verificando o registro oficial de congelados com a lista de Órion. Vinte e sete.

O significado de quem Órion colocou na lista não me passou despercebido — ele está tentando me lembrar de que o número de congelados no serviço

militar indica problemas para os nascidos na nave. Ele achava que essa era uma razão boa o suficiente para tentar matar todos, inclusive meu pai. E, sim, embora 27 militares dentre cem congelados possa ser um número grande, Órion ainda é um psicopata que acha que meu pai iria concordar com a escravização de pessoas.

Tento abrir as portas estúpidas mais uma vez, mas elas continuam trancadas. Qualquer que seja a senha para abrir as portas, não é 0027 ou *v-i-n-t-e-e-s-e-t-e*.

Frustrada, pego o elevador de volta para o Hospital e depois tranco minha porta, tal como prometi a Elder — fico olhando para o papel amassado até cair no sono.

Pela primeira vez em muito tempo, sonho com Jason, meu antigo namorado na Terra. Em meu sonho, Jason e eu estamos na festa onde nos conhecemos. Mesmo que, na minha lembrança, a festa esteja cheia de risos e dança e diversão, no sonho, tudo o que vejo é fumaça de cigarro e atletas da escola que derrubam seus copos de plástico vermelho cheios de cerveja em mim. Quando Jason e eu nos encontramos lá fora, começa a chover — mas não é uma chuva morna romântica de verão. É uma chuva que cai em forma de pingos frios, ásperos. Meu pai teria dito que estava “chovendo canivetes”, e ela arde na minha pele e irrita meus olhos.

Quando nos separamos, Jason diz:

— Eu te amo, agora que não posso ter você.

E eu digo:

— Você foi meu primeiro em tudo.

Mas Jason faz não com a cabeça e fala:

— Não, não fui.

E antes que eu consiga entender em que ele não foi o meu primeiro, ele me beija. É um beijo desleixado, molhado e desajeitado, nossos dentes se chocam, e a língua dele parece um peixe morrendo em minha boca, debatendo-se dentro dela.

Eu me afasto — mas não é Jason que está me beijando, é Luthor.

— Você nunca escapará — ele diz.

Quero fugir, mas meus músculos estão paralisados enquanto Luthor se aproxima de mim. Sua boca se abre num grande sorriso e seus dentes estão escuros e apodrecidos. Abro minha boca para gritar, mas antes que eu possa fazê-lo, seus lábios esmagam os meus.

Acordo lutando contra minha colcha enrolada. Meu rosto está úmido — de suor ou lágrimas, não sei. Assim que consigo sair da cama, corro para o banheiro e jogo água fria no rosto, ainda arquejando do grito que não consegui dar no

sonho.

Agarro as laterais da pia com ambas as mãos, incapaz de parar de tremer. Não reconheço a garota no espelho. Olhos vermelhos, lábios rachados, medo derramando-se de seu corpo. Não gosto de admitir quanto Luthor me assusta. Envolver a mim mesma com os braços, apertando-os contra meu corpo. Por que eu deveria ter tanto medo quando ele, *na verdade*, não fez nada? *Quase* é uma razão boa o suficiente para ter medo?

Sim.

O quarto parece desmoronar ao meu redor. O que eu quero é correr, mas tenho medo demais do que se esconde nas sombras, nos lugares onde não há nada além de vacas e ovelhas e ninguém para me ouvir gritar por socorro.

E isso me deixa furiosa.

Não é somente Luthor, embora ele seja a maior parte disso. São os olhos que me olham com malevolência na Cidade. É a forma como alguns deles, como a mãe de Harley, Lil, ainda se encolhem quando me veem. É o fato de que será assim pelo resto da minha vida, e não há nada que eu possa fazer para evitar que isso aconteça, não mais do que eu seria capaz de fazer o motor voltar a funcionar. Não posso mudar o que sou, ou de onde vim, e, por causa disso, eles nunca me aceitarão.

Visto-me rapidamente — tão rapidamente que não enrolo direito o pano em volta dos cabelos e tenho de fazê-lo novamente. Duvido que haja alguém acordado ainda, é cedo demais, mas não quero arriscar. Asseguro-me de que o papel que encontrei ontem à noite está guardado em segurança em meu bolso, e então saio pela porta, através do Hospital silencioso, e corro pelos corredores. Quando chego à entrada do tubo gravitacional, a lâmpada solar se acende, cegando-me momentaneamente. Pressiono o com-wi no pulso e ativo o tubo gravitacional.

O vento começa a soprar, e, por um minuto, penso em pular fora e simplesmente mandar uma mensagem para Elder vir me pegar. Alguns fios do meu cabelo flutuam. Então, o vento acelera, e mais fios de cabelo escapam do meu lenço de cabeça, erguendo-se como milhares de pequenos braços. Por um momento, meus dedos dos pés estão apoiados no chão, mas meus calcanhares estão levantados, e então *whoosh*! Sou sugada pelo tubo. Fecho os olhos. Não quero ver o Nível dos Alimentadores encolher enquanto voou cada vez mais alto. Não abro os olhos até que os ventos diminuem e eu saio no Nível do Guardião.

Tento arrumar o lenço sobre os cabelos, depois desisto e o tiro, enfiando-o no bolso do casaco. Não preciso esconder meu cabelo de Elder, de qualquer forma.

Abro a boca para chama-lo, mas então a fecho, percebendo algo.

Pela primeira vez em três meses não comecei meu dia indo até o nível crio para conversar com meus pais.

Quando acordei, triste e infeliz e vazia por dentro... Vim direto para cá.

Para Elder.

Exatamente como Victria foi direto para Órion.

Órion estava enganado sobre mim. Elder é meu lugar seguro. Elder é minha casa.

O Nível do Guardião está silencioso. Estou me sentindo uma idiota por ter vindo até aqui à toa caso Elder não esteja aqui. Mas quando cruzo o Grande Salão, posso ouvir um ronco suave. A porta do quarto de Elder está trancada. Eu me encosto à entrada do quarto.

Ele parece mais jovem, adormecido, o exato oposto do amadurecimento feroz que o caos de ontem espalhou em seu rosto. O quarto é bagunçado, como somente o quarto de um garoto consegue ser: roupas espalhadas por todo lado, apesar do fato de ele ter um “cesto de roupa suja” que automaticamente limpa as roupas *ãli mesmo*. Há um cheiro almiscarado no quarto, algo que não cheira exatamente como Elder, mas que me lembra ainda mais dele. Eu poderia estar em qualquer lugar do universo, vendada, e ainda assim identificaria esse quarto como sendo dele pelo cheiro.

Passo por cima de uma pilha de roupas e sento-me à beira de sua cama, perto de seus pés. A cama se inclina, e os olhos de Elder se abrem.

— Amy — ele diz em uma voz pesada de sono, quente e sorridente, arrastando as sílabas, de forma que meu nome parece terminar com “miiii”.

— Amy! — ele grita, sentando-se na cama. — Que diabos... Como você... Por que você está aqui?

Dou um sorriso aberto.

— Encontrei isso — digo, jogando no colo de Elder o papel dobrado que encontrei na câmara crio. Ele se estende para pegá-lo, esticando-se de uma forma que lembra um gato.

— O que é? — ele pergunta enquanto lê a página.

— É uma lista de todos os militares congelados no nível crio. Eu verifiquei duas vezes com os registros oficiais — Elder parece confuso, mas, então, acrescento: — É a pista seguinte que Órion deixou para mim... Para nós.

Elder olha fixamente para o papel, com as sobrancelhas franzidas em concentração.

— A última pista foi sobre somar alguma coisa.

— Sim — eu digo. — Eu contei: há 27 pessoas nessa lista. Mas tentei 27, o número, e também por escrito... Não funcionou. Nenhuma das portas se abriu.

Não sei o que eu esperava de Elder — que ele subitamente se lembrasse de

outra porta trancada em algum lugar da nave ou que ele magicamente somasse a lista e achasse outro número que não 27, mas tudo o que ele faz é dizer “Hummm” e jogar o papel de volta para mim. Ele sai da cama, e, quando ele desliza para fora das cobertas, vejo que não está usando calças. Na verdade, tudo o que está usando é uma cueca estilo samba-canção — feita de linho branco e fino, e consideravelmente mais curta e apertada do que as cuecas que os garotos usavam na Terra. Olho fixamente para ele. Quando vim correndo para cá e sentei na sua cama, não pensei sobre o que ele estaria usando — mas agora...

Elder ri, e eu noto seu sorriso divertido.

— Ah, cale a boca e vista uma calça! — digo, jogando um travesseiro nele.

Ainda estou com as bochechas coradas de vergonha quando Elder — agora totalmente vestido — leva-me de volta ao tubo gravitacional que leva ao Centro de Aprendizagem. Ele aperta o com-wi para fazer o tubo funcionar, então se vira e estende a mão para mim.

Espera aí, *o quê* — Vou depois de você — digo, dando um passo atrás.

Elder levanta uma sobrancelha, um resquício de sorriso brincando em seus lábios.

— Vamos lá, venha comigo.

Já fizemos isso antes, é claro. Mas isso foi quando eu estava meio drogada com Phydus e antes... Antes de começar a pensar que a vida presa na nave não seria tão ruim se Elder andasse mais vezes por aí sem calças.

Antes que eu possa protestar novamente, Elder me puxa para perto, o calor de seu corpo envolvendo-me. Ele me segura sem me apertar, sabendo que ainda não sei o que fazer com seu toque, mas com força o suficiente para que eu tenha certeza de que ele não vai me deixar cair. Elder se move para perto da abertura do tubo gravitacional com uma espécie de rodopio lateral. Ele usa a mão livre para tocar seu com-wi.

— Pronta? — ele sussurra. As palavras flutuam ao redor do meu rosto como uma brisa de verão.

Balanço a cabeça afirmativamente, porque não consigo achar as palavras para responder.

O tubo gravitacional parece criar vida, os ventos suaves passando por mim e rodopiando ao meu redor, fazendo meu cabelo flutuar e as roupas grudarem em nossos corpos. Elder me segura com mais força, dá um passo à frente e mergulhamos no vazio.

Caímos por um momento, na escuridão entre os níveis, e meu coração bate na garganta — não apenas por causa da estimulante força do tubo gravitacional, mas também por causa da forma como Elder me segura, aproximando-me mais

de seu corpo do que ele já o fez antes. Não estamos em queda-livre — estamos sendo sugados para baixo, rápido, mais rápido do que uma pessoa cairia. Eu me encolho contra Elder, minhas mãos agarrando seu pescoço, e enterro meu rosto em seu ombro, mas suas mãos não me deixam cair. Ele é a única coisa estável nesse caos rodopiante.

Uma explosão de luz — passamos por todo o Nível dos Transportadores e já estamos sendo sugados para dentro do Nível dos Alimentadores. O tubo se dobra — o Nível dos Alimentadores tem um teto curvo, e o ângulo faz com que eu me sinta não apenas como se estivesse caindo, mas caindo em cima de Elder. Penso em me afastar para longe dele, mas meu corpo não quer abandonar a segurança dos seus braços.

Dou uma olhada além de seu ombro, uma vez, e vejo o Nível dos Alimentadores estendido diante de mim. Não sinto nada ao vê-lo, nem ódio, nem amor, e por isso não observo os campos e edifícios chegando mais perto de nós quando nos aproximamos do chão.

E então os ventos se acalmam, meu cabelo flutua para baixo — uma confusão de fios emaranhados agora —, pairamos um ao lado do outro no ar por um minuto antes de os ventos pararem e colocarmos os pés sobre a plataforma no Nível dos Alimentadores.

— Viu? — diz Elder, enfiando meu cabelo atrás das orelhas. — Não é tão ruim assim.

Dou um passo para trás e saio da plataforma, resistindo à vontade de alisar o cabelo dele.

Quando pisamos no corredor, nossos ombros se tocam. Eu me afasto e ando um pouco à frente dele.

— Venha — digo, incapaz de olhar em seus olhos.

Amy se apoia na parede do nível crio, observando-me enquanto aproximo o teclado numérico da porta trancada à esquerda da escotilha.

— Eu lhe disse — Amy diz. — 27 não funciona.

— Deixe-me ver a lista novamente — digo. Amy enfia o papel amassado na minha mão estendida. Meu com-wi emite sinais sonoros, mas eu o ignoro.

— Elas se parecem com portas de submarinos — o tom da voz de Amy me faz olhar para ela. Minha mente viaja, tentando se lembrar do que é um submarino. Uma daquelas coisas subaquáticas. Não achei que fossem reais. Mas, também, eu costumava achar que o oceano não podia ser tão grande e profundo como Amy disse que era.

— Elas estão todas seladas e trancadas — digo. — A porta que vai para a Ponte é assim também, e as escotilhas que conectam os diferentes níveis. Em caso de haver danos à nave e um nível ficar exposto, podemos selá-lo e... — eu me distraio, e minha atenção se volta para a lista.

— Meu pai me levou para ver o USS Pampanito^[5] quando eu era criança; eu só me lembrei disso porque o nome era tão ridículo que eu ficava repetindo um milhão de vezes enquanto corria pelos corredores minúsculos. Pampanito! Pampanito! Pam-pa-NITO! Meu pai tentou me pegar, mas bateu a cabeça tentando rastejar através de uma das pequenas portas. Quase perdeu os sentidos com a batida.

Ela dá uma risada curta, mas o som morre rapidamente. Olho para cima, tirando os olhos da lista — Amy está olhando para a parede, os olhos vidrados.

Farei qualquer coisa para fazê-la feliz novamente, então eu lhe dou as estrelas. Digito o código-chave, rapidamente — *Godspeed*—, e a escotilha se abre, expondo os milhões de pontos brilhantes no céu.

Eu me lembro da primeira vez que vi as estrelas. Pensei que elas haviam mudado tudo. Pensei que elas haviam me mudado, como se eu tivesse me tornado uma pessoa diferente apenas por ter visto pontos brilhantes de luz a um milhão de quilômetros de distância. Agora, quando olho para elas, não sinto nada. Não acredito mais nelas. Quando eu disse a todos na nave que estava lhes dando a liberdade de serem eles mesmos, trouxe aqueles interessados em ver as

estrelas — as estrelas de verdade — até aqui. Alguns vieram. Muito menos do que eu esperava. E então percebi: quando você viveu sua vida toda dentro de dezesseis quilômetros quadrados cercados por aço, é mais fácil se esquecer do lado de fora. Torna-se menos doloroso estar preso em uma nave se você disser a si mesmo que não é uma armadilha.

Essa é a razão pela qual não posso dizer a todos sobre o motor não estar funcionando.

Meu olhar se desloca para a tinta vermelha no teclado. Talvez um dia as manchas de tinta que Harley deixou ao longo de *Godspeed* irão desaparecer, e talvez as estrelas nunca o façam, mas prefiro as cores de Harley.

Harley morreu por... Bem, não sei por que ele morreu. Só sei que não está mais aqui, e sinto falta dele. Mas Kayleigh morreu por causa de uma verdade, de acordo com Órion.

Suas palavras ecoam em minha mente, e sou grato. Não quero pensar sobre estrelas ocas e Harley.

Em vez disso, penso no quebra-cabeça de Órion. Órion parece ter sabido mais sobre o motor da nave do que qualquer outra pessoa. Se eu puder descobrir sua maldita pista, talvez eu possa descobrir *por que* os motores pararam, e talvez eu consiga fazer a nave se mover novamente. *Somar tudo...*

Volto-me para a lista que Amy encontrou. Ao lado de cada um daqueles 27 nomes há um número de câmara crio. E se eu somasse esses números?

1270.

— O que você está fazendo? — Amy pergunta.

Tento 1270 em todas as quatro portas, começando com a maior delas no final do corredor.

A última porta se abre.

Tudo está envolto em escuridão. A sala cheira a poeira e a graxa. Penso sobre o que Órion falou, exatamente antes de eu congelá-lo. *Os congelados planejam nos transformar em escravos ou nos matar.*

Quero ver essas armas eu mesmo.

Amy encontra o interruptor antes de mim. As luzes se acendem de forma relutante, gaguejante, como se não estivessem dispostas a mostrar o que a sala contém.

E vejo imediatamente o que fez Órion temer que, quando pousarmos, seremos transformados em soldados ou escravos.

Você quer saber o que é realmente engraçado? Órion disse antes que eu girasse o mostrador para congelá-lo. *O fato de que Elder, de certa forma, concorda com tudo o que estou dizendo.*

Pistolas, rifles e revólveres muito grandes. Pacotes de bombas de gás mostarda. Mísseis — a maioria do tamanho do meu antebraço, três deles maiores do que eu. Tudo dividido em compartimentos, lacrado em plástico grosso vermelho, carimbado com as etiquetas e os símbolos do IRF.

— Não sabemos como serão as coisas em Terra-Centauri — Amy diz, já na defensiva. — Poderiam ser alienígenas, ou poderiam não ser nada. Poderiam ser monstros ou dinossauros. Nós poderíamos ser gigantes no novo mundo. Ou camundongos.

— Melhor sermos camundongos armados, certo? — digo, pegando uma sacola transparente que contém um revólver.

— Sei que parece ruim.

— Parece que tudo o que Órion disse antes era verdade — digo.

— *Não é* — Amy diz imediatamente, mas como ela pode saber? Posso ver seus pensamentos se digladiando; por um lado, ela acredita de forma absoluta que seu pai e o resto das pessoas de Terra-Sol nunca usariam os armamentos espalhados à nossa frente, mas, por outro, ela não pode negar que as armas *estão* aqui. E elas parecem tão mais... Não sei, *violentas* do que eu esperava.

Vou até o outro lado da sala, onde as armas maiores estão armazenadas. Reconheço torpedos, mísseis e bazucas dos vídeos de Terra-Sol sobre a discórdia que Eldest me mostrou. Há prateleiras cobrindo a parte de trás da sala, cheias de pequenas coisas redondas, pequenas bolas de pó comprimido cuidadosamente embaladas em plástico transparente.

Amy pega um dos bolos de pó.

— Isso se parece com os limpadores de vasos sanitários que usávamos na Terra, do tipo que você joga na parte de trás do reservatório.

Ela o gira em suas mãos; o pesado pacote de plástico enruga-se. Então, ela percebe minha expressão confusa.

— Ah, é, os banheiros aqui não tem reservatórios.

Na parte inferior do pacote pesado, embalado em plástico claro e grosso, há um rótulo de aviso gravado no recipiente:

Agente Químico Biológico Antiagrícola para ser usado com o Míssil Protótipo #476

Alcance: 100+ acres

Para utilizar: ver Míssil Protótipo #476

IRF

IRF... Intercâmbio de Recursos Financeiros. O grupo que primeiro

financiou a missão da *Godspeed*.

Na prateleira ao lado, há uma bola-comprimida semelhante, mas essa é preta, e a etiqueta na parte inferior indica Agente Químico Biológico Antipessoal.

Coloco com cautela as coisas de volta na prateleira, com cuidado para não detonar nenhum deles. Preciso de toda a minha força de vontade para não jogá-los fora, tão longe quanto possível, jogá-los todos para fora da escotilha.

— Não me diga que você ainda acha que tudo isso é para autodefesa — digo. Não quero brigar com Amy, mas com certeza ela pode ver que essas armas são um exagero.

— Isso é guerra química. É uma preparação para o genocídio.

— Minha mãe é uma geneticista tão importante quanto meu pai é entre os militares — Amy contesta de imediato, mas sua voz é reservada, e não sei se é porque ela não quer que eu questione ainda mais suas crenças ou se é porque ela não pode suportar deixar-se duvidar delas. — Se a intenção do IRF fosse aniquilar toda a vida em Terra-Centauri, então por que eles trariam um biólogo para ajudar? Por que ter um cientista que estuda a vida, se tudo o que eles querem fazer é matar todos? Há 27 militares, mas 73 pessoas que não são.

Balanço a cabeça, concordando. Ela está certa. Claro que está certa. Mas isso não significa que Órion estivesse errado.

Amy vira as costas para mim, examinando o arsenal. Ela arqueja.

— O que é isso? — pergunto.

Em vez de me responder, Amy se inclina para baixo e afasta uma embalagem cor de mostarda da prateleira.

— Essa coisa parece metade de uma bola de *softbol*^[6] — ela diz, entregando-a para mim.

Viro a embalagem e leio a etiqueta de aviso na parte inferior.

Cuidado: explosivo; levemente irritante

Composto Explosivo Fórmula M

Alcance: três metros

Para detonar: pressione o centro superior

Tempo até detonação: três minutos

IRF

Coloco-o de volta na prateleira o mais suave e rapidamente que posso, voltando-me para ver o que Amy encontrou embaixo do pacote.

— Olhe! — Amy diz com entusiasmo, brandindo um disquete. — A próxima pista!

Me inclino por cima do ombro dela, perguntando-me se esse novo vídeo será sobre as armas que acabamos de descobrir ou se ele vai nos ajudar a consertar a nave.

— Por que ele usou um disquete, em vez de um cartão de memória, dessa vez?

— pergunto a mim mesmo.

Ela encolhe os ombros. Não importa — aqui está a próxima pista, e estamos um passo mais perto de encontrar o que Órion escondeu antes de ser congelado. E um passo mais próximo — espero — de descobrir exatamente qual é o segredo.

E se ele tem algo a ver com trazer o motor de volta à vida.

Mal me atrevo a sussurrar o pensamento em minha mente, mas não há como negar o fato de que Órion sabia muito mais do que qualquer um de nós pensava que ele sabia, e isso, de alguma forma, tem a ver com o motor parado. Esse segredo gigante que ele continua insinuando — *deve* ser a chave.

— Pronto? — Amy pergunta, passando os dedos pela tela.

Em vez de ver Órion sentado nas escadas falando, porém, a tela permanece preta. Eu me inclino mais perto. Amy aperta mais a tela, fazendo o disquete se curvar.

— Por que não tem um vídeo? — ela pergunta. — Eu fiz alguma coisa errada?

Sacudo a cabeça exatamente quando palavras escritas em branco começam a rolar pela tela preta.

Você chegou até aqui. Isso é bom. Eu não esperava menos de você.

Primeiro, tenho uma pergunta para você. Por que temos esses tipos de armas?

— Isso é exatamente o que eu estava me perguntando — murmuro.

— Hum? — Amy pergunta, seus olhos se movendo de palavra em palavra.

— Nada — digo.

Tem de haver uma razão para isso. Você deve estar se perguntando a mesma coisa que perguntei a Eldest, se estamos em uma missão exploratória pacífica, como ele disse, por que estamos armados para a guerra?

Eldest nunca me respondeu. É para quando desembarcarmos. Isso é tudo o que ele me disse. Que os congelados têm uma razão para precisar desse tipo de armamento. Mas não se carrega armas como essas a menos que se esteja pensando em matar alguma coisa. Somos nós ou eles — quem ou o que quer que esteja em Terra-Centauri.

De qualquer maneira, nós — todos nós nascidos na nave — estaremos no

meio disso tudo quando pousarmos.

As últimas palavras desaparecem no nada, a tela fica preta e depois cheia de estática, que é rapidamente substituída por uma imagem de Órion na parte inferior de uma grande escadaria. Esse vídeo é diferente de todos os outros — não apenas porque foi antecedido por um texto na tela, mas porque Órion está muito mais jovem aqui, com vinte e poucos anos. A câmera o filmou num ângulo torto, e ele estende a mão e a reajusta. Fica olhando ao redor, como se estivesse com medo de ser descoberto.

ÓRION: Acabei de descobrir o segredo. O grande segredo.

— Ele está mais jovem aqui — Amy diz.

— Ele se parece comigo — digo.

— Não se parece não.

Parece sim.

Órion se inclina na escadaria, mais perto da câmera.

ÓRION: Isso é muito maior do que a clonagem, maior do que o Phydus. É a razão do Phydus.

— A voz dele soa como a minha também.

Órion engole em seco. Alguns momentos passam antes que ele fale novamente. Amy dá uma olhada preocupada em minha direção, mas eu a ignoro, concentrando-me na forma como Órion mastiga o lábio inferior.

ÓRION: Eldest não quer que ninguém conheça esse segredo. Acho que ele não queria que nem mesmo eu tivesse notado, mas...

Órion fala apressadamente agora, em voz baixa e urgente. Nós dois nos inclinamos, nenhum de nós respira enquanto se esforça para ouvir.

ÓRION: ... a parte externa da nave precisava de manutenção. Ele me disse para enviar o Primeiro Transportador Devyn, mas, em vez disso, eu mesmo fui. Eu — eu vi o que ele não queria que eu visse. Ele está zangado. Mais zangado do que já o vi antes. Já pensei que ele poderia... Mas dessa vez realmente acho que... Acho que terei de...

A câmera se vira para a esquerda, atrás da escadaria. Uma trouxa de suprimentos jaz aberta sobre uma cama improvisada, junto de algumas caixas lacradas.

ÓRION: Faz algum tempo que estou me preparando. Desde que vi o inferno gelado do nível crio. Desde que soube da clonagem. Sei que posso ser substituído. Não será preciso muito para que Eldest cumpra suas ameaças.

A câmera volta a focalizar Órion, cuja atitude parece desafiadora. *Ele se parece, penso, comigo.*

ÓRION: Conheço os segredos de Eldest, mas ele não conhece os meus. Ele não descobriu onde estou me escondendo ou como. Está me vigiando através

do sistema do com-wi, mas descobri como enganar o sinal, fazer com que pareça que estou no Hospital quando não estou.

Órion leva a mão até a orelha esquerda e gentilmente toca — mas não pressiona — o botão ali.

ÓRION: Ele não sabe sobre esse lugar. Mas isso não é suficiente. Vou precisar...

Os dedos de Órion cobrem o com-wi; suas unhas arranham a pele e deixam marcas vermelhas onde tocam. Olho para Amy quando ela toca a pulseira com o com-wi em seu pulso com um dedo, seus lábios contraídos.

ÓRION: Mas o segredo... Deveria permanecer em segredo. Ninguém deveria saber a respeito dele. Nem mesmo eu. É... Demais.

Órion fica em pé e começa a andar para lá e para cá. Seus pés aparecem e somem da câmera; sua voz fica mais fraca e mais forte.

ÓRION: Não sei mais que diabos é a coisa certa a fazer. Conto a verdade? Ou a mentira é melhor? E o que fazer a respeito de...

Sons abafados ecoam enquanto Órion se afasta da câmera.

ÓRION: Não posso mais encobrir o segredo. Alguém precisa saber disso — haverá uma época em que precisaremos... Mas a rede de disquetes não é segura...

Aproximo meus ouvidos da tela numa tentativa de entender os sons ininteligíveis ao fundo — Órion murmurando algo, palavras que não consigo entender sob o som de seus passos marchando para lá e para cá em frente à câmera. Ele pega a câmera, e uma confusão de imagens passa pela tela. Depois de um momento, ele vira a câmera de volta para seu rosto, agora mergulhado em sombras.

ÓRION: Deixarei essa mensagem para quem quer que a encontre. Se algo acontecer comigo... Se Eldest... Vocês sabem. Se algo acontecer comigo, acho que alguém tem de saber.

Órion respira fundo, então abre a boca para falar.

O vídeo é cortado abruptamente.

— Só isso? — Amy pergunta.

— Não, veja. Tem mais.

Palavras encham novamente a tela.

Isso foi há muito tempo, mas não a torna menos verdadeira. Amy, você viu a verdade por si mesma. Você viu as armas. Você sabe — você deve saber — que, se precisamos de armas como essas, então o que quer que haja em Terra-Centauri não vale a pena. Tranque o arsenal, esqueça a senha e vá embora.

— Bem, *com os diabos*— Elder diz, afastando-se e olhando para o disquete em branco com desgosto.

Olho para ele inquisitivamente.

— Tudo o que esse disquete prova é que ele era paranoico e que essa história toda de sair atrás de pistas é inútil.

— Inútil? — pego o disquete e me levanto também.

Elder acena com a cabeça.

— Inútil. Eu esperava aprender como fazer o motor funcionar novamente, mas tudo de que ficamos sabendo com esse vídeo é que há um grande segredo que Órion decidiu não compartilhar conosco. Ele nos faz sair procurando pistas pela nave que levam até uma porta e aí *simplesmente nos diz para trancá-la novamente*. Mais inútil do que isso, impossível.

Aceno, dobrando o disquete e enfiando-o no bolso.

— Há algo definitivamente bizarro em tudo isso — digo, assim que as últimas palavras desaparecem na tela negra.

— Bizarro?

— Você sabe, esquisito.

Um sorriso sarcástico aparece no rosto de Elder.

— Toda vez que acho que conheço você, você diz algo tão... Estranho.

— Há! — dou um soco em seu braço. — Pensei que já tínhamos discutido isso antes: você é quem fala de um jeito *bizarro* aqui.

Elder fecha a porta pesada parecida com uma porta de submarino, e me certifico de que ela está trancada atrás de nós — mas não vou esquecer o código.

— Acho que Órion estava com medo — digo, seguindo Elder pelo corredor.

— Ele era pirado — a voz de Elder é amarga. — Aquilo foi filmado por volta da época em que Eldest tentou matá-lo, e é óbvio que ele pirou. Órion era paranoico...

— Ele tinha razões para ser paranoico.

Não posso evitar; toco a pele macia atrás de minha orelha esquerda, lembrando-me da maneira como Órion arranhou sua pele no vídeo. O que o

levou a enterrar as unhas na pele e arrancar os fios de sua própria carne? Olho para o com-wi em volta de meu pulso e engulo bile amarga ao pensar em como ficaram *aqueles* fios, pingando sangue e entranhas, e... *Eca*.

— É estranho, porém — paro de falar, pensando. — Todos os outros vídeos estavam em cartões de memória. Esse já estava no disquete, nos esperando no arsenal. Nenhum dos outros tinha texto. E nenhum dos outros era tão antigo. Aquele vídeo foi feito exatamente antes de Órion encenar a própria morte. Talvez alguém, sei lá, tenha mexido nele.

— Talvez. Talvez não — Elder franze a testa para o vídeo. — Olha, entendo que Órion fez esses vídeos para você, e você sente que tem que resolver seu maldito quebra-cabeça. Mas vamos ter que descobrir como viver nessa nave sem alguma mensagem estúpida que ele deixou para nós.

Ele passa os dedos pelo cabelo. Geralmente faz isso quando está pensando, mas há um quê de raiva na maneira como fez isso agora, como se só estivesse fazendo para não socar alguma coisa.

— Temos problemas *sérios* para enfrentar, e isso foi apenas uma maldita perda de tempo. O motor não vai se consertar sozinho. Órion está apenas nos distraindo dos *verdadeiros* problemas.

Mordo meu lábio. Órion não deixou uma mensagem para nós; ele deixou para *mim*. E era algo sobre sair da nave, eu sei. A chave para consertar o motor, a razão do atraso — alguma coisa. Algo importante.

Além disso. Quanto tempo mais podemos continuar assim?

— Espere — Elder rosna, e depois se afasta de mim, pressionando o botão do seu com-wi na lateral do pescoço com tanta força que parece que dói. Ele fala em voz baixa por um momento, então grita: — O quê?

— O que é? — pergunto suavemente, colocando minha mão em seu braço. Elder se desvencilha de mim.

— O quê? — ele diz novamente para o com-wi. — Já vou para aí.

Ele aperta o botão atrás da orelha novamente e olha para mim antes de sair correndo pelo corredor, em direção aos elevadores.

— Tenho que ir — ele diz.

— Por quê? Qual o problema? — tenho que correr para alcançá-lo. — Elder, o que foi?

— Bartie está causando mais problemas — o punho de Elder atinge o botão de chamada do elevador. — Não posso mais perder meu tempo com isso — diz.

— Não é um desperdício de tempo — digo baixinho.

As portas do elevador se abrem, e Elder estende o braço para impedi-las de

se fecharem sem ele. Ele olha nos meus olhos.

— Não estou bravo com você— ele diz, sua voz parece sincera. — Mas essas “pistas” não vão consertar a nave.

Elder entra no elevador, deixando-me sozinha no nível crio, frio e vazio. Parte de mim gostaria que ele pudesse ficar, mas sei que ele é necessário nos outros níveis. Enquanto ando devagar em direção às portas trancadas, eu me pergunto como as coisas seriam diferentes se Elder não tivesse que ser responsável por *Godspeed*. Nunca lhe pediria para desistir da liderança pela qual ele ansiou por toda a vida... Mas talvez, se ele não precisasse se preocupar primeiro com a nave, eu pudesse acreditar nele quando ele diz que se importa comigo.

Tiro o disquete que encontramos do bolso. Talvez Elder esteja certo. Talvez isso não seja nada além de uma busca inútil. Mas... É tudo o que tenho agora. É tudo que tive por três meses. É a primeira centelha de esperança que tive desde que acordei, e preciso me agarrar a ela. Preciso. Preciso acreditar que algo, *alguma coisa*, resultará disso tudo.

Toco o arquivo de vídeo novamente, examinando as palavras e aguçando os ouvidos para pegar mudanças no tom de voz de Órion, algo que me dê uma pista.

A voz de Órion — tão parecida com a de Elder — enche o saguão.

— Eldest não quer que *ninguém* saiba o segredo. Acho que ele não queria que nem mesmo eu soubesse, mas... A manutenção na parte externa da nave... Eu... Eu vi o que ele não queria que eu visse.

— Seja lá o que foi que você viu — digo para rosto de Órion —, você viu fora da nave.

Não podemos sair da nave. Há o vácuo do espaço, esperando para nos sufocar ou transformar nossos pulmões em purê de batata, ou algo parecido. Nós morreríamos. A menos... A menos que, atrás de uma das duas portas remanescentes, haja *trajes espaciais*.

Olho para cima, para a escotilha que mostra as estrelas. Bem, *é claro* que deveria haver algo que permitisse que as pessoas saíssem com segurança da escotilha. Certamente, os fabricantes da nave perceberam que, em séculos de viagem, a nave precisa de manutenção. Isso é o que Órion chamou, no primeiro vídeo, de plano de contingência — esse deve ser o deles. Quatro portas trancadas nesta sala. Uma leva ao arsenal, uma leva à escotilha de fuga... Uma deve conter trajes espaciais.

A possibilidade do que estou pensando me atinge com tanta força que não consigo respirar por um minuto. Então, eu me lembro da outra coisa que Órion

disse.

Mas o segredo... Deve permanecer um segredo.

Não. Eu quero — eu preciso seguir essa linha de pensamento até o fim. Preciso saber o que Órion sabe. Porque, se for algo que pode fazer a nave se mover novamente, que vai nos levar até o planeta, então vale a pena. E se for a prova de que a nave nunca vai se mover novamente, isso vale a pena também. Não saber é o que está me matando. Não saber se há uma chance de que algo pode mudar, não saber se há qualquer esperança.

Toco o vídeo novamente.

Na verdade, há algo diferente em relação a essa pista. Ela parece diferente. Estava num disquete, e não num cartão de memória. O texto na tela, o fato de que Órion estava tão mais jovem — é como se alguém tivesse encontrado esse vídeo e feito uma montagem a partir de uma gravação antiga. O que significa... Que Órion não fez isso.

Outra pessoa tem o vídeo verdadeiro — a pista verdadeira.

Elder

— Diabos — murmuro enquanto Marae percorre a lista de tudo o que aconteceu até agora no dia de hoje. Só estive com Amy por duas horas, no máximo, mas sei que não devia ignorar minhas chamadas.

Primeiro houve a reunião que Bartie realizou no Salão de Registros assim que a luz solar se acendeu. A Segunda Transportadora Shelby já estava lá e mandou uma mensagem para Marae, que tentou falar comigo. Quando Marae chegou ao Salão de Registros com o resto dos Transportadores de Primeiro Nível, Bartie já havia apresentado suas ideias de como a liderança da nave deveria ser no futuro, com uma nota adicional de que eu era muito incapaz para governar. Trinta pessoas haviam colocado suas impressões digitais em sua petição, dando-lhe sua marca de aprovação.

Então, Marae tentou “prender” Bartie, mas acho que ela realmente ainda não entendeu o que a palavra significa, apesar de todos nós termos lido sobre forças policiais e conflitos civis. Acho que ela pensou que, se apenas gritasse “Você está preso!” bem alto, isso significaria que ele iria parar, mas ele carregou a petição na rede de disquetes e, por volta da hora do almoço, todos a bordo da nave já a tinham.

Não que eu tenha almoçado. Ao meio-dia, eu estava de volta à Cidade, em pé à mesa do Centro de Distribuição de Alimentos, explicando que, por alguma razão, a produção de comida de parede está atrasada. O tempo todo, o gerente do Centro de Distribuição de Alimentos, Fridrick, ficou olhando fixamente para mim com um sorriso de escárnio, e me lembrei de como Bartie disse que uma revolução pode ser iniciada se você tirar a comida das pessoas. Fiz uma comunicação geral para todos, explicando que porções extras seriam entregues no jantar, mas ninguém ficou satisfeito com essa resposta.

Foi somente agora, com tudo praticamente feito, que Doc se deu ao trabalho de me chamar ao hospital e explicar que alguém invadiu seu escritório e roubou seus suprimentos de adesivos de Phydus.

— Por que diabos você não me contou isso antes? — grito.

Doc se encolhe.

— Você parecia estar ocupado.

Urro — um som inarticulado, sem palavras. Os adesivos roubados explicam muita coisa — enquanto eu estava correndo de lá para cá na nave, notei muito olhares disfarçados e comentários sussurrados, mas achei que as pessoas estavam falando do manifesto de Bartie. Agora vejo que estavam passando os adesivos de Phydus de mão em mão. As pessoas que estão deprimidas — e muitas que não estão — estão trocando tudo o que têm por eles.

— O pior — Doc diz enquanto olho para o consultório bagunçado — é que isso deve ter acontecido ontem. Não estive aqui no consultório desde ontem de manhã. Quem quer que tenha matado Stevy deve ter roubado os adesivos depois que saí.

Os lábios de Doc se curvam em desgosto. Não sei o que ele detesta mais: o fato de alguém ter roubado os adesivos ou o fato de que essa pessoa deixou o consultório desse jeito.

— Fiz os adesivos com uma concentração alta de Phydus com um objetivo em mente — Doc diz — para que apenas um fosse capaz de acalmar uma pessoa. Mas o problema é que, com uma concentração tão alta...

— São necessários apenas três deles para matar alguém.

— Sim. É muito concentrado; dois adesivos, e... Tudo fica lento. Os órgãos. É demais para o corpo aguentar. Três é a morte. Eu deveria ter diluído a droga, mas pensei...

— Você pensou que seria você a administrá-la.

— Eu ou Kit. Alguém que sabia dos perigos e poderia controlá-los.

Ele parece se sentir culpado, triste. Mas sou tão culpado quanto ele. Aprovei o uso dos adesivos.

Olhamos em silêncio para o escritório bagunçado por um momento. Tudo normalmente é tão arrumado e organizado. Mas agora está uma confusão caótica. A mesa foi empurrada contra uma parede. O armário dos medicamentos foi arrombado, com adesivos de todas as cores esparramados, mas nenhum deles verde-claro.

Kit entra correndo no consultório.

— Há relatos — ela diz sem fôlego.

— De quê? — Doc diz, ríspido.

— Mortes. Alguém está morto. Por causa dos adesivos.

Imediatamente, entramos em ação. Doc dirige o carrinho elétrico através do Nível dos Alimentadores, comigo dentro dele. Enquanto o nível passa por nós, tudo em que posso pensar é como as coisas pioraram desde que assumi.

— Você vai ter que fazer alguma coisa — Doc grita por cima do barulho do carrinho elétrico. — Algo que realmente faça os Alimentadores vê-lo como líder. Utilize esse problema para mostrar sua força!

Sim. Claro.

Quando chegamos à Cidade, Doc para o carro na frente do distrito dos tecelões.

— Por que paramos aqui? — pergunto, meu coração está pesado.

Antes que Doc possa responder, alguém me puxa para fora pela parte de trás do carrinho e me joga na rua. Tropeço, quase perdendo o equilíbrio.

— Seu maldito idiota! — grita Bartie.

Dou um passo para trás, surpreso.

— O que você... — começo a falar.

Bartie me empurra com força, pondo ambas as mãos no meu peito. Cambaleio para trás, atingindo o carrinho com a parte de trás das pernas. Ele atira uma porção de adesivos quadrados verde-claro no meu rosto.

— Você fez isso? — Bartie grita. Ele paira sobre mim.

— Não sei do que você está falando.

— Esses adesivos “especiais” estão cheios de *Phyodus*, seu idiota — saliva voa em meu rosto enquanto ele rosna as palavras para mim.

— Eu... Eu sei — digo, olhando por cima do ombro, vendo os adesivos que ele atirou em mim espalhados no chão.

— Você sabe? Você não vai nem mesmo negar? Você *sabé*? Como você pode deixar *Phyodus* ser novamente distribuído na nave? Você... Você... Jurou que não usaria de novo! Seu estúpido maldito, imbecil!

— Como você conseguiu *Phyodus*? — grito de volta. Não gosto do jeito como ele está gritando na minha cara, do jeito como ele não recua, não me dá espaço para respirar. Tento me esquivar, mas ele não se afasta.

— Como você pôde? — zomba Bartie. — Você anda por aí, falando sobre como é o tal por deixar as pessoas sem *Phyodus*, e então você só gruda alguns malditos neles e está feito! Qualquer um que coloque se em seu caminho... Qualquer um que dê muito trabalho... É só colocar um maldito adesivo neles!

Bartie se afasta de mim. Mas, assim que dou um passo em direção a Doc, que está em pé na calçada, chocado demais para fazer qualquer coisa, Bartie vira para trás e me empurra com tanta força que eu bato contra a lateral do carro novamente.

— Você é *pior* do que Eldest, sabia? Pelo menos ele tratava a todos da mesma forma. Você está apenas nos eliminando a seu bel-prazer.

Ele se vira para ir embora, sacudindo o punho para mim.

— Espere um minuto, droga! — grito. Bartie para, mas não se volta; suas costas estão rígidas e retas, e seus dedos se curvam em punhos fechados, novamente. — Não fiz nada errado!

— Não fez nada errado? — Bartie fala com sarcasmo, sem se virar. — Diga isso a Lil.

Ele vai embora, dando largas passadas. As pessoas na rua estão silenciosas, nos observando. Assim que Bartie vira a esquina, elas começam a sussurrar.

— Lil? — pergunto a Doc enquanto apanho os adesivos do chão, enfiando-os em meus bolsos. Podem estar espalhados pelo resto da nave, mas pelo menos posso me assegurar de que estes não cairão em mãos erradas.

O rosto de Doc está contraído numa carranca, mas ele está olhando para a direção que Bartie tomou, não para mim.

— Foi ela quem Kit encontrou morta.

Corro pelas escadas da casa de infância de Harley. Não sei o que espero encontrar lá, a mãe dele já está morta. O *trailer* de Lil está exatamente como estava antes — bagunçado e um pouco mal cheiroso. Quando entro em seu quarto, Lil está exatamente onde Amy e eu a deixamos, deitada na cama.

Em sua testa, há três manchas verde-claro. Uma palavra em cada adesivo.

Siga o líder.

— Você sabe o que isso significa, não é? — Doc pergunta. Quando não respondo, ele acrescenta: — Isso foi um assassinato. Alguém matou Lil. Por você.

— Por mim? — não consigo tirar os olhos do corpo dela. Ele parece derreter na cama.

— Siga o líder. É um aviso para os outros; para aqueles que não o fizeram.

— Mas Lil não estava se rebelando. Ela não estava envolvida com o grupo de Bartie, e ela nunca falou contra mim...

— Ela não estava trabalhando — Doc diz. Ele se senta ao lado de Lil na cama, removendo os adesivos um por um. Eles se agarram à pele dela, levantando-a um pouco e fazendo um barulho rascante ao serem arrancados. — Qualquer um que não esteja trabalhando, qualquer um que não preencha as necessidades da nave... Essas pessoas não estão seguindo você.

Doc espera até que eu desvie meus olhos do corpo de Lil.

— Ela foi assassinada por você — ele diz claramente, lentamente, como se quisesse ter certeza de que eu entendesse que o peso da morte dela repousa sobre os meus ombros.

Não consigo ficar quieta. Posso ter desistido de correr, mas não consigo pensar, presa no nível crio, com todas as portas fechadas zombando de mim. Preciso me *mexer*. Quando chego ao saguão do Hospital, entretanto, estou cercada por pacientes gritando, enfermeiras zangadas e uma multidão que parece crescer a cada minuto que passa.

— É seguro! — a aprendiz de Doc, Kit, diz a uma mulher em voz alta. — Apenas um não causa *nenhum* problema!

— Como posso saber se é verdade? — a mulher pergunta. Sua voz está rouca, como se tivesse chorado.

— Bem, olhe para você mesma — Kit diz, exasperada. — Você está bem, não está?

— Acho que sim... Mas...

Kit grunhe em frustração e sai andando; quase colide comigo.

— Desculpe-me — ela diz.

— Sem problema. O que está acontecendo?

— Esses malditos adesivos médicos. As pessoas estão preocupadas em morrer, mas, se tivessem recebido uma overdose, já estariam mortas. Mas tente convencê-las disso.

— Que adesivos?

Kit leva a mão ao bolso do jaleco e me mostra um adesivo quadrado verde.

— Doc os desenvolveu para os pacientes deprimidos. Funciona muito bem. Se você usar apenas um. O problema é que estão dizendo por aí que três ou mais podem te matar.

— O que há neles?

— Phydus — ela diz isso com naturalidade, mas espera pela minha reação antes de continuar.

Phydus. Pensei que havíamos resolvido isso.

Parte de mim está com raiva. Muita, muita raiva. Pensei que Elder e eu concordássemos. *Pensei* que ele havia *prometido*. Nada de Phydus. Mas outra parte de mim não pode se esquecer da multidão que se formou na cidade.

— Vamos todos morrer! — a mulher que estava discutindo com Kit grita.

Ela agarra Kit pela lapela do jaleco, os nós dos dedos ficando brancos.

Kit envolve uma mão em volta do pulso da mulher, e, surpreendentemente, a mulher facilmente a solta. Seus braços caem para os lados, e todo o seu corpo relaxa.

— Veja, não é melhor assim? — Kit pergunta gentilmente.

A mulher não responde. E então percebo o adesivo verde pálido no dorso de sua mão.

Kit leva a mulher até uma cadeira encostada na parede e a coloca lá.

Ela se volta para mim com um olhar de satisfação no rosto. E não posso evitar sorrir de volta para ela. Isso funcionou. Talvez se Elder tivesse alguns adesivos à mão na Cidade ontem, as coisas não teriam ficado tão fora de controle. E talvez se eu tivesse tido um na sala de ficção quando Luthor entrou...

— Posso ficar com alguns desses adesivos? — pergunto a Kit.

Ela estreita os olhos para mim.

— Você não ouviu? Eles não são seguros. Estamos tentando fazer com que todos os que foram roubados sejam devolvidos. Apenas Doc, as enfermeiras e eu podemos usá-los.

Interessante. Os adesivos foram roubados.

— Posso ficar com somente um, então? — pergunto.

Algo em Kit se derrete. Acho que ela pensa que estou deprimida por ser a única aberração a bordo da nave — ela sempre foi gentil comigo, de uma forma meio sufocante, como as pessoas são quando lidam com deficientes.

— Não conte a Doc — ela sussurra, dando-me um adesivo. Eu o escondo no bolso, junto com o disquete que encontrei no arsenal.

Puxo o capuz de minha jaqueta para cima antes de sair do Hospital, mas, armada como estou com o adesivo de Phydus, não me incomodo em colocar o lenço em volta do cabelo.

Dirijo-me diretamente para o Salão de Registros. É uma chance pequena, mas Órion deixou as pistas — as pistas *verdadeiras* — para mim. Ainda que a última pista tenha sido adulterada, Órion tinha um plano bastante sólido para se certificar de que eu fosse onde precisava ir. Até agora, as pistas tinham vindo dos quadros de Harley ou do Salão de Registros. Talvez a próxima também viesse.

Sim. Claro. Vai ser tão fácil encontrar uma pista em todas as salas de livros, galerias de arte e salas de artefatos no Salão de Registros — isso se a pista estiver lá. Pela primeira vez, *Godspeed realmente* parece ser... Enorme. Minha chance de encontrar essa coisa é a mesma de uma bola de neve existir no inferno.

Não posso evitar sorrir. Afinal, o inferno de Dante *era* feito de gelo. Ao me aproximar do Salão de Registros, vejo um grupo de pessoas de pé formando

um grupo unido na varanda. Puxo meu capuz ainda mais para baixo e deslizo minha mão para dentro do bolso, tocando o adesivo de Phydus dentro dele.

— A nave precisa de liderança — diz um homem.

Paro perto do corrimão, hesitante em subir os degraus. Em vez disso, me viro, de modo que, se o grupo olhar para mim, só verá a parte de trás da minha jaqueta.

— Bartie? — uma mulher pergunta. — Talvez Luthor?

— Talvez um deles. Mas não necessariamente. Apenas alguém... Mais velho. Com mais experiência.

Tento parecer natural e desinteressada enquanto me esforço para ouvir mais.

— Elder foi treinado para isso sua vida toda — diz uma voz feminina. Quero vibrar; pelo menos alguém está apoiando Elder.

O riso do primeiro homem é duro e melancólico.

— Elder nunca *escutou* o que Eldest tinha a dizer. Eles são muito diferentes.

Penso nos cilindros gigantes escondidos no nível crio, cheios de clones de Eldest. Eles são mais parecidos do que o homem poderia adivinhar. Parte de mim pensa que, talvez, Elder deveria ter contado a eles sobre a clonagem. Isso foi uma das poucas coisas que foram mantidas em segredo, e não posso ressentir-me disso — afinal, a única pessoa a quem esse segredo afeta é ele.

— Você não reparou como as rações estão ficando pequenas? Não houve nem mesmo almoço hoje. Elder acha que, se ele controlar nosso alimento, pode nos controlar. E se isso não funcionar, ele vai usar os adesivos. Esses adesivos são perigosos, eles já mataram.

— Eu gostaria de saber como esses malditos adesivos estão em toda parte — uma mulher com uma voz grave diz. — Chego a pensar que Elder fez isso após o problema no Centro de Distribuição de Alimentos. Ele pode não estar colocando mais essa maldita droga em nossa água, mas está se certificando de que os desordeiros recebam sua dose de alguma forma.

— Doc disse que os adesivos foram roubados — a primeira mulher, a única dissidente no grupo, diz.

— Ele *diz* — o homem fala de volta. — Mas Doc sempre bajulou o Eldest. Aposto que Elder lhe disse para se assegurar de que qualquer um que crie problemas receba seu adesivo.

— Sim, mas — a mulher começa a dizer.

Já ouvi o suficiente.

— Vocês realmente vão ficar aqui espalhando mentiras sobre Elder? — pergunto, virando-me e indo até o grupo. — Vocês vão começar uma rebelião,

falando desse jeito.

O homem no centro da multidão se vira, mas não parece se importar com o fato de que eu tenha escutado o que falavam. Pelo contrário, parece orgulhoso.

— Isso não é rebelião — ele diz gentilmente, como se estivesse explicando algo para alguém muito jovem. — Você leu o manifesto de Bartie? — ele brande um disquete na minha direção, mas não o pego. — Isso é sobre fazer o que é melhor para a nave. Sobre manter todos seguros e felizes — ele faz uma pausa. — A nave é mais importante do que qualquer pessoa. Mesmo Elder.

— Felizes? — grito. Quanto mais gentil é a voz do homem, mais zangada eu fico. — O que Elder fez para deixá-los infelizes?

A mulher com a voz grave sacode a cabeça.

— Não é que Elder seja *ruim*. É que ele não foi nossa escolha.

— Bartie fez uma lista de livros no Salão de Registros — o homem diz, mostrando o disquete novamente. Ainda assim, não o pego. — Todos aqueles governos em Terra-Sol. Eles tinham sistemas. Votações e eleições, coisas assim. Coisas onde as pessoas podiam *escolhere* decidir.

— Tirar a nave de Elder não é a coisa certa a fazer — insisto. Eles parecem tão, sei lá, *lógicos* que acho que, se eu pudesse sentar com eles e mostrar a eles como Elder tem trabalhado duro, quanto ele realmente se importa, talvez eles não tivessem tanta disposição para falar mal dele.

— Desculpe-me — o homem diz. — Mas não podemos confiar em você, tampouco.

— E por que não? Eu vivo aqui também!

Ele sacode a cabeça.

— Mas você não é uma de nós — os olhos dele focam meu cabelo vermelho escapando da jaqueta. Tento enfiá-lo de volta para dentro do capuz. O homem sorri um sorriso satisfeito. Ele parece perfeitamente à vontade, como se estivesse no controle absoluto das coisas. Em contraste, posso sentir meu rosto ficando quente. — Tudo o que sei — ele diz — é que não precisávamos da polícia antes de você chegar. Tudo estava bem antes de você.

Dou dois passos para trás nas escadas.

— Talvez Elder fosse o líder que precisamos que seja se não tivesse distrações — a mulher de voz grave diz, num tom de voz normal, como se não estivesse falando sobre me eliminar por ser uma distração.

Dou mais dois passos para trás nas escadas.

— É verdade, tudo começou com ela — a outra mulher diz.

Agarro meu adesivo de Phydus no bolso, profundamente consciente de que um apenas não será suficiente para controlar o grupo. Por que me dei ao trabalho de falar? Eu deveria saber.

A lista de Órion roça contra as costas de minha mão.

Não. Não vou deixar que me afastem da chance de encontrar a próxima pista.

Corro pelas escadas e jogo meu ombro contra a mulher de voz grave. O homem sai do meu caminho, mas faz isso com um torcer horripilante de lábios, observando-me enquanto abro as portas do Salão de Registros e entro. Não gosto daquele olhar. Ele me lembra muito a forma como Luthor olha para mim, como se eu fosse uma coisa, não uma pessoa.

No interior, o Salão de Registros está quase deserto. Um único homem alto e magro lê um ensaio de Henry David Thoreau nos disquetes de parede de *Literatura*, e quatro pessoas estão agrupadas, lendo sobre o Boxer Rebellion.^[7] Mas ninguém está lendo o disquete de *Ciências*. Que estranho.

Essa é a primeira vez, desde que Elder eliminou a distribuição de Phydus na nave, que ninguém analisa o diagrama do motor, tentando melhorar a eficiência, sem saber que o motor não funciona há anos.

Ando rapidamente em direção às salas de livros. Acho que o grupo na varanda não vai querer me seguir até aqui, mas prefiro fazer isso tão rapidamente quanto possível.

Ignoro todas as salas de não ficção. Órion deixou essa pista para mim, e mesmo que alguém a tenha escondido, ainda acho que minha melhor chance é encontrá-la na sala de ficção ou de arte.

Preciso ter uma chance de encontrá-la. Preciso.

Alguém provavelmente mudou a última pista — deletou partes dela, provavelmente adicionou aquele texto —, mas Órion deixou-me um caminho muito mais sofisticado. Ele teve tanto cuidado e planejou onde esconder cada pista. *Deve* haver algo mais, alguma forma de entender o próximo passo.

Corro meus dedos pela prateleira, procurando algo que possa me dar uma dica da próxima pista de Órion. Folheio o *Inferno* de Dante novamente, e então *Paraíso* e *Purgatório*. Olho todos os livros de Lewis Carroll, incluindo aquele poema estúpido que a Srta. Parker nos fez transformar em diagrama, “Jaguadarte”.

Isso é inútil. Órion pode ter deixado a próxima pista num livro, mas não a deixou num livro que já utilizou.

Caio sentada em uma poltrona em frente à mesa de metal no centro da sala. Uma cópia dos Sonetos de Shakespeare está no meio dela, exatamente onde a joguei, após encontrá-la no lugar errado, na prateleira junto com as obras de Dante, alguns dias atrás. Acho que o novo Guardião dos Registros, Bartie, está muito ocupado, escrevendo manifestos e tentando iniciar uma revolução

desnecessária, para se preocupar em fazer seu verdadeiro trabalho.

Suspirando, pego o livro e vou até as prateleiras onde ficam os autores cujos nomes começam com S. Há espaço apenas para enfiar o livro de sonetos entre *Rei Leare Macbeth*.

Vou em direção à porta — já que estou aqui, vale a pena ver se há algo grudado em outro dos quadros de Harley.

Paro. Órion tinha um plano de contingência para tudo — por que não se assegurar de que as pistas estivessem próximas umas das outras, caso alguém adulterasse uma delas? Sou a única que realmente se importa com as salas de livros — e antes de mim, havia apenas ele. Quais são as chances de alguém mais ter colocado um livro na estante errada — exatamente *ao lado do* livro que continha a primeira pista?

Corro de volta para a prateleira do S, minhas mãos tremendo enquanto pego o livro de poemas. As páginas são grossas e brilhantes, cheias de ilustrações da Era Elisabetana. Na primeira página, há um retrato colorido de Shakespeare. O bardo escreveu sobre as estrelas e o amor, mas duvido que ele tenha algum dia pensado em ter seus trabalhos voando por entre as estrelas.

Franzo a testa. Não estamos exatamente *voando* agora, estamos?

Folheio as páginas rapidamente, dobrando-as de uma forma que Elder reprovaria. Mas... Não há nada ali. Eu me forço a ir mais devagar, lendo cada poema, embora eles não façam muito sentido para mim.

Respiro longa e profundamente. Parte de mim quer jogar o livro contra a parede. Eu tinha tantas esperanças.

Talvez Elder esteja certo. Talvez a coisa toda seja uma perda de tempo.

Ainda assim, pego o livro e volto ao meu quarto, na Enfermaria.

O Hospital ainda está cheio de gente, embora esteja quase na hora da lâmpada solar se apagar, mas o terceiro andar está quase vazio. Apenas Victria está sentada no salão comunal, olhando pela janela. Começo a dizer alguma coisa para ela, mas me lembro do olhar zangado que ela me deu quando me encontrou no quarto de Harley e no nível crio, então vou direto às portas de vidro que levam ao saguão. Ela olha de relance para mim quando passo perto dela, mas não com raiva.

Esteve chorando.

Penso em alguma coisa para dizer, mas duvido que ela se importe em falar comigo. Ouço-a fungar enquanto estendo a mão para a porta. *Ela me odeia*. Há um som abafado atrás de mim, como se ela estivesse segurando um soluço. Mas eu a ouço assim mesmo.

Deixo as portas se fecharem e vou até o sofá.

— Vá embora — ela diz, mas não há convicção em sua voz.

— Qual o problema?

Ela se vira novamente para a janela.

Encosto no assento do sofá e cruzo as pernas.

— Vou ficar aqui até que você me diga.

Ela fica em silêncio por um longo momento, como se estivesse me testando. Quando não me mexo, ela finalmente fala, suas palavras embaçando o vidro da janela.

— Sinto falta dele, só isso. Quanto mais as coisas pioram, mais eu penso sobre o que ele faria.

— Isso é... É sobre Órion? — pergunto.

Ela engasga com uma risada, um som molhado marcado por lágrimas de raiva. Passa o braço sobre o rosto.

— É realmente estúpido — ela diz, ainda conversando mais com a janela do que comigo. — Ele... Ele era mais velho do que eu. Eu era apenas uma garota estúpida para ele. Mas... Sempre adorei histórias. Livros. E eu ia até o Salão de Registros, e ele estava lá.

Meus lábios se contorcem num pequeno sorriso, e penso sobre o que eu sabia de Órion antes de descobrir que ele era um assassino. Ele limpou meu rosto e minhas mãos quando chorei uma vez, e eu quase desejaria poder fazer o mesmo por Victria agora.

— A coisa que me deixa muito chateada — Victria continua — é que nunca tive a chance de dizer a ele. Quer dizer, acho que ele sabia, mas nunca realmente disse as palavras. Eu ia até o Salão de Registros quase todos os dias, e falávamos e brincávamos, mas... Eu nunca disse o que queria. E agora é tarde demais.

É triste o quanto Victria e eu temos em comum — ela quer revelar seus mais profundos segredos para pessoas que nada mais são do que gelo também.

— Acho — digo lentamente — que, se você realmente o amava, ele provavelmente sabia, tendo você dito a ele ou não.

Ela finalmente se vira para olhar para mim, e há uma sugestão de sorriso em seus lábios. Seus olhos estão quase secos agora.

— Eu só gostaria de poder escolher — ela diz.

— Escolher?

— Se eu pudesse, não iria mais sentir nada disso.

Ficamos as duas em silêncio por um longo momento.

Se eu pudesse parar de me importar com meus pais congelados abaixo de nós, eu o faria? As coisas seriam mais fáceis. Não me levantaria todas as manhãs com um vazio dolorido dentro de mim.

E, então, penso em Elder. É a pergunta que me faço toda vez que ele olha para mim com aqueles olhos suaves, cada vez que ele pula para fazer algo apenas por que eu pedi: eu o amo? Não *sei*. Mas sei que posso, pelo menos, dizer a mim mesma que não.

— Acho que o amor é uma escolha — digo. É por isso que não posso amar Elder. Por que não tenho mais ninguém para escolher.

— Mas quem — pergunta Victria — escolheria isso?

Ambas olhamos para cima quando as portas do elevador se abrem.

Merda.

Sério?

Depois de tudo isso, *ele* tem que entrar aqui? Ele tem um dispositivo para me rastrear ou algo assim?

— Saia daqui — digo.

Luthor sorri.

— Minhas duas garotas favoritas, as duas na mesma sala.

— Saia daqui — digo novamente.

Ele vai até onde estamos sentadas. Eu me levanto, mas Victria não; ela dobra as pernas por sob o corpo e envolve a barriga com os braços.

— Sabe... — Luthor ronrona — acho que deve ser o destino. Encontrar vocês duas juntas aqui.

Coloco minha mão no bolso, mas não recuo enquanto ele se aproxima. Não há para onde recuar, de qualquer forma — estamos presas na frente da janela.

Ele estende a mão para me tocar. Alisa meu braço de forma asquerosamente gentil, até que seus dedos tocam meu cotovelo, então ele me agarra e me puxa para ele. Victria engasga com um tipo de grito, mas tiro minha mão direita do bolso e dou-lhe um bofetão bem na cara.

Foi um tapa forte, mas não forte o suficiente para fazer um homem adulto musculoso cair ao chão. Não sem um pouco de ajuda, de qualquer maneira. Ele cai, os dedos ainda enrolados no meu cotovelo. Minha camisa rasga antes que eu possa me livrar dele. Ele está no chão, olhando para mim de forma passiva.

— Mas que diabos? — Victria sussurra. Ela ainda está se abraçando, mas se inclina para olhar o corpo de Luthor.

— Kit deu-me um desses novos adesivos médicos — digo. Cutuco o rosto de Luthor com o pé, mostrando a ela o quadrado verde pálido delineado pela impressão da minha mão no rosto de Luthor.

— Você foi muito rápida para conseguir fazer isso.

— Sim, bem — digo. — Não confio muito em Luthor.

— Sim — pausa. — Nem eu.

Olho para ela, olho mesmo para ela, além da dura armadura externa que ela sempre usa.

Luthor falou com nós duas com esse ronronar na voz. E, mesmo agora, com Luthor no chão, ela mantém os braços dela em torno do estômago. Protegendo algo, mas não apenas a si mesma.

— Você está grávida? — sussurro.

Pergunta estúpida. Quase todas as mulheres a bordo da nave estão grávidas — a Temporada fez a maior parte, e as agulhas de Doc fizeram o resto. Mas aqueles que não estavam recebendo Phydus, pessoas como Harley, Luthor, Elder e Victria escolhiam se queriam participar da Temporada ou não.

Ela acena com a cabeça.

Passo por cima do corpo imóvel de Luthor e sento-me no sofá ao lado dela.

— O que ele fez a você? — as palavras saem num sussurro.

Ela olha para Luthor. Ele pisca para o teto. Os adesivos de Phydus são mais fortes do que quando a droga estava na água. Ele faria qualquer coisa que eu dissesse a ele para fazer, acho. Pularia do telhado do Hospital se eu o levasse até a beirada. Pensamento agradável.

Antes, Victria estava chorando. Agora seus olhos estão secos, embora eu possa ver as marcas ainda úmidas das lágrimas em seu rosto. Agora, ela mantém as lágrimas dentro de si, controlando-as de uma forma que não pode controlar o passado.

Ela se abraça ainda mais apertado, os joelhos sob o queixo.

— Foi ele — ela diz, com os olhos fechados.

Tenho medo de perguntar o que ela quer dizer, mas já adivinhei a verdade. Toco seu ombro. Seu corpo todo se volta em minha direção, mas ela não solta os joelhos, seu corpo formando uma espécie de barreira protetora em volta do estômago. Por que ela permite, eu a abraço.

— Foi ele — ela diz novamente. Sua voz soa como um eco distante. — Durante a Temporada.

— Luthor? — sussurro. Minha voz falha com receio do que ela está dizendo.

— Eu não queria — ela diz. — Ele foi tão *violento* — ela olha para mim, seus olhos úmidos e vermelhos. — Ele mencionou você. Por que ele não conseguiu pegar você...

Por que ele não conseguiu me pegar, foi até ela.

— Eu tentei... — sua voz falha. Não importa o que ela tentou fazer, ou não tentou. Eu entendo.

Eu me lembro do momento em que desisti. Quando esperei que acabasse.

Comigo, entretanto, ele foi interrompido.

Mas não com ela.

Não é surpresa o fato de ela me odiar porque eu fui salva, e ela não.

E agora, com o corpo curvado de forma protetora em volta de seu bebê, percebo que para ela o momento não se interrompeu, em absoluto, nos últimos três meses.

O que durou alguns minutos para mim ainda está com ela, crescendo dentro dela, uma coisa que ela deve amar e odiar ao mesmo tempo.

Abraço Victria com mais força e a puxo para perto de mim.

— Acabou — digo, embora eu saiba que não. Nunca acabará.

Puxo Victria com a mão esquerda até que ela solta o aperto da morte sobre seus joelhos. Ela olha para mim com curiosidade, enquanto libero seus dedos. Sua mão é fria e úmida, mas ela não está mais tremendo. Enrolo o meu dedo mínimo em torno do dela.

— Essa é uma promessa — digo a ela, apertando-lhe o dedo mínimo com o meu. — Uma promessa de que você não precisa mais arcar sozinha com esse segredo e dor — seu dedo está ainda no meu; ela não acredita em mim. Ela olha para a forma imobilizada de Luthor.

Acho que nós duas temos a mesma ideia ao mesmo tempo. Nossos olhos se encontram.

Luthor não pode se mover — ele está impotente.

Pela primeira vez, temos a oportunidade de pegar de volta um pouco do que ele tirou de nós, meses atrás.

Então vamos fazer exatamente isso.

Victria se estica no sofá. Ela fica hesitante no início, mas depois lentamente, deliberadamente, fica em pé. Fica sobre o corpo de Luthor. E ela o chuta com tanta força quanto pode, diretamente no estômago.

Ele dá uma espécie de *Uff!* sem fôlego, mas não se mexe.

Ela chuta novamente, e novamente. Lágrimas escorrem dos olhos dele, mas ele não protesta nem se move para se defender, mesmo quando Victria chuta sua virilha, com toda força.

Ela cai de joelhos, batendo no peito dele com os punhos.

— Como você pôde fazer isso? — ela arqueja. — Eu conhecia você!

Fico de cócoras ao lado dela.

— Vamos embora — digo. — Vamos — toco seus ombros para puxá-la para longe, mas ela se desvencilha; não para atingi-lo, mas para enterrar o rosto nos braços, soluçando.

Não posso vê-la assim, tão derrotada. Não aguento saber que, quando o efeito da droga no adesivo passar, ele ainda pode tentar machucá-la, ou a mim.

Fico de joelhos perto do rosto dele. Seus olhos olham direto para mim, mas posso ver, pela forma como eles se contraem, que ele sabe que estou aqui.

— Quero que você saiba de uma coisa — sussurro suavemente em seu ouvido.

— Saiba que eu sei onde encontrar um revólver. Se você não sabe o que é um revólver, procure saber no Salão de Registros. Meu pai me ensinou como segurar um revólver sem tremer, como respirar ao puxar o gatilho, como atingir meu alvo repetidas vezes, de forma que mesmo que a primeira bala não consiga derrubá-lo, a próxima certamente o fará. Quando eu tinha quatorze anos, meu pai me levou para caçar com ele, no Colorado, e eu matei um alce. Ele fez isso para que eu soubesse o que é tirar uma vida, de forma a não hesitar em fazer isso se eu precisasse. Estou lhe dizendo isso, agora, para que você saiba que não hesitarei em matar você.

Os olhos de Luthor se movem freneticamente para todos os lados; ele está tentando conseguir forças para virar — para longe de mim ou em minha direção, não sei.

Chego mais perto dele, tão perto que posso sentir o cheiro da pele dele e, quando falo, posso ver os cabelinhos perto de sua orelha se moverem com minha respiração.

— Também quero que você saiba que não vou matar você imediatamente. Mas você vai desejar que fosse assim.

Fico em pé e ofereço a mão para Victria. Ela aceita, mas, quando nos dirigimos à porta, ela se liberta de mim e dá um último chute selvagem no rosto de Luthor.

Nós o deixamos lá, ferido e sangrando, no chão.

Elder

Na manhã seguinte, acordo com uma mensagem no com-wi.

— Você está acordado? — a voz de Amy parece excitada.

— Agora estou — digo, me espreguiçando. — Algum problema?

— Não — ela diz. — Venha até o nível crio.

— Amy, isso é sobre Órion e suas malditas pistas? — pergunto, colocando as calças. — Não tenho tempo para isso. Preciso me concentrar no motor e em manter a nave funcionando; veja o que aconteceu ontem enquanto eu estava no nível crio.

— Não seja petulante. Apenas venha aqui embaixo.

— Petulante?

— Ah, vamos lá! — ela diz. — Você vai querer ver isso!

— Verdade?

— Elder, você se lembra do vídeo da noite passada?

— O vídeo que foi interrompido? Amy, ou Órion era maluco ou alguém mexeu com aquele vídeo. De qualquer forma...

Ela me interrompe.

— Isso não vem ao caso. Ainda assim, havia informações suficientes para que eu entendesse. Lembra-se de quando Órion disse que Eldest começou a assustá-lo? Disse que isso aconteceu quando ele saiu da nave.

— Saiu da nave? — digo, tão surpreso que paro no meio do caminho em direção ao tubo gravitacional.

— Seja lá o que for que ele encontrou, ele viu fora da nave.

— O que quer dizer... — digo, não me atrevendo a terminar meu pensamento em voz alta. Começo a correr em direção ao tubo gravitacional.

— Que a próxima porta trancada deve conter trajes espaciais.

Amy está andando para lá e para cá, em frente ao elevador, quando chego no nível crio.

— Por que você demorou tanto? — pergunta. Antes que eu tenha chance de responder, ela agarra meu braço e começa a arrastar-me para a sala na parte de trás.

— Li tudo na noite passada — ela diz, atirando-me um livro fino.

— O que é isso? — eu o viro, lendo o título.

— Sonetos de Shakespeare. Continue. De qualquer forma, eu li a coisa toda; na verdade, tive que ler duas vezes, mas finalmente percebi algo muito interessante.

— Como assim, interessante?

— Vá até a página 87.

Equilibrando o livro em uma das mãos, viro cuidadosamente as páginas. Amy bate o pé, impaciente, mas não quero correr o risco de danificar esse tesouro de Terra-Sol. Eu viro na página 85. E...

— Onde está a página 87? — pergunto. Viro a página 85 para trás e para frente, mas o livro pula direto para a página 89.

— Exatamente — diz Amy, um enorme sorriso se espalhando por todo seu rosto. — Foi cortada do livro tão cuidadosamente que você nunca iria notar que a página foi tirada, a menos que estivesse procurando por ela.

— Essa é a pista? — pergunto, entregando o livro de volta para Amy.

— Acho que a pista estava na página 87 — Amy diz. — Alguém alterou a pista que Órion deixou no arsenal, tentando nos fazer desistir e parar de procurar. Quem quer que tenha feito isso, também cortou a página do livro.

— Como você descobriu? — pergunto. Estou tentando me lembrar do que qualquer um dos vídeos de Órion dizia que indicava poesia Shakespeariana.

— Estava na sala de ficção — diz Amy. — *De qualquer maneira* — ela continua quando abro a boca para fazer mais perguntas — a questão é: a página que está faltando. Tinha um soneto nela.

Ela se volta para a página 85 e me mostra o livro.

— Essa página tem o Soneto 29 — ela vira até a página 89. — Essa página tem o Soneto 31. O que significa que a página 87 devia ter o Soneto 30.

Amy joga o livro no chão, e os meus olhos se arregalam ao ver um tesouro de Terra-Sol tratado de forma tão casual. Amy nem percebe, porém, e vai em direção à porta maior no final do corredor.

— Códigos precisam ter pelo menos quatro dígitos — ela diz. — Então, tente 0030 — ela indica com a cabeça a porta à direita da escotilha.

— Isso nunca vai funcionar — digo.

Em resposta, Amy digita 0030 no teclado da sua porta.

— Eu lhe disse — digo quando nada acontece depois que eu digito o código na minha porta também.

Amy pega o livro de volta e o examina novamente.

— Mas... Eu tinha tanta certeza.

Olho por cima do seu ombro.

— Não sei por que você acha que os sonetos são numerados. Eles têm

letras ao lado deles, não números.

— São numerais romanos — Amy diz, desdenhosamente. Então, abaixa o livro, olhando em meus olhos. — São *numerais romanos*. Não devemos usar 0030 como o código; devemos usar XXX. E um zero na frente, já que é preciso ter quatro dígitos.

Ela corre para o teclado e tenta 0XXX.

Sua porta não se abre.

— Por que os romanos usavam letras em vez de números? — pergunto.

Ela ignora minha pergunta.

— Tente aquele cadeado — ela diz, chegando perto da porta onde estou.

— Você está esperançosa por nada. Órion era maluco. Essa coisa toda de pistas é coisa de louco.

— Apenas. Tente.

Reviro os olhos e digito 0XXX no teclado.

Bip! Clique.

— Diabos — digo, surpreso e impressionado.

As portas se abrem, e somente depois que respiro profundamente é que percebo que estava prendendo a respiração. Embora estivesse confiante, não acredito que funcionou.

Há dez pequenos compartimentos embutidos na parede, um traje espacial em cada um. Cabos e tubos estão enrolados na base em torno de botas pesadas, e prateleiras sobre os trajes exibem capacetes que, apesar de uma fina camada de poeira, ainda retêm parte de seu brilho espelhado.

Elder corre para dentro e passa as mãos sobre o traje mais próximo. Parece-se com um saco de papel pintado, mas escorre de sua mão como seda. Atrás do traje parecido com seda, posso ver peças mais duras que se parecem com uma armadura de plástico.

— Você sabe como usá-los? — Elder se vira, perguntando-me com olhos brilhantes.

— Por que eu saberia? — digo.

— Você é de Terra-Sol. Estas coisas foram feitas lá.

Dou uma risada curta e amarga.

— A nave toda foi feita em Terra-Sol; isso não significa que eu saiba alguma coisa sobre ela!

— Mas...

— Há um manual — digo. Uma grossa tela de metal e vidro ligada a um cabo em espiral está pendurada na parede. Talvez ela funcione para dar instruções em vídeo ou guia interativo, mas o cabo está quebrado, e o vidro, rachado. Sob o monitor, no entanto, há um livro grosso preto. Ainda bem que é muito difícil quebrar um livro. Eu o pego e abro na primeira página. Dois terços dele não estão em inglês. A parte que está em inglês é tão complicada que faz meus olhos ficarem estrábicos. No final do livro, no entanto, há um guia ilustrado passo a passo sobre o que fazer para operar os trajes espaciais. Acho que os construtores da nave queriam se assegurar de que as pessoas pudessem usar os trajes mesmo que sua linguagem tivesse se transformado de alguma forma ou outra coisa desse errado.

Quando entrego o manual para Elder, noto que ele estava sobre outro livro.

— O que é isso? — Elder pergunta, mas está mais interessado no manual do que no livro fino que encontrei embaixo dele.

— *O Pequeno Príncipe*— digo, lendo o título em voz alta. É um livro tão pequeno que o enorme manual o escondeu completamente. Poderia ser este outra dica de Órion? Uma página está com as pontas viradas, e vou direto a ela. As cores estão desbotadas, mas ainda é possível decifrar a ilustração à minha frente: um rei gigante vestido com um manto bordado de estrelas senta-se no topo de um pequeno planeta.

Abaixo da ilustração, uma linha foi desenhada ao redor do texto, várias e várias vezes.

“Eu, respondeu o principezinho, não gosto de condenar à morte.”

— Bem, isso é um mau sinal — murmuro. O texto me recorda da ameaça que fiz na noite passada. Certamente, o pequeno príncipe nunca conheceu alguém como Luthor. Olho para Elder. Eu deveria contar a ele. Mas... Agora não é a hora.

Levanto uma folha de papel dobrada que está enfiada dentro do livro. Minhas mãos tremem enquanto a desdobro — reconheço o papel grosso e brilhante.

Soneto XXX, a pista perdida. Ou roubada.

O texto na página está cheio de linhas e tem uma anotação.

— Veja isso — digo, virando-me para Elder.

Seja qual for o interesse que Elder tinha em descobrir a próxima pista, ele se foi agora. Toda a sua atenção está concentrada nos trajes espaciais. Sorrio para ele; parece uma criança que ouviu que pode comer qualquer sabor de sorvete que quiser na sorveteria.

Cuidadosamente, coloco a página dobrada no bolso e volto para o manual de funcionamento. É óbvio que Elder não vai se importar com livros antigos e pistas ocultas quando estamos mexendo nos trajes espaciais.

— Há dois tipos de traje; um para exposição prolongada e um para exposição moderada. Os marrons são menores e mais fáceis de usar, mas você só se pode usá-los por cerca de duas horas ou menos.

— É o suficiente — diz Elder, indo em direção aos cubículos. Ele pega um traje, e não é exatamente marrom, como na imagem, mas mais da cor do bronze. Ele brilha na penumbra da sala, e, quando ele o chacoalha, a poeira se mistura com o brilho.

— Os trajes para exposição moderada têm uma camada inferior de proteção contra elementos externos e temperaturas danosas — continuo. — Então, você coloca o traje externo sobre esse, para isolamento e maior proteção. O traje externo parece se encaixar sobre esse, então você conecta as luvas e

botas sobre ele. Parece simples demais — digo. — Pensei que um traje espacial seria muito complexo.

— Os outros, aqueles para longa exposição, não parecem mais complicados. Mas se Órion estiver certo e o problema for óbvio, só preciso do traje de exposição de curta duração — diz Elder. — Me dá uma mãozinha?

Ele já tirou as roupas — elas estão amontoadas numa pilha no chão — e está subindo o zíper do traje interno cor de bronze.

— Hm, não. *Não* — digo, indo até ele.

— O que? — ele pergunta.

— *NÃO*. Você não vai sair daqui. De jeito nenhum. Não com um traje fino que você só sabe operar por que viu num guia ilustrativo. *Não*.

— Amy, ele...

— *NÃO*.

— Mas...

— Você não se lembra do que aconteceu com Harley? O espaço não é um campo do Nível dos Alimentadores! Ele vai *matarvocê*. E isso aqui? — belisco o traje inferior de seda com o dedo e deixo-o voltar a ficar colado no corpo dele. — Isso não é bom o suficiente. Você não pode simplesmente colocar um traje e pular fora da nave!

Elder olha para mim desconfiado, como uma criança frustrada encara uma mãe superprotetora. Não me importo. Eu me inclino mais para perto dele.

— Você é importante demais para se arriscar.

— O vídeo — diz Elder, em voz baixa. — É a única maneira de descobrir o que Órion queria dizer.

— Foi você quem disse que Órion era maluco.

— Sim, mas...

— Além disso, essa última pista foi provavelmente adulterada. É provável que não queiram que a gente descobrisse essa sala ou os fatos, e...

— Mas *Amy* — diz Elder. — Os trajes espaciais! — Elder não consegue controlar sua excitação sobre sair para ver as estrelas, mas não consigo dominar meu medo.

— Os trajes não mudam nada! — mas estou errada. Eles mudam tudo. — Deixe-me ir — sussurro. — Deixe qualquer outra pessoa ir. Não podemos arriscar você.

Elder sorri — um sorriso enorme e despreocupado, e realmente me sinto como uma mãe observando seu bebê cambalear em direção a um incêndio.

— Estou emocionado. Você realmente se importa comigo.

Minha boca se abre.

— Seu idiota. *Claro* que me importo com você.

Ele se inclina para frente rapidamente e beija-me na testa.

— Então me ajude a colocar o traje.

Rosno, mas não posso impedi-lo. Pelo menos, posso ter certeza de que ele esteja tão seguro quanto possível. Pego as duas metades do peitoral do traje. Sinto-me como uma dama antiga vestindo seu cavaleiro em sua armadura, exatamente como um filme que vi há tanto tempo atrás em Terra-Sol — na Terra. A dama colocou um pequeno amuleto — um lencinho — na armadura do cavaleiro para lembrá-lo de seu amor por ele. Não tenho um lenço, e não tenho nem mesmo certeza se amo Elder, mas prendo o peitoral do traje com tanta força que ele geme em protesto.

Continuo a verificar o manual. Não me parece certo que tudo o que é preciso para ir ao espaço seja um conjunto de ceroulas de bronze e uma concha de plástico. Eu sabia que trajes espaciais haviam percorrido um longo caminho desde os trajes bufantes parecidos com *marshmallowsbrancos*, como os do século XX, mas esse traje não me parece adequado. Ainda assim, quando assisti a vídeos de homens e mulheres trabalhando no espaço de *Godspeed* antes do lançamento, seus trajes se pareciam exatamente com esses.

Elder coloca os pés dentro das botas, um de cada vez. Elas vão até a metade das panturrilhas, e, quando apertado um botão sobre elas, as botas se encolhem contra as pernas dele. Elder vai até o centro da sala, então se vira, deixando-me inspecioná-lo.

— Parece firme — admito.

— Tudo o que falta é o capacete e a mochila — diz Elder, estendendo a mão para o capacete.

— Isso primeiro. Ajudo Elder a passar os braços pelas tiras da mochila, e ela se encaixa nas partes duras externas do traje.

Ligo os cabos da mochila em seus conectores no ombro do traje.

— Esse é um SSVP, um subsistema de suporte de vida primário — digo, enquanto ligo um tubo na base do capacete. — Basicamente, ele tem tudo de que você precisa para viver: fornece oxigênio, remove o dióxido de carbono, regula a pressão, tudo isso.

Prendo um cabo de metal reforçado num gancho na parte da frente do traje de Elder.

— E isso — digo — é a corda de segurança de volta para mim, para a nave. Estou ligando a outra extremidade ao casco. O livro diz que há um gancho especial lá especialmente para isso.

Elder assente. Ele parece pálido, e há uma capa de suor sobre seu rosto.

Penso em beijá-lo, então. Por via das dúvidas.

Em vez disso, enfio o capacete no traje e o prendo no lugar. O SSVP tem somente dois modos de funcionamento — ligado e desligado — então abro uma tampa, ligo o botão ON e a fecho novamente.

— Isso é oxigênio puro — digo em voz alta. — Acostume-se agora, antes que você esteja no espaço.

Elder balança a cabeça, mas há tanto oxigênio no traje que a parte de cima se curva para trás e para a frente. Eu mordo meu lábio, preocupada.

Elder me segue, marchando e mancando, em direção à escotilha. Por dentro, prendo a extremidade de sua corda de segurança num gancho no chão.

— Volte para mim — sussurro para o capacete de Elder, mas não sei se ele pode me ouvir.

Volto para o corredor. A escotilha se fecha atrás de mim. Olho através da janela de vidro. Elder levanta uma mão.

Digito o código no teclado lentamente, hesitando antes do último dígito. Devo fazer isso? Vale a pena descobrir o grande segredo de Órion se isso puser a vida de Elder em risco?

A porta na minha frente se fecha, fazendo um ruído de metal triturando metal. Através da janela, dou uma última olhada para Elder, em seu traje cor de bronze. Sinto um desejo louco de quebrar os controles da parede ao meu lado e impedir a escotilha de se abrir.

Mas é tarde demais. Ela se abre.

E Elder se foi.

Elder

Meus braços e pernas parecem presos em algo grosso, como se eu estivesse andando através de água lamacenta. Tudo se torna abafado dentro do traje. Amy fecha a porta que leva para dentro da nave; posso ver seu rosto pensativo pela janela, a preocupação exagerada através do vidro arredondado. A trava faz um clique abafado, quase imperceptível, que, no entanto, ecoa.

Então, estou sozinho com apenas o som do sistema de suporte de vida amarrado às minhas costas, um suave *whoosh-whoosh girando* em meus ouvidos.

A escotilha se abre, e o universo explode ao meu redor. Sou lançado através da porta de costas, meus braços e pernas sendo puxados dolorosamente enquanto meu corpo voa para o espaço. O movimento tira meu folego, e não consigo respirar. Exatamente quando começo a entrar em pânico, sinto o oxigênio fresco que flui através do capacete.

O cabo que me liga à nave fica tenso, e meu corpo flutua contra ele, meus braços e pernas já não mais rígidos no traje. Olho para cima. E estou *cercado* pelo universo.

Silêncio e estrelas.

Um milhão de sóis se estendem à minha frente, sua luz penetrando a escuridão. A nave parece brilhar. Eu a examino, procurando o grande segredo que Órion me disse que iria encontrar.

A nave, em sua maior parte, tem formato oval, com um bico de chifres salientes projetando-se a partir da ponte. Um vidro em favo de mel brilhante cobre a protrusão em forma de arco. Abaixo dela, então, deve ser o Nível dos Alimentadores. Fico olhando para o exterior liso da nave, maravilhando-me com o fato de que, apenas alguns momentos atrás, eu estava do outro lado, correndo os dedos sobre rebites empoeirados. Há uma linha de metal espesso escuro que corre na parte inferior da nave, sobre o lugar onde começa o nível crio, e uma crista pontuda projeta-se dali também, como uma versão menor do bico da ponte. Há vidro lá também, um observatório deve estar escondido por trás da última porta bloqueada no nível crio.

Não há nada aqui que pareça incomum, exceto, talvez, o observatório

ainda não visto. Eu me reclino no espaço, meus olhos passando sobre o casco — não há fendas estranhas nem marcas; os propulsores na traseira da nave não estão funcionando, mas eu já sabia disso. Era esse o grande segredo que Órion queria que eu descobrisse? Que a nave não está se movendo?

Seria decepcionante saber que, depois de tudo isso, esse era o grande mistério de Órion. Mas como posso estar decepcionado no espaço?

Estico meus braços e pernas, sabendo que não há paredes aqui que podem contê-los. Olho para além de *Godspeede* esqueço qualquer que seja a missão inútil para a qual o vídeo de Órion me enviou. Olho para longe, para as estrelas. Lembro-me da primeira vez em que vi estrelas verdadeiras, através da janela da escotilha. Elas eram lindas, mas agora, vendo-as aqui, em volta de mim, *lindas* parece uma palavra inadequada. Vejo as estrelas como uma parte do universo, e, tendo passado minha vida atrás de paredes, de repente, não ter nenhuma me enche de reverência e terror. A emoção corre pelas minhas veias, fazendo-me engasgar. Eu me sinto insignificante, uma pequena partícula cercada por um milhão de sóis.

Um milhão de sóis.

O Sol está séculos atrás de nós. Em torno dele, circulando-o, está Terra-Sol, o planeta de onde Amy veio. E uma dessas outras estrelas é o sistema binário de Centauri, onde o novo planeta gira, esperando por nós.

E aqui estamos nós, no meio, cercados por um mar de estrelas.

Qualquer uma delas poderia ter um planeta ao redor de si. Qualquer uma delas poderia ser nosso lar.

Mas todas estão fora de alcance.

O pensamento me faz sentir nauseado e tonto, uma sensação de enjoo que começa no meu estômago e embaça minha visão.

As estrelas não se parecem mais com sóis. Elas se parecem com olhos.

Olhos sorridentes. Olhos que piscam, zombando de mim, para sempre dançando para longe do meu alcance.

Golpeio as estrelas, meus braços estão estranhos.

Meu corpo está estranho.

E então eu ouço. Suave, quase inaudível.

Bip... bip... bip.

Um alarme. Um aviso, tocando diretamente no capacete.

Respiro profundamente — ou tento respirar — mas não consigo. O ar está mais rarefeito agora, e embora minhas narinas se alarguem e minha boca esteja aberta, pontos negros dançam à minha frente. Não estou recebendo ar suficiente. Algo está errado com o SSVP preso às minhas costas — algo está errado com o oxigênio.

Meu primeiro instinto é pedir ajuda — ergo uma mão enluvada até o pescoço, e ela bate contra o capacete sólido antes que eu perceba que, obviamente, não posso alcançar o com-wi.

Meu cabo de segurança tem apenas vinte metros de comprimento, mas *Godspeed* parece estar tão distante quanto o milhão de estrelas ao meu redor. Começo a me puxar de volta para a nave, palmo a palmo, nadando através do nada para chegar à segurança da escotilha aberta.

Posso ouvir meu coração batendo em uníssono com o alarme.

Puxo o cabo, e minhas mãos deslizam por ele. O movimento me joga para longe do cabo, puxando-me em todas as direções.

Passei todo o tempo olhando em direção à nave, olhando para o caminho de onde viemos. Mas agora vejo atrás de mim, na direção para onde a nave está indo. E percebo que *Godspeed* parece brilhar. Isso... Nunca esperei por isso. Como Órion manteve *isso* em segredo? Como alguém poderia manter isso em segredo? É... É tudo... É...

Ali, flutuando no espaço, bem à minha frente...

Há um planeta.

Amy

Olho pela escotilha, com os olhos n^o nas estrelas, mas no cabo que liga Elder de volta a mim.

Conto os segundos. O cabo se agita. E eu sei.

Há algo errado.

Elder

Não consigo respirar, mas não por causa da falta de oxigênio. É porque tudo em mim — meus pulmões, meu coração, meu cérebro — parou quando vi aquele globo azul, verde e branco flutuando no céu.

Ao longe, muito maiores do que os milhões de estrelas ao meu redor, posso ver Centauri A e Centauri B, as duas estrelas que compõem o centro deste sistema solar. Elas são tão brilhantes e tão grandes em comparação com as outras estrelas que derretem em meus olhos como orbes brilhantes de gelo embaçadas.

Mas não olho para elas.

Olho para o planeta.

Esse — *isso* — é segredo de Órion. Não o fato de que a nave não está funcionando, que nunca vamos chegar lá.

É que a nave já *chegou*.

Nós já estamos aqui! Lá... Lá está o planeta que será nosso lar!

Ele flutua, tão brilhante que faz meus olhos doerem. Grandes porções de terra verde se espalham pela água azul, com redemoinhos e tufo de nuvens girando por cima de tudo.

Nas bordas do planeta, onde ele se afasta dos sóis e começa a escurecer, posso ver flashes de luzes brilhantes — rajadas de brancura na escuridão — e penso: *São raios*. No centro, onde a luz dos sóis faz com que o planeta pareça brilhar por dentro, posso ver, distintamente, um continente. Um *continente*. Em uma das pontas, é rachado e parece um ovo quebrado, linhas escuras serpenteiam profundamente nas massas de terra. Rios. Muitos rios. Talvez algo grande demais para serem rios se posso vê-los daqui de cima. Braços de terra estendem-se até o mar, e pontos de ilhas estão exatamente fora de alcance. *Essa área deve ter clima ameno o tempo todo*, penso. *Barcos podem navegar pelos rios, subindo e descendo. Podemos nadar na água*.

Por que já posso me ver morando lá. Vivendo lá.

Em um planeta que olha para um milhão de sóis todas as noites, e para dois todos os dias.

Quero gritar, berrar de alegria. Mas o ar está muito rarefeito agora.

Rarefeito demais.

Fiquei tempo demais olhando para o segredo de Órion.
O bip... bip... bip... diminui. Não há nada sobre o que avisar agora.
Por que não há mais ar.

Minha vista está rodeada de escuridão. Minha cabeça lateja com meu batimento cardíaco, que soa tão alto para mim como o alarme soava. Eu me viro para longe do planeta — *meu planeta* — e começo a puxar, palmo a palmo, o cabo de segurança em direção à escotilha. A nave entra e sai de meu campo de visão enquanto meu corpo estremece. Agora estou em pânico e lutando para me manter acordado. Tento respirar, mas não há ar para ser respirado. Estou me afogando em nada.

Mais perto.

Minhas mãos escorregam e receio — se eu soltar o cabo, se minhas mãos deslizarem novamente até o final dele — nunca retornarei à nave. Nunca voltarei para Amy.

Mas se eu tiver que morrer, penso, pelo menos posso morrer olhando para o planeta. Foi isso o que Harley pensou? Ele viu Terra-Centauri antes de morrer? Seu último pensamento foi de arrependimento — que ele havia se jogado em direção às estrelas quando o planeta estava tão próximo?

Olho para as minhas mãos com admiração. Quando foi que me esqueci de colocar uma mão sobre a outra, enquanto me puxo ao longo do cabo? Ainda estou flutuando na direção da nave — a falta de gravidade garante isso — mas preciso continuar a me puxar ao longo do cabo ou nunca vou voltar para *Godspeed* — para o oxigênio — em tempo. Forço meus braços a se moverem, arrastando meu corpo mais para perto da nave. Puxo mais forte do que antes. O desespero enche meus músculos. Minha boca fica aberta, sugando o nada. Minha garganta convulsiona.

Tenho que chegar à nave.

Meus músculos estão tremendo, mas não sei se é pelo esforço ou porque estou sufocando. Só mais um puxão. A escotilha. Meus dedos lutam, tentando agarrar a borda da abertura. Do outro lado da porta está Amy. Viro minha cabeça para cima e, com meus olhos lacrimejantes, posso vê-la pressionado o rosto contra o vidro. Dou um impulso para cima, uma vez, e meu corpo se eleva, flutuando através da gravidade zero. Bato contra o teto do interior da escotilha. Pontos pretos dançam diante dos meus olhos.

A porta da escotilha se fecha... Tão lentamente...

Viro-me a tempo de ver o planeta, apenas um pouco fora de meu campo de visão, apenas visível aqui, na borda entre a nave e o espaço...

A porta da escotilha trava.

E não vejo nada, a não ser a escuridão.

Assim que a porta da escotilha se fecha, estendo a mão para a maçaneta, mas é preciso esperar que ela se repressurize antes de abrir a porta. Através da janela da escotilha, posso ver o corpo de Elder bater no chão quando a gravidade volta. Esmurro a porta com ambas as mãos, mas ele não se move. Ele fica lá, caído, sem se mexer, seu rosto obscurecido pelo capacete.

Uma eternidade depois, a trava é liberada, e abro a porta. Fico de joelhos ao lado de Elder e viro seu corpo de modo que ele fique deitado de costas. Seus braços e pernas estão flácidos; a concha do traje espacial é desajeitada e me atrapalha.

O capacete primeiro. A cabeça de Elder sai do capacete e bate contra o chão de metal.

— Elder — digo. — ELDER — atinjo seu rosto com a mão aberta, esperando algo, mas...

Aperto meu com-wi e falo com Doc.

— Desça até o nível crio! — grito para meu pulso enquanto ataco a concha em forma de armadura do traje espacial, arrebatando as tiras que o prendem ao redor do tronco de Elder, removendo-a para revelar seu peito.

— Qual o problema? — Doc pergunta. Sua voz parece sem fôlego no com-wi, como se ele já estivesse correndo.

— É Elder! — grito.

— Estou no Nível dos Transportadores, mas chegarei aí assim que puder.

— Depressa!

Inclino-me sobre o peito de Elder — ele não está respirando. Meu cabelo cai sobre seu rosto, em sua boca levemente aberta, mas ele não se mexe.

Não sei se isso vai funcionar — rezo para que sim, mas não sei —, inclino a cabeça de Elder para trás — sua pele está tão fria —, aperto seu nariz e respiro em sua boca. Fiz isso em um manequim uma vez depois de umas aulas de natação na Flórida, quando eu era criança, mas o manequim era de plástico, uma mistura não realista de duro e macio — nada parecido com a umidade morna da boca de Elder. Dou duas respiradas curtas — *Puff Puff* Então fico de joelhos, coloco minhas mãos uma sobre a outra e pressiono seu peito.

Pressione, pressione. Pressione, pressione. Pressione, pressione. Pressione, pressione. Pressione. Pressione. Pressione, pressione. Pressione, pressione. Pressione, pressione.

Pressione, pressione. Pressione, pressione. Pressione, pressione.

Pressione, pressione.

Puff! Pufft

Pressione, pressione.

Pressione, pressione. Pressione, pressione. Pressione, pressione.

Pressione, pressione. Pressione, pressione. Pressione, pressione. Pressione, pressione. Pressione, pressione. Pressione, pressione. Pressione, pressione. Pressione, pressione. Pressione, pressione.

Nada.

Pressionepressionepressionepressionepressionepressione.

Deus, por que não está funcionando? Estou fazendo certo? Mal posso me lembrar daquela hora de treinamento em ressuscitação cardiopulmonar, tanto tempo atrás — e se eu o estiver *machucando*?

Abaixo a cabeça para respirar em sua boca novamente. Tenho que engolir um soluço. Não vou chorar.

Ele não está morto. Não vou deixar que ele morra.

Puff

Eu me inclino para tomar um pouco mais de ar — e sinto, muito leve — apenas um sopro de respiração vindo de Elder. Eu me inclino para baixo, minha bochecha próxima aos seus lábios, e posso senti-lo. Ar. Seu peito sobe e desce, sobe e desce. Movo minha cabeça para baixo, pressionando meu rosto contra seu corpo.

Posso sentir seus batimentos cardíacos, fracos, mas batendo, batendo, batendo com vida.

Descanso minha cabeça em seu peito, saboreando seu calor, o som de seu corpo ainda vivo.

Elder

— Ahhh — dou um gemido, meu peito parece ter sido aberto e então fechado novamente com fita adesiva.

— Elder! — Amy está inclinada sobre mim.

— O que aconteceu? — minha voz soa estranha para mim, aguda. Meu nariz está frio por dentro... Há um tubo soprando ar para dentro dele.

— Acho que você morreu um pouco — diz Amy. Ela tenta rir, mas o som morre em seus lábios. Seus olhos estão vermelhos, como se ela tivesse chorado muito ou precisasse chorar, mas ainda não houvesse chorado.

Fico imóvel por um momento, avaliando meu estado. Estou no Hospital.

— Estou me sentindo péssimo — concluo.

— Sim, é isso que acontece quando você morre um pouquinho.

Amy começa a dirigir-se à porta, mas eu agarro seu pulso.

— Não vá.

— É melhor eu chamar Doc — ela diz. — Ele está esperando você acordar.

— Ainda não — digo. Tiro o tubo de dentro do nariz.

— Não faça isso — diz Amy. — É oxigênio.

— Tenho o suficiente agora, vê? — dou uma inspirada profunda e óbvia e me livro do tubo.

Suas sobrançelas estão franzidas, mas ela me deixa puxá-la para baixo de forma que fique sentada na beirada da cama. Mordo o lábio, então o solto — meus lábios estão doloridos e parecem machucados. Posso sentir o gosto de cobre na carne macia.

— Pensei que iria perder você — sussurra Amy. Seus dedos descem pelo meu rosto, tocando levemente o lugar que ainda está machucado por causa do soco de Stevy de alguns dias atrás. Seus dedos são frios, seu toque é tão suave que mal posso senti-lo.

— Estou bem — sorrio ironicamente. — Melhor do que bem.

— Você realmente está bem? — ela pergunta, tirando um cacho de cabelo do meu rosto.

— Amy — digo, respirando profundamente e saboreando o gosto do ar. —

Amy, nós chegamos. Estamos *próximos* ao planeta. Nós chegamos!

Ela franze a testa.

— Isso é o que vi quando fui lá fora. Eu vi Terra-Centauri.

Ela balança a cabeça, como se estivesse fazendo minhas palavras chacoalharem dentro de sua cabeça.

— Vamos pousar. *Em breve*.

Algo nela se quebra. Seus olhos saem de foco.

— Nós poderemos acordar meus pais — ela diz lentamente. — Não vou precisar mais passar a vida inteira nessa nave. Serei capaz de ir lá fora outra vez. Verei o Sol.

— Sóis — corrijo. — Terra-Centauri tem dois sóis.

— Sóis. *Sóis*— e a luz em seus olhos me faz lembrar dos dois globos brilhantes pairando sobre o planeta.

— Agora, você não está feliz por que eu fui lá fora? — pergunto, sorrindo para ela. — Tudo o que tive que fazer foi morrer um pouco, e você tem um planeta novo!

Esperava que ela risse, ou pelo menos, sorrisse. Não esperava que ela desse um tapa no meu braço.

— Seu idiota estúpido! — ela diz, batendo em mim de novo. — Não quero o planeta novo sem você!

Seus olhos se arregalam quando ela percebe o que acabou de dizer. Sempre que chegamos a esse ponto de falar sobre *nós*, Amy se esquivava do assunto. Mas agora, em vez de se afastar para longe de mim, ela se inclina para mais perto. Seu cabelo se espalha sobre seus ombros, tocando meu peito enquanto ela se inclina. Sua alegria feroz ao saber sobre o planeta é substituída por outra coisa, algo mais quente, como uma chama que queima lentamente, mas de forma regular.

— Não valeria a pena sem você — ela diz, com a voz baixa.

Meu braço serpenteia, envolvendo sua cintura e puxando-a para perto, de modo que ela está praticamente deitada sobre mim. Posso sentir cada centímetro do seu corpo; seu coração está batendo tão forte que fico surpreso pelo fato de não fazer a cama tremer.

Ela parece estar aterrorizada, mas não se afasta.

Seu beijo é suave e gentil, mal tocando meus lábios machucados. Há doçura nele, inocência e uma promessa.

Doc limpa a garganta.

Dou uma olhada para o rosto surpreso de Amy e então ela corre para a cadeira encostada na parede, seu rosto vermelho.

— Como você está se sentindo, Elder? — Doc pergunta enquanto se aproxima da cama. Ele franze a testa ao ver o tubo de oxigênio que tirei do nariz. Ele verifica meu pulso e acende uma luz em frente aos meus olhos.

— Estou bem — insisto.

Finalmente, ele parece concordar comigo e senta-se na cadeira ao lado de Amy.

— Agora — ele diz, um tom levemente irritado em sua voz habitualmente serena — você gostaria de me dizer que diabos estava pensando?

Abro minha boca, mas nenhuma resposta sai. Meus olhos movem-se até os de Amy — quanto Doc sabe? — e ela sacode a cabeça sutilmente.

— Não tente esconder coisas de mim — Doc diz, sua voz elevando-se um tom.

— É obvio o que vocês dois estavam fazendo.

— É...?

Doc olha para mim com uma carranca.

— Sei o que era aquele traje. Era para sair da nave. Órion fez isso uma vez, quando a nave precisou de um conserto externo. E vocês dois encontraram os trajes e pensaram, “Ora, vamos lá fora no *espaço brincar*!”

— Não é assim — começo, mas Amy esbugalha os olhos para mim, silenciando-me.

— Elder, eu entendo — Doc diz, sua voz caindo novamente para o tom baixo e monótono, o mesmo tom de voz que ele usava quando perguntava como eu estava antes de me oferecer um adesivo médico para me acalmar. — Você queria ver como era lá fora. Mas deveria ter percebido. Aqueles trajes são muito antigos. Duvido que qualquer um deles seja realmente seguro — ele para, sem me olhar nos olhos. — Elder, você é valioso demais. Com Órion congelado e a nave sem Phydus, não podemos nos arriscar. Não com você.

Doc cobre o rosto com as mãos, e estou surpreso — nunca o vi tomado pela emoção assim antes.

Bip, bip-bip.

Faço menção de silenciar o com-wi.

— Está recebendo uma mensagem? — Doc pergunta. — É melhor atendê-la — ele olha para mim, sua preocupação substituída pela raiva. — Só porque você fez algo maluco, não é desculpa para se esquecer de suas obrigações.

— Eu sei — digo, magoado. Pressiono meu com-wi.

A carranca de Doc se abrande, e ele parece estar prestes a pedir desculpas para mim, mas ergo um dedo, ouvindo a mensagem.

Quando termino de receber a mensagem no com-wi, me levanto. Amy parece querer me empurrar de volta para a cama, mas a ignoro.

— Amy — tento colocar as palavras que não posso dizer no olhar que dirijo a ela. — Precisamos nos falar mais tarde. Sobre a *coisa*.

Ela acena com a cabeça.

— Mas tenho que ir agora — digo.

Amy agarra-me pelo cotovelo antes que eu saia da sala.

— Que foi? — ela pergunta, e mesmo que só tenha dito duas palavras, o tom de sua voz me implora para ficar com ela.

Mas não posso.

— Maraé está morta.

A sala parece vazia quando Elder sai. Tento me lembrar de Marae — eu sabia que ela era a Primeira Transportadora, um título como a segunda em comando, depois de Elder. Ela era alta e eficiente, tinha um corte de cabelo severo e olhos penetrantes, mas realmente não sei nada sobre ela além de sua aparência.

E agora é tarde demais.

E é tarde demais para que ela veja o planeta também.

Sinto uma sensação de culpa que repuxa meu umbigo. Eu não deveria estar contente, não quando alguém mais foi morto. Mas... Chegamos! A nave vai realmente pousar! Ao passar pelo salão comum da Enfermaria, paro para olhar para fora das enormes janelas. Na minha mente, substituí as colinas onduladas e trailers perfeitamente encaixotados da cidade distante por florestas, oceanos e céu.

Chegamos.

Sorrio de satisfação quando volto para o quarto. Posso odiar Órion por tudo o que ele fez para mim depois que acordei, mas não posso negar que suas pistas levaram a mim e a Elder direto para Terra-Centauri.

Equase o mataram, penso.

Minhas mãos levantam-se por vontade própria, e toco meus lábios com os dedos. Aquele beijo... Não tinha pensado sobre o que estava fazendo; simplesmente fiz.

E agora não consigo me esquecer da sensação de seus lábios contra os meus. Quis realmente dizer o que disse, que o novo planeta não valeria nada sem ele?

Sim.

Mas... Se — não, *quando* — a nave pousar, tudo será diferente.

Isso é tão verdadeiro quanto o nosso beijo.

Sacudo a cabeça. Não posso pensar nisso agora.

Tranco a porta do quarto e pego o soneto de Shakespeare que encontrei na sala com os trajes espaciais. Parte de mim quer voltar para pegar a cópia de *O Pequeno Príncipe* que estava lá também, mas não consigo suportar o

pensamento de voltar para o nível crio ainda. Não posso pensar na escotilha sem também ver o corpo de Elder caído no chão. Lembro-me daquele breve momento, quando pensei que era tarde demais.

Corro o dedo ao longo da borda lisa da página. Duvido que Órion o tenha cortado do livro de sonetos de Shakespeare. Alguém está adulterando as pistas, tenho certeza disso. Coloco o soneto na mesa e começo a andar pelo quarto. Se o grande segredo de Órion era o planeta, nem precisamos mais dessa pista. Não é o planeta a resposta para o mistério?

Ele disse que havia uma escolha, no entanto. Ele disse que eu teria de tomar uma decisão. Deve haver algo mais — algo ainda maior do que o planeta.

Me sinto um pouco como um fantoche, com Órion puxando as cordas para fazer com que eu me mexa. Algumas das cordas, entretanto, estão ficando emaranhadas.

E algumas estão sendo cortadas.

Respiro fundo e tento me esquecer da falta de vida nos lábios de Elder enquanto eu tentava trazê-lo de volta à vida.

O acidente de Elder foi mesmo um acidente? Se alguém está adulterando as pistas, quão difícil teria sido para essa pessoa furar os tubos de ar do traje? Se fosse para o nível crio agora e verificasse todos os trajes, descobriria que estão todos danificados de forma sutil, imperceptível?

Caio na cadeira próxima à mesa e abro o soneto dobrado. Vou continuar a jogar o jogo de Órion. Mesmo que alguém esteja tentando me impedir.

Esse soneto, exatamente como os outros do livro, não faz sentido algum. Mas, diferentemente dos outros sonetos, alguém fez marcas nesse.

OXXX

Quando à corte silente do doce pensar Convoco as lembranças do que passou,

Suspiro pelo que ontem fui buscar,

Chorando o tempo já desperdiçado,

Afogo olhar em lágrima, que tão raramente corre, Por amigos que a morte escondeu Pranteio a dor que o amor já superara, Deplorando o que desapareceu.

Posso então lastimar o erro esquecido, E de tais penas recontar as sagas,

Chorando o já chorado e já sofrido,

Tornando a pagar contas todas pagas.

Mas, amigo, se em ti penso um momento, Vão-se as perdas e termina o sofrimento.

Tubo

Sento-me ereta, olhar fixo nas anotações feitas à mão. Elas são todas sobre algo escondido e esquecido. E tubo? O único tubo que conheço é o tubo

gravitacional, e nada poderia estar mais distante de um soneto de Shakespeare do que um dispositivo futurista que suga as pessoas e as leva a níveis diferentes de uma nave espacial.

Passo meus dedos sobre as linhas estranhas perto do final do poema. Elas quase se parecem com escadas.

Meus olhos se arregalam. *Escadas*. Como a escadaria onde Órion estava sentado em todos os vídeos que ele me deixou!

O tubo gravitacional foi inventado na nave depois do lançamento, o que significa que deveria haver *alguma maneira* para as primeiras gerações em *Godspeed* se moverem através dos níveis da nave. Como uma escadaria... Uma escadaria *escondida* de que todos se esqueceram por causa do tubo gravitacional! Verifico as linhas do poema que Órion sublinhou — *escondeu e desapareceu* podem significar que essa escadaria deve estar muito bem escondida. Nos vídeos, as escadas estavam sempre às escuras. Órion se sentia seguro lá, a salvo até mesmo de Eldest, que não sabia sobre elas.

Mas... Onde elas ficam?

Elder

Minha mente é um turbilhão, enquanto o vento no tubo gravitacional sopra contra minha cabeça e subo até o Nível dos Transportadores. Amy nunca me beijou daquele jeito antes, nunca me olhou daquele jeito antes.

Quero repetir o que aconteceu outra e outra vez em minha mente, mas quando chego à ponte e vejo o rosto solene da Segunda Transportadora Shelby, forço-me a me esquecer de todo o resto, exceto Marae.

— Nós a encontramos aqui — diz ela, movendo-se para abrir a porta. Embora a Sala do Motor esteja lotada e os Transportadores pareçam estar funcionando, todos os olhos fitam Shelby e eu quando entramos na Ponte, nossos passos ecoando no chão de metal. A única luz vem de uma lâmpada perto da mão imóvel de Marae.

Desvio o olhar — não quero encarar o fato de seu corpo morto, ainda. Meus olhos se viram para o teto de metal, alto e arredondado. Do outro lado das chapas de aço, há um planeta. Marae não tinha ideia de quão perto estava. E sempre esteve exatamente ali.

Ela está deitada sobre a mesa, seu corpo caindo da cadeira. Seus olhos estão abertos e vazios, olhando para o nada. Disquetes com diagramas e gráficos piscam sob seu rosto; um esquema impresso do motor jaz amassado sob um de seus braços.

Na base de seu pescoço, exatamente sob seu cabelo cortado curto, estão três adesivos verde-claro. Uma palavra em tinta preta escrita em cada adesivo.

Siga.

O.

Líder.

— Isso não faz sentido — sussurro. Se alguém está matando pessoas que me desobedecem, por que matar Marae? Ela tem sido a minha mais firme defensora desde o começo. Ela é inabalavelmente fiel, e levou o resto dos Transportadores a tomar essa atitude também. Ela aproveitou a oportunidade de

liderar a minha força policial. Se Doc era o maior conselheiro de Eldest, Marae era a minha.

— Quem fez isso com você? — sussurro, mas é claro que ela não vai me contar. Mas tem que ser alguém do alto escalão, não é? Alguém que ou tem acesso à Ponte ou que conhecia Marae bem o suficiente para persuadi-la a abrir a porta. Além dos Transportadores, alguns dos cientistas, Doc e Kit, os técnicos, mesmo Fridrick, como capataz de distribuição de alimentos, também podem vir a este nível. E com os adesivos médicos roubados, qualquer um deles poderia ter feito isso.

Shelby faz um pequeno ruído atrás de mim. Ela está olhando resolutamente para o teto da Ponte, com a mandíbula apertada.

Quero dizer algo para consolá-la, mas tudo o que consigo dizer é:

— Você é a Primeira Transportadora agora.

Ela acena com a cabeça uma vez. Não vai desonrar Marae, demonstrando fraqueza. Ela será uma excelente Primeira Transportadora.

O teto da Ponte é abobadado, muito parecido com o teto no nível crio e com o Grande Salão do Nível do Guardião. Quando eu estava lá fora — dou um sorriso secreto — *quando estava lá fora* — parecia haver janelas de vidro na ponte. Bem — não de vidro, certamente. O vidro é frágil demais para a entrada da nave na atmosfera de um planeta ou para outros perigos do espaço — asteroides, cometas, meteoros. Mas algum outro material claro, forte, talvez um policarbonato grosso, funcionaria. Algo que brilhasse, refletindo a luz do planeta, brilhando com os dois sóis.

Mas esse teto é de metal.

Exatamente como o teto do Nível do Guardião. Eldest escondia as estrelas falsas sob um teto de metal lá... Um teto com painéis e dobradiças, exatamente como esse... Com controles hidráulicos nas laterais... Meus olhos vão até a parede, ao controle perto da porta que é controlado pelo escâner biométrico. Ranjo os dentes. Não sei por que estou surpreso que segredos tenham sido escondidos aqui também, exatamente como no resto da nave.

E estou cheio dos malditos segredos e mentiras. Uma coisa é não contar a todos que o motor da nave está parado — seria o fim de toda a esperança —, mas o planeta muda tudo.

— Tranque a porta da Ponte — ordeno a Shelby.

Ela hesita uma fração de segundo, então se vira e, silenciosamente, puxa e fecha a pesada porta.

— Tranque-a — repito.

— Estas são travas de segurança acima do padrão — Shelby diz. — Elas isolam a Ponte completamente do resto da nave.

— Eu sei — digo.

Shelby passa o polegar pelo escâner, e a trava se encaixa no lugar. Ela liga outro botão, e as luzes se acendem, como uma série de dominós. Mas ao invés de iluminar o rosto de Shelby, as luzes fazem sombra sobre ela. Ela parece insegura — até mesmo assustada. Assustada em ficar trancada numa sala comigo.

E com o que sobrou de Marae.

— Hoje eu fui lá fora — falo com Shelby, mas meus olhos estão fixos nos olhos abertos e vazios de Marae.

— Não entendo, senhor — Shelby diz.

— Lá fora. No meio das estrelas. Pela escotilha.

Shelby arqueja.

— Amy e eu encontramos alguns trajes espaciais, e eu fui. E vi... Bem, deixe-me mostrar a você o que vi.

Começo a ir em direção à parede mais distante, mas paro, viro e debruço-me sobre o corpo imóvel de Marae. Cuidadosamente, tão respeitosamente quanto possível, inclino seu rosto de modo que seus olhos vazios possam ver o teto. Esse é minha última dádiva a ela.

Vou atrás de Shelby e passo meu polegar pelo escâner biométrico nessa parede, exatamente como o escâner na porta de Eldest no Nível do Guardião. Este — como o teto sobre a carta de navegação no Nível do Guardião — deve ter sido adaptado para o projeto da nave. Não faz parte do original, não — essa deve ter sido a maneira pela qual o Eldest da época da Peste encobriu a verdade.

— Comando? — o computador pergunta em um tom agradável, já que a minha autoridade foi aceita.

— Abra — digo, incapaz de evitar um sorriso.

E o telhado de metal se abre.

Shelby grita e cai de joelhos, cobrindo a cabeça. Ela acha que a nave está se quebrando ao meio, assim como eu quando o telhado sobre o Nível do Guardião se abriu para revelar as estrelas-lâmpadas. Ela acha que a Ponte vai rasgar-se em uma descompressão explosiva e nós seremos sugados para o espaço, nossas mortes, rápidas, mas dolorosas, enquanto nossos corpos sucumbem à anóxia, nossa pele ficando azul e nossos órgãos se rompendo.

Vou até Shelby — meu andar calmo faz com que ela trema ainda mais — e me agacho ao lado dela.

— Levante-se — digo acima do zumbido das engrenagens que abrem o teto. — Você não vai querer perder isso.

Ofereço minha mão. Posso senti-la tremer na minha palma, mas ela fica em pé, de qualquer maneira. Ela busca meus olhos, a princípio — buscando algo, não sei o quê —, mas inclino a cabeça para cima, e vejo-a fazer o mesmo

pelo canto do meu olho.

Porque o universo está ali, acima de nós, brilhando através do vidro favo de mel das janelas que cobrem a Ponte. O universo — as estrelas, a escuridão entre elas — e o planeta.

Na hora do almoço, pressiono o botão na parede, mas nenhuma comida sai do dispositivo. Pressiono novamente. Nada.

Minha primeira ideia é de que o sistema de provisão de alimentos na parede está quebrado, mas quando saio do quarto para o corredor, posso ouvir Doc gritando, embora a porta de seu consultório esteja fechada.

— Não me importo se você acha que as pessoas na Enfermaria não contam, Fridrick! — Doc ruge. — Ainda assim, elas merecem comida!

Volto para o quarto e pego o soneto na mesa, mas meu coração está pesado. Esse é mais um problema para Elder, e para a nave. Penso em enviar uma mensagem a ele avisando que nenhum alimento foi entregue ao Hospital, mas sua amiga morta tem prioridade sobre o almoço.

Em vez disso, vou até o tubo gravitacional para procurar as escadas. Existem dois tubos, um perto da Cidade e um desse lado do Nível. Meu estômago se retorce com a ideia de ir até a Cidade sozinha, mas considerando como esse tubo fica próximo do Salão de Registros, acho que tenho uma chance melhor de encontrar as escadas escondidas perto dele do que o outro. *Se as escadas realmente existirem*, não posso deixar de pensar. Só espero ter entendido essa pista corretamente.

O saguão do Hospital está lotado, como de costume, mas mantenho a cabeça abaixada e o capuz puxado para cima enquanto passo pelas pessoas que reclamam sobre os adesivos. Algumas pessoas parecem mesmo doentes — uma mulher está perigosamente magra, com os olhos fundos e faces encovadas. Outro homem vomita repetidamente, segurando um balde no colo.

Respiro profundamente o ar reciclado, assim que saio do Hospital imediatamente abaixo a cabeça. Um grupo de pessoas, entre elas a multidão que estava discutindo a remoção de Elder ontem, está reunido no caminho perto da lagoa.

— E, mais uma vez, não houve a distribuição de alimentos para o almoço — uma voz ecoa na multidão. Olho para cima; Bartie está no centro do grupo, em pé, sobre o banco.

Resisto ao desejo de bater no banco e jogá-lo na lagoa. Bartie sempre me

pareceu agradável e tranquilo, mesmo antes dessa semana, mas enquanto a nave fica cada vez mais fora de controle, tudo o que posso ver é ele em pé no centro da tempestade.

Enquanto corro ao longo do caminho, mantenho minha cabeça abaixada. E é essa a razão, talvez, pela qual eu vá de encontro a um casal indo em direção à Bartie e o grupo na lagoa.

— Desculpe! — diz a mulher agradavelmente.

— Onde você vai? — pergunta o homem. Hesito por apenas um momento. Reconheço essa voz.

Luthor.

Deveria ter começado a correr, mas minha breve pausa deu a Luthor tempo para tocar meu ombro. Eu o espreito por baixo do capuz, tendo o cuidado de manter o rosto abaixado. As contusões que Victria e eu infligimos a ele exibem um roxo-esverdeado desagradável. Seu olho esquerdo ainda está inchado; uma crosta vermelho-escuro cobre seu lábio cortado.

— Venha conosco — ele diz, ainda não me reconhecendo. — Bartie está falando sobre como podemos modificar a nave para um sistema que é mais justo.

Ele me puxa pelos ombros. Tento me desvencilhar, e meu capuz escorrega. Por um momento, vejo surpresa no rosto de Luthor; então, seus olhos se apertam em fendas maliciosas.

A mulher arqueja como se eu fosse Quasímodo ou algo assim, mas Luthor sorri, mostrando os dentes. O corte no lábio se abre, vermelho brilhante, mas ele não parece se importar. Seu aperto sobre meu ombro aumenta, e eu assobio de dor.

— Venha — diz a mulher. — A aberração não foi convidada.

Luthor me liberta, de repente, empurrando-me, ao mesmo tempo, e eu tropeço no caminho. Rindo, os dois continuam indo em direção à lagoa.

— Não queria ir mesmo! — grito. O casal para, de costas para mim. Antes que eles se virem, corro pelo caminho que vai ao tubo gravitacional.

Felizmente, já que esse tubo gravitacional só pode ser usado por Elder, ninguém está aqui. Me inclino para trás, olhando para o tubo de plástico transparente que vai até lá em cima, através do teto, para o Nível do Guardião.

É estúpido, mas a primeira coisa que quero fazer é pressionar o com-wi em meu pulso e voar até Elder. Não consigo esquecer o gosto de seu beijo em meus lábios.

Sacudo a cabeça, forçando-me a me concentrar na parede atrás do tubo gravitacional. Costumo evitar as paredes da nave. De longe, você pode apertar os olhos e ignorar os rebites que mantêm as paredes juntas, fingir que a tinta azul-celeste é o céu. Mas quando você está perto, pode sentir o cheiro do metal, o

mesmo gosto forte na parte de trás de sua garganta como sangue, e quando você as toca, elas são frias e imóveis.

Bato as juntas dos dedos contra a parede de aço da mesma forma que meu pai batia nas paredes de nossa casa para encontrar um lugar oco antes de pendurar um quadro. Talvez o som me dê uma pista sobre o que há por trás da parede. Por um instante eu me lembro de outro momento, quando bati as mãos contra as paredes, quando estava chorando, gritando e arranhando o metal, desesperada para encontrar uma saída. Órion me encontrou, então, a única face acolhedora em toda a nave, e eu achei que havia encontrado um amigo nele. Não um assassino.

Concentro-me no som dos meus dedos contra a parede. *Tap-tap. Tap-tap. Tap-tap.* Não há nada aqui. *Tap-tap. Tap-tap. Tap-tap.* O que estou fazendo?

Pareço uma idiota. *Tap-tap. Taãap-taaãp.*

Minha mão fica imóvel. Logo à direita, um pouco distante do centro da entrada do tubo de gravidade, a parede ecoa como se fosse oca. Me inclino mais para perto.

E então vejo. Leve, empoeirado, quase invisível.

Um remendo na parede.

Corro meus dedos ao longo do contorno do que agora sei que é uma porta. Não há maçaneta nem dobradiças que eu possa ver, portanto, a porta deve abrir para dentro. Empurro meu peso contra ela, mas ela não cede. Empurro com todo o meu peso, meus sapatos deslizando no chão, deixando marcas na terra.

A porta se abre.

Está escuro lá dentro.

Uma pequena fresta da porta se abre, e tenho que me apertar para entrar. Com o raio de luz vindo do Nível dos Alimentadores iluminando a escuridão, posso ver uma grande alavanca ao lado da porta, um chão de metal estampado, uma caixa coberta na parede ao nível dos olhos.

E escadas.

Empurro todo o meu peso contra a parte interna da grossa porta, e ela se fecha. Por um momento, entro em pânico e puxo a maçaneta gigante até que a porta se abre novamente, apenas uma fresta, deixando-me sentir o cheiro de grama e terra do Nível dos Alimentadores. Posso voltar para fora. Dou um suspiro de alívio e empurro a porta até que ela se fecha novamente.

É vazio e silencioso aqui. Respiro profundamente e percebo o som da minha presença mais do que o gosto da poeira e do ar viciado.

Não consigo ver nada na escuridão, preta como tinta. Tateio no breu, tocando a parede de metal frio até que meus dedos encostam no plástico em relevo da caixa coberta que vi embutida na parede antes de fechar a porta. A

tampa se abre no topo, com o ranger das dobradiças, e sob ela encontro um interruptor de luz parecido com aqueles da Terra. Deveria ter concluído que as luzes funcionariam dessa forma — essa área toda é parte do projeto original da nave.

Mas não é uma luz no teto que se acende; em vez disso, as escadas se iluminam. Meus passos ecoam no chão de metal com um som oco enquanto chego mais perto. Pequenas lâmpadas de LED seguem os corrimões em ambos os lados da escada, e uma estreita fileira de luzes marca a parte da frente de cada degrau. As lâmpadas estão protegidas por pequenos tubos plásticos, quase como luzes de Natal usadas do lado de fora das casas.

Minha mente para.

Antes, se eu pensasse em *Natal*, teria me lembrado do meu passado na Terra e sucumbido à tristeza dolorida por uma vida que nunca mais poderia ter.

Agora, posso pensar na palavra e não sentir nada a não ser uma dor surda, uma dor fantasma por uma parte de minha vida que foi amputada de mim.

Chacoalho a cabeça e coloco a mão no corrimão. Meus dedos brilham em tons rosados por causa do tubo de luzes. Dou o primeiro passo e olho para cima — as escadas sobem cada vez mais, zigue zagueando como níveis num prédio de estacionamentos. Tento contar quantas vezes as escadas se torcem e viram, mas as luzes se confundem na parte superior. *Godspeed* é tão alta quanto um arranha-céu. Na última vez em que estive em Nova Iorque, tentei subir as escadas do Edifício Empire State. Meus pais e eu corremos para ver quem conseguia chegar mais rápido ao topo. Cheguei até o quadragésimo andar antes de desistir, e não estava nem na metade. Essas escadas são duas vezes maiores, indo do Nível dos Alimentadores até o Nível do Guardião, onde Elder fica.

Mas e o nível crio? Onde estão os degraus que descem até lá?

Me afasto das escadas e vou em direção à parede. Do outro lado está o espaço — e além dele está o planeta. É estranho. A parede do Nível dos Alimentadores é claramente mais fina; posso sentir o calor residual através do metal, e da porta que conduz para fora, que não é muito pesada, é da mesma espessura da parede. Por outro lado, as paredes exteriores parecem maciças. Vigas de aço arqueiam-se, seguindo a curva da nave num ângulo menor do que o teto arredondado do Nível dos Alimentadores. Os rebites nessa parede são muito, muito mais grossos, eles têm aproximadamente o diâmetro da palma da minha mão.

Pressiono minha mão contra o metal, e ela fica com vestígios de um pó de cor castanho-avermelhado. O metal aqui é mais frio, e há um senso de peso estoico, forte por trás dele.

Dentro do Nível dos Alimentadores, onde é arejado, luminoso e quente,

me sinto enjaulada e presa. Mas aqui, ao lado dessas paredes grossas e pesadas, em um corredor estreito, curvado, com pouca luz e nada além do cheiro de metal e poeira, me sinto mais próxima do exterior.

Da liberdade.

Encontro um segundo conjunto de escadas logo depois, um buraco estreito que leva para baixo nesse espaço entre o coração de *Godspeed* do universo. Essas escadas são mais estreitas e íngremes e descem até o que deve ser o nível crio. Desejo explorá-las — o único lugar onde posso imaginar que as escadas cheguem ao nível crio é a última sala trancada. Mas não posso fazer isso sem Elder. Não é direito explorar a nave sem ele.

Serpenteio de volta para a porta que conduz ao Nível dos Alimentadores. Órion disse que vivia aqui, escondido de Eldest. Não posso imaginar como seria para alguém se enjaular voluntariamente em um corredor escuro e estreito sem nem mesmo o sol falso da lâmpada solar para iluminá-lo. Quantos dias se passaram até que ele não pôde mais suportar a escuridão e foi novamente até o Nível dos Alimentadores sob o disfarce de Órion, o guardião do Salão de Registros? Ele passou esse tempo encostado contra a parede externa da nave ou contra a parede interna da nave que cercava o Nível dos Alimentadores?

Seja lá o que foi que ele fez, esse era o esconderijo perfeito. Ninguém nem mesmo sabe que as escadas existem.

Uma vez, fiquei num hotel de luxo em Atlanta, quando minha mãe estava dando uma palestra numa conferência sobre genética. Passei a maior parte do tempo na piscina do hotel. No último dia, tentei voltar para o quarto para arrumar a mala, mas o elevador estava quebrado. Levei meia hora para encontrar as escadas, e, quando consegui, elas estavam escondidas atrás de uma porta marcada com uma placa de metal quadrada de quatro polegadas. Eu havia passado uma semana inteira lá sem saber onde as escadas ficavam, sem nem mesmo pensar nelas, mesmo sabendo que, logicamente, o hotel tinha que ter escadas em algum lugar.

O povo de *Godspeed* está há *anos* sem saber sobre as escadas. E não posso deixar de pensar se eles se esqueceram das escadas, de que mais se esqueceram?

Elder

Passo meu dedo pelo escâner biométrico novamente, e os painéis de metal sobre o teto começam a se fechar. Os olhos de Shelby olham fixamente por tanto tempo quanto possível, até que o metal clica de volta no lugar.

— Nós chegamos — ela diz, sua voz cheia de música e lágrimas. — Chegamos.

— Chegamos.

Por um momento, compartilhamos um sorriso. Em seguida, seu olhar desliza para baixo, para o corpo assassinado de Marae. Estou cheio de pesar, ao pensar que, apesar de seus olhos olharem para cima, sem pestanejar, ela nunca verá o planeta.

— Vou levar o corpo de Marae para as estrelas eu mesmo — digo. — Mas preciso que você traga os outros Transportadores de Primeiro Nível aqui, na Ponte, e inicie seja qual for o processo necessário para pousar no planeta.

Ela acena com a cabeça.

— Todos os Transportadores de Primeiro Nível são treinados para isso. Existem simuladores, e a informação foi transmitida desde que...

— Desde que a nave saiu de Terra-Sol.

— Nós sempre estivemos prontos para o pouso no planeta, mesmo quando ele estava séculos distante de nós.

— De quanto tempo você vai precisar?

Shelby olha para o painel de controle, pensando.

— O Primeiro Transportador faz verificações...

Seus olhos buscam os meus. Ela tinha se esquecido. Ela é a Primeira Transportadora agora.

— Vou executar as verificações. O primeiro nível é assegurar que o planeta é habitável.

— Pensei que sempre soubemos que o planeta era habitável.

Shelby concorda.

— Antes da missão, as sondas de Terra-Sol indicaram que o ambiente do planeta era estável e poderia suportar a vida, mas a primeira fase do pouso no planeta é garantir que esse é realmente o caso. Estou, bem, para ser honesta,

estou um pouco preocupada. Se a força do motor da nave tem sido desviada por tanto tempo porque estamos em órbita... Por que não pousamos ainda?

Minha admiração ao ver o planeta foi lentamente substituída por essa exata questão. É possível que estejamos em órbita desde a Peste — talvez a rebelião que provocou o sistema do Eldest tenha surgido há tanto tempo quanto isso. Por que a nave *não* pousou ainda?

— Antes mesmo de pensar sobre o pouso, quero ter certeza de que é possível — digo a Shelby.

— Eu mesma farei as verificações. Elas devem levar várias horas. Saberei mais depois.

— Em primeiro lugar — digo — temos de dizer adeus.

Os olhos de Shelby pousam sobre o corpo de Marae, ainda olhando para o teto. Ela acena com a cabeça, silenciosamente.

Shelby me traz um transporte — uma caixa preta dobrada forrada com eletroímãs que funcionam com os controles sob o metal do chão da nave para transportar facilmente objetos pesados. Ela abre a caixa. Esta automaticamente se desdobra, travando naquele formato, um retângulo grande, profundo, com um quadro de circuitos do lado para se comunicar com o tubo gravitacional. Esse transporte tem sido usado para transportar algum maquinário — ele está sujo, arranhado e manchado de graxa mecânica. Tento passar minha manga sobre a mancha, mas tudo que consigo é espalhar a sujeira. Não quero tratar o corpo de Marae como um pedaço de maquinário quebrado, para ser jogado fora, mas não posso aguentar a ideia de prolongar seu funeral entre as estrelas. Corro de volta para a sala do motor, agarro algumas toalhas usadas para o maquinário e as estendo sobre o transporte.

E então está na hora de mover Marae.

Levanto seu corpo pelos ombros; Shelby pega seus pés. Temos de dobrar os joelhos de Marae e curvar suas costas de forma que ela caiba na caixa. No final, ela fica em posição fetal.

O corpo magro de Shelby parece maciço perto da casca vazia de Marae. Eu não sabia que a vida ocupava tanto espaço. Shelby dobra-se sobre o corpo de Marae, e isso me lembra das figuras dos animais carneiros de Terra-Sol, aqueles que se alimentavam da carne em decomposição das carcaças.

— Não sei como fazer isso sem você — Shelby sussurra para Marae —, mas vou tentar.

E ela não se parece mais com um animal carneiro; parece uma órfã.

Ela se curva suavemente, e não sei se está beijando a face pálida de Marae ou sussurrando em seu ouvido, mas, de qualquer forma, Marae não pode sentir.

Os Transportadores se reúnem ao redor de nós enquanto empurramos o

transporte. Para a maioria deles, essa é a primeira morte que veem. Quando Eldest estava no comando, a morte era um serviço metódico organizado do Hospital.

Eles olham fixamente para o corpo de Marae enquanto passamos; eu olho para o chão. As duras linhas metálicas se embaçam. Esfrego meu rosto com as mãos.

Forço meus ombros para baixo, as costas eretas.

Olho diretamente à minha frente, e minha mandíbula apertada é a única indicação do meu sofrimento.

Sem Elder, não há razão para explorar as escadas. Em vez disso, vou para o jardim atrás do Hospital. Bartie e sua turma foram embora, inclusive Luthor. A grama amassada em volta do banco é o único remanescente da reunião improvisada. Removo os mocassins de meus pés e ando pela grama fresca até a beira da água. Penso em mandar uma mensagem via com-wi para Elder, mas tenho medo de incomodá-lo quando ele está fazendo algo importante. Sento-me no banco, meus joelhos dobrados sob o queixo, e observo a superfície perfeitamente imóvel da lagoa. Tento ver o fundo — a água é clara e não muito profunda, mas meus olhos passam das raízes pendentes das flores de lótus para a escuridão verde-amarronzado que obscurece minha visão.

Me inclino para trás, e a grama faz cócegas no meu pescoço. Meus pés escorregam por debaixo do banco até que meus dedos tocam a água fria. Deslizo meus pés para dentro da lagoa e fecho os olhos. A lâmpada solar acima de mim fornece calor e luz, mas por trás de minhas pálpebras fechadas, parece o mesmo borrão luminoso avermelhado que o Sol parecia na Terra quando eu deitava do lado de fora.

Uma sombra passa por cima de mim e escurece o brilho, como o sol coberto por nuvens. Abro os olhos, e o rosto de Elder aparece rodeado de luz quando ele se inclina sobre mim.

— Ei — digo, subitamente sem fôlego. Todos os meus pensamentos de arrastá-lo para as escadas e explorar a nave desaparecem quando ele cai ao meu lado, a exaustão embebida em seu rosto.

— Qual o problema?

Elder faz um barulho ininteligível.

Quero estender a mão e tocá-lo, mostrar que sinto muito por sua perda, mas sei que palavras nunca serão suficientes.

Elder se reclina na grama, olhando fixamente para o teto de metal do Nível dos Alimentadores. Se estivéssemos na Terra, isso seria agradável. Ficar deitado na grama fresca, perto de uma lagoa, olhando as nuvens no céu, como fazem as crianças pequenas. Mas aqui não é a Terra, e as nuvens foram pintadas, e mesmo que haja um planeta além dessa nave, ele ainda parece muito, muito distante.

— Maraé foi assassinada. Como Stevy. A mesma frase nos adesivos.
— Sinto muito — digo; as duas palavras mais inadequadas da língua portuguesa.

— Quero descobrir quem está fazendo isso.
— Talvez a mesma pessoa que tentou esconder a última pista de Órion — digo. Antes que Elder tenha a chance de falar, acrescento: — E talvez a mesma pessoa que sabotou seu traje espacial.

— Sabotou o traje? — Elder pergunta.
Viro a cabeça para olhar para Elder através da grama verde brilhante.
— Quem quer que tenha adulterado as pistas e tentado nos tirar do caminho delas, poderia facilmente ter feito furos nos tubos de SSVP ou algo assim. Se você morresse, não poderia contar a ninguém sobre o que viu. E veja como quase funcionou.

Elder começa a responder, mas assim que abre a boca, ele se vira para responder uma mensagem no com-wi.

— Doc está dizendo que Bartie está criando problemas na Distribuição de Alimentos. De novo — ele diz, suspirando e erguendo-se.

Toco sua face com a mão, exatamente sobre o hematoma roxo-esverdeado em sua mandíbula. Ele apoia o rosto em minha mão — não com força, apenas o suficiente para que eu subitamente sinta a pressão de sua pele contra a minha.

— Elder — digo — você não pode continuar a fazer tudo sozinho.
— Quem mais vai impedir Bartie? Quem mais vai fazer a Distribuição de Alimentos voltar a funcionar? Quem mais vai ajudar os Transportadores a se preparar para pousar no planeta, depois que as verificações mostrarem se nós podemos *mesmo* pousar?

Há uma nota de pânico e dor em sua voz. Quero dizer a ele que tudo vai ficar bem, mas não quero mentir. Eu me inclino para a frente uma fração de centímetro, e ele se inclina para a frente. Olho em seus olhos exatamente quando ele começa a se aproximar de mim.

Penso, *ele vai me beijar*.

Penso, *ótimo*.

Seus lábios tocam os meus em sua ânsia, e quando minha boca se abre em um pequeno *Ode* surpresa, seu beijo se torna mais profundo. Seus braços são fortes; ele está levantando a parte superior do meu corpo e colocando-o contra o dele. Seu corpo fala por ele; ele *precisa* de mim.

Meus braços deslizam do chão para os braços dele, os dedos deixando uma trilha através dos minúsculos pelos de seus antebraços. Seus músculos se contraem sob o meu toque; seus bíceps são como pedras, puxando-me ainda

mais contra ele. Minhas mãos dançam sobre seus ombros e se encontram na base do pescoço, e enterro meus dedos em seu cabelo.

Há algo profundamente satisfatório em tocá-lo — isso me lembra de que ele é real, apesar de ter chegado perto de perdê-lo hoje cedo.

Minhas mãos o apertam, e uso minha força para levantar meu corpo e colocá-lo contra o dele.

Um de seus braços desliza pelas minhas costas, puxando meu quadril para mais perto dele.

Elder interrompe o beijo e olha nos meus olhos. Só consigo imaginar o que nós estamos parecendo — rolando na grama perto da lagoa. Exatamente como na Temporada. Mas não me importo. Isso não é como a Temporada. A Temporada é algo irracional, sem emoção, movimentos sem amor. Mas isso é...

Elder ergue a mão e tira uma mecha de cabelo do meu rosto. Fecho os olhos e saboreio seu toque. Seus dedos se apertam contra o meu couro cabeludo — sinto a pressão de sua mão, me puxando para outro beijo.

E eu vou até ele.

Mais doce, dessa vez. Mais lento. Mais suave. Eu sinto os lábios dele dessa vez, não a fome.

Fico consciente de seu corpo junto ao meu. Deixo minha mão descansar um pouco acima de seu coração, que bate, dentro do peito, tão forte que posso senti-lo acompanhando o ritmo do meu.

Então minha mão desliza mais abaixo, para a lateral de seu corpo. A parte inferior da túnica foi puxada para cima, e meus dedos deslizam sobre a pele nua logo acima do quadril.

Elder geme, um som baixo e gutural. Suas mãos deslizam pelo meu cabelo despenteado até meus ombros, e ele gentilmente me empurra para longe. Nossos pés ainda se tocam sobre a superfície da lagoa, no entanto.

— Ah! — ele diz, de repente, levando a mão ao lado do pescoço. — Não tenho tempo para isso!

Eu me afasto dele, magoada, então noto a forma como a cabeça dele se inclina. Alguém está tentando se comunicar com ele.

— Sinto muito — Elder diz imediatamente, recostando-se e olhando em meus olhos. — Pelas estrelas, Amy, eu sinto muito — ele acrescenta. — É somente que... A morte de Marae e o planeta, e... *Droga!*

Meus olhos se arregalam, mas Elder apenas pressiona o botão do com-wi na lateral do pescoço.

— O que é? — ele grita para o aparelho.

Me sento lentamente, não me sentindo mais confortável na grama. Enquanto Elder ouve sua mensagem, olho para a superfície da lagoa.

Não tenho ideia do que quero. Eu disse a Victria que o amor era uma escolha, e disse a mim mesma que eu não precisava escolher Elder, mas não posso me esquecer de como meu coração pareceu parar quando o dele parou de verdade.

Elder

Ela parece tão triste e sozinha, tão *abandonada* — e fui eu quem a abandonou, mesmo que ainda esteja sentado ao lado dela na lagoa. Não deveria tê-la beijado. É como experimentar a sobremesa antes do jantar ser servido; só faz você querer mais. Mas não pude evitar. Não sei o que acontece quando estou com Amy, não consigo evitar.

Mas deveria ter evitado. Com tudo o que está acontecendo agora, a última coisa que deveria estar tentando fazer é beijar Amy. Preciso me concentrar no planeta — e ela precisa descobrir o que quer. Posso ver a dúvida em seus olhos, a maneira como ela não define exatamente o que há entre nós.

Agora ela está sentada, calada, sem olhar nos meus olhos, seu rosto quase tão rosado quanto seus lábios.

Seus lábios.

Não.

Desvio o olhar dela. E de seus lábios.

— O que aconteceu? — ela pergunta calmamente.

Um rugido profundo cresce dentro de mim, e eu me forço a engoli-lo. O que aconteceu? Não consigo me controlar perto dela, foi isso que aconteceu. Quero tanto que ela seja mais importante que todo o resto, qualquer outro pensamento na minha cabeça, todos os instintos, todas as contenções. O desejo está me consumindo — e tenho medo de que ele não irá apenas consumir-me, mas a ela também.

— Com os Transportadores, quero dizer — acrescenta ela, quando não respondo. — Quando você contou a eles sobre o planeta.

Eu franzo a testa. É óbvio que Amy prefere ignorar tudo o que acabou de acontecer — ou eu a assustei com minha frustração e impaciência.

Droga. Corro os dedos pelo cabelo, puxando os fios, com força, tentando puxar alguns pensamentos coerentes das raízes.

— Estão executando as verificações — digo. — Se tudo indicar que Terra-Centauri é habitável, então poderemos iniciar o processo de pouso no planeta em questão de dias.

Amy estreita os olhos.

— Poderemos? — ela pergunta.

Se ela pudesse, pousaria essa nave agora.

— Amy — digo, com uma nota de advertência em minha voz —, não podemos simplesmente pousar a nave em Terra-Centauri. Precisamos ter certeza de que é seguro.

— Quem se importa se é seguro? — ela diz, jogando as mãos para cima.

— Eu me importo. E me preocupo com todas as outras pessoas nessa nave.

— Isso só vai levar alguns dias, certo? — ela pergunta.

Talvez. Se tivermos sorte.

— É claro — digo.

— Ok, então — Amy respira. — Estava preocupada com... Quanto mais cedo pousarmos, melhor.

— Não é de todo ruim aqui — eu acho, incomodado com o nojo em sua voz.

Amy olha para mim, incrédula.

— As pessoas estão com raiva. Marae foi assassinada.

— Sem Phydus — digo — as pessoas... Elas estão pensando... Estão fazendo...

— Cale-se — há uma raiva fria na voz de Amy. — Algumas pessoas são boas. Algumas são más. Phydus não resolve tudo. Ele apenas esconde os bons e os maus sob uma névoa de nada.

— Mas — começo a falar, mas guardo o pensamento para mim mesmo. Mas talvez realmente valha a pena esconder o bom se isso distorcer o mau também.

Marae teria pensando que sim.

— A água é muito parada — Amy diz.

Não tento conter a descrença em meu rosto. Diabos, é verdade? Chegamos ao ponto onde posso beijá-la até deixá-la sem fôlego, e então podemos falar sobre assassinato, e tudo que ela pode comentar é a maldita lagoa?

— Não há nenhum peixe? — ela pergunta.

Peixes. Malditos peixes. Não estamos pintando gráficos nas paredes ou criando uma guarda ou tentando rastrear um assassino. Acho que, quando é o meu povo que está sendo assassinado, e não o dela, ela não se importa tanto.

— Sem peixes — rosno, levantando-me. — Não mais.

Amy olha para mim, perguntas em seus olhos.

— Você está realmente chateado.

— Puxa, Amy, é claro que estou! — grito. Ela se encolhe ao som da minha voz.

— Desculpe-me — corro os dedos pelo cabelo. — Desculpe-me. É que...

Sim. Estou chateado.

Ela pega a minha mão e abre a boca para falar, mas antes que eu possa descobrir o que ela queria me dizer, uma voz nos interrompe.

Amy

— Oh, desculpem-me — Luthor diz. — Não queria *interromper*.

Embora seu rosto esteja impassível, seus olhos se demoram no centímetro de pele exposta acima da minha cintura. Puxo minha túnica para baixo com tanta violência que receio que meus dedos rasguem o material tecido à mão.

— Do que você precisa, Luthor? — Elder pergunta. Não tenho certeza se a impaciência em sua voz é porque Luthor nos interrompeu, ou porque Elder sabe quão próximo Luthor está dos planos de Bartie em favor de uma revolução. Elder se vira para olhar para o homem. — Pelas estrelas, Luthor, o que aconteceu com você?

Agora é minha vez de sorrir maliciosamente para seu olho roxo e o lábio machucado.

— Nada de importante — Luthor diz a Elder. — Nada que eu não possa... Resolver por mim mesmo.

Não deixo meu rosto trair meu medo.

Luthor olha para mim com um olhar sarcástico, mas quando Elder olha pra ele, ele encolhe os ombros, rindo baixinho para si mesmo enquanto segue seu rumo, para longe de nós.

— Esse homem é um maldito incômodo — diz Elder. — A única razão pela qual ele tem ajudado Bartie é porque gosta dos próprios problemas.

— Sim — digo com uma voz sem expressão. Antes de Luthor nos interromper, eu ia contar a Elder sobre as escadas e tudo o mais que descobri essa manhã. Mas Luthor é muito bom em silenciar minhas palavras.

Elder volta sua atenção para mim.

— Qual o problema?

Quando não respondo, ele acrescenta:

— Amy, você sabe de alguma coisa? Sobre Luthor? Luthor fez alguma coisa?

Uma mão enrolada no meu pulso, me empurrando para baixo no chão, cortando a circulação na minha mão, dedos se enterrando naquele pequeno espaço sobre as veias azuis sob a minha palma. Mas quando olho para baixo, é minha mão enrolada ao redor do meu pulso, não a de Luthor.

Abro a boca.

— Conte-me — diz Elder.

Não posso.

É tarde demais. Não posso mudar o passado, e isso só vai perturbá-lo. Não posso explicar por que eu nunca lhe disse antes — uma combinação entre ter medo de colocar o que aconteceu em palavras e me preocupar com a sua reação. Deixei passar muito tempo. Parte da culpa foi minha — eu não deveria ter saído durante a Temporada. E embora eu saiba que, logicamente, a culpa não é minha, é dele, ainda não posso esquecer...

O corpo dele prendendo o meu. Segurando-me para baixo. Seus olhos, rindo, sabendo o que estava fazendo. A maneira como ele me olha mesmo agora. A forma como seu olhar demora em todos os lugares errados. A forma como os polegares esfregam os dedos, como se imaginasse minha pele sob seu toque.

Elder toca minha mão.

Eu recuo para longe.

Mas então eu me lembro de como Victria se esquivou de mim.

E se eu não posso falar por mim, pelo menos posso falar por ela.

Eu falo para a lagoa, porque é mais fácil conversar com a água do que com o rosto rígido de Elder. Começo pelo final, contando-lhe sobre como Victria e eu usamos o adesivo para nos vingar um pouco de Luthor. Digo-lhe que Victria está grávida, e explico a ele como ela não teve escolha. Eu sei que não deveria trair sua confiança, mas também sei que Elder, mais do que ninguém na nave, precisa saber a extensão do mal que Luthor significa. Falo do meu medo de que Luthor tenha feito o mesmo com a menina nos campos dos coelhos.

E então lhe digo como Luthor tem me ameaçado. Tento não demonstrar emoção ao descrever a maneira como ele me perseguiu por todo o campo, a forma como ele ficou excitado quando tentei fugir, mas minha voz ainda falha.

Em seu favor, é preciso dizer que Elder não me interrompe, nem uma única vez.

— Foram os olhos, Elder. Eu pude ver — digo. — Ele sabia o que estava fazendo — ele sabia, e estava se divertindo. Penso no jeito como ele lambeu lentamente os lábios. — Ele ainda está. Nós somos um jogo para ele. Somos apenas ratos, e ele é um gato que adora brincar conosco.

Pela primeira vez desde que comecei a falar, olho para Elder. Há cicatrizes na terra, marcas de garras. Elder solta os punhos quando me vê olhando, e dois torrões de terra caem de sua mão.

— Obrigado por me contar isso, Amy.

Sua voz é tão fria que me faz lembrar de Eldest. Estendo a mão e agarro

seu antebraço. Seus músculos estão tensos e rígidos.

— Estive tão concentrado em Bartie e a revolução que ele pensa que pode organizar — diz Elder — que me esqueci do mal que um homem pode fazer por conta própria.

Tento fazer Elder olhar para mim, mas seus olhos firmes estão voltados para o chão.

— Foi Luthor no outro dia, no Salão de Registros — digo. — Foi ele quem disse que podia fazer o que quisesse. Talvez Bartie tenha tido a ideia por causa dele.

Ele fica em pé.

— Obrigado por me contar isso, Amy — repete.

— Elder?

Ele se afasta, os punhos ainda fechados e manchados de marrom e verde do chão.

Elder

— Elder, hum... Você precisa vir até a Cidade.

A mensagem de Doc chega justamente quando não preciso dela. Fui confrontar Luthor logo depois que Amy me contou tudo o que ele fez. Nunca estive tão zangado na vida. Ainda posso sentir a raiva fluindo pelas veias, embora tenha diminuído um pouco agora.

— Droga! — grito. — Tudo o que faço é correr de um lado para o outro dessa nave! Estou cansado disso, que saco!

Doc fica silencioso por um momento no com-wi.

— Logo você não estará fazendo isso.

Por um momento, penso que ele está falando do planeta, mas não — ainda não contei a ele sobre isso. Apenas Amy e a Primeira Transportadora Shelby sabem.

— O que você quer dizer com isso?

— Elder, é o caos. Motim.

— Droga!

— Acho que é o Bartie, mas... Olha, você precisa vir até aqui.

Levo algum tempo para ir do nível crio até a Cidade, mas corro tão rápido quanto possível, levado pela urgência na voz de Doc. Posso ver antes de chegar à Cidade que algo está muito, muito errado. Ouço primeiro — ou melhor, *não* ouço. Não ouço os barulhos normais da Cidade, os sons que estão sempre presentes durante o dia, vindos das pessoas que vivem lá. Em vez disso, vozes abafadas e passos reverberam no ar.

É quando vejo.

O Centro de Distribuição de Alimentos fica no fim da rua principal, e é aí que todos estão congregados. Estão todos olhando para algo.

Fridrick, morto.

Seu corpo está tão cheio de adesivos que eles se grudam à sua pele como escamas. Alguém pegou um grande pedaço de tecido, provavelmente de um fardo no distrito de tecelagem, e pendurou-o nas janelas do terceiro andar do Centro de Distribuição de Alimentos. O corpo de Fridrick está pendurado bem no centro, puxando o tecido para baixo, precariamente, os braços e a cabeça

caídos para a frente.

Em grandes letras em negrito, pintadas de preto na parte da frente da bandeira improvisada, está escrito: Siga o líder.

— Essa é uma mensagem! — uma voz ruga. Meus olhos desviam-se da bandeira e do corpo até a frente do Centro de Distribuição de Alimentos, onde Bartie está em pé. Percebo que as pessoas não estavam em silêncio a fim de observar a morte de Fridrick. Estavam silenciosamente esperando Bartie falar.

— Quem não obedecer cegamente o *líder* — ele zomba da palavra — sofrerá as consequências! Não vimos isso acontecer com Stevy? Assim que ele protestou contra Elder: morto!

“Protestou contra mim” é um eufemismo — o homem me atingiu no rosto.

— E todos nós conhecemos os protestos de Fridrick! Ele estava tentando salvar a todos nós, manter os estoques de alimentos sob controle; e vejam! Elder o obrigou a distribuir alimentos, e agora não há o suficiente! E os protestos de Fridrick — ele faz uma pausa dramática, elevando o braço em direção ao corpo acima dele — foram silenciados!

Se Bartie está tentando causar uma revolução, não está funcionando tão bem. Embora a parte da frente da multidão o esteja aplaudindo, não posso deixar de sorrir presunçosamente com o fato de que pelo menos dois terços da multidão está silenciosa, preocupada, não preparada para derrubar o único governo que já conheceram.

Ainda assim, não vou deixá-lo ficar lá, falando aquelas malditas mentiras sobre mim.

Pressiono meu com-wi e envio uma mensagem para todos.

— Atenção, todos os residentes de *Godspeed* — digo. O grupo na parte da frente da multidão fica parado. Muitos se voltam para olhar para mim. — Como vocês bem sabem, o sistema de Eldest tem funcionado nessa nave por incontáveis gerações. Escolhi trabalhar de uma forma um pouco diferente do meu antecessor. Escolhi dar a vocês a capacidade de fazer escolhas por si mesmos.

Bip, bip-bip.

— Atenção, todos os residentes de *Godspeed* — a voz de Bartie soa em meu com-wi. Minha cabeça se vira num estalo. Bartie está olhando sobre a multidão, diretamente para mim. — Elder não é o único que pode controlar o sistema do com-wi. Mas ele está certo. Ele nos deu uma escolha. E, por isso, eu o agradeço — ele inclina a cabeça uma fração de polegada em minha direção. — Porque ele lhes deu a capacidade de escolher alguém para ficar no lugar dele.

A atenção do público está inteiramente voltada para Bartie agora. Como

diabos ele invadiu o sistema do com-wi? Apenas alguns membros selecionados da tripulação — eu, Doc, o Primeiro Transportador — têm as permissões necessárias para fazer chamadas gerais.

Bartie deve ter hackeado o sistema.

Dou um soco em meu com-wi.

— Controle manual do sistema — ordeno e, então, inicio outra chamada geral.

— Povo de *Godspeed*— digo em uma voz tão alta quanto consigo. — Acalmem-se. Este não é o momento para motim e revolta. Esta manhã, descobri que estamos muito mais perto de Terra-Centauri do que jamais imaginamos. Iniciaremos a operação de pouso no planeta em breve. Muito em breve. Vocês só precisam...

— MENTIRAS! — urra Bartie, embora não através do com-wi, mas de seu assento elevado na Distribuição de Alimentos. Seu rosto está contorcido, enraivecido, e a palavra sai dele como uma pedra atirada à multidão.

— Não é mentira — insisto, minha voz falando no com-wi. — Por favor, todos fiquem calmos. A missão...

Bip, bip-bip.

— Para os diabos com a missão! — Bartie urra no sistema de mensagens gerais do com-wi. — Essa é apenas mais uma maneira que Elder quer usar para manipular vocês! Olhem ao seu redor, amigos! Isso... *Isso* é tudo que temos! *Godspeed* é a nossa casa, não há mais razão para tentar chegar a Terra-Centauri! Há apenas isso: liberdade!

— Eu lhes dei liberdade! — grito, então lembro de usar o com-wi. Antes que eu possa fazê-lo, porém, Bartie me interrompe.

— Ele pode dizer que lhes deu liberdade, mas pensem em quanto ele ainda controla. Ele toma todas as decisões. Ele controla quem come, e quanto. Ele controla quem recebe quais remédios, e foi ele que deixou o veneno, Phydus, voltar a essa nave. Isso foi decisão dele, escolha dele, e vocês pagaram por isso.

Eu me lembro do dia em que o encontrei no Salão de Registros. Instruções Técnicas em Sistemas de Comunicação. E uma história da Revolução Francesa. Foi ele quem provavelmente invadiu o sistema de disquetes — mas me pergunto, se eu tivesse lidado com as coisas de forma diferente, sua rebelião teria parado por aí em vez de chegar à multidão reunida em torno do corpo morto de Fridrick?

— E a comida? — alguém grita perto do fundo.

Bartie empurra para trás as portas do Centro de Distribuição de Alimentos.

— Peguem o que puderem — ele grita. — Há pouca coisa sobrando.

E isso encerra a questão.

As pessoas invadem a Distribuição de Alimentos. As janelas da frente são quebradas, e as pessoas começam a correr, passando por dentro delas. A multidão se move para frente em um movimento tão rápido que Bartie precisa sair do caminho.

As pessoas lutam para sair do edifício, rolando barris ou levando pesados sacos de comida em suas costas. Outros começam a lutar entre eles, rasgando os sacos e brigando pelo conteúdo. Na pressa, o corpo de Fridrick balança e cai de sua tênue sustentação na bandeira improvisada, colidindo com o chão. A multidão se afasta momentaneamente, mas então volta para o local onde ele caiu, ignorando o corpo em sua busca por alimento.

Brigas irrompem. Elas começam quando as pessoas empurram as outras, lutando para chegar mais à frente, mais perto dos estoques de alimentos. Empurrões, por sua vez, tornam-se socos, socos transformam-se em brigas. A comida é esquecida quando dois homens começam a lutar um com o outro. O homem maior atinge o menor na boca, e um esguicho de sangue jorra sobre a multidão. Os amigos do homem menor entram na luta, e logo há tantos socos e chutes e gritos que não posso nem mesmo identificar os dois lutadores originais em meio a punhos e sangue, o som de carne atingindo carne.

Vi o caos em Terra-Sol em vídeos e fotos na rede de disquetes. Mas isso é diferente. Eu estou no meio.

Uma mulher grita:

— Saia do maldito caminho! — enquanto um barril de leite rola pela rua. Ela corre atrás, gritando para qualquer um que chegue muito próximo dele.

— As estufas! — um homem ruga, liderando um grupo de mais ou menos vinte pessoas pela estrada principal em direção à seção de vegetais. Droga. Eles vão matar todas as plantas que temos.

Tento fazer outra chamada geral. Ninguém nem percebe.

Um homem empurra uma mulher para fora do caminho; a mulher cai no chão. Outro homem pula em defesa dela, esmurrando o primeiro. Antes que eu possa responder, dois outros homens entram na briga. A mulher se afasta correndo deles, à medida que a briga piora. O saco de vegetais que o homem estava carregando cai no chão, espalhando seu conteúdo — tomates e pimentões — na rua. Algumas pessoas pegam os vegetais amassados e começam a arremessá-los contra os brigões. O número de pessoas lutando aumenta cada vez mais.

E então um deles se volta para mim. Eu havia ficado na parte de trás da multidão, longe do bando de saqueadores, quando deveria ter fugido.

— É o Elder! — ele grita. — Peguem-no!

A multidão se vira para mim como uma unidade, um monstro de muitas cabeças, pronta para atacar.

— Fogo! — alguém grita. Uma trilha de fumaça ergue-se das janelas, enrolando-se na placa que diz “Siga o líder”.

Aproveitando a distração, eu corro. Quando viro a esquina, pressiono o botão do meu com-wi.

— Amy — digo assim que ela responde. — Vá para o seu quarto, tranque a sua porta.

Encerro a ligação antes que ela tenha a chance de responder.

Vou diretamente ao tubo gravitacional. Enquanto estou indo para lá, vejo os outros correndo também, escondendo-se, indo para suas casas ou para os campos, correndo, como eu, para um abrigo qualquer. Um homem puxa uma mulher para trás de si no quarteirão dos açougueiros.

Ele agarra um cutelo e fica na porta, desafiando alguém a atacá-los.

Outra mulher cai sobre os degraus que levam à sua casa, com as mãos na barriga, gritando.

Enquanto sou sugado pelo tubo gravitacional, vejo o caos espalhar-se diante de mim.

O Centro de Distribuição de Alimentos está realmente em chamas agora, a fumaça pesada e escura, já fazendo com que o céu pintado acima dele fique acinzentado.

Meus olhos se ajustam lentamente no Nível dos Transportadores. Parece escuro em comparação com o brilho da lâmpada solar sobre o Nível dos Alimentadores. E mais silencioso.

Enquanto o Nível dos Alimentadores está em ebulição, a tensão aqui é sentida como um denso nevoeiro.

Shelby corre para mim; ela claramente estava esperando minha chegada.

— O que faremos? — ela pergunta.

O nível inteiro parece ter chegado a um impasse, enquanto todos esperam que eu responda.

— Reúna todos os Transportadores de Primeiro Nível; encontrem-me na porta para a Ponte — digo.

— Mas, senhor, e o Nível dos Alimentadores?

— Isso é uma ordem — eu digo. — Imediatamente.

Olho fixamente para seu rosto. Tento manter o rosto frio, impassível que Eldest usava tão bem, o olhar que exigia obediência. Não sei se consigo fazer esse rosto funcionar, apesar de Eldest e eu compartilharmos o mesmo DNA. Devo ser capaz de fazer com que meu rosto — idêntico ao dele — demonstre o mesmo olhar de poder e comando, mas quanto mais eu penso nisso, mais me

sinto como um garotinho experimentando os sapatos do papai.

Ela obedece, no entanto. Ela pressiona o com-wi, dá as ordens para os Primeiros Transportadores, e depois anda rapidamente pelo corredor em direção à Ponte.

Antes de segui-la, tenho algumas ligações a fazer.

— Ligação no com-wi: Bartie — digo, pressionando meu com-wi.

Um momento depois, Bartie responde a minha chamada.

— Você vai destruir a todos nós — eu digo.

— Você abriu a porta — a voz Bartie está tensa, como se ele estivesse correndo; fugindo da multidão que ele mesmo criou. — Eu só os empurrei através dela.

Amy

Primeiro ouvi as mensagens pelo com-wi.

Então vi a fumaça.

Então ouvi, a distância, o som da nave em revolta.

Elder manda uma mensagem para mim, e, no começo, fico aliviada — pelo menos sei que ele está escapando da multidão —, mas sua voz soa como se ele estivesse correndo — fugindo — e a mensagem é interrompida antes que eu possa dizer qualquer coisa.

Corro direto para o Hospital, para o elevador, para o nível crio.

É silencioso aqui, e frio.

Acima de mim há raiva, e fogo, e caos.

Mas aqui: silêncio e gelo.

Puxo meus pais para fora ao mesmo tempo, apreciando a sensação do metal frio na minha pele, o som surdo que as câmaras crio fazem quando se encaixam em seus suportes.

— Hoje — sussurro — sinto sua falta.

Sei que é estúpido, sei que é inútil, mas ainda há dentro de mim uma pequena parte da minha mente que acredita que meus pais podem resolver qualquer problema. Mesmo uma nave amotinada, mesmo pessoas que estão destruindo o único lar que já conheceram. Mesmo eu, presa no olho do furacão.

Elder disse a nave pousaria em breve, uma voz sussurra para a parte de mim que ainda chora por eles.

Quando a nave pousar, eles serão acordados, de qualquer maneira. Por que não acordá-los agora?

Por que não?

Por que não?

Por que não?

Elder

Que diabos eu devo fazer com uma nave amotinada? Se ao menos eles me *ouvissem*, poderíamos discutir os preparativos para pousar no planeta. Em vez disso, as pessoas parecem ter a intenção de destruir a nave.

Entro intempestivamente na sala de irrigação primeiro.

— Acionar o programa de chuva mais forte que temos — ordeno ao Transportador de plantão, Tearle.

— Elder — Tearle protesta. — Ele tem potencial para causar pequenas inundações nas ruas.

— Faça-o — ordeno.

— Quanto tempo deve durar a chuva? — ele parece relutante, mas vai até os controles da água, de qualquer maneira.

— Eu lhe digo quando parar.

Atravesso o corredor até chegar à sala de operações das lâmpadas solares. A luz solar é automatizada, mas o nível de calor é regulado por uma Transportadora, uma mulher pequena que parece que estaria mais confortável em uma das fazendas. O nome dela é Larin.

Pego um disquete e verifico os vídeos de segurança vindos da Cidade. Os vídeos mostram o Centro de Distribuição de Alimentos — a chuva está inundando-o, e o fogo está se transformando em ruínas fumegantes. Passo a mão pela tela para ver os vídeos das fazendas, das estufas, a rua principal da cidade. As pessoas estão brigando e gritando na chuva. Embora não haja som nesses vídeos, não preciso disso. Sei com o que uma rebelião se parece.

— Quero que você cubra a lâmpada solar — digo a Larin. Ela me encara, preocupada, esperando pelas ordens.

— É o meio do dia, Elder! — ela me olha como se eu estivesse louco.

Acho que estou. A lâmpada solar nunca é apagada; em vez disso, uma pesada tela de metal a cobre durante o período que chamamos de noite na nave. Está tudo programado, de forma que a escuridão dura exatamente oito horas e só acontece no horário certo. Não agora.

— Cubra a lâmpada — ordeno novamente.

— Mas...

— Cubra-a.

Ela se levanta e atravessa a pequena sala até o painel de controle. Os dedos de Larin pairam sobre um interruptor. Ela murmura algo.

— O que foi isso? — exijo.

— Talvez Bartie esteja certo — ela diz claramente.

Eu caminho pela sala e esmuro o interruptor. Abaixo de nós, o Nível dos Alimentadores está mergulhado na escuridão. Mas aqui não estamos. Eu me inclino para perto do rosto de Larin. Se Marae estivesse aqui — com os diabos, se Eldest estivesse aqui...

Ela olha para mim em desafio.

Então, desvia o olhar.

— Descubra a lâmpada — ordeno.

Sua mão atira-se para frente, ligando a lâmpada novamente. Ela olha para trás na minha direção, esperando que eu esteja prestes a sair. Mas não estou. Em vez disso, espero mais um minuto.

No disquete, os vídeos mostram as pessoas olhando para o céu, tentando ver algo através da chuva torrencial, para ver a luz solar. A nave nunca ficou às escuras, exceto durante a noite programada. Pelo menos, eu os surpreendi o suficiente para pararem de lutar.

— Cubra a lâmpada de novo — digo.

Ela hesita, mas não protesta dessa vez.

Vejo as telas ficarem pretas novamente.

E pressiono meu com-wi e faço uma chamada geral.

— Atenção, todos os residentes de *Godspeed*. Todos a bordo da nave, cada um de vocês, deve se reportar ao Grande Salão no Nível do Guardião esta noite no horário da escuridão.

— Traga de volta a luz — digo à Transportadora quando desligo o com-wi.

Ela aciona o interruptor imediatamente, mas não tira os olhos de mim.

Aperto o botão do com-wi mais uma vez. Não vai demorar muito tempo para que Bartie consiga fazer seu próprio tipo de chamada geral, algo sobre como eu não tenho direito de ordenar a todos que venham até mim ou algo assim.

— Com-wi, controle manual de Eldest — digo. — Código de Autorização: 00G. Desative todas as comunicações; exceção: dispositivo de Eldest.

Eu me viro e saio da sala da luz solar, ordenando a Tearle para parar a chuva, e, em seguida, ando pelo corredor. Agora Bartie não pode mandar mensagens para ninguém. Nenhum deles pode, a não ser eu. Pelo menos Amy está trancada em segurança no quarto dela.

Quando atravesso o Nível dos Transportadores, posso senti-los me

observando. Os Transportadores interrompem seu trabalho até que eu passe, seus olhos me seguindo pelo corredor.

Antes, eu teria sentido que seus olhos continham perguntas e dúvidas, e isso teria me atingido de forma drástica.

Mas agora, não me importo. Estou exercendo a autoridade que deveria ter sido minha desde o início.

Pela primeira vez em minha vida, sinto-me como se eu fosse verdadeiramente o Eldest.

...

Shelby e os Transportadores de Primeiro Nível estão esperando por mim na ponte. Vou diretamente até eles e tranco a porta atrás de mim.

— O que as verificações mostraram? — pergunto. Se for preciso pousar a nave no planeta para impedir Bartie e sua pretensa revolução, vou pousar a maldita nave. Mas não vou fazer isso a menos que eu saiba que a nave pode fazê-lo.

Enquanto Shelby traz as verificações em um disquete, sinto a raiva tomar conta de mim. É irracional, mas não posso evitar colocar a culpa em Órion por algumas coisas. Talvez haja realmente algo em suas malditas pistas que nos levará ao planeta mais facilmente, mas o homem era tão maluco que escondeu as informações.

Shelby me entrega o disquete.

— Todas as verificações indicam que o ambiente do planeta é habitável. O planeta tem água, ar respirável, vegetação... Não há nada que indique que não podemos pousar — ela diz.

Há um nó em sua garganta.

— Qual o problema?

— Nossos registros indicam que deveria haver um conjunto de equipamentos de sondagem profunda na ponte — ela diz. — Procuramos por toda parte e não os encontramos.

— Por que precisamos de sondas, se as verificações são claras?

— Não precisamos delas, *tecnicamente* falando. Mas... Nossos registros mostram que as sondas deveriam ser utilizadas. Além disso, estou preocupada... Por que estamos aqui, em órbita, por todo esse tempo? Por que não pousamos no planeta quando chegamos aqui? E... Não apenas as sondas estão faltando, mas também as caixas de comunicação.

— O quê?

— Havia um sistema configurado para se comunicar com Terra-Sol. Em nossos registros, temos diagramas e manuais de operação e de como consertá-las se elas se quebrarem... Mas elas não estão lá. Não foi simplesmente que

perdemos comunicação com as pessoas em Terra-Sol; nosso único método de comunicação com ela desapareceu totalmente.

Todos os outros Transportadores de Primeiro Nível parecem nervosos atrás de Shelby; estão preocupados também. Algo não está certo.

— Seja qual for a razão — digo — não importa agora. Agora que chegamos num ponto em que precisamos pousar. E podemos. Então, nós o faremos.

Shelby concorda.

— Está tudo preparado para pousar no planeta? — pergunto.

Shelby endireita os ombros.

— Fiz diversas simulações com os Transportadores do Primeiro Nível. Estamos prontos.

Olho para os sofisticados painéis de controle na parte da frente da ponte.

— Parece complicado.

— Não é. Na verdade, há um piloto automático — Shelby, finalmente, inclina-se e aponta para o centro do longo painel de controle, onde há apenas alguns controles. — A nave foi projetada para pousar sozinha quando solicitado. O resto dos controles serve para se algo der errado. Este? — ela aponta para um grande botão preto. — Inicia o lançamento para pousar no planeta.

— Mas você disse que os propulsores do motor não estavam funcionando.

Shelby ri, e há alívio no som de sua risada.

— Eles não, mas não precisamos deles. Há um conjunto diferente de propulsores com um sistema separado de combustível para pousar no planeta; pequenos propulsores de alta potência de empuxo só para sair de órbita. Não importa que os propulsores principais estejam parados. Nós nunca... Vamos precisar deles.

Não há surpresa em sua voz. Ela acabou de perceber quanto mudou com a introdução desse planeta.

— Então, é só pressionar esse botão — eu digo, apontando para o botão preto e grande — e nós pousamos?

— Tecnicamente. Mas não é assim tão simples — explica Shelby. — Você precisa do acelerador para ajudar a direcionar onde a nave vai depois da reentrada. E sempre há a chance de que a reentrada não corra bem, então você precisa — ela indica o resto da Ponte. — Mas não se preocupe. Eu e os outros Transportadores sabemos como. E os controles funcionam. Nossos registros indicam que usamos os controles da Ponte pelo menos seis vezes durante o voo; cruzamos um cinturão de asteroides muitas gerações atrás, e nossos antepassados antes da Peste tiveram de ajustar o plano de voo.

Ela me olha nos olhos e, a despeito de si mesma, um sorriso se espalha por

seu rosto.

— Vamos pousar essa coisa, não vamos?

— Sim, vamos — digo. — Mas antes de fazermos isso, preciso mostrar a todos o que eles quase perderam.

Quando coloco meus pais de volta em suas câmaras crio, penso sobre tudo o que eu gostaria de poder dizer a eles, mas tudo o que digo é: “Logo”.

Penso em voltar para o meu quarto — meu estômago, que está roncando, apreciaria se eu lhe desse alguma coisa para digerir —, mas duvido que haja qualquer alimento de parede no Hospital, e não consigo mandar uma mensagem para Elder pelo com-wi.

Parte de mim deseja que, em vez de ter vindo aqui pelo elevador, eu tivesse explorado as escadas que encontrei com as pistas de Órion. Estou desesperadamente curiosa sobre onde elas levam — certamente, elas vão até a última porta trancada, mas, embora ninguém além de mim saiba sobre as escadas, estou com um pouco de medo de explorá-las sem Elder.

Em vez disso, vou até a escotilha que leva para as estrelas. Talvez eu consiga ver o planeta através da janela de vidro se eu olhar para o lado certo.

Que estranho.

O código para a porta é *Godspeed*, ou, no teclado numérico, 46377333. Mas a pequena janela sobre o teclado já mostra números: 46377334. Os números desaparecem e mostram uma mensagem de erro: CÓDIGO INCORRETO. À medida que a mensagem volta a se transformar nos números errados, olho dentro da escotilha.

Alguém está caído no chão com o rosto virado para baixo.

Arregalo os olhos. Apago o código incorreto e digito o certo, abrindo a porta da escotilha.

Meu coração se contrai. Sei quem é. Minha mão voa imediatamente para o meu com-wi e tento primeiro Elder, mas a coisa estúpida apenas emite bips, inutilmente. Olho fixamente para o corpo no chão, meu estômago revirando. Não consigo respirar direito.

— Luthor? — pergunto, hesitante.

Tento Doc também, mas o mau cheiro me diz que já é tarde demais.

Desviro o corpo. Adesivos verdes cobrem seus braços do pulso ao cotovelo. Procuro a mensagem que Elder me disse que tinha sido escrita em algumas das vítimas, “Siga o líder”. Mas não há nada aqui. Apenas adesivos e

morte.

Seus olhos estão abertos, vidrados. Olham diretamente para a frente.

Seu corpo está duro. Frio. Já está morto há algum tempo.

Ele morreu aqui em baixo, provavelmente antes de Elder fazer seu anúncio sobre o pouso no planeta. Morreu sem conhecer a esperança. Morreu frio e sozinho, sem ver a luz das estrelas, sobre um chão de metal duro, rodeado por paredes.

Não há nada que eu possa fazer. Ele está morto.

Olho para trás, para o teclado na porta. Quem jogou seu corpo na escotilha queria digitar o código e abrir a porta exterior, enviando o corpo para fora, no vácuo do espaço. A pessoa confundiu o código no último número e deixou o corpo por acidente.

Mordo meu lábio, tentando pensar quem faria isso — e o que devo fazer se descobrir. O assassino de Luthor merece punição? Ele tentou me estuprar; ele *estuprou* Victria, e faria isso de novo, se tivesse a chance. Ele tem tentado causar uma rebelião, não porque acredita em qualquer ideal de democracia, mas por que gosta de causar caos. Ele nunca demonstrou nenhum remorso. Não cometeu um erro — era mau, sabia disso, e adorava ser o que era.

Lembro-me da raiva nos olhos de Elder quando lhe contei o que Luthor tinha feito, e como ele ficou afastado por muito tempo depois disso.

Não. Não.

Vou forçar minha mente a pensar no futuro.

Pousar no planeta.

Ar fresco.

Meus pais, acordados e junto comigo.

Sem paredes.

Viro as costas muito deliberadamente sobre o corpo e caminho até a porta da escotilha. Eu a fecho, tentando o máximo possível não olhar para o corpo através da janela.

Começo a digitar o código correto no painel de controle perto da porta.

D-e-u-s.

Faço uma pausa.

Sob a minha túnica, o colar de cruz de ouro pesa muito contra o meu pescoço, como se ele quisesse me puxar para baixo, para baixo. Sinto o olhar de desaprovação de meus pais, congelados e trancados em suas câmaras de congelamento. Isso — isso é encobrir um assassinato.

O assassinato de um homem horrível que merecia morrer.

Mas um homem, de qualquer maneira.

Mas ele mereceu.

Penso no rosto de Victria cheio de lágrimas.
Não posso fazer nada; ele já está morto.
Eu poderia contar a Elder.
Mas e se eu estiver certa e Elder...
Rapidamente, digito o resto do código.
A porta se abre; o corpo de Luthor voa para fora da nave.
Ele se foi.
Para sempre.

Elder

Saio do Nível dos Transportadores apenas alguns minutos depois que a lâmpada solar se desliga — no horário certo — e vou diretamente ao quarto de Eldest, abro a porta de seu armário, e pego o Manto do Guardião. Estrelas estão espalhadas por todo o ombro, um planeta ao longo da barra. Esse manto simboliza toda a esperança e o sonho que meu povo já teve. E vou fazer com que esses sonhos virem realidade esta noite.

Pressiono meu com-wi e faço uma chamada geral.

— Todos a bordo de *Godspeed* devem vir imediatamente para o Nível do Guardião — digo e, em seguida, desligo o comunicador. Não quero perder tempo com palavras.

Retiro o manto do cabide e coloco-o sobre meus ombros. Antes, ele parecia ser muito grande para mim. Esta noite, fico em pé, ereto e alto, o peito estufado, e o manto se encaixa perfeitamente.

Em poucos minutos, posso ouvir as pessoas começando a chegar. Amy não vai estar aqui; ela não ficaria no meio de uma multidão dessas — e embora eu esteja feliz porque ela está segura em seu quarto, gostaria de poder me distanciar de todos os outros moradores de *Godspeed* e levá-la para a Ponte, apenas nós dois.

Os passos das pessoas são pesados no chão de metal, a conversa é alta, totalmente diferente dos sussurros tranquilos e educados que enchiam o Grande Salão na última vez em que Eldest convocou uma reunião em grupo.

Levará algum tempo até que todos cheguem. Posso ouvir Shelby e os outros Transportadores organizando o grupo, certificando-se de que há espaço suficiente para todos. Os Transportadores estão também, eu sei, colocando-se entre as pessoas mais suscetíveis de causar problemas. Enquanto isso, sento-me na cama de Eldest. Inspiro. Expiro. Não quero contar, não para todos, mas palavras serão necessárias. Terei de fazer isso.

Ouçoo uma batida na porta. Cruzo a sala e a abro.

Shelby desliza para dentro e fecha a porta. Eu me pergunto como ela sabia que eu estaria aqui em vez de no meu quarto, então percebo — ela provavelmente sempre achou que eu estaria aqui. Este é o quarto do Eldest, e,

tenha eu assumido o nome ou não, ainda sou ele.

— Eu... Oh — ela diz quando me vê.

— Sim?

— Hm... Você acha que é sábio fazer isso?

— O quê? — sigo seu olhar. — O manto? Eldest o usava.

— Sim, mas...

— O que você precisa de mim?

— Acho que todos estão aqui agora, senhor — ela diz, endireitando os ombros. Por um momento, o manto parece me engolir. Forço minha coluna a ficar reta e sigo para a porta. Ela se abre.

Uma onda de silêncio perpassa a multidão — aqueles mais próximos da porta param de falar imediatamente, então os que estão atrás seguem o exemplo.

E é uma *multidão*. Nunca percebi quão grande uma multidão de mais de duas mil pessoas é quando estão todos olhando para você.

Seus olhos seguem-me quando cruzo a curta distância até a plataforma que os Transportadores montaram para mim.

— Seu *imbecil*. — uma voz grita através da sala lotada.

As pessoas na sala parecem mover-se como uma só para abrir caminho, e, marchando através desse caminho, está Bartie.

— Que direito você tem de vestir esse manto? — ele grita. Seu rosto está vermelho até as pontas das orelhas.

— Eu sou — paro. Não posso dizer que sou Eldest, nunca quis usar o título. E o manto só deve ser usado por um Eldest.

No final, não importa que eu não tenha nada inteligente para dizer a Bartie, porque quando ele chega perto o suficiente de mim, me empurra para o lado com tanta força que eu cambaleio até ficar de costas contra a parede.

— Que diabos? — digo, mas minhas palavras são abafadas pela voz de Bartie.

— Vamos aceitar isso? — Bartie ruge, voltando-se para a multidão. — Como pode esta *criança* atrever-se a nos chamar a todos e desfilar com o manto de Eldest? Ele não é Eldest, ele não é nenhum líder!

E eles o apoiam, gritando.

Nem todos, certamente, mas o suficiente. O suficiente para fazer o som de seu apoio rodopiar dentro do meu cérebro, ensopando minha memória como água em uma esponja.

— Nós merecemos um novo líder. Escolhido por nós!

Agarro Bartie pelo cotovelo e o faço girar para me enfrentar cara a cara.

— O que diabos você acha que está fazendo?

— O seu trabalho — ele zomba.

— Eu posso fazer isso sozinho! — grito de volta.

— Oh, é mesmo? — ele me empurra com força, e cambaleio de volta para a parede. Bartie está falando com uma voz mais calma agora, e todo mundo está prestando atenção nele. Ele evocou um silêncio mais verdadeiro do que o que consegui. Quando param de falar para mim, isso é tudo o que fazem, mas agora não estão apenas quietos, estão prestando atenção nele. Escutando cada palavra.

— O que você fez desde que Eldest morreu? Nada.

— Eliminei o fornecimento de Phydus!

— Nem todos queriam parar de tomar Phydus. O que você fez por eles? Deixe-os ficarem escondidos em casa, assustados. Deixe-os morrer nas ruas. Você alguma vez notou quantos de nós não estão aqui? Você notou quantas pessoas não estão trabalhando? Quantas estão destruídas, assustadas, sozinhas? Você se importa?

— É claro que me importo!

Bartie dá um passo para trás, olhando-me de cima abaixo, medindo-me.

— Você não pode ser Eldest, se você ainda é Elder — ele diz, finalmente, numa voz calma e tranquila, mas ainda alta o suficiente para todo mundo ouvir. — E — ele acrescenta, falando tão baixo que somente eu posso ouvi-lo — você não pode ser Eldest, se você se importa mais com Amy do que com *Godspeed*.

Não sei se é por causa do seu tom de desprezo, ou porque uma parte de mim tem medo de que ele esteja certo, mas avanço e arremeto meu punho contra seu rosto com toda a minha força.

Bartie parece chocado por um segundo, mas depois se recupera e revida com um golpe que me atinge no queixo. Minha cabeça vai para trás com tanta força que meu pescoço estala, e meus dentes mordem minha língua. Sinto gosto de sangue dentro da minha boca, e gotas vermelhas fazem manchas escuras na parte superior do manto de Eldest.

Toda a multidão vem para a frente, e o silêncio que mantiveram até agora é quebrado. Um canto explode perto de Bartie e eu, enquanto seus apoiadores mais próximos gritam: Liderem a si mesmos! Liderem a si mesmos! A voz de Shelby ecoa sobre o canto, dando ordens aos outros Transportadores. Eu me mexo para ajudá-la, mas Bartie me atinge no estômago. Eu me dobro enquanto Shelby junta-se à luta para me defender. Infelizmente, não adianta muita coisa. Enquanto ela está bloqueando Bartie, um de seus lacaios corre para a frente e me joga contra a parede.

Meu cotovelo se quebra contra o metal, e eu dou um sibilo de dor enquanto levanto a perna e atinjo-o, com o joelho, no estômago.

Corro até a plataforma e subo o pequeno degrau.

— Chega!

Aparentemente, não chega.

Eis o meu reinado, e esses são meus súditos: uma ondeante massa de seres humanos que me odeiam ou me ignoram.

Enterro o dedo em meu com-wi — contraindo-me de dor, por que o movimento súbito faz com que meu cotovelo doa ainda mais.

— Comando direto: variação de tom. Nível dois. Aplicar a toda a nave.

Agora eles olham para mim, alguns deles com o mesmo olhar que eles reservavam para Eldest.

— Fim da variação de tom. Desligar a ligação no com-wi. Eu não os chamei aqui para mandar em vocês! — grito. — Eu os chamei aqui para, oh, droga, basta vocês me seguirem.

Abro caminho através da multidão e abro a escotilha no andar que leva ao Nível dos Transportadores. Lidero o caminho, descendo pela escada, e dirijo-me diretamente à Sala do Motor. Shelby está me chamando, mas eu a ignoro — ela vai me dizer que essa é uma área proibida, que eu não deveria fazer isso —, mas eles merecem ver. Eles têm que ver.

Abro ambas as portas da Ponte, e as pessoas entram. Ouço gritos de admiração e espanto de muitos por simplesmente estarem vendo o motor — somente os Transportadores de Primeiro Nível já chegaram até aqui. Nem todos vão conseguir entrar na Ponte, e Shelby e os Transportadores de Primeiro Nível montam guarda na sala, dizendo às pessoas onde podem ficar, fechando a entrada quando a Ponte fica lotada. Os outros Transportadores correm para ajudar, enviando a mensagem para a multidão de que todos terão a chance de ver.

Passo meu polegar sobre o escâner biométrico e abro a tela que esconde as janelas. Os painéis de metal movem-se lentamente, revelando primeiro o salpicado de estrelas que logo dá lugar ao brilho do planeta derramando sua luz pelas bordas das janelas, cheias de promessa e esperança. Esqueço-me da multidão. Tudo o que posso ver são os redemoinhos brancos sobre o azul e o verde. Esse é o mundo, o mundo todo, e é *nosso*.

— Vamos para *casa*! — grito.

Por um segundo, um silêncio ensurdecedor domina a Ponte.

Então, o caos volta — mas, em vez de brigas e berros, avultam-se exclamações de encorajamento e gritos de alegria. Algumas das pessoas vêm para frente, os braços estendidos. Elas não podem nem mesmo chegar até a janela, mas estão se esforçando, como se achassem que, ao tocá-la, tornarão o planeta mais real. Os Transportadores se apressam para criar uma barreira e proteger o painel de controle.

Shelby organiza o grupo para ser substituído pelo próximo, e os Transportadores tem que usar a força, por vezes, para fazer a multidão andar,

agarrando aqueles que ficam muito tempo perto da janela pelos braços e arrastando-os para longe. Algumas das pessoas não reagem com alegria. Victria olha para o planeta por apenas um momento, depois explode em lágrimas e sai correndo da Ponte. Vejo outra mulher tirar um adesivo verde-claro do bolso e colocá-lo no interior do pulso, sobre suas veias azuis escuras. A inteligência desaparece de seus olhos quando a droga faz efeito. Outros conversam, lançando olhares sombrios e cheios de suspeita para mim e os Transportadores. Eles viram as estrelas falsas que Eldest lhes deu; acham mesmo que eu poderia projetar um planeta falso? Talvez simplesmente se recusem a acreditar que existe um mundo fora da nave.

Bartie é um dos últimos a ir embora.

— Amanhã vamos estar lá? — ele pergunta, olhando para o planeta.

— Sim.

Ele balança a cabeça lentamente, e, com cada virada, posso ver a incredulidade se transformar em fé. Ele foi criado com a ideia de que a nave iria pousar quando ele fosse um homem velho, então lhe disseram que ele nunca veria o planeta. Se não estivesse na frente dele agora, ele ainda não acreditaria nele.

Bartie cerra os punhos e, em seguida, abre-os.

— Quando pousarmos... Quem vai ser o líder?

— Eu... O quê?

— Você ainda vai ser o líder, ou vai ser um dos congelados no nível crio?

— Bartie pergunta.

Essa é uma questão nova. Ninguém pensou no que virá depois do pouso no planeta — inclusive eu.

— Eu... Ah... Eu não sei. Não; eu serei o líder. Ainda serei o líder.

Bartie levanta a sobrancelha.

— Mas liderar a colônia é diferente de liderar a nave — ele diz. — Talvez seja preciso um novo líder.

Paro completamente agora.

— O que você está dizendo?

— Quero que você pense, pense mesmo — Bartie diz lentamente, sem olhar em meus olhos — se você é o melhor líder. Se você é o que todos nós precisamos.

— Claro que sou!

— Por quê?

É uma pergunta tão simples, mas acho que não tenho resposta.

O melhor que posso dizer é que nasci para esse trabalho. Mas isso não é o bastante. Amy me mostrou história suficiente para que eu saiba que os príncipes

nascidos para reinar nem sempre foram os melhores líderes.

Gostaria de dizer que sou o único apto a ser o líder.

Mas isso não é verdade. Bartie está bem à minha frente.

Ignoro a chamada-geral que Elder enviou a todos para ir ao Nível do Guardião. Certamente, ele não quis dizer que eu deveria ir também. Meu apoio o prejudicaria mais do que ajudaria, e não consigo pensar em nada mais perigoso do que estar presa em uma sala apertada com todas as pessoas na nave. Em vez disso, passei a última hora com meu rosto pressionado contra a janela da escotilha, pensando que, além de onde minha visão pode alcançar, há um planeta esperando por mim.

Não me movo até ouvir passos e o som de uma porta se abrindo do outro lado do nível crio.

Meu primeiro instinto é ficar imóvel, mas então me lembro de quão poucas pessoas têm acesso a esse nível, e então rastejo para a frente até chegar à sala principal. A porta do laboratório de genética está aberta.

— Olá? — eu chamo.

Posso ouvir barulhos arrastados lá dentro. Passo pela porta. Victria está ajoelhada na frente da câmara crio de Órion. Seu cabelo escuro se agarra à pele na parte de trás do seu pescoço, e as mãos tremem quando ela enfia uma mecha atrás da orelha. A cadeira que geralmente fica ao lado foi derrubada, como se ela tivesse deslizado do assento para aproximar-se dele.

— Como você aguenta? — ela pergunta num tom sem expressão.

— Aguenta o quê?

— Seus pais ainda estão congelados, não é? Como você aguenta não acordá-los? Eles estão tão perto.

Não digo nada. Há algo estranho em sua voz, assustador.

— Eu poderia fazer isso — ela diz. — Poderia fazer agora. Não deve ser tão difícil descongelar alguém. Você foi descongelada.

Eu paro.

— O que importa, afinal? A nave vai pousar em breve. Posso descongelar apenas ele.

Então, Elder contou-lhes sobre o planeta.

— Eu preciso dele! — Victria diz, sua voz aumentando um tom. — Eu preciso dele!

— Por quê? — pergunto gentilmente.

— Porque estou com medo, OK? Estou apavorada! — Victria grita.

Suas mãos estão tremendo, ela estende a mão para o bolso e tira um adesivo quadrado de cor verde.

— Doc disse que eles eram perigosos — digo.

— Todo mundo tem; todo mundo usa — a voz de Victria soa como um canto.

— Só não mais que um, apenas um.

— Como você conseguiu um desses? — pergunto cautelosamente. — Kit me disse que eles foram roubados.

Victria encolhe os ombros, enquanto tenta rasgar a embalagem, mas o pacote se dobra em vez de rasgar, e ela o joga fora. Ela se senta sobre os azulejos no chão, e tira mais adesivos dos bolsos, pelo menos uma dúzia deles. Levanto as sobrancelhas, mas não falo nada, embora eu queira saber por que ela tem tantos. Ignorando completamente os adesivos, Victria envolve seus braços em torno das pernas e enterra a cabeça nos joelhos.

— Por que você está tão assustada? — pergunto, pegando os adesivos e colocando-os em meu próprio bolso, fora do alcance de Victria.

— Ele era tão *enorme*.

— O quê?

— O planeta.

Meu coração se aperta. Elder mostrou o planeta a todos os outros? Por que ele não me disse que ia fazer isso? Talvez tivesse valido a pena o risco, se eu pudesse tê-lo finalmente visto. Ou... Ele poderia ter me mostrado antes.

— Era bonito — diz Victria. Seus olhos me observam, demorando-se no meu cabelo vermelho. — Mas era diferente. Estranho.

— Você vai gostar do novo planeta — digo.

— Como você sabe?

— Bem... Não haverá paredes.

— Mas eu gosto de paredes — sussurra Victria.

E eu percebo que, para ela, o metal não é uma jaula, esmagando-a em uma existência claustrofóbica. Não — para ela, as paredes são as paredes de uma casa confortável. É o exterior — o vasto, interminável exterior — que a assusta.

— Órion costumava me dizer que não sabemos o que há lá embaixo. Pode ser qualquer coisa.

— Todas as sondas e verificações dizem que o planeta é habitável — começo, mas ela me interrompe. Ela cai de joelhos e se inclina para a frente, os olhos em pânico encontrando os meus.

— Órion costumava me mostrar coisas, registros proibidos. Havia

dinossauros em Terra-Sol. Monstros que podem devorar você. Animais maiores do que as pessoas. Crateras e vulcões e furacões e terremotos.

— Leões e tigres e ursos, puxa vida — digo baixinho, mas Victria não vê como uma piada, ela acena com a cabeça em concordância. Esses também são monstros para ela.

Ela está esfregando seu estômago com tanta força que me faz lembrar do Buda de barriga brilhante no restaurante chinês em que Jason me levou em nosso primeiro encontro, há muito tempo, antes que eu soubesse o que era *Godspeed*.

— Não consigo respirar, não consigo respirar — Victria canta. Suas mãos agarram-se convulsivamente contra o peito.

— Vamos até a cadeira — digo, oferecendo-lhe a mão para ajudá-la a ficar em pé. Victria balança a cabeça tão violentamente que seu torso inteiro gira. Ela se afasta de mim. Seus braços estão se sacudindo e tremendo, e eu posso ver as gotas de suor se acumulando em seu rosto, correndo pelo seu pescoço. Ela se move para frente e para trás, puxando as pernas para mais perto de seu peito, ofegante.

— Estou morrendo, estou morrendo! — Victria engasga.

— Você não está morrendo — insisto, forçando a voz a manter a calma. — Você está tendo um ataque de pânico. Victria, você tem que se acalmar. O bebê...

— Oh, estrelas, o bebê! — Victria geme, balançando mais rápido. — Não posso ter um *bebê*! Não aqui! Não lá! — ela arqueja, tentando puxar o ar de volta para os pulmões.

— Victria. Victria! Acalme-se, por favor, acalme-se. Diga-me qual o problema — digo, desesperadamente. — O que a está deixando com tanto medo?

Tudo o que posso entender de sua resposta é “morrer” e “Órion” e “planeta” e “não”.

Enfio a mão no bolso, retirando o adesivo médico cuja embalagem Victria tentou rasgar antes. Sob a embalagem, posso sentir o estranho adesivo esponjoso, mas é tão fino que é difícil acreditar que esse pequeno quadrado possa derrubar alguém. Que três deles podem matar. Eu o coloco no dorso da mão dela.

Ela para de balançar-se. Os braços de Victria amolecem, suas pernas se esticam à frente.

— Você está bem? — pergunto gentilmente.

Victria pisca.

— Venha — digo, ficando em pé. Ofereço minha mão a Victria, e ela se levanta. Ela está em pé agora, mas seus ombros estão caídos, e seus olhos, vazios. Seu cabelo, suado e emaranhado, gruda-se em seu rosto. Estico a mão e

tiro o cabelo grudado em sua testa, enfiando os cachos soltos atrás de sua orelha esquerda, perto de seu com-wi. Ela não se mexe quando a toco; nem mesmo parece notar.

— Victria? — digo. Então, mais alto: — Victria?

Victria pisca.

Eu a levo até o elevador.

Quando chegamos ao saguão do Hospital, ele está mais lotado do que eu já vi antes. Duas enfermeiras apressadas estão tentando conter um grupo de pessoas tentando abrir caminho, e os aprendizes estão correndo de um paciente para outro. Um homem perto de mim agarra os braços da cadeira onde está sentado com tanta força que dobra o metal.

— O que há de errado com todos eles? — pergunto a Kit quando ela passa. — Houve algum tipo de acidente?

Ela balança a cabeça.

Doc vê Victria e eu do outro lado do saguão e vem até nós, colocando um único adesivo verde nas mãos de cada paciente que chega até ele primeiro, com os braços estendidos para ele em súplica.

— O que está acontecendo? — pergunto a ele. — É por causa do motim de hoje?

Doc balança a cabeça.

— Elder não pensa. Ele nunca pensa antes. Você não pode lhes dar tudo de uma vez. As pessoas não podem lidar com esse tipo de coisa — ele desvia a atenção para o homem segurando a cadeira ao nosso lado. Então coloca a mão no bolso do jaleco e tira um adesivo verde pálido.

Ele rasga a embalagem e dá um tapa no braço do homem. As mãos do homem largam a cadeira, e um tipo de paz vazia, sem expressão, cai sobre ele.

— Vou levá-la para o quarto dela — Kit oferece, guiando Victria pelo cotovelo através do corredor.

Penso em voltar para o meu quarto, mas em vez disso, vou para o outro lado, em direção à porta. Preciso de ar fresco, mesmo que o ar seja apenas oxigênio reciclado. Lá fora está escuro, mas não preciso de luzes para encontrar o caminho para o Salão de Registros. Tudo está barrento por causa da chuva pesada, mas, com lama ou sem ela, conheço esse caminho melhor do que qualquer uma das pistas em que corria lá em casa. Conheço a sensação dele embaixo dos pés — do barro grosso perto da porta do hospital, as flores que tocam minhas pernas enquanto o caminho serpenteia através do jardim, o aroma fresco da água quando viro ao redor da lagoa, a ligeira inclinação, quando me aproximo do Salão de Registros.

Começo a perceber porque as pessoas do Hospital estão pirando e fico

esgotada pelo sentimento de admiração de que não há nada mais além disso. Mesmo eu, que já respirei ar no topo das Montanhas Rochosas, que uma vez nadei no Oceano Atlântico, comecei a achar que não havia nada além dessas paredes.

Eu me esqueci da Terra.

Elder

Não queria adormecer — eu ia apenas dar uma cochilada, então pegar Amy e levá-la numa sessão particular para ver o planeta da Ponte. Em vez disso, acordo na manhã seguinte com um sorriso nos lábios, mas um gosto horrível na boca.

Terminou.

Finalmente, terminou.

Visto-me rapidamente, mas antes de sair correndo de meu quarto, olho para trás.

Vivi neste quarto durante três anos, desde que Eldest me tirou do Nível dos Alimentadores e começou a me treinar para ser seu sucessor. Já odiei este quarto, na época em que Eldest me trancava nele quando fazia algo estúpido, ou mais tarde, depois de sua morte, quando ele me lembrava de como eu estava sozinho. Mas amei este quarto, também. Sorrio, lembrando-me da maneira como Amy saltou sobre minha cama, quando me acordou aqui. Mal posso esperar para entregar a ela uma coisa que ela sempre quis, a única coisa que pensei que a havia privado para sempre.

Mas — mesmo estando tão ansioso quanto estou para continuar, não posso deixar de pensar em tudo o que estou deixando para trás.

Eu me lembro...

Da primeira noite que passei aqui, deitado, acordado, com medo. E Eldest entrou, sentou-se na beira da cama, bem ali, e me disse que ele se lembrava de se sentir da mesma maneira na primeira noite de seu treinamento.

Eu me lembro...

Que Eldest e eu tivemos uma briga uma vez — isso foi no início, quando eu estava com raiva dele, mas ainda não tinha medo dele — e ele gritou comigo, e eu gritei de volta, e ele levantou a mão e me atingiu no rosto. Eu saí correndo do Centro de Aprendizagem e fui para o meu quarto — parecia que eu havia corrido vários quilômetros — e me escondi entre a cama e a mesinha de cabeceira por mais de uma hora, até que o cheiro de frango assado e cogumelos entrou na sala e no meu nariz. Quando finalmente me arrastei para fora, Eldest me deixou comer o jantar no chão do Grande Salão, usando um projetor para me

mostrar um filme antigo de Terra-Sol.

Eu me lembro...

De quando eu tinha quatro ou cinco ou seis anos, a família com a qual eu estava vivendo então, eles eram fabricantes de conservas, decidiu me dar uma festa. Foi uma festa de despedida — eu ia me mudar para a casa de outra família no dia seguinte, mas eu era jovem o suficiente para não entender realmente o que aquilo significava.

A mãe da família, Evie, acho que ela não tomava Phydus, porque era engraçada e encantadora, e sempre sabia o que dizer e o que fazer para tornar tudo maravilhoso. Muito diferente da maneira como eu a conheço agora, sobrevivendo com um adesivo verde no braço.

No dia antes de eu sair da casa de sua família, houve uma festa de comemoração — cordeiro e geleia de menta, milho assado, biscoitos e mel, batata doce cozida com açúcar mascavo, frutas vermelhas polvilhadas com açúcar. E, no final, um bolo.

Era um bolo gigante, tão grosso que Evie teve que usar as duas mãos para cortá-lo. Era todo coberto de glacê, branco, grosso e com uma crosta de açúcar, e Evie tinha escrito, na parte superior, Nós te amamos, Elder! Ela chorou quando me deu o pedaço que tinha o meu nome.

Um homem velho entrou na cozinha quando eu estava prestes a dar a primeira mordida. Eu não sabia quem ele era, mas todo mundo parecia saber, e eles todos abaixaram os garfos lentamente e se afastaram da mesa. Eu fiz o mesmo, embora não soubesse por quê.

— Não estou aqui para interromper! — o velho disse, rindo, e a tensão se despedaçou como vidro.

Evie cortou um pedaço de bolo para o homem velho — ele pegou o pedaço onde estava escrito amamos. Depois puxou uma cadeira ao meu lado. Ele era gentil e engraçado — agia como se não soubesse usar um garfo e me deixou mostrar-lhe como usar um. Ele ficava derrubando o garfo ou usando o lado errado, ou tentando equilibrar o bolo no cabo em vez de pegar o pedaço com os dentes do garfo.

Lembro-me de que todos na mesa riram — risadas verdadeiras, profundas, incontroláveis — quando o velho simplesmente desistiu e comeu o bolo com a mão.

Ele me cutucou. Eu sorri — havia glacê no topo do seu nariz, eu me lembro — e peguei um punhado de bolo na mão e enfiei na minha cara.

E então todos nós estávamos comendo o bolo com as mãos, sem se incomodar em usar pratos, e pegando mais. Migalhas e glacê estavam por toda parte — manchando a toalha da mesa, nosso cabelo, sob nossas unhas — e

ninguém estava preocupado com isso.

Foi o dia mais feliz da minha vida.

Na manhã seguinte, Evie me acordou e me ajudou a arrumar meus poucos pertences em um saco. Eu iria passar o próximo ano com os açougueiros, e não haveria bolo naquele ano.

— Quem era aquele homem que veio ontem? — perguntei.

Evie estava chorando enquanto dobrava as minhas roupas, mas riu da minha pergunta.

— Bobo! Aquele era o Eldest, é claro!

Fecho meus olhos e penso na forma como meus dentes romperam a fina crosta de açúcar em cima do glacê, a maneira como o bolo enchia minha boca enquanto eu mastigava.

Olho para minha cama, para o cobertor puído que eu tinha quando criança, que Eldest guardou para mim — ou para si mesmo. Pego o cobertor na beirada da cama, pressiono-o contra o rosto e penso em tudo o que Eldest era e tudo o que não era. Tudo o que essa nave foi e tudo o que nunca será.

Por um momento, esqueço-me de que hoje é o dia em que sairei dessa nave, fecho meus olhos e respiro ao aroma de milhares de sonhos.

Antes de me dirigir ao Nível dos Transportadores, reativo o sistema do com-wi para o resto da nave. Em segundos, Shelby me chama.

— Estamos preparados e prontos para iniciar a aterrissagem, senhor — ela diz ao meu ouvido.

Sorrio enquanto ando para longe do meu quarto.

— Vamos para casa.

Acordo cedo. Depois de me vestir, penso em mandar uma mensagem para Elder ou até mesmo ir ao Nível do Guardião para vê-lo. Quero ver Elder. Mas ele tem uma nave para pousar.

Para pousar. No novo planeta. Minha respiração é trêmula, cheia de alívio e alegria. Nada mais importa. Nem as pistas estúpidas de Órion, ou a ridícula revolução de Bartie — nós temos o *planeta*.

Vou direto para o nível crio. É uma sensação estranha fazer isso agora, embora eu tenha feito isso todos os dias durante os últimos três meses. Eu fazia isso, então, porque acreditava que nunca iria ver meus pais vivos novamente. Agora, de costas para uma fileira de câmaras crio e olhando diretamente para os corpos congelados de meus pais, tudo parece falso.

Talvez seja porque sei quão perto estamos de acordá-los de uma vez por todas. Tenho tanta coisa para contar a eles, sobre como sou mais forte do que eu era antes. Sobre Harley, Luthor e Elder. Quero colocar para fora cada memória, cada preocupação, cada pensamento.

Mas também sei que não preciso fazer isso. Nós chegamos.

Ao longe, ouço o som inconfundível de uma pesada porta sendo fechada. Não é a do laboratório de genética atrás de mim. É uma das portas no final do corredor além das câmaras crio... Uma das portas *trancadas*.

É isso. Essa é a pessoa que está adulterando as pistas. Tem que ser.

Saio correndo pelo corredor, determinada a apanhar quem quer que seja.

Mas não há ninguém aqui.

Então, noto uma fresta de luz penetrando pela porta do arsenal.

Recupero o fôlego. A porta do arsenal... Isso significa que quem está lá dentro tem todas as armas. Eu, por outro lado, não tenho nenhuma... A menos que eu considere o bolso cheio de adesivos de Phydus que peguei de Victria.

Rastejo para a frente. A coisa inteligente a fazer seria correr. Mas se eu puder ter apenas uma ideia de *quem* tem brincado conosco...

A porta faz um rangido alto. É lógico — maldição — que ela iria ranger alto.

Mas não há ninguém lá dentro. Apenas por precaução, me aproximo da

prateleira mais próxima, onde as menores armas são armazenadas. No topo, estão pequenas pistolas. Eu não estava brincando quando provoquei Luthor. Meu pai me criou para saber o que é uma arma e como usá-la. Pego um dos sacos plásticos vermelhos de proteção e deslizo meu dedo através do lacre. O cheiro de óleo lubrificante para armas paira ao meu redor quando abro o saco e o revólver cai na minha mão. Ele tem porte pequeno e cano curto, mas pode atirar balas de calibre .38. As balas são armazenadas numa caixa separada, lacrada com plástico. Pressiono o cabo contra a palma de minha mão enquanto carrego as balas. Minha mão é pequena demais para segurar o revólver com conforto, mas é uma arma de ação dupla, e tudo o que tenho que alcançar é o gatilho.

Olho mais de perto, por trás das prateleiras, com a arma firme, segura em minha mão. Mas não há ninguém aqui.

Então eu me lembro — eu vim aqui porque ouvi um barulho de porta sendo *fechada*. Quem estava aqui pode ter começado no arsenal, mas bateu outra porta — nesse corredor cheio de portas que deveriam estar trancadas.

Volto e verifico a escotilha pela janela, e, em seguida, abro a sala que contém os trajes espaciais. Nada. Pressiono meu ouvido contra a porta grande no final do corredor, a última porta trancada, mas ela é muito pesada para que eu possa ouvir qualquer coisa.

O que há atrás daquela porta, afinal? Por um momento, considero ficar aqui e montar guarda ao lado dela. Quem quer que tenha entrado lá, terá de sair. Ninguém passou por mim quando saí correndo pelo corredor, e as únicas portas que podem se fechar com uma batida em vez de deslizar são essas. Quem quer que seja, tem que estar aqui.

Exceto... Se essa pessoa souber como destravar as portas, então quem quer que seja também deve saber sobre as escadas que encontrei atrás das paredes... Ela também vai lá embaixo. Ela pode chegar até o nível crio. E já que não existem escadas aqui — ela tem que sair por trás dessa última porta trancada. Se eu subir ao Nível dos Alimentadores agora e descer as escadas, talvez eu possa pegar quem anda adulterando as pistas de Órion e descubra o que mais está por trás da porta trancada! Se pelo menos Elder estivesse aqui comigo...

Estou no meio do corredor quando me lembro de que o arsenal ainda está aberto e, mesmo com uma arma na mão, ainda não é seguro. Volto para trás e começo a fechar a porta quando noto uma coisa: um disquete piscando perto da prateleira de explosivos. Coloco a arma na prateleira e pego o disquete.

O rosto de Órion enche a tela.

<<INICIAR. TRANSMISSÃO DE VÍDEO>>

Esse vídeo não foi feito na escadaria. Dessa vez, Órion está sentado numa cadeira parafusada ao chão em frente a um controle de painel longo e curvo. A sala está às escuras, mas posso ver algo brilhando ao fundo.

Essa deve ser a Ponte, embora seja muito menor do que eu imaginava.

ÓRION: Amy, você está quase chegando ao final. Você está próxima da escolha que terá de fazer. Você já o viu? O planeta?

Não. Ainda não. Mas sei que ele está lá.

ÓRION: Você vê agora por que preciso que você decida? Por que você já esteve em um planeta; você é a única em *Godspeed* que já esteve em um planeta. E então você é a única capaz de julgar se vale ou não a pena.

Órion toca o pescoço, seus dedos deslizando pela cicatriz encaroçada onde seu com-wi ficava.

ÓRION: Antes — antes de Eldest, e tudo o mais... Antes disso (indica a cicatriz)... Eu pensava que a verdade era importante. Não tenho tanta certeza agora. Talvez seja melhor se todos permanecermos ignorantes. Sei que seria mais feliz se não soubesse.

E pensar que quase me permiti esquecer as pistas de Órion por causa da descoberta de Elder. O planeta parecia ser tão mais importante do que esse mistério. Agora estou tomada pela curiosidade.

ÓRION: Mas talvez existam motivos para que você precise saber a verdade. A nave é velha. Eldest me enviou lá fora para ajudar com os consertos, e sei que *Godspeed* está começando a mostrar sua idade. Então — talvez esteja na hora. Hora de sair da nave.

Órion inclina-se para frente e pega a câmera. A imagem treme, mostrando a pequena e abarrotada área e o chão de metal sólido antes de se virar para o painel de controle.

A câmera foca na janela. A imagem, embaçada e brilhante, tem o foco ajustado. Através da janela de vidro em forma de favo de mel, uma bola curva e brilhante verde e azul aparece acima do horizonte da nave.

Toco a pequena tela, fazendo o verde e o azul do planeta se moverem como as ondas do mar ondulando para lá e para cá.

ÓRION: Quando descobri que *Godspeed* estava em órbita ao redor de Terra-Centauri, eu queria que toda a nave soubesse a verdade. Tentei contar a eles. Tentei contar-lhes tudo. E, por causa disso, Eldest tentou me matar.

Órion vira-se para a janela e olha fixamente para o planeta. Sua cicatriz é bem visível na tela.

ÓRION: Ele não me matou, no entanto. Escapei. Eu me escondi por... Por um longo tempo... E então voltei sorrateiramente para o Salão de Registros. Eu

me integrei novamente à nave. Mas foi no Salão de Registros que descobri ainda mais segredos e mentiras. E é por causa disso que decidi esconder a verdade, exatamente como Eldest.

O rosto de Órion volta à tela.

ÓRION: Ainda há o plano de contingência. Ainda está aqui. Se a nave tiver que pousar, ela pode. Se você ainda não entendeu, a última coisa da qual você precisa pode ser encontrada dentro de *Godspeed*.

Órion para, olhando diretamente para a tela, como se tivesse me dado uma enorme pista. Mas *Godspeed* é imensa e todos já estão se preparando para partir. Como vou encontrar uma pequena pista em uma nave tão grande?

ÓRION: Mas se não for necessário... Se houver alguma forma de sobreviver sem pousar a nave. Você deve. Você deve. Não posso proteger esse segredo para sempre, sei disso. Você precisa. Se houver qualquer possibilidade dessa nave sobreviver, você deve fazer o que for necessário para impedir o pouso no planeta.

O que Órion está dizendo? Pensei que o motivo das mensagens fosse levar-me a um ponto onde eu pudesse fazer uma escolha importante. Mas agora ele está dizendo o oposto.

ÓRION: Não importa quão ruins as coisas fiquem na nave, se vocês não estiverem morrendo, se a lâmpada solar ainda estiver funcionando... Fiquem aí. E assegurem-se de que a nave fique também. Amy, você é o meu plano de contingência — mas apenas isso. Você deve liderar a nave até o planeta apenas em último caso...

Órion não consegue terminar a última frase, e seu rosto desaparece, sendo substituído por estática. Estou tão surpresa que quase derrubo o disquete. O corte abrupto faz meu estômago se encolher de medo, uma sensação que não desaparece quando a estática dá lugar a uma tela preta. Letras brancas enchem o fundo negro, mostrando uma frase que aprendi a temer.

Siga o líder.

O vídeo é cortado.

Essa frase — “Siga o líder”. A estática. O fato de que esse vídeo foi colocado em um disquete, e não em um cartão de memória. Essa dica também deve ter sido adulterada. Não sei se a mensagem de Órion continuava — talvez ele fosse me falar o código para abrir a porta trancada? — mas tenho certeza de que não foi ele quem me deixou essas palavras.

Olho para cima agora, examinando cuidadosamente o arsenal. Antes, eu havia entrado correndo lá à procura de alguém. Agora, estou procurando algo... E encontro. Um lugar vazio na prateleira, uma fileira de explosivos faltando.

— Oh, Deus — sussurro, minha mão inconscientemente indo para a cruz

em meu pescoço.

Corro para fora do arsenal, direto para o elevador.

Tenho que chegar ao Nível dos Transportadores. Agora. Tenho que chegar até Elder. Se eu tenho certeza de alguma coisa, é que quem quer que esteja nos dizendo para “seguir o líder” não está se referindo a Elder, e os explosivos vão explodir qualquer um que tente pousar a nave.

Elder

Embora a lâmpada solar mal tenha acabado de se acender, o Nível dos Transportadores está lotado. Olho em volta, meio que esperando ver o cabelo vermelho brilhante de Amy por entre a multidão de Transportadores, mas não, ela não está aqui. É claro que ela não está. Mesmo que seja ela a pessoa com quem mais quero compartilhar isso, é maluquice pensar nela agora, quando preciso me concentrar em pousar no planeta. Eu não a vejo desde que quase morri — e muita coisa mudou desde então. Amy foi a primeira pessoa a quem contei sobre Terra-Centauri, mas ela pode muito bem ser a última pessoa que verei assim que pousarmos.

Chacoalho a cabeça para limpar a mente. Não é hora de ficar sentimental; é hora de pousar a nave.

Os Transportadores se animam quando ando pelo corredor em direção à ponte; meu pé ressoa contra a grade de metal do chão. Eles vêm até mim — para apertar minha mão, para me bater nas costas, apenas me tocar com admiração e agradecimento. Quando passo através da Sala de Energia para a Sala do Motor, os cientistas e Transportadores me dão uma ovação em pé.

Sorrio para eles.

É tudo o que sonhei que seria.

A Primeira Transportadora Shelby e o restante de seu quadro estão em pé formando uma fileira na frente das portas gigantes decoradas que levam até a Ponte. Todos me saúdam quando me aproximo.

— Eu... Ah — digo, e é só quando estou gaguejando que percebo como a sala está completamente silenciosa, e agora todos querem que eu faça um discurso. Um discurso que seja mais do que “ah”.

Droga.

— Eu... Ah... Quero dizer... — engulo, fecho os olhos.

— Aqui não é a nossa casa — digo. — Temos vivido em *Godspeed* por toda a vida, mas não é a nossa casa. Não escolhemos nascer em uma nave, presos por paredes que nos mantêm seguros. Mas escolhemos ser aqueles que decidem se está na hora de pousar. Escolhemos assumir o risco, deixar para trás esta casca, e ver o que o resto do universo tem a oferecer.

— Nós escolhemos o nosso futuro. Vamos para casa.

— Para casa! — grita Shelby, e todos repetem sua palavra e seus aplausos. E então está na hora.

Shelby abre as portas enormes. Ela fica de lado, deixando sua tripulação — os outros Transportadores de Primeiro Nível — ir primeiro. Há um ar de gravidade espantosa em toda a produção, estamos fazendo história, e estamos todos cientes disso.

Eu os observo entrar na Ponte solenemente, e parece tão errado o fato de Amy não estar entre eles. Eu sabia, quando a vi pela primeira vez, congelada, que ela me mudaria para sempre. Mas ela mudou toda a nave também, o destino de todos a bordo.

Quando o último dos Transportadores entra na ponte, Shelby vira-se para mim e sorri, e dou um passo à frente.

— Senhor!

Eu me viro. Um dos Transportadores corre até mim.

— Senhor — ele diz — a garota, a garota de cabelos vermelhos, ela está aqui.

— Amy?

Ele acena com a cabeça.

— Ela está batendo na porta da Sala de Energia, gritando por você.

— Elder? — Shelby pergunta, com a mão na porta da Ponte.

Dou um passo para trás, para longe da Ponte e em direção à porta da Sala de Energia.

E então...

Uma explosão dilacera a nave.

É como se meus tímpanos tivessem estourado, e perco o equilíbrio, caindo ao chão. Minha cabeça bate contra o chão de metal sólido, mas estou me movendo — deslizando em direção ao que resta da Ponte. Alguém grita, e o som é violentamente cortado. Eu me viro, e uma cadeira voa através da sala, a perna dela arranhando meu ombro, rasgando minha túnica e a pele por baixo. Há gritos por todo lado, mas o som é abafado pelo barulho do metal batendo enquanto mesas e bancadas saem voando do chão. Uma pontada de dor atinge minha perna — uma chave de fenda se enterrou em minha panturrilha. Estendo a mão e a puxo para fora, mas ainda estou deslizando pelo chão.

Ergo minha cabeça tão alto quanto posso...

A janela na ponte desapareceu.

A emenda de metal que mantinha o vidro de favo de mel no lugar está retorcida, quebrada, irregular como os quadros de Terra-Sol que mostravam assustadoras árvores mortas no inverno. O vácuo do espaço está sugando o ar da

Ponte e da Sala do Motor de forma tão violenta que todos nós estamos presos no turbilhão, as cadeiras, as bancadas, as mesas, as ferramentas — e as pessoas.

A equipe de Shelby é a mais atingida — alguns estão agarrados nas mesas do painel de controle ou nas cadeiras aparafusadas no chão, mas não consigo ver todos. Vejo sangue e ossos e órgãos na parte da frente, próximo ao buraco — seja o que for que explodiu a janela da ponte, também explodiu as pessoas sentadas mais próximas dela.

Um Transportador — Prestyn — tenta ficar em pé, mas tropeça, é arremessado para frente, e voa através das portas. Seu corpo fica preso nos dedos de metal da emenda quebrada, dilacerando-o. Grandes globos de sangue saem flutuando de seu corpo em esferas vermelhas.

Eu me choco contra a parede próxima das portas da Ponte com tanta força que meus ossos chacoalham, mas a parede me impede de voar também para fora pela janela. Fico em pé, pressionado contra a parede do fundo como apoio, tentando respirar em meio ao vento impetuoso. Não vai demorar muito — minutos talvez — para o vácuo do espaço sugar todo o ar de ambas as salas.

Segurando os suportes de metal na parede, viro minha cabeça para olhar para dentro da ponte.

É tarde demais — a goela escancarada que uma vez foi a janela destruiu a Ponte. Shelby se agarra a uma cadeira que está aparafusada ao chão. Seu cabelo está grudado em sua cabeça, seus olhos estão vermelhos e lacrimejando.

— Não! — ela grita. — *Não!*

Ela quer dizer o botão. Este, aqui, ao meu lado.

O que lacraria as portas da Ponte.

O botão que nos protegeria do espaço — mas a deixaria lá.

Ela está estendendo uma das mãos em minha direção, *esticando-se*, mas ela está longe demais, ela está simplesmente fora do meu alcance e nunca serei capaz de chegar até ela, é tarde demais. Tarde demais.

— Não, não, não, não, não — ela implora.

Ela tenta chegar até mim. Seus dedos estão quase ao alcance. Se eu esticar a mão — talvez eu possa puxá-la em segurança antes de lacrar as portas?

Mas não posso correr esse risco. Não posso arriscar a nave inteira para salvar uma pessoa.

— Não — ela sussurra.

Mas aperto o botão mesmo assim.

As portas da Ponte se fecham.

Os ventos violentos morrem.

É preciso um momento antes que todos que ficaram para trás possam cambaleiar de volta. Alguns estão sangrando — alguns ossos quebrados, um

ombro deslocado, um coxear — causados pelos detritos que se chocaram contra eles. Mais do que seus ferimentos físicos, porém, é o horror que contorce cada face, uma expressão vazia e chocada que duvido que vá desaparecer totalmente.

Está silencioso aqui, mas nem de longe tão silencioso como do outro lado da porta.

Nunca corri tão rápido ou com tanta disposição como quando corri do Hospital até o tubo gravitacional. Ainda assim, eu sabia que seria tarde demais.

E foi.

Quando finalmente cheguei à Sala do Motor, pude ouvir a explosão atrás da porta.

E os gritos.

Agora, o Nível dos Transportadores — já cheio de gente devido aos acontecimentos do dia — cai em uma espécie de horror silencioso. As pessoas se aglomeram em torno de mim na Sala de Energia. A porta para a Sala do Motor retorce-se para dentro, como se um monstro estivesse tentando abrir o caminho com suas garras, mas os reforços de aço aguentam. Nós nos encostamos à parede do fundo, de qualquer maneira, e algumas pessoas correm para fora da Sala de Energia, buscando proteção, como se achassem que *Godspeed continuará* a protegê-los até mesmo quando está sendo dilacerada.

Nós todos olhamos para a porta, mas ela não nos dá respostas.

Luzes vermelhas se acendem e apagam ao longo das bordas do piso e do teto. O computador da nave anuncia: “Rompimento do Casco: Ponte”, em tipo de voz agradável e alegre.

Nós esperamos. Uma mulher abre a boca para falar, mas eu a intimido com um olhar. Estamos todos ouvindo o silêncio. Pensando se há alguém vivo do outro lado da porta.

Se Elder sobreviveu.

Algo se choca contra a porta. Uma mulher atrás de mim grita, e um homem perto do corredor grita: “Caramba!”. A porta se move de novo — não com a força de um furacão, como antes, mas com um chacoalhar e pulsar.

Dedos saem pelas bordas das portas.

— Eles estão vivos! — grita a mesma mulher. E como um só, todos corremos para a porta, enfiando os dedos na fenda aberta. Juntos, lutamos contra a força mecânica para abrir a porta danificada. A porta se move um centímetro. Nós todos empurramos com mais força. Com um som brusco de metal sobre metal, a porta, finalmente, cede.

Eu vejo o sangue nele primeiro — escorrendo de um corte em seu ombro, manchando sua pele escura de vermelho. O suor faz com que o cabelo se grude à sua testa. Seus braços se esforçam para empurrar para o lado os restos da porta, e ele cambaleia através dela.

— Elder — sussurro. Minha voz falha no meio. Sinto lágrimas ardendo em meus olhos, mas elas não caem. Eu quase o perdi. Mais uma vez. Foi somente quando vi seu corpo no chão da escotilha ontem que percebi quanto me importo com ele, mas mesmo assim não conseguia definir meus sentimentos.

Uma parte de mim tem se mantido à distância dele desde que comecei a ver como ele era dedicado a mim. Essa parte de mim teceu palavras em minha alma, palavras como *dúvida* e *não poder confiar* e *luxúria* e *não vale a pena*. Todas essas palavras se quebram, de uma só vez, como fios arrancados de tecido rasgado.

Agora, porém, olhando para seu rosto aflito, não penso com palavra alguma.

Atrás dele, os Transportadores estão ajudando uns aos outros. Eles choram de alegria por aqueles que viveram e começam a chorar por aqueles que morreram além da porta lacrada da Ponte.

Mas estou apenas olhando para Elder, e ele está apenas olhando para mim, e o resto desaparece.

Minhas mãos estão tremendo. Minhas pernas também — para dizer a verdade, estou toda tremendo. Quero correr para ele, mas não posso. Em vez disso, é ele que faz um movimento.

Ele corre através da porta destruída (embora esteja mancando, por que está mancando?) e me abraça. Eu caio em seus braços, mas ele me apoia, me emprestando a sua força quando pareço não ter mais nenhuma.

— Oh, Deus, Elder — murmuro em seu peito, e não é muito, mas é a melhor oração que tenho.

Ele acaricia meu cabelo suavemente. O mundo continua ao nosso redor, as pessoas correndo para dentro ou fora da Sala do Motor, mais gritos, reuniões — mas somos um pilar de coragem silenciosa em meio ao caos.

— Como você sabia? — Elder pergunta, seu nariz enterrado em meu cabelo. A pergunta é tão oposta a tudo o que sou agora, palavras lógicas formando uma pergunta lógica, que me confunde, a princípio. Inclino a cabeça para trás e olho para ele. Elder me leva para longe dos restos da porta e da multidão para um canto tranquilo em uma sala próxima. Por cima de seu ombro, ainda posso ver o caos da explosão; Kit chegou com uma legião de enfermeiras e se encarregou de prestar socorro aos feridos, levando-os para uma área separada e ordenando a todos que saíssem. Um grupo de engenheiros examina a porta

lacrada da Ponte, assegurando que não há mais perigo de vulnerabilidade.

— A explosão — Elder diz, puxando para perto dele. — Você sabia antes de acontecer, não sabia? Você veio aqui para me avisar.

— Encontrei outro dos vídeos de Órion. No arsenal.

— Órion? Órion fez isso? — os olhos de Elder estão confusos, ele está ainda se recuperando da explosão.

— Não, não foi ele. Mas... Alguém mais tem acesso aos seus vídeos. Alguém sabe os códigos das portas fechadas. Acho que Órion vem tentando nos contar sobre como sair da nave todo esse tempo, mas alguém descobriu seu segredo antes de nós e está tentando nos impedir.

Entrego a Elder o disquete com o vídeo de Órion. No primeiro vídeo que encontrei, Órion parecia certo de que havia uma escolha a ser feita e que eu a faria. Mas nesse último vídeo, ele parece estar do mesmo jeito que estava quando fez aquele vídeo logo depois de fugir de Eldest — assustado e inseguro. Quem quer que tenha encontrado esses vídeos de Órion claramente concorda que o planeta não vale a pena — e vai matar qualquer um que tente pousar a nave. A explosão na Ponte é prova suficiente disso — assegurou que, mesmo com Terra-Centauri tão perto, nunca vamos pousar.

Não consigo ler o rosto de Elder enquanto ele assiste ao curto vídeo — tristeza, raiva, dúvida, outra coisa, algo vazio e doloroso. Mas quando ele olha para mim, tudo o que resta em seus olhos é uma espécie de nada vazio.

— Nada disso importa — diz Elder. — Com a Ponte destruída, não vamos a lugar algum.

Uma vez dito, torna-se real para ele. Vejo os dezesseis anos de sua vida preso na nave, e as décadas de seu futuro caem sobre ele como um peso — ele literalmente afunda com a percepção de que *Godspeed* não pode pousar. Tudo está sobre seus ombros agora — a nave, as pessoas, as mortes, a decepção. E eu percebo: sempre estiveram. Sempre.

Elder olha para trás, para a Sala do Motor, e além, para as portas lacradas.

— Shelby estava lá. Na Ponte.

E assim, dessa forma, o terror volta. Eu o empurro para baixo, tento afogá-lo sob as águas da minha alma, mantê-lo lá embaixo com ambas as mãos, observando-o perecer.

— Por quê? — os olhos de Elder buscam os meus. Ele não está perguntando por que alguém explodiria a Ponte. Ele está perguntando por que alguém mataria Shelby por isso.

Elder

— Não, não, não, não, não — Shelby disse.

As palavras circulam pela minha mente, e sei que nunca irão embora.

Amy me beija.

— *Não, não, não, não, não.*

Amy me diz que alguém fez isso por causa de um vídeo estúpido que Órion fez. Que quem quer que tenha feito isso apenas queria se assegurar que nunca pousemos, nunca saíamos da nave. Nunca.

— *Não, não, não, não, não.*

Amy me leva até o tubo gravitacional e depois até o Nível dos Alimentadores. Ela me mostra a porta escondida e as escadas atrás dela.

— *Não, não, não, não, não.*

Amy empurra a porta, e a luz preenche o espaço atrás dela. Ela se abre; apenas uma fresta, mas tudo o que ouço é: — *Não, não, não...*

BUM!

Outra explosão, essa mais profunda do que a primeira, faz o chão tremer e sacode os alicerces do Hospital. As telhas caem do telhado do Hospital e despenham pelos lados do edifício, quebrando-se contra o chão. As portas se abrem repentinamente, e as pessoas saem correndo, uma coluna de fumaça cinza e marrom perseguindo-as. Escadas de emergência descem dos andares superiores, e as pessoas começam a descer, pulando a alguns metros do chão e correndo em direção ao Salão de Registros para se proteger.

— Com os diab... — começo, enquanto Amy agarra meu braço. Mesmo daqui, podemos sentir o estrondo debaixo dos pés.

— Por que alguém iria explodir o Hospital? — ela pergunta. Suas palavras são firmes, mas seus olhos estão cheios de medo.

Fumaça sai das portas no piso térreo, mas de nenhum outro lugar.

Não há nenhuma evidência de fogo, nenhuma evidência de dano.

O rosto de Amy perdeu a cor, e ela está mais pálida do que nunca.

— Oh, Deus. Não foi o Hospital que explodiu.

— Foi o nível crio — termino a frase para ela.

— Meus pais — ela sussurra. Seus olhos perdem o foco; sua boca está

aberta.

— Há escadas, elas vão até o nível crio. Eu sei onde eles estão. Eu podia...

— Vá até eles — digo, segurando seus ombros, até que ela volte para me olhar.

— Vá agora, mas tome cuidado. Quem fez isso ainda pode estar lá.

Amy engole em seco.

— Não acho que essa tenha sido uma explosão grande o suficiente para destruir o nível crio — chacoalho a cabeça, ponderando. — Não, tenho certeza que não. Eles estão bem. Eles têm que estar bem.

Posso senti-la se afastando, mas ainda está agarrada a mim, seus dedos enterrados em minha manga.

— Vá — digo gentilmente. — Eu posso fazer isso. Tomarei conta da nave; você toma conta de seus pais. Mas... — eu faço uma pausa — Se alguém... Ou alguma coisa... Se não for seguro lá embaixo, volte para mim. Imediatamente.

Ela balança a cabeça levemente, concordando, e corre para as escadas sem dizer uma palavra.

Eu me viro e encaro a nave.

Amy

Meu coração bate na minha garganta e me faz querer vomitar. Estive tão concentrada em tudo o mais — Elder, os assassinatos, o mistério — que quase me esqueci do mais importante.

Meus pais.

Presos no gelo, no nível crio, dormindo.

Indefesos.

Corro para baixo, descendo, usando os corrimãos para pular dois degraus de cada vez — e quanto mais eu desço, mais a fumaça me envolve.

É um cheiro acre, como o de metal queimando, um cheiro tão forte que corta minha língua como uma faca. Uma poeira cor de catarro amarelo cobre minha pele. É tão fina quanto talco de bebê, mas arde como picadas de formigas de fogo, e uso minhas mangas para me proteger dela. Puxo meu capuz para cobrir meu rosto até que ele cobre meu nariz e a boca, e solto meu cabelo, esperando que ele possa dar pelo menos um pouco de proteção à parte de trás do meu pescoço.

Meus pés escorregam, mas — felizmente — agarro um corrimão. Bem na hora. Há mais dois degraus — e então nada.

Eu me inclino para baixo, segurando o corrimão como apoio. A bomba foi colocada no elevador que se estende do Hospital até o nível crio, exatamente como suspeitei. Estilhaços e a força da explosão destruíram as escadas de metal tão facilmente como se fossem feitas de papel.

Estamos isolados do nível crio.

Por um momento louco, considero saltar. Quantos metros haveria até chegar ao fundo? Esses degraus não vão diretamente até o nível crio. Estou alguns metros acima de uma superfície de metal sólido. Deve haver uma escotilha ou algo que desça até o nível crio. Há um pilar entre as escadas e o elevador — talvez haja uma porta construída ali. Mas a fumaça amarela é pesada e impenetrável, e, julgando pelas bordas irregulares de metal nas escadas, aposto que há um monte de detritos abaixo que poderiam me matar. Forço meus olhos tanto quanto eles me permitem, mas tudo que consigo ver é uma bagunça de metal estilhaçado, vigas retorcidas e rebites explodidos.

Minha garganta queima, fazendo-me tossir; o pó amarelo deve estar me afetando de uma forma que não posso nem identificar. Eu tremo; é mais frio aqui do que em qualquer outro lugar na nave. Rastejo de volta, subindo pelas escadas. Posso sentir meu coração batendo nos ouvidos, e estou suando frio. Arquejo, buscando ar. Lembro-me da maneira como Victria pensou que estava morrendo, dominada pela ideia de um mundo além da nave. Sinto o mesmo pânico surgindo dentro de mim, dominada pela ideia de ainda estar presa pelas paredes, para sempre atrás de paredes.

Quando volto para o topo das escadas, procuro no meio da multidão que está reunida em torno de Elder no Salão de Registros para lhe contar o que encontrei. Ele está cercado pelas pessoas, e não me incomodo em não ser educada — eu as empurro para fora do caminho, ignorando seus gritos de raiva, depois puxo Elder pelo braço até que estamos longe o suficiente para que ninguém mais possa ouvir-nos.

— Não posso chegar até o nível crio — digo. Descrevo o que vi entre os níveis.

Ele balança a cabeça como se já imaginasse. Seus olhos estão mortos e vazios. Elder desistiu de ter esperança na Ponte, mas não desisti até não conseguir mais ver esperança nele.

Elder

O Hospital não é mais seguro, então o Salão de registros se torna uma Enfermaria improvisada. Doc, que estava perto do elevador quando este explodiu, está com o braço em uma tipoia, e há um corte profundo em seu rosto, sob o olho. Ainda assim, ele se move de pessoa em pessoa, rapidamente distribuindo pílulas, adesivos e curativos. Muito frequentemente, ele dá a um paciente um adesivo verde-claro. Finjo que não vejo.

Na verdade, eu mesmo gostaria de um.

Kit e as enfermeiras trazem os Transportadores que sobreviveram à explosão na Ponte, e outra onda de atividade frenética tem início — curativos aqui, pontos ali e, depois de tudo, um adesivo verde-claro, para terminar.

Não há muitos ferimentos. Não por fora, pelo menos. Mas vejo um brilho de desespero nos olhos das pessoas enquanto elas lentamente se dão conta de que as explosões não apenas mataram mais nove pessoas de nosso povo, elas também mataram qualquer esperança de pousar no planeta.

Depois, naquela tarde, os grupos de manutenção inspecionam o Hospital. Exatamente como Amy me disse, o elevador — o que vai até o nível crio lá embaixo — foi destruído. Os cabos se quebraram, e o elevador caiu no fundo do poço, mas essa foi toda a extensão dos danos.

Assim que as coisas se acalmarem, farei uma chamada geral, solicitando que todos se encontrem no jardim atrás do Hospital. Eldest teria ordenado outra reunião geral no Nível do Guardião, mas sei que a última coisa que as pessoas querem é estar longe da familiaridade do Nível dos Alimentadores, especialmente se isso os levar para perto da Ponte, agora destruída. A estátua do Eldest da época da Peste é tradicional para as cerimônias de mudança de um Elder para Eldest, e isso parece adequado, considerando o que pretendo dizer.

— Ei, espere! — Bartie chama enquanto saio do Salão de registros e vou em direção ao jardim. Não respondo, mas diminuo o ritmo.

— É verdade? — Bartie pergunta quando me alcança. — Os Transportadores que estão no Salão de Registros estão dizendo que a Ponte se foi.

— Sim — dou um grunhido.

— Você vai dizer a eles? — Bartie continua, apressando o passo para conseguir caminhar ao meu lado. — Acho que você deveria dizer a todos sobre a Ponte. Sobre como não podemos pousar agora.

— Merda, Bartie, você acha mesmo? — não me incomodo em sufocar o sarcasmo na voz. — Eu aqui só estava pensando em fazer uma pausa agradável e, em seguida, talvez conseguir algo para comer; pelas estrelas, acho que também vou até o Salão de Registros para assistir a um vídeo ou algo assim.

Bartie levanta as mãos em um pedido de paz, mas seu rosto está irritado.

— Você nunca faz nada sem alguém lhe dizer para fazer — ele diz. — Como é que eu ia saber que desta vez seria diferente?

— Você é tão malditamente hipócrita — cuspo. — Você está tão preocupado com tudo o que estou fazendo errado que não tem ideia do que estou fazendo certo.

Bartie bufa, e, naquele som, posso ouvir todo o desprezo e escárnio que tive de aturar dele — de todos — que estiveram me julgando desde que Eldest morreu. E estou absolutamente cansado disso.

— Você quer ser Eldest? — digo em voz alta. — Ótimo. Seja, então. Aí você vai saber como é quando você tem que ver seus amigos morrerem. Você sabe o que eu fiz enquanto você estava deitado por aí o dia todo? Eu estava na Ponte; eu estava na porta quando ela explodiu. Eu vi Prestyn, Hailee, Brittne e os outros sendo sugados para o espaço. Vi Shelby agarrada em uma cadeira; vi as lágrimas nos olhos dela quando ela estendeu a mão para mim. Mas eu a deixei morrer para salvar a Sala do Motor. E o resto da maldita nave.

Marcho até o parapeito e olho para fora, para o Nível dos Alimentadores, de costas para ele.

— Você deixou Shelby morrer?

— Eu a vi implorar pela vida, e depois fechei a porta assim mesmo.

Não, não, não, não, não.

Bartie pausa por um momento, olhando para mim. Continuo andando. Ele corre para me alcançar.

— Talvez você seja um líder melhor do que pensei que fosse.

— Vai pro inferno.

— Estou tentando me desculpar.

— Pelo quê? Por quê? Porque eu deixei alguns Transportadores morrerem, de repente eu sou um líder melhor? Merda. Essa é a lógica de Eldest. Não a minha.

Dessa vez, eu me asseguro de que ele não consiga me acompanhar.

Estou sob a estátua do Eldest da época da Peste. Seus braços de concreto estão levantados em falsa benevolência, mas eu me pergunto agora, olhando para

o seu rosto gasto pelo tempo, se já houve um tempo em que havia alguma coisa dele em mim. Somos, supostamente, geneticamente a mesma coisa, mas... Teríamos tomado as mesmas decisões? Será que ele faria o que estou a ponto de fazer?

Acho que não.

As pessoas chegam lentamente. A maioria delas — posso ver em seus rostos desesperados, olhares de medo e raiva — já sabe o que estou prestes a dizer.

Algumas — familiares e amigos dos Transportadores de Primeiro Nível — estão entre os que ficam mais próximos de mim.

Quando tantas pessoas quanto possível estão aglomeradas perto da estátua, eu pulo em cima da base dela, de modo que fico um pouco acima deles. Consigo identificar alguns rostos, apesar do jardim estar tão cheio de gente. Bartie está quase no centro exato da multidão. Doc e Kit estão em pé perto do Hospital. Amy está perto da lagoa, um pouco afastada de todos. Ela está vestindo uma jaqueta, o capuz puxado sobre o rosto, mas sei que é ela. Ela olha para cima apenas por tempo suficiente para encontrar meu olhar, e o orgulho em seus olhos me dá a força de que preciso para falar.

— Olá — digo, porque realmente não consigo pensar em outra palavra para começar. — Tenho uma notícia terrível — acrescento, levantando a voz quando vejo as pessoas se esforçando para me ouvir melhor. Eu ligo o com-wi para não ter que gritar; posso, então, falar como se estivesse tendo uma conversa normal.

— Tenho uma notícia terrível — repito, a minha voz transmitindo-se diretamente para os ouvidos de todos. — Mas suspeito que a maioria de vocês já tenha ouvido falar dos eventos devastadores que estou prestes a discutir — respiro fundo, preparando-me. Em vez de tentar olhar para todos, procuro Amy novamente. É mais fácil se eu puder fingir que estou falando apenas com ela. — A Ponte foi explodida hoje. Nós... Eu... Não sei quem fez isso, mas o ataque foi proposital. Isso resultou na morte de nove Transportadores, incluindo a Primeira Transportadora Shelby — agora eu olho para longe de Amy. — Isso também nos impediu de algum dia sermos capazes de pousar *Godspeed* — faço uma pausa. Ninguém fala. Deixo o silêncio se estender até os confins da nave.

— Desde que assumi a liderança, aboli a prática de contaminar o sistema de água com Phydus. Tentei trabalhar com vocês, achar uma maneira para que vocês pudessem seguir com suas vidas a bordo da nave sem a droga. Quando descobri que Terra-Centauri estava ao nosso alcance, tentei completar a missão de *Godspeed* pousar a nave.

Engulo com dificuldade, forçando-me a encarar a multidão.

— Mas nisso, como em todos os aspectos de minha liderança, eu falhei.

Há arquejos de surpresa, olhares zangados, olhares confusos, murmúrios de perguntas. Mas assim que abro a boca novamente, todos ficam em silêncio novamente.

— Serei honesto: pensei que minha liderança seria tão forte quanto Phydus era. Obviamente, eu estava errado. Desde que assumi o papel de Eldest, a nave entrou numa espiral de caos. Pessoas morreram. Não apenas por causa da explosão de hoje, que causou nove mortes, mas assassinatos executados em meu nome, chamando outros a seguirem o líder. E antes disso... Suicídios que não pude evitar, ferimentos, e coisas piores.

— É por isso — respiro fundo — que estou me dispondo agora, na presença de todos vocês, para destituir-me do papel de líder de *Godspeed*.

Minhas palavras vão de encontro a um silêncio atordoado. Eles olham para mim, embasbacados, chocados e sem ter certeza de como responder. Deixo o silêncio crescer. Lentamente, um a um, todos começam a se virar, procurando através da multidão para ver para quem estou olhando.

Bartie.

Mas ele fica sem palavras, me observando.

Depois de um tempo, quando ninguém se move, digo:

— Se ninguém quer liderar *Godspeed*, continuarei a fazer o meu melhor para servir a essa nave. Isso é tudo.

Desligo o com-wi e vou embora.

Amy

A multidão se dissolve lentamente. Ainda não acabou, eu sei. Bartie pode não ter tomado o poder essa noite, mas acho que foi mais devido ao choque do que qualquer outra coisa. Isso — ou ele tinha alguma outra razão para não assumir o controle ainda. Não confio nele. Se não sairmos dessa nave logo, Bartie *vai* assumir o poder — ou destruir a nave tentando.

Quando todos já foram embora, vou em direção à estátua. Eu costumava pensar que Elder não se parecia em nada com a estátua de concreto gasta pelo tempo do Eldest da época da Peste, mas agora não tenho tanta certeza.

Elder emerge das sombras e começa a andar ao meu lado.

— Como você sabia? — pergunto a ele.

— Sabia o quê?

— Que Bartie não iria lhe pedir para deixar o poder agora? Que ele não assumiria a liderança da nave quando você ofereceu.

Elder olha em meus olhos.

— Eu não sabia.

Tento não demonstrar minha surpresa com suas palavras. Embora o Hospital tenha sido liberado para ocupação, levo Elder para o outro lado, em direção ao Salão de Registros.

— Estive pensando — digo enquanto andamos pelo caminho.

— Sobre o quê? — a voz de Elder soa cansada e fraca.

— Como você é diferente de Órion.

Elder bufa, soltando uma lufada de ar.

— Não, de verdade — insisto. — Órion tinha planos de segurança para seu próprio plano de segurança. Você não. Você apenas faz o que acha que é certo no momento e espera para ver o que acontece.

— Talvez eu devesse ter um plano — diz Elder. — As coisas poderiam funcionar melhor se eu tivesse.

— Você não pode planejar tudo. Órion não podia saber que um maluco iria explodir a Ponte — dou uma olhada para Elder e vejo sua carranca. — E nem você — acrescento, mas acho que ele não acredita muito em mim.

Não falamos enquanto subimos as escadas para o Salão de registros. Está

quieto aqui. Os artefatos lá dentro são apenas um lembrete de tudo o que não podemos ter, e ninguém quer ser lembrado disso.

— Sinto muito — diz Elder. A luz se espalha dentro do Salão de Registros escuro, vinda das portas abertas, e, em seguida, desaparece quando Elder silenciosamente as fecha.

— Pelo quê?

— Você perdeu a chance de deixar a nave, de despertar os seus pais — tudo isso.

Eu posso acordá-los. Não falo isso em voz alta, mas sei que é verdade. Se realmente não há chance de pousar a nave, *vou* acordar meus pais, não importa o que aconteça.

— Ainda tenho você, não tenho? — digo, pegando a mão dele. Elder solta minha mão. Ele não quer ser confortado.

— É tudo minha culpa. Não pensei que nada disso iria acontecer...

— Não é culpa sua — digo imediatamente. — Ninguém poderia ter sabido... Minha voz se dissipa. Mas alguém sabia. Alguém adivinhou. Órion. Ele realmente tinha um plano para tudo. Um plano de *contingência*...

Aponto para um dos disquetes de parede gigantes.

— Você pode me mostrar as plantas da nave?

— Por quê? — Elder apenas fica lá, implorando-me com os olhos para parar, para não fazê-lo pensar que existe alguma esperança.

Mas existe.

Empurro Elder para o disquete de parede e não saio do seu lado até que ele começa a tocar na tela para abrir as plantas. Quando ele abre o arquivo, corro para o outro lado do corredor e agarro uma cadeira que descansa contra a parede. Eu a coloco com força sob os modelos de argila dos planetas e da pequena réplica de *Godspeed*.

— No último vídeo, o que eu encontrei quando descobri a falta dos explosivos — digo, subindo na cadeira —, Órion me disse que a última coisa que eu precisava encontrar estava dentro de *Godspeed*.

— *Godspeed* é enorme — diz Elder. O disquete de parede atrás dele mostra o diagrama gigante da nave. Vendo-o ali, projetado na parede, posso apreciar quão enorme é essa nave.

— Eu sei — digo — mas não é estranho? Essa escolha de palavras. Ele não disse “em *Godspeed*. Ele disse “dentro”.

— E então? — Elder pergunta. Sua voz ainda está sem expressão, e sei que, enquanto ele está fisicamente no Salão de Registros comigo, na verdade, ainda está no jardim, desistindo, ainda na ponte, vendo seu povo morrer. Ele não

se preocupa mais com as pistas de Órion.

Eu me estico, alcançando o modelo minúsculo de *Godspeed* pendurado, suspenso entre os dois modelos em argila das Terras.

— Dentro de *Godspeed*— digo. — *Dentro* dela — a cadeira balança quando fico na ponta dos pés em cima dela, meus dedos roçando o fundo do pequeno modelo da nave.

Já havia percebido antes que ele estava pendurado em um gancho, como se pudesse ser retirado e inspecionado. Eu empurro a parte inferior, e o gancho desliza para fora. A nave cai. Estico o braço, agarrando-a com uma mão. A cadeira balança, e salto antes que ela caia no chão com um estrondo. Elder me pega pela cintura, e engasgo de surpresa. Ele me coloca suavemente no chão.

O modelo é tão grande quanto a minha cabeça e está coberto de pó. Eu sopro sobre ele, e grandes pedaços de poeira voam para longe e depois caem no chão, pesados demais para flutuar. Há mais pó no topo da nave, nas ranhuras da pequena janela de vidro favo de mel na Ponte. Viro a réplica, de modo que nave fique de lado. Quase se parece com um pássaro de asas partidas — com o bico como nariz e propulsores para as penas da cauda.

Eu o entrego a Elder.

Ele sente seu peso em sua mão, como se fosse uma coisa estranha, não uma réplica da única casa que ele já conheceu. Seu rosto está carregado — uma carranca tão profunda que as sombras parecem marcas pretas em seu rosto. As veias na sua mão saltam, e seus dedos ficam tensos. Muito deliberadamente, ele pressiona o polegar contra a janela da Ponte até que as pequenas janelas em vidro favo de mel quebram. Vejo uma gota de sangue em seu polegar, mas ele não mostra nenhum sinal de dor.

— Agora está correto — ele diz, entregando o modelo de volta para mim.

Olho em seus olhos, mas eles estão ociosos por dentro.

— Há mais vidro aqui — digo, apontando para o fundo da nave.

Elder encolhe os ombros, uma espécie de encolher de um ombro só descuidado.

— Eu vi quando estava lá fora. Um observatório ou algo assim.

— Tem que ser do outro lado da última porta trancada — digo. — Por que trancar um observatório?

Vou até o disquete na parede. Elder permanece onde está, perto da cadeira, mas seus olhos me seguem. Coloco o modelo agora quebrado no chão e amplio as plantas no disquete. Uso as duas mãos para manipular a imagem na tela, deslizando até o nível crio até chegar na seção que mostra as portas trancadas. Nem todas as portas estão marcadas — o arsenal não está —, mas atrás da última porta trancada naquele nível há uma palavra.

Contingência.

— Ele fica me chamando — digo — seu plano de contingência — digo baixinho — me viro e olho Elder nos olhos, e noto um brilho neles novamente.

— Esse pedaço de vidro aqui — digo, pegando o modelo de *Godspeede* apontando para ele. Corro os dedos da ponte quebrada até o nível mais baixo da nave.

É a mesma forma básica, um bico saliente partindo da frente da nave. A única diferença é que o bico do nível crio é menor.

Na réplica da nave, uma linha de metal minúscula corre ao longo da parte inferior, em volta de tudo, fazendo um círculo.

— Esse não é o plano de contingência de Órion — digo lentamente, virando o modelo em minha mão — é de *Godspeed*. Não posso acreditar que não pensamos nisso antes! Que nave não tem um plano de segurança? Que nave não tem um *módulo de fugá*? É tão óbvio; a resposta estava bem na nossa frente, o tempo todo!

Cuidadosamente, puxo a linha de metal na réplica de *Godspeed*. A parte inferior se destaca do resto da nave.

Os olhos de Elder arregalam.

— O nível crio... Todo o maldito nível crio pode se separar da nave? O nível inteiro é um módulo de fuga?

Jogo a parte inferior da réplica — o módulo de fuga de transporte — para Elder. Ele voa pelo ar num arco gracioso, livre do resto da nave. Livre para encontrar uma casa no novo planeta.

Elder

Pego a réplica do módulo de fuga com uma das mãos.

— Isso é impossível — digo, olhando para ele.

— Por quê? — Amy ri. — Pense no desenho. Os suprimentos mais importantes estão lá. As escadas pelas quais descí ontem, elas não vão até o nível crio. Elas param no topo dele e há uma escotilha que você precisa descer para entrar no nível em si. De fato — acrescento, tentando me lembrar de como era a área através da fumaça amarela — pude ver o que restava do fosso do elevador atrás de um pilar, e havia uma escotilha lacrada ali também. Por que alguém iria precisar de uma porta lacrada ali? Os construtores de *Godspeed* não desperdiçavam espaço.

Quando ela vê a dúvida em meus olhos, Amy rosna em frustração.

— Elder, pense! Você sabe que estou certa, que parte da nave pode ser separada. E você sabe o que isso significa! Ainda podemos chegar ao novo planeta, mesmo com a Ponte destruída. Podemos deixar para trás *Godspeed*, e pousar o nível crio!

As possibilidades redemoinham em voltas de mim. Amy sorri, sabendo que me convenceu.

— Aquele nível é grande, maior do que ele precisa ser para ser apenas armazenamento — ela diz. — O teto é alto, tem uma capacidade maior de oxigênio. E o piso é suficientemente grande para conter todos...

Meus ombros cedem.

— Mas como diabos conseguiremos entrar lá se o elevador e as escadas foram ambos explodidos?

O sorriso de Amy é tão grande todos os seus dentes aparecem.

— Vamos dar um mergulho — ela diz.

Eu mal consigo acompanhá-la enquanto ela corre pelo caminho de volta para o Hospital. Não — não para o Hospital. A lagoa no jardim atrás do Hospital.

— Foram os peixes que me deram a ideia. Eu não conseguia aceitar como era estranho o fato de não haver nenhum peixe na lagoa — diz Amy. Ela está praticamente correndo agora, e tenho que correr para acompanhá-la.

— Os peixes?

— As carpas. Harley pintava carpas. Isso é o que ele estava pintando quando eu o conheci, e foi uma das últimas coisas que ele pintou, também. Seu quarto é cheio de peixes.

— Então? — pergunto.

Amy para tão repentinamente que me choco com ela.

— Ele conhecia os peixes. Ele os tinha visto. E ele não podia simplesmente procurar as imagens. E você me disse, *você me disse*, que não é que não há peixes, mas que não há “mais” nenhum.

— Exatamente — digo. — Havia peixes.

— Então, onde estão eles? Peixes não desaparecem, simplesmente.

Eu paro, penso. Tudo estava uma loucura naquela época, quando Kayleigh morreu. Não me lembro de nada com exceção do corpo dela na água quando nós a encontramos. Mas, depois disso... Harley não voltou à lagoa durante muito tempo, e, quando voltamos, os peixes haviam apenas... Desaparecido.

— Há algo no fundo da lagoa — diz Amy. — Pense nas plantas da nave. Você sabe o que está logo acima da área de contingência?

— A lagoa? — a esperança ressurgue dentro de mim. Estrelas! Ainda há uma chance! Ainda podemos chegar a Terra-Centauri... Embora isso possa significar deixar *Godspeed* para trás.

— A lagoa.

É tudo tão simples, e, agora que Amy me fala sobre isso, posso ver a verdade. Se Kayleigh tivesse drenado a lagoa, os peixes certamente teriam morrido. Mas antes que ela pudesse fazer qualquer coisa, Eldest a encontrou. Grudou adesivos nela até deixá-la imóvel e, em seguida, encheu a lagoa de novo. Para todos os outros, iria parecer que Kayleigh tinha nadado na lagoa e se afogado de propósito, mas, na realidade...

Amy sai correndo de novo em direção à lagoa. Órion disse que a morte de Kayleigh tinha sido um assassinato, não um suicídio. Quando Harley e eu encontramos o corpo dela, estava cheio de adesivos. Lembro-me da maneira como Evie ficou muito calma quando Doc pressionou um adesivo de Phydus em sua pele. Kayleigh não tinha o novo adesivo de Phydus, mas há outros, adesivos que fazem você dormir, por exemplo. E com adesivos suficientes, Kayleigh teria simplesmente ficado na lagoa e se deixado afogar enquanto Eldest observava seu segredo afundar abaixo da superfície, juntamente com ela.

Amy chuta seus mocassins para longe na beira da lagoa e tira o casaco, jogando-o no chão. Ela desenrola a longa tira de pano que mantém seu cabelo preso.

— Vire de costas — ela diz, e só então percebo que estou olhando.

— Não é que eu... Hum... Sabe? Ah... — gaguejo, sentindo meu rosto ficar quente de vergonha.

— Vire de costas — Amy diz novamente, mas ela está sorrindo para mim.

Eu me viro, olhando para o chão e me esforçando muito para não ouvir o farfalhar do tecido enquanto Amy se despe.

Um momento depois, ouço um som de água esguichando e me viro de volta. As calças de Amy e a túnica jazem em uma pilha amassada; ela deve estar vestindo apenas as roupas íntimas dentro da água. Meu rosto fica ainda mais quente com o pensamento, e pergunto-me quão estranho seria se eu enfiasse a cabeça sob a água para limpar minha mente.

— O que você está procurando? — grito para ela de fora da água.

— Uma maneira de chegar lá embaixo! — ela diz. A água é clara, embora um tom marrom nebuloso suba do fundo lodoso da lagoa perto de seus pés.

Ela mergulha sob a superfície e desaparece por quase um minuto inteiro.

Então, volta à superfície, respira profundamente e mergulha de novo.

Bolhas enormes sobem até a superfície.

Meus olhos examinam a água. Vejo manchas vermelhas, pinceladas de pele pálida. Conto os segundos.

Então, Amy irrompe na superfície, respirando e dando um longo grito de triunfo.

— O que está acontecendo? — uma voz chama do jardim.

— Merda, merda, merda — murmura Amy atrás de mim enquanto coloca suas calças novamente. Arrisco um olhar por cima do ombro quando ela coloca a túnica de volta no lugar. Ela vem para frente exatamente quando Bartie e Victria aparecem no caminho das hortênsias e chegam perto da lagoa.

Suas roupas molhadas enchem as roupas secas de água, fazendo suas curvas aparecerem de tal forma que não consigo tirar meus olhos dela.

— Olá! — Amy diz a eles.

— O que você está fazendo? — Victria pergunta suavemente.

Eu olho em seu rosto. Victria sempre foi a mais quieta de nosso grupo, mas nunca percebi como ela se tornara silenciosa desde a Temporada. Não até que Amy me contou sobre o que havia acontecido com ela.

Sinto que meus punhos se cerram quando penso sobre o que houve com ela e como não impedi que acontecesse. Minhas unhas pressionam dolorosamente as palmas das mãos. Odeio o que aconteceu com Victria — o que quase aconteceu com Amy. Eu...

— Só fui mergulhar um pouco — Amy diz, rindo.

— Percebe-se — diz Victria. Fico feliz pelo fato de que Amy tenha dado apoio a ela, pelo menos. E, talvez, Bartie. Ele pode ser um imbecil e um traidor

até os ossos, mas pelo menos tem sido um amigo para Victria. Mais do que eu fui.

— O que é isso? — Bartie pergunta, apontando para o chão.

— Ops — Amy se curva, pega dois adesivos verde-claro e coloca-os de volta no bolso. Eles devem ter caído quando ela se vestiu.

— Por que você tem adesivos de Phydus? — pergunto, franzindo a testa. Meu primeiro instinto é sentir raiva, foi ela quem fez uma oposição tão sólida contra Phydus, mas imediatamente isso se dissolve em preocupação. Penso em Evie, arranhando as paredes da nave. As paredes fazem Amy se sentir esmagada da mesma maneira? Phydus a está ajudando a aguentar as noites, quando eu não a vejo?

Os olhos de Amy vão até Victria, e uma compreensão silenciosa passa entre elas.

— Eu peguei alguns. Pensei... Se eu precisasse deles... — ela olha para mim, vendo minha testa franzida. — Não para usar em mim! — ela protesta.

Minha testa fica ainda mais franzida. Isso significa que ela pretendia usá-los como arma, no caso de alguém a atacar. Alguém como Luthor.

— O que está feito, está feito — Amy diz, e algo em seu tom de voz me diz que ela sabe mais do que está dizendo. — Então — ela continua em seu tom de voz mais agradável, tentando me distrair. — Há alguma maneira de drenar a lagoa?

Levanto uma sobrancelha, e posso ver que Amy entende minha pergunta não falada: devemos falar sobre isso na frente de Victria e Bartie? Ela levanta os ombros levemente e sei que ela quer dizer que não há razão para não mostrar a eles. Se isso funcionar, todos na nave ficarão sabendo, de qualquer forma.

— O que está acontecendo? — Bartie diz, sua voz meio exigindo, meio rindo.

— Há uma forma de sair da nave! — Amy grita alegremente.

— Na lagoa? — Victria pergunta.

— Não nela. *Embaixo* dela.

Victria lança um olhar incrédulo a Amy, como se estivesse se perguntando se Amy é tão louca quanto parece.

— O caminho para fora da nave está debaixo d'água?

— Não pode estar debaixo d'água — Amy ri. — É por isso que temos que drenar a lagoa.

Victria olha para mim.

— Sou a única pessoa que pensa que toda essa conversa é maluca?

— Se você quiser drenar a lagoa — Bartie diz, — há uma bomba lá — ele aponta para o outro lado da lagoa, para uma pequena caixa preta habilmente

escondida por um arbusto de hortênsia.

— É para emergências — digo, mudando de posição, e fico em frente ao Bartie.

— No caso do Hospital ou o Salão de Registros pegar fogo, podemos usar a água da lagoa para apagá-lo.

— Você pode fazê-lo funcionar? — Amy pergunta com os olhos brilhantes.

Não tenho ideia — nunca tentei antes.

— Claro que posso — digo.

Vou em direção ao outro lado da lagoa — e Bartie, infelizmente, me segue.

— Você não sabe como operar a bomba, não é? — ele pergunta, sorrindo.

Eu olho para ele.

— Você não vai fazer isso — digo.

— Fazer o quê?

— Fingir que ainda é meu amigo.

Bartie concorda.

— Muito bem.

— E... não.

— Não?

— Não, eu não sei como usar a bomba.

Bartie sorri para mim, seu velho sorriso, como ele costumava fazer quando fazíamos corridas de cadeira de balanço. Ajoelho ao lado da bomba. Não parece tão difícil, mas, quando estendo a mão para a bomba, Bartie diz:

— Não faça isso.

— Por que não?

Bartie encolhe os ombros.

— Você só vai pulverizar a água por toda parte. A menos que queira desperdiçá-la, você terá que desviá-la.

Eu procuro por um interruptor.

— Não — ele diz.

— Droga, tudo bem! — digo, jogando as mãos para cima. — Faça você.

Bartie se curva para baixo e vira dois interruptores, gira um botão e dá partida na bomba de água. Posso ouvir o gorgolejar, produzindo sons, mas leva algum tempo até que o nível da água parece diminuir. Depois que ele diminui, porém, a água escoar mais e mais rápido. As flores de lótus flutuam suavemente enquanto o nível da água diminui, suas pálidas pétalas cor-de-rosa manchando-se de marrom por causa da lama. Suas hastes longas quase parecem fios de cabelo presos no lodo. Engulo em seco, lembrando-me da maneira com a qual o cabelo de Kayleigh flutuava na lagoa.

— Está quase pronto! — Victria diz, animada. Essa é a primeira vez que eu a vejo sorrir de verdade... Em meses. — Já deveríamos ver algo na água?

Amy pula no buraco lamacento antes que toda a água tenha escoado fora. Seus pés se enterram no lodo, manchando as bainhas de suas calças. Ela anda para a frente, para o centro do tanque.

— É aqui! — ela diz, puxando as raízes de uma planta de lótus para fora da maçaneta redonda do topo da escotilha. — É aqui! — ela grita, animada.

— Uau — murmura Victria.

— É esse o algo mais que você vai usar para nos coagir? Outra “grande” cena, como mostrar a todos o planeta? — Bartie pergunta, e tudo o que havia de amigável nele antes se foi agora.

— Não tenho nada a esconder — digo em voz alta. — Vamos todos descer.

Amy torce a maçaneta da escotilha. Derrapo na lagoa, lutando contra a sucção da lama para chegar ao seu lado. Os outros me seguem.

Estou preocupado com eles — será que deveríamos deixá-los nos seguir para o desconhecido? Mas quando Amy vê meu rosto, ela balança a cabeça uma vez, como se estivesse me dizendo que eles deveriam vir também. Levantamos a tampa antes da água ter escoado, e um pouco dela cai no buraco. A escada se estende na escuridão.

— Vamos lá — diz Amy, puxando uma perna do fundo lodoso da lagoa escura e pisando na escada. Antes que eu possa falar qualquer coisa, ela já está descendo.

Abaixo a tampa da escotilha sobre a minha cabeça. Não gosto da sensação de estar preso no estreito espaço — é tão apertado que consigo esticar os braços e tocar os lados, mas a ideia de deixar a escotilha aberta é pior. Se alguém pensar em nos seguir até lá embaixo, pelo menos teremos algum aviso quando a tampa for levantada novamente...

Descemos rapidamente, ansiosos para estar fora do espaço confinado. Quando alcançamos a área entre os níveis, fica ainda mais frio.

Minha respiração sai pesada, e o ar quente salta em torno do espaço fechado. Um suor frio escorre pelas minhas costas, me fazendo tremer.

— Onde estamos? — Victria pergunta com admiração.

— Em uma escada — diz Bartie.

— Eu sei *disso*, tonto. Quero dizer, em termos da nave.

— Nós vamos descobrir — Amy diz assim que seus pés tocam algo sólido. — Chegamos.

Todos saltam para baixo, ao lado dela. Há outra escotilha — nós a abrimos, e uma pequena escada desce automaticamente, parando no chão embaixo. Amy desce primeiro, e eu a sigo.

Isso é uma Ponte.

É uma miniatura daquela localizada no Nível dos Transportadores, acima. A janela é menor, mas ainda assim está virada para o planeta. Victria vira as costas para ele, mas os demais ficam em pé, atordoados e sem palavras ao ver a enorme bola azul e verde. Parece tão dolorosamente perto. Os ângulos de controle do painel sob a janela, fileiras de mesas por trás dele. Penso sobre o que Shelby me disse — se tudo correr bem, e se esses controles funcionarem como os da Ponte principal, basta apenas apertar o botão do piloto automático na frente do painel de controle, e a nave vai pousar sozinha.

Apoiado em cima do botão de piloto automático está um disquete, já carregado com um cartão de memória.

— O último vídeo passado — diz Amy.

— O que é isso? — Bartie pergunta, pegando o disquete.

Eu o tiro de suas mãos. Meus olhos interrogam Amy — devemos mostrar a eles?

— Todos a bordo — ela sussurra, e mesmo não entendendo exatamente o que a frase quer dizer, o significado é claro.

Todos se amontoam ao meu redor quando passo meus dedos pela tela. Olho uma vez pela janela de vidro favo de mel que mostra o planeta, e o vídeo começa.

<<INICIAR TRANSMISSÃO DE VÍDEO>>

— O que é isso? — Bartie pergunta, chegando mais perto.

Victria suspira. Amy coloca os braços ao redor dela e a aperta quando o rosto de Órion aparece na tela.

Ele está sentado em uma cadeira na parte da frente da ponte. Olho para cima, olhando para a cadeira real, a que está no meio. É onde Órion se sentou quando filmou isso, o planeta aparecendo sobre seu ombro esquerdo, tão brilhante que mostrava Órion envolto por uma silhueta de luz.

ÓRION: Oh, Amy. Eu gostaria de não precisar lhe mostrar isso. Eu realmente gostaria. Porque... Agora que você viu o planeta, como posso pedir que você se afaste dele?

Órion olha para trás, para o planeta, e suspira. Victria suspira também.

ÓRION: Porque é isso que tenho que lhe pedir para fazer. Se for possível — preciso que você vá embora, tranque essa porta e nunca volte.

A boca de Amy está aberta, mas nenhum som sai.

ÓRION: Você achou que o grande segredo era que chegamos? Que o

planeta está exatamente do outro lado dessa janela?

Órion balança a cabeça. Vejo que Victria, seus olhos colados ao rosto de Órion, sacode um pouco a cabeça também, em um movimento quase imperceptível.

ÓRION: Esse não é o segredo.

Órion estende a mão atrás de si mesmo e puxa um maço de papéis.

— Esses são os papéis que estão na mão dele — diz Bartie, pegando um maço de folhas de onde estavam colocados, sobre o painel de controle. As bordas estão dobradas, e as páginas estão empoeiradas, mas são as mesmas folhas que Órion segura na tela.

Órion pigarreja e, em seguida, lê, segurando os papéis de modo que a câmera possa mostrar o relatório.

Nós todos nos inclinamos sobre o maço de papéis que Bartie está segurando, lendo conjuntamente com a voz grave de Órion.

Data, 328460

Status da nave, Chegada

Registro da nave, Godspeed chegou a Terra-Centauri 248 dias antes da data esperada de desembarque no planeta. Verificações preliminares indicam que o planeta é capaz de suportar vida, com gravidade adequada, qualidade do ar com níveis adequados de oxigênio e água em estado líquido. No entanto, verificações adicionais revelaram que o planeta já é habitado. Não por quaisquer criaturas que podemos chamar de sencientes, mas as formas de vida parecem ser... Agressivas.

Data, 328464

Status da nave, Orbital

Registro da Nave, Continuamos a executar varreduras no planeta. As formas de vida sobre a superfície foram confirmadas. Sondas visuais indicam que o planeta é habitável, mas inóspito. Nossos armamentos atuais não parecem ser defesa suficiente contra as criaturas na superfície.

Data, 328467

Status da nave, Orbital

Registro da nave, A tripulação está inquieta. É a opinião de nossos melhores estatísticos e cientistas que não devemos cumprir a missão de pousar

no planeta nesse momento. A superfície é muito perigosa. A comunicação com a Terra foi cortada. Não podemos esperar ajuda de outras fontes, e não podemos nos defender fora da nave. Faremos uma votação com a tripulação, explicando a situação. É minha recomendação que a tripulação permaneça a bordo da nave, onde é seguro. Nossas necessidades são supridas, e os motores externos da nave podem ser redirecionados para manutenção interna.

Data, 328518

Status da nave: Orbital

Registro da nave: Motim. A tripulação da nave não conseguia ver a lógica de permanecer a bordo, apesar dos meus protestos. Houve significativa perda de vidas. Meus cientistas, no entanto, desenvolveram um método para influenciá-los a obedecer.

Amy e eu olhamos um para o outro.

— Essa é a Peste, não é? — ela pergunta. — Essa é a origem de Phydus. Esse... Esse “capitão”... Ele é o primeiro Eldest.

Concordo com a cabeça.

— Shh — Bartie nos silencia.

Data, 328603

Status da nave: Orbital

Registro da nave: Um modo de vida foi retomado com aumento da estabilidade. A tripulação está, mais uma vez, submissa. Vamos trabalhar na reconstrução de nossa população. Caso a comunicação possa ser retomada com a Terra ou ajuda possa ser recebida de outra forma, ainda podemos iniciar o processo de aterrissagem no planeta. Até que isso aconteça, com manutenção e produção cuidadosa, as funções internas da nave devem subsistir por incontáveis gerações.

Órion coloca os papéis para baixo sobre o painel de controle na parte da frente da Ponte, no exato local onde Bartie os encontrou.

ÓRION: Então, é por isso que não podemos pousar. Não sou um imbecil maldito; sei o que está acontecendo aqui. O Eldest da época da Peste estava certo em manter-nos a bordo da nave. Eu vi o arsenal — vocês também. Há armas lá...

Órion balança a cabeça em descrença. Meus olhos estão em Victria.

ÓRION: Amy, certamente você sabe que essas armas não são normais. Se o Eldest da época da Peste diz que há monstros em Terra-Centauri que essas armas não conseguem matar...

Ele balança a cabeça novamente.

ÓRION: E além do mais, pense nisso. Pense naquelas armas.

Ele se inclina para frente, mais próximo da câmera. Nós quatro nos inclinamos para perto da tela, também.

ÓRION: Você acha que os congelados nas câmaras crio vão usá-las? Droga, não. É por isso que estamos aqui.

Órion se levanta, caminha até a janela, olha para fora por um minuto, volta.

ÓRION: Está vendo isso?

Órion pega a câmera e a inclina para mostrar dez círculos vazios no chão. Juntos, todos nós olhamos para cima, até a parede mais distante e para os dez buracos ocos no chão.

ÓRION, É onde as sondas estavam. Depois de todas aquelas que o Eldest da época da Peste enviou, cada Eldest que veio depois enviou outra sonda. Todas elas voltam com avisos que não podemos viver em Terra-Centauri sem que haja luta. Uma luta que provavelmente vamos perder. Uma luta que os congelados nos obrigarão a lutar.

— Foi quando ele decidiu matá-los — diz Amy. — Todos os congelados, depois que eu acordei; é por isso que ele os desligou. Você estava chegando perto da verdade, mesmo que não tivesse percebido, e ele ficou com medo do que eles fariam.

Olho nos olhos dela.

— Isso é o que ele nos disse. Isso é o que ele disse a todos nós o tempo todo. Ele não estava mentindo.

Amy faz uma carranca.

— Ele estava mentindo sobre algumas coisas. Não me importo com o que ele diz, meu pai não...

— Shh! — Bartie nos dá um olhar furioso.

ÓRION, As sondas acabaram há algumas gerações. Não sei quanto tempo os motores vão durar agora, por quanto tempo podemos ficar aqui, em *Godspeed*. Esse é o plano de contingência.

Ele levanta as duas mãos, indicando a Ponte do nível crio.

ÓRION, Se os motores pararem, se o suporte de vida falhar, se *Godspeed* não puder mais nos proteger, então — e somente então — podemos deixar a nave.

Os olhos de Órion olham diretamente para fora da tela.

ÓRION: Amy, eu vi desde o início: a coisa com a qual você mais se importa é com a verdade. Quando eu a conheci, você estava chorando na parede, lembra-se, e eu lhe disse que tudo ia ficar bem e percebi — você não ia simplesmente aceitar o que eu havia dito. Você estava disposta a encarar a verdade, mesmo se isso a machucasse.

Olho para cima, para Amy; ela está ainda mais pálida do que o normal.

ÓRION: Bem, essa é a verdade. O que você irá fazer com ela é sua responsabilidade. Não sei que escolha deve ser feita — Eldest achava que eu sabia demais; ele estava com medo do que eu faria — e eu estava com medo também. Ainda estou. Então, só resta você. Agora que você sabe a verdade, Amy, você precisa decidir.

Órion respira profundamente.

ÓRION: A nave é tão ruim que você precisa enfrentar os monstros lá embaixo? Vale a pena arriscar sua vida, a vida de todos? Se a resposta for sim, então comece o procedimento de pouso no planeta. Utilize esse módulo se você precisar. Mas. Mas se *Godspeed* ainda puder ser seu lar, se for possível permanecer a bordo — faça-o.

Amy deixa escapar um suspiro longo e trêmulo. Quase como se pudesse ouvi-la, Órion olha para baixo. Ela morde o lábio, seu corpo todo concentrado nas próximas palavras dele.

ÓRION: Esse é o último recurso.

A tela fica preta.

<<FINAL DA TRANSMISSÃO DE VÍDEO>>

Deixo o disquete cair de meus dedos e o observo enquanto ele flutua até o chão.

— Isso significa — diz Victria lentamente — que vamos ficar na nave? Para sempre? Seus olhos se viram para as janelas atrás de nós, com o planeta do outro lado.

— Não — digo, balançando a cabeça. — Não.

— A única parte da nave que está danificada é a Ponte. Poderíamos ficar... Aqui... — a voz Elder se esvai sob o meu olhar irritado.

— Monstros? Você está preocupado com monstros ou seja lá o que for que há no planeta? — reviro os olhos. — Olha, eu vi o arsenal. Não estou nem um pouco preocupada. Aquele capitão? Ele estava com medo. Ou não queria abrir mão de seu poder. Olhe para ele; ele simplesmente concluiu que seria ruim e depois escondeu todas as evidências sobre o planeta e estabeleceu-se como rei da nave. Que tipo de megalomaníaco nepotista faz isso? Ele não se importava com o pouso, com a fuga, desde que mantivesse o poder. E ele convenceu cada pessoa nessa nave da mesma coisa, incluindo você!

Estou tão nervosa agora que estou arquejando quando termino, mas não vou recuar.

— Vou sair dessa maldita nave. Não me importo se o bicho-papão saltar sobre mim assim que as portas se abrirem e me engolir de uma vez só, desde que eu possa sair apenas *uma vez*.

— Não! — Elder grita. — Sinto muito, mas *não*. Isso é ridículo. Não me importo com quão impaciente você está; isso é algo que vale a pena considerar. Vale a pena saber se vamos morrer no minuto em que pusermos os pés para fora do módulo!

Um silêncio estridente enche a Ponte quando ele acaba de gritar. Meu rosto está quente; quase posso ouvir os outros repetindo as palavras de Elder em suas mentes. Bartie olha para Elder com uma espécie de admiração intensa, furiosa. Eu *estou* sendo uma pirralha mimada, tendo um ataque de birra.

Mas eles não podem me mostrar um planeta e então tirá-lo de mim.

— Vocês podem realmente continuar vivendo em *Godspeed* depois de ter

visto isso? — pergunto em um quase sussurro, levando meu braço em direção à janela.

Elder não olha para o planeta. Seu olhar não deixa o meu.

— Não — ele diz. — Não, eu não poderia.

Bartie pigarreia. Não sei se ele está com medo ou com raiva — ele lança um olhar irritado para Elder, e mexe desconfortavelmente os pés.

— Eu digo que devemos votar. Se as pessoas não quiserem ir...

— Elas ficam? — pergunto, incrédula. — Sério?

— Temos uma chance melhor de sobrevivência no planeta agora, de qualquer maneira, com monstros ou não — diz Elder. Bartie se vira para ele. — Os estoques de alimento se foram.

— Podemos plantar mais — começa Bartie, mas é interrompido por um alto *boom!*

— O que foi isso? — Victria diz.

Não era o mesmo tipo de som explosivo das bombas, soava mais como algo pesado caindo no chão à distância.

Mas estamos sozinhos nesse nível.

Deveríamos estar sozinhos nesse nível.

Rastejamos até a porta que conduz para fora da Ponte — a última porta trancada no nível crio. Ela abre desse lado, mas Elder é esperto o suficiente para encostar uma cadeira contra a porta, de forma que ela não possa ser trancada de novo.

O corredor está vazio, as outras portas todas fechadas e trancadas. Meu estômago se contrai — e se alguém estiver aqui mexendo nas câmaras crio? E os meus pais? Eu me forço para pensar apesar do pânico crescente.

Meu batimento cardíaco está vibrando em meus ouvidos, advertindo-me para sair correndo pelo corredor. Mas não — respiro profundamente. As câmaras fariam um barulho de vidro quebrando de encontro a metal — não aquele *boom* estrondoso de metal em metal.

A área crio está vazia — exceto pela parede oposta. Poeira preta e detritos da explosão sujam o chão perto do elevador. As portas foram arrancadas; elas jazem como soldados caídos no chão. Mas o poço do elevador está bloqueado por outro conjunto de pesadas portas lacradas.

— A porta do laboratório de genética está aberta — sussurra Elder.

Concordo com a cabeça. Nós quatro nos arrastamos para a frente lentamente.

Elder passa à minha frente quando chego até a porta. Quero puxá-lo de volta — não preciso que ele faça o papel de herói —, mas ele para na porta. Eu me choco contra suas costas.

— Doc? — ele pergunta. Sua voz se mostra surpresa, mas vejo a maneira como seu pescoço fica tenso e seus punhos se cerram.

Doc se vira lentamente enquanto Victria, Bartie e eu entramos na sala atrás de Elder.

Atrás de Doc está a fonte do som de metal batendo contra metal que ouvimos anteriormente — Doc abriu o tubo crio onde Órion foi congelado, e a estrutura de metal foi arremessada ao chão.

— O que você está fazendo? — Elder pergunta. Tento rodear Elder para ter uma visão mais clara, mas ele estende o braço para fora, mantendo-me atrás dele.

— Eu sabia que você estava aqui — diz Doc, jogando um disquete para Elder. Ele o verifica e o estende de volta para mim; Victria e Bartie olham sobre meu ombro.

A tela mostra o mapa de localização do com-wi. Pontos piscando indicam cada um de nós no nível — Doc, Bartie, Victria, Elder... e Órion.

Minha boca fica seca e sem gosto. Órion. Esse é o meu com-wi. Doc o deu para mim apenas para que pudesse controlar onde eu estava indo.

— O que você está fazendo, Doc? — Elder pergunta novamente. Seu tom é calmo, calmo demais.

Doc se volta para a câmara de congelamento. A janela de vidro no tubo crio está embaçada pela condensação, mas ainda posso ver as veias vermelhas aparecendo nos olhos de Órion. Imagino minha imagem espelhada em suas pupilas. Sua mão está pressionada contra a janela na frente de seu rosto. Esse tubo crio foi desenvolvido depois das caixas de vidro nos quais eu e meus pais fomos congelados. É de metal, isolado como uma garrafa térmica, e funciona de forma muito mais simples. É como um banho de chuveiro em vez de um de banheira — em vez de deitar em um caixão de vidro, tudo que você precisa fazer é entrar, deixar o líquido crio ser despejado sobre você, e então iniciar o processo de congelamento, basta apertar um grande botão vermelho na frente. Fico olhando para ele agora, lembrando-me de quando Elder apertou o botão.

— Doc — diz Elder, sua voz um aviso.

Finalmente, Doc se volta para Elder.

— Essa nave precisa de um líder. E o único que nos resta é Órion.

— *Temos* um líder — digo, ficando na frente de Elder.

Doc sorri para mim de forma um tanto triste, irônica.

— Ele poderia ter sido um líder. Se tivesse tido alguns anos a mais e muito menos de você.

Eu gaguejo de raiva, mas Doc apenas balança a cabeça.

— Nós temos que ter o controle. Precisamos de um *verdadeiro* líder.

Eu rio, um som áspero que sequer reconheço como vindo da minha própria garganta.

— *Temos* um líder, eu lhe disse. E Elder *nuncavai* deixar você fazer as coisas voltarem à forma como eram.

Doc ri agora, uma risada suave, baixa.

— Oh, Amy — ele diz — você é tão lenta. E está tão errada.

Eu me viro para pedir a Elder que impessa Doc de executar sua ideia.

Ele me olha fixamente, os olhos vazios voltados para mim.

— Elder? — digo, o medo fazendo minha voz falhar.

Victria sai de trás dos dois rapazes.

— Sinto muito — ela diz, deixando os invólucros verde-claro caírem ao chão. — Só quero Órion de volta.

Em suas mãos, há uma arma, um revólver pequeno, com balas de grande calibre.

— Como você... ? — pergunto.

— Doc o entregou para mim. Ele sabia; sabia que eu queria proteção. E quando ele me disse que poderia trazer Órion de volta... Assegurei-me de que poderia ajudá-lo.

Minha boca se abre. Já vi tantas facetas de Victria — a amante não correspondida, a vítima, a amiga esquecida. Nunca pensei que a veria como uma traidora.

Ela se move para ficar entre Doc e a câmara crio que contém o corpo congelado de Órion. E ela não abaixa a arma nem uma única vez.

Elder e Bartie olham fixamente para a frente. Um único adesivo quadrado verde-claro está grudado em cada um de seus pescoços.

Elder

— Não, não, não — Amy sussurra.

Suas palavras me lembram... De... *Algo*.

Mas tudo está tão... Devagar.

— Afaste-se — Doc diz.

Luto para manter o controle da situação... Para entender...

— Você está bem? — Amy pergunta.

Por que eu não estaria?

Doc está segurando algo que parece uma laranja cortada ao meio. De cor amarelo-mostarda.

— Explodirei a nós todos — Doc diz. — Se for preciso. Precisamos proteger a nave. Ou posso pedir a Victria para atirar em todos vocês. Sim. Faremos isso. Faria menos estragos.

— Eu... Eu não sei como — ela diz suavemente.

— É muito fácil, querida — Doc diz. — Apenas aponte e aperte o gatilho.

A essa distância, você não pode errar.

As palavras dele significam algo, tenho certeza.

Mas... O quê?

Amy está chorando. Apenas uma lágrima, na borda de seu olho direito, mas eu a noto.

Não posso fazer nada.

Palavras flutuam em volta de mim. Altas. Zangadas. Implorando.

— Se ele é uma distração tão grande — Doc diz —, talvez devamos matá-lo agora.

— Não o Elder! — Amy grita, empurrando-me para trás dela.

Meus pensamentos estão nublados.

Confusos.

— *Elder*. — Doc ordena em voz alta. — Mostre-me o que está no seu bolso!

Eu o faço.

Fios.

Fios bonitos.

Vermelhos.

Amarelos.

Pretos.

Fios.

— Coloque-os de volta na máquina de Phydus — ordena Doc. — Você sabe que quer.

Eu quero.

Quero fazer isso.

Arrasto os pés até a máquina de Phydus.

Algo me impede.

Algo me puxa para trás.

Tento continuar andando.

Não vou a lugar algum.

— Amy — Doc a adverte. — Não tente pará-lo.

— Elder — a voz de Amy sussurra em meu ouvido. — Elder, lute contra ele. Lute. Você não quer usar a máquina de Phydus novamente. Você não precisa governar com drogas. Você é bom o suficiente do jeito que é. Lute. Seja você mesmo.

— Amy — Doc a adverte. — Você sabe que eu a matarei. Ou ele. Você sabe que farei isso.

Minhas pernas se mexem para cima e para baixo, e vou novamente para a frente.

Para a máquina de Phydus.

Para colocar os fios de volta.

Como eu sempre soube que teria de fazer.

Amy

Elder fica em pé ao lado da máquina de Phydus, os fios em sua mão, mas não parece ser capaz de colocá-los de volta na máquina. Ele está parado, olhando fixamente para o console. Gostaria de saber por quanto tempo ele tem carregado os fios no bolso. Ele deve colocá-los lá todos os dias quando se veste, da mesma maneira que coloco meu colar ou enrolo meu cabelo. Será que ele os carregou no bolso esse tempo todo porque queria se lembrar da maneira como as coisas eram e nunca deveriam ser novamente... Ou porque ele queria se lembrar que tinha o mesmo poder de controlar as pessoas que Eldest tinha, se escolhesse usá-lo?

Doc olha para o vidro de Órion.

— Ele me confiou tudo. Eu o deixei viver. Eu o ajudei a escapar. Ele se manteve escondido de mim por um longo tempo; eu não sabia que ele era o Guardião dos Registros, eu não sabia que ele estava bem ao meu lado todos esses anos. Mas antes que você o congelasse, ele me revelou seus segredos. E não vou trair a confiança dele do jeito que você traiu.

Doc se move e chega perto de Elder. Começo a me atirar na direção dele, mas Victria fica em meu caminho. Sua mão está tremendo; ela não está acostumado com o peso da arma, e o cabo parece estar desconfortável na palma de sua mão. Não que isso faça diferença... Tudo o que é necessário é um aperto de seu dedo no gatilho, e seria meu fim.

Eu a observo com cautela, vendo o medo em seu rosto, o suor escorrendo por seu pescoço. Ela não quer fazer isso, ela não quer me machucar, mas ela é como um animal enjaulado, e um animal enjaulado fará qualquer coisa caso se sinta ameaçado. Fico quieta.

— Oh, Elder, eu tentei avisá-lo, eu tentei — diz Doc, suavemente arrancando os fios das mãos dele. — Eu lhe disse a cada vez... Siga o líder.

— Você é *louco* — grito. — Elder é o líder!

Doc se vira e olha para mim, como se estivesse avaliando meu valor e descobrindo que ele é baixo.

— Eu tinha esperança de que ele pudesse se tornar Eldest. Eu lhe dei três meses. Mas, à medida que mais e mais pessoas começaram a questioná-lo, ficou claro que ele não tinha jeito. E então veio *Bartie*. Ele zomba do nome.

Olho rapidamente para Bartie, o adesivo verde em seu pescoço.

— Bartie pensou que poderia começar uma revolução — Doc revira os olhos.

— Suas tentativas foram espertas; invadir os sistemas dos disquetes e do com-wi foi inteligente, mas, no fim das contas, ele é um tipo fraco de pessoa. Ele nunca faria o que realmente é preciso para liderar uma verdadeira revolução. E, além disso — Doc acrescenta —, eu não ia deixar a dissidência evoluir para rebelião. Uma vez que temos um verdadeiro líder novamente, qualquer questão relativa à revolta desaparecerá.

Não gosto do jeito como ele diz “desaparecerá” em uma voz tão determinada.

Doc olha para mim.

— Tentei ajudar. Fiz as correções, e quando Elder não as usou, eu usei. Ele poderia ter usado aquelas mortes para incutir a quantidade apropriada de medo necessário para exigir obediência. Mas você não fez isso, não é? — ele pergunta, virando-se para o rosto sem expressão de Elder. — Não — ele empurra o corpo de Elder. Ele não resiste e se choca contra a máquina de Phydus. — Com o passar do tempo — Doc continua —, tornou-se cada vez mais evidente que o que nós precisávamos era que ele abdicasse do poder. Era *ele* quem precisava seguir o líder. Os avisos eram para *ele* — ele cutuca o peito de Elder com um dedo. Elder olha para a frente, fixamente, seu corpo flácido.

— E Marae? — pergunto.

— Tentei conversar com ela. De todas as pessoas na nave, ela deveria ter ficado ao lado de Órion. Mas não. Ela queria Elder.

Doc coloca os fios na parte superior da bomba de Phydus. A droga não é a sua principal preocupação. Ele passeia pela sala, de volta à câmara crio de Órion.

— É tarde demais de qualquer forma, Amy — Doc suspira, um som cheio de decepção. — Qualquer que fosse o tipo de líder que Bartie pensou que poderia ser ou Elder poderia um dia se tornar, Órion já é. Seu único erro foi confiar em você para fazer a escolha sobre o módulo. Eu deixei que você encontrasse os vídeos de Órion, mas deveria ter destruído todos eles.

Minha mente gira.

— Por que você me deu o com-wi de Órion? — pergunto. — Você deveria saber que ele nos levaria às pistas que ele deixou!

Doc olha para mim.

— Eu fiz isso — ele diz — porque Órion me pediu.

E é realmente simples assim. Chame-o de tudo o que quiser, mas Doc é leal. Não a Eldest, nem mesmo a Órion, e certamente não a Elder. Ele é leal ao sistema. De acordo com o sistema, Órion deve ser o próximo líder e, por

consequinte, a pessoa a quem Doc vai obedecer cegamente — mesmo quando discordar.

Mas — isso não faz sentido.

— Se foi você quem me deu a primeira dica, então, quem adulterou o livro de sonetos e a pista no arsenal?

— Eu — Doc verifica o mostrador sobre a câmara crio de Órion.

— Você? Mas por quê?

Ele me olha como se não conseguisse acreditar em como sou lenta.

— Não fiz isso por mim. Essa nave, todos a bordo, todos nós podemos morrer se pousarmos em Terra-Centauri. *Morrer*. Mas — ele acrescenta — sou uma pessoa razoável. Deixarei que Eldest tome a decisão final. Se ele disser que o módulo deve pousar, bem, eu me afastarei. Somente acho que ele não estava certo em escolher você como a tomadora de decisões.

Eu finalmente entendo — ele alterou a pista no arsenal e cortou a página do livro de sonetos porque não queria que eu tivesse sucesso. Mas mesmo assim deixou o livro para que eu pudesse encontrá-lo. Ele não queria que eu encontrasse a pista, mas não podia desobedecer Órion totalmente.

— Você sabotou os trajes espaciais? — pergunto.

— Imaginei que, se você chegasse lá, um de vocês iria usá-los.

— E você não se importava se um de nós morresse?

— Se isso ajuda — Doc diz, voltando-se para os mostradores sobre a câmara crio de Órion —, eu esperava que fosse você.

Não ajuda, de verdade.

— Você nunca percebeu o que eu precisava que você entendesse — Doc continua, ajustando outro mostrador. — Você ficou tão obcecada com o que Órion foi lhe mostrando que nunca viu o que eu estava mostrando a você.

— Sim? — digo. — E o que era?

— Que o importante não era sair da nave. Não podemos sair da nave, Amy, não podemos. Órion esperava que em algum dia distante, no futuro, seria possível, mas não. O arsenal, as sondas: é muito perigoso. Temos que ficar aqui. Temos que manter a mesma ordem que sempre tivemos desde o Eldest da época da Peste.

Não posso evitar; faço um barulho de desgosto.

— Sei que você discorda, Amy — Doc diz indolentemente, como se estivéssemos tendo uma conversa casual entre amigos. — Mas o sistema do Eldest funciona.

— Eldest era pervertido, doente — digo. — Você viu, no final. Ele era desesperado demais pelo poder.

— Sim, sim — Doc diz com desdém. — Há aberrações em todos os Elders

e Eldests, isso está bem documentado, e Eldest deveria ter passado o poder a Órion quando ele atingiu a idade certa. E Órion, não Elder, devia ter se tornado o Eldest.

— Órion era um psicopata! — grito. Começo a me mover para a frente, chocando-me contra o ombro de Bartie quando ando. Ele olha fixamente em frente.

Essa foi a coisa errada a fazer. A mão de Victria aperta a arma — ela ama Órion, apesar de tudo — e Doc se aproxima da câmara de congelamento.

— Ele não é um “psicopata”, e também não é Órion — Doc diz, virando um mostrador sobre a porta da câmara. — Ele é o Eldest — ele olha para Elder, ainda em pé, imóvel, perto máquina de Phydus. — Você nunca quis ser o Eldest, não é? Você sempre quis ser apenas Elder. É por isso que você não quis mudar seu nome. Você sabia, não é, que não era bom o bastante para ser o Eldest? Você ainda é apenas uma criança, mais preocupado com a sua paixão idiota do que com sua responsabilidade.

Elder — com o adesivo grudado em sua pele e silencioso — acena com a cabeça em concordância.

— Não fale sobre Elder assim! — grito. — Órion era um covarde que matou pessoas indefesas!

Doc volta-se para mim.

— Não se esqueça, foi Órion quem lhe deu seu precioso planeta, não Elder. Mesmo quando ele não era nada além de um bloco de gelo, ele ainda controlava você enquanto você pesquisava toda a nave procurando por suas pistas. Isso é o poder de um verdadeiro líder.

Ele está tão calmo, tão constante e competente — exatamente como sempre é. Mesmo no meio disso tudo — assassinando pessoas em nome de Órion, orquestrando um golpe para derrubar Elder — mesmo agora, não há ardor nos olhos de Doc. Ele está apenas silencioso e firmemente indo em frente com o que acha que é tão obviamente certo. Está nos colocando a todos em nossos lugares. Órion como Eldest. Elder como Elder. E eu — eu ainda sou, como de costume, o que ele não pode categorizar. E essa é a verdadeira razão porque ele tem Victria apontando uma arma para o meu rosto.

E tenho certeza agora, sei lá no fundo, dentro de mim — não vou sair dessa. Não encaixo no plano de Doc, porque não me encaixo em *Godspeed*, e Doc não pode ter algo — alguém — que não se encaixe. Ele precisa que todos sejam perfeitamente os mesmos, perfeitamente calmos e perfeitamente obedientes ao verdadeiro Eldest, e eu nunca, nunca, serei.

Estou tão certa que Doc não irá me deixar sair dessa sala viva que quase espero que Victria puxe o gatilho e acabe com tudo agora. Em vez disso, Doc

digita um código na câmara crio de Órion.

E se vira.

— Amy, não sou um líder. Sei disso. Só quero fazer o que tenho tentado dizer a todo mundo para fazer.

— “Seguir o Líder” — digo baixinho.

— Exatamente. Não há mais esperança — Doc diz. — Nós não podemos pousar no novo planeta. E não podemos sobreviver aqui sem Órion. Você não vê? Precisamos de um *verdadeiro* líder. Não Bartie, não Elder. Precisamos de nosso Eldest. É a nossa única esperança.

Victria olha para Doc, mas ele não está olhando para ela; está olhando para mim.

— Só quero Órion de volta — ela diz, mas ninguém presta atenção a ela.

— Não estamos falando de esperança — digo a Doc, mas meus olhos estão em Victria. Estamos falando sobre fé. Fé que o novo mundo será melhor do que isso. E fé que, mesmo que não seja, valerá o risco de descer lá e ver.

A câmara crio de Órion emite um bip, um som alto que ecoa pela sala.

— Não — Doc diz —, o processo de regeneração está começando.

— O quê? — grito.

— É mesmo? — Victria diz, virando-se.

E essa é a minha chance. Elder não é o único que anda carregando coisas no bolso, ainda tenho adesivos de Phydus. Num rápido movimento, rasgo uma das embalagens, coloco-o no braço de Victria, e tiro a arma de seus dedos submissos.

Doc olha para mim, tentando determinar se e vou matá-lo.

— É tarde demais — ele diz, quase casualmente. — Já comecei o processo de regeneração — a luz acima do rosto de Órion fica verde. — Mesmo se você atirar em mim, ainda assim ele vai acordar.

Vou lentamente para a minha direita, perto de Bartie, mas mesmo se eu pudesse arrancar o adesivo dele, ainda haveria Phydus em seu sistema. Nenhuma ajuda virá dele.

— Amy, você está sendo ridícula — Doc diz no mesmo tipo de voz que usava quando nos conhecemos, quando ameaçou me drogar para o resto da minha vida. — Você não está pensando direito.

— Estou — digo. — Não quero Órion governando essa nave.

— Há uma chance de que Elder não use o módulo de fuga, sabe?

E ele está certo. Eu sei disso. Eu vi a relutância em seus olhos, a forma como ele protestou contra minha reação imediata ao pouso da nave.

— Tenho fé nele — digo. *Emuito mais do que isso*, penso.

Doc balança a cabeça como se eu fosse um estudante que não consegue

responder a pergunta da lição de casa corretamente.

— Você não acha que coloquei toda minha fé em Victria, não é? — ele pergunta, zombando da palavra. E ele puxa sua própria arma. Ela se aninha de forma estranha em sua mão.

Como Victria, ele não tem certeza de como segurá-la. Ainda assim, isso não é difícil de descobrir. A extremidade que mata está apontada para mim, e isso basta.

Aumento minha abertura de perna, colocando meus pés na mesma distância que meus ombros. Fui criada com armas, como boa filha de militar; meu pai fez questão que eu soubesse como me proteger, que enxergasse as armas como ferramentas, e não brinquedos. Nunca fui mais grata a ele pelos sábados que passamos praticando tiro do que agora. Expiro e sinto o metal frio do gatilho em meu dedo.

— Você não pode me matar — diz Doc.

— Você está certo — digo, e puxo o gatilho.

Elder

Vejo tudo em câmera lenta, com as coisas todas borradas. O tiro sai do revólver; uma nuvem de fumaça acre evapora rapidamente, deixando atrás de si apenas o cheiro do cobre e de queimado. Doc cai, uma explosão vermelha surgindo em sua perna. Amy joga-se para a frente, voando pelo ar, grudando um adesivo verde-claro no braço dele.

Outro tiro. Outro revólver. O revólver de Doc.

Outra nuvem de fumaça e sangue.

Amy cai, segurando o braço. Sangue vermelho goteja por entre seus dedos.

Ela afasta a mão, pressiona o com-wi. Gritos.

Ela cambaleia até Victria. Cai de joelhos ao lado de seu corpo.

Vejo tudo, mas não consigo me mover nem reagir. Tudo é tão pesado e lento. Apenas olho enquanto Amy grita, sufocando com os próprios soluços. Amy pressiona ambas as mãos na mancha vermelha se espalhando na frente da túnica de Victria. Sangue corre da manga da própria Amy, mas ela o ignora, ocupada em colocar pressão sobre a ferida de Victria.

Movo minha cabeça e olho impassível para Doc. Seus olhos sem expressão encontram os meus.

O adesivo verde no seu braço garante que ele fique lá, parado, ignorando a bala em sua perna.

Eu me viro de volta para Amy e Victria.

— NÃO! — Amy diz.

A mão de Victria estende-se em direção a Doc. Não. Em direção a Órion.

— NÃO! — Amy grita novamente.

Ela joga seu peso contra Victria. O sangue escorre entre seus dedos, jorrando em bolhas carmesim.

— Não — sussurra Amy.

A mão de Victria cai.

Meu rosto está molhado. Levanto minha mão e toco a face. As lágrimas gotejam de meus dedos como o sangue escorrendo de Amy.

Amy

Minhas mãos estão cheias de sangue. Ainda estão quentes, assim como o corpo de Victria. Eu me mexo para fechar os olhos arregalados de Victria, e um pouco de seu sangue ou o meu sangue, não sei dizer — pinga em seu rosto e desliza por sua face. Não fecho seus olhos. Deixo-a olhar para Órion.

Fico em pé, limpando o sangue de Victria de minhas calças. Puxo para baixo o decote da túnica, olhando para a ferida aberta em meu braço esquerdo, logo abaixo do ombro.

Doc disparou a arma quando caiu. A bala me atingiu de raspão e matou Victria.

Fecho os olhos, tentando bloquear a imagem diante de mim, mas tudo o que sinto é o cheiro de pólvora e sangue. Pressiono o com-wi novamente. Kit responde imediatamente.

— Achei a escotilha — ela diz, sem fôlego. — Estarei aí logo.

Removo o adesivo de Bartie, que está em pé perto de mim, mas não espero a luz voltar aos seus olhos. Evitando o corpo de Victria, cruzo laboratório de genética até chegar a Elder. Quando removo o adesivo de seu pescoço, deixo uma marca vermelha em sua pele.

Enterro minha cabeça no lugar macio entre o peito e o braço dele. Meu sangue encharca sua camisa, mas não me importo. Apenas fico lá, tentando me forçar a não demonstrar emoção como ele, mesmo que seja só porque ainda há vestígios de Phydus em seu sistema.

Quando sinto seus braços se levantarem e se enrolarem em volta de mim, perco o controle das minhas emoções. Solução em seu peito, soluções selvagens, altos, incontrolláveis que me deixam sem fôlego, mas ainda não são suficientes.

— O que diabos aconteceu? — Kit grita da porta. Seus olhos estão esbugalhados e chocados, saltando de Bartie para nós, para Doc e, finalmente, Victria.

Ela cai de joelhos ao lado de Victria, ignorando o sangue que encharca suas calças.

— É tarde demais — digo.

Seus olhos vagueiam pela sala, e no começo estou preocupada que ela

esteja chocada demais para fazer qualquer coisa. Percebo, porém, que ela está avaliando tudo o que aconteceu e tudo o que precisa ser feito. Ela fecha os olhos de Victria. Já ouvi pessoas dizerem que cadáveres parecem pessoas dormindo. Mas não Victria. Ela aparentava paz e serenidade quando seus olhos estavam concentrados em Órion, mas, agora eles estão fechados, ela parece bem e verdadeiramente morta.

Kit enfia a mão no bolso e me entrega dois adesivos amarelo-claro.

— Antídotos para Phydus — ela diz, movendo-se imediatamente para Doc.

— Não dê um a ele — aviso. Kit abre a boca para protestar, mas, quando vê meu olhar, acena com a cabeça.

— Talvez seja melhor para ele ficar com Phydus — ela diz num tom de voz preocupado. — Ele deve estar com muita dor, e o Phydus vai amortecê-la.

— Não me importo com isso — digo, a voz fria e dura. — Mas mantenha o adesivo nele.

A mão de Kit paira sobre a ferida de Doc, e ela procura meus olhos. Finalmente, ela balança a cabeça lentamente, entendendo o que quero dizer. Ela corta a perna da calça de Doc e dobra-se para examinar a ferida — exatamente onde aponte, exatamente abaixo do joelho. O sangue pulsa no buraco da bala.

Rasgo a embalagem de um dos adesivos amarelos e o esfrego na pele de Elder até vê-lo estremecer de dor. Ele pisca, seus olhos claros.

— Voltou? — sussurro.

Ele balança a cabeça, uma expressão sombria preenchendo seu rosto. Seus olhos se fixam no corpo de Victria, e me pergunto quanto ele viu e compreendeu sob a influência do adesivo de Phydus.

— Você atirou nele — ele diz, com os olhos pulando de Doc para mim novamente.

Eu fiz isso. Mas, se não tivesse feito, talvez ele não tivesse disparado a arma dele também.

Talvez Victria ainda estivesse viva.

— Tive que atirar nele — digo, na esperança de também me convencer do fato.

Ele acena com a cabeça novamente. Não sei dizer se ele duvida de mim ou não.

Será que vai me culpar pela morte de Victria?

— Como está isso? — ele finalmente pergunta, inclinando a cabeça em direção ao meu braço.

— Você se machucou muito? — Kit diz, olhando por cima de Doc enquanto usa um spray de espuma em sua ferida. A espuma borbulha e fica rosa

ao desinfetar a ferida. Kit começa a enrolar a perna de Doc num grande curativo.

— Vou ficar bem — digo.

— Ela foi atingida — diz Elder. — No braço.

Ele pega o outro adesivo amarelo de mim e vai até Bartie.

Os olhos de Bartie estão colados no corpo do Victria o tempo todo, enquanto ele muda de drogado a consciente, e quando o Phydus deixa de vez seu sistema, ele tenta dizer alguma coisa, mas engasga com as palavras. Ele corre em direção à Victria, mas Elder o alcança, e os dois ficam ali, seus braços em volta um do outro, toda a rivalidade esquecida na morte de um de seus últimos amigos de infância.

— Aqui — diz Kit.

Eu pulo, surpresa — não havia notado que ela tinha terminado com Doc. Kit corta a manga da minha túnica e limpa a ferida com a espuma desinfetante.

— É grave? — Elder pergunta quando ele e Bartie se afastam.

Kit rasga a embalagem de um adesivo roxo pálido.

— Não — digo imediatamente.

— É para a dor.

— Nada de adesivos.

Ela encolhe os ombros e começa a enfaixar meu braço. O sangramento ainda não parou totalmente, mas está mais lento; eu provavelmente não vou nem precisar de pontos. Foi Victria quem recebeu todo o impacto da bala.

— Vamos lá — Elder diz para Bartie.

— Aonde vocês vão? — pergunto.

— Vamos enviar Victria para as estrelas — diz Bartie.

— Deixem-me ajudar.

Kit enrola o curativo ao redor de meu braço, apertado, e eu assobio de dor.

Bartie pega Victria pelos ombros, e Elder se inclina para pegar seus pés.

— Podemos fazer isso sozinhos, Amy. A voz de Elder é gentil, e seus olhos me imploram para entender. Bartie e Elder precisam dizer adeus juntos. Eles precisam lembrar-se de Victria da maneira como ela era antes que Órion foi congelado, e ela se afogou em seu amor por ele. Antes do meu descongelamento.

Os dois homens silenciosamente transportam o corpo de sua amiga para fora da porta, em direção à escotilha, deixando apenas uma mancha de sangue para trás.

Elder

Bartie fecha a porta da escotilha, e eu digito o código. Ambos ficamos em pé junto à janela e observamos enquanto enviamos nossa última amiga de infância para as estrelas.

Através da janela de vidro, vemos o corpo de Victria voar. O vácuo a faz subir e flutuar para trás, seu rosto obscurecido pelo cabelo preto, seus braços e pernas estendidos para mim, mesmo quando são puxados para cada vez mais longe.

E então ela se foi.

Kit aproxima-se de nós quando a porta da escotilha se fecha. Doc — com o adesivo verde ainda no braço — manca ao lado dela. Kit tenta usar seu peso para apoiar Doc, mas ele é muito maior do que ela.

— Deixe-me ajudar — diz Bartie, tomando o lugar de Kit sob o braço de Doc. Sua voz está rouca com as lágrimas não derramadas. Quando encontro seus olhos, eu sei... O que aconteceu nos últimos três meses não pode ofuscar o que aconteceu nos últimos trinta minutos. Somos amigos novamente.

— Certifique-se de que o adesivo fique no lugar — digo, e Bartie acena.

Kit e Bartie levam Doc para a escotilha. Penso em dar-lhes uma mão — vai ser difícil subir as escadas com ele —, mas não quero ajudar Doc. Não quero vê-lo nunca mais.

Volto para o laboratório de genética. Amy, com o braço envolto em ataduras, ergue-se na frente do rosto congelado de Órion.

As lembranças do que aconteceu enquanto eu estava com o adesivo são difíceis de classificar em minha mente. É a diferença entre nadar na água e nadar em calda. Mas sei de uma coisa, Doc matou Marae e os outros porque não sou um líder tão bom quanto Órion teria sido.

Amy disse que Órion tinha um plano para tudo, e estou começando a pensar que eu deveria ter um também. Porque não sei o que vou fazer agora.

— Você guardou os fios — ela diz quando fico ao lado dela. — Os fios da máquina de Phydus. Você os guardou o tempo todo. Você foi direto para a máquina...

— Eu estava com o adesivo — digo. — Acho que não poderia evitar ir até

à máquina.

— Mas você manteve os fios com você o tempo todo.

É verdade.

— Mas — digo — acho que mereço algum crédito por não usá-los, mesmo que eu os tivesse.

— Sim — Amy diz, oferecendo-me um pequeno sorriso. — Você merece.

Olhamos para câmara crio de Órion.

— O que esses números significam? — Amy pergunta, apontando para a tela LCD na parte da frente da caixa.

Olho para os números, contando o tempo.

— É um relógio de contagem regressiva.

— Eu estava com medo disso.

Eu me curvo, examinando os componentes eletrônicos. Aparentemente, Doc já iniciou o processo de regeneração. Órion deve estar descongelado dentro de vinte e três horas e quarenta e dois minutos. Tento parar o relógio, mas, mesmo virando o mostrador, a tela continua a mostrar a contagem do tempo.

— Basta desligá-lo — Amy diz, curvando-se para olhar o dispositivo.

— Não podemos simplesmente desligá-lo — digo. — Eu aprendi mesmo minha lição sobre isso.

— Bem, faça-o parar.

— Não posso — digo, brincando com os botões um pouco mais. Observo a tela e o teclado. — Doc travou o sistema.

— Reinicie o sistema.

Hesito.

— Isso pode ser perigoso. Se a regeneração já se iniciou, podemos danificar seu corpo se simplesmente a interrompermos.

— Faz apenas vinte minutos — diz Amy. — Não pode causar tanto dano assim.

Mas estou me lembrando de como congelei Órion sem preparar seu corpo. Ele já apresenta danos por causa disso. Mexer com o tubo crio agora pode matá-lo.

— Não me importa se é perigoso. Ele precisa ficar congelado.

— Amy, não é tão simples. Não posso. A câmara crio só é programada para funcionar de uma maneira.

— Não quero que ele acorde — Amy diz com uma voz muito calma.

Olho para Amy e mordo meu lábio. Porque eu quero.

Não sei se é por causa do nosso DNA compartilhado ou porque eu entendo as escolhas que ele fez. Talvez seja por causa das armas no arsenal ou os registros da nave na Ponte. Talvez seja porque estou começando a pensar que

Doc está certo, e Órion seria um líder melhor do que eu. Ele não parece tão maluco quanto antes.

Amy coloca a mão em meu cotovelo, desviando meu olhar do relógio de contagem regressiva e de volta para ela.

— Não consegui matá-lo.

Olho para ela, sem ter certeza de como responder.

— Doc. Ele tinha uma arma apontada para mim. Para você. Eu não sabia em qual de nós ele ia atirar.

Toco o curativo no braço de Amy — não forte o suficiente para colocar qualquer pressão sobre a ferida.

— É apenas um arranhão. Mas quando a arma estava apontada para nós, eu pensei, “eu tenho que matá-lo, ou ele vai matar um de nós”. Mas não fiz isso. Não consegui.

— Por que você...

— Elder — Amy diz —, acredito do fundo do meu coração que Órion não merece viver. Há *algumas* pessoas — ela acrescenta, enfatizando a palavra — que não merecem uma segunda chance. Não me esqueci da sensação de me afogar na minha caixa crio. Nem um dia se passa sem que eu me lembre disso.

Eu fiz isso com ela. Não Órion. Eu.

— Duas pessoas estão mortas, e elas morreram como eu quase morri. E ele fez isso.

— Amy, não posso parar o processo de regeneração.

— Ele não merece viver.

— Você o mataria?

Os olhos de Amy vão para lá e para cá, olhando para mim. Ela não conseguiu matar Doc.

Mas seu ódio por Órion é mais profundo.

— Você está certa. Algumas pessoas não merecem uma segunda chance. Mas Órion — faço uma pausa, sem saber como explicar —, Órion estava errado, sim. Mas não é que ele teve um surto assassino ou algo assim. Ele tinha um motivo. Agiu por medo.

Amy morde o lábio inferior, pensando. Sei que ela está comparando Órion, que achava que estava fazendo a coisa certa, com Luthor, que sabia que estava fazendo algo errado.

Quero colocar meus braços ao redor dela e apagar a preocupação gravada em seu rosto, mas sei que não é tão simples assim.

— Talvez — digo, voltando-me para a câmara crio. — Não posso parar a regeneração... Mas posso atrasá-la.

Amy fica de lado e deixa que eu me concentre nos controles da câmara.

Vejo dois pares de olhos sobre mim, os de Amy, implorando-me para manter Órion congelado, e os de Órion, implorando-me para deixá-lo voltar à vida.

— Posso fazer isso — digo, finalmente. — Posso atrasar o processo.

— Faça isso — diz Amy.

Digito os números, ajusto o mostrador, e o relógio vai de um dia para três.

— Podemos continuar a fazer isso? — Amy pergunta. — Cada vez que o relógio aproximar-se do fim, podemos ajustá-lo mais uma vez?

Silenciosamente, aceno com a cabeça.

— É o que faremos, então — ela diz, sua mandíbula apertada. — Vamos continuar a atrasar o processo. Ele não precisa acordar.

Amy olha para os olhos esbugalhados de Órion com uma espécie de intensidade feroz. Mas olho fixamente para Amy, incapaz de reconhecer essa garota com tanto ódio em seu coração.

Amy

Quando Elder e eu saímos da escotilha, já há uma multidão lá.

— É verdade? — alguém grita.

— O que é verdade? — Elder pergunta.

— Ainda há uma maneira de sair da nave?

Bartie oferece-me sua mão, puxando-me para cima dos últimos degraus da escada na escotilha.

— Tive que contar a eles — ele disse. — E, além disso, eles viram a escotilha gigante no meio da lagoa.

— É verdade! — diz Elder.

— Nós todos temos que ir? — alguém grita. Eu me viro para ver quem perguntou isso, mas não sei quem é. A multidão aqui parece dividida. Aqueles mais próximos ao buraco de lama que costumava ser a lagoa estão exultantes. Eles se abraçam, lágrimas de felicidade deslizam por seus rostos enquanto comemoram as palavras de Elder.

Mas outras pessoas permanecem perto da parte de trás. Elas parecem desconfiadas e preocupadas, franzindo a testa e falando umas com as outras por trás de suas mãos. Mesmo daqui, vejo alguns com adesivos verde-claro. Alguns mantêm os adesivos nas mãos, apertando a embalagem, mas sem rasgá-la. Outros já colocaram os adesivos nos braços, um olhar já vidrado em seus olhos.

— Vamos fazer outra reunião — Elder grita. — Vou chamar a todos agora. Ele pressiona o com-wi e faz uma chamada geral, dizendo a todos os 2296 passageiros para virem ao jardim imediatamente.

Não. Não 2296. Não mais. Faço as contas na minha cabeça. Victria. Luthor. Todos os Transportadores de primeiro escalão. As pessoas que morreram no motim. Os que Doc matou com os adesivos. A população de *Godspeed*, que sempre pareceu tão imponente para mim antes, agora parece muito frágil.

Bartie se aproxima hesitante de Elder.

— Posso... Você se importaria se eu dissesse algo também?

Elder lhe dá um sorriso irônico.

— Vai tentar iniciar outro motim?

— Não — diz Bartie. Ele está completamente sério.

Elder olha para mim, e entendo a dica, deixando-os ter sua privacidade. Os dois homens se afastam de mim, falando em tons baixos tranquilos. Posso ver a tensão no rosto de Elder enquanto ele ouve o que quer que Bartie esteja dizendo, e quando param de falar, apertam as mãos com um tipo de determinação que me deixa nervosa.

Parece demorar uma eternidade até que todos se reúnem na lagoa. As pessoas vêm lentamente — posso vê-las cruzando os campos em nossa direção. Toco meu cabelo — não estou usando meu envoltório de cabeça nem mesmo minha jaqueta, mas não me importo. Não tenho medo deles mais. Hoje, eu atirei num homem e vi uma mulher morrer. Sob os meus pés há um módulo de fuga que me levará para longe daqui. A opinião deles sobre mim não significa nada.

Fico em pé na beira da lagoa, do lado mais próximo da parede. Quando todos se reúnem ao redor das bordas lamacentas e cheias de sedimentos do que resta da lagoa, alguns deles se aproximam de mim. Muitos ainda mantêm a distância ou mostram seu desprezo, mas a maioria me ignora. Uma garota acidentalmente encosta em meu braço.

— Desculpe — ela diz.

Não posso evitar olhar para ela com espanto. Ela não se afastou ou pareceu enojada; não puxou o braço para trás como se eu estivesse contaminada.

Elder caminha diretamente para os restos de lama da lagoa e fica perto da escotilha. Victria disse antes que não podemos escolher a quem amamos. Ainda não sei se isso é verdade, mas não importa mais. Porque, escolha ou não, meu coração é dele.

Todos olham para ele — todos nós na beira da lagoa, elevando-se acima dele. Ele tem os tornozelos enterrados na lama e se mexe, inquieto como se estivesse nervoso. Mesmo daqui posso ver a pálida cor roxo-esverdeada das contusões em seu rosto, mas ele nunca pareceu mais forte ou mais nobre.

Elder toca o sistema com-wi para que todos possam ouvir claramente. Ele murmura alguma coisa primeiro, algo que não consigo entender, e, em seguida, fala claramente e em voz alta.

— Durante os séculos de viagem em *Godspeed*, muito foi ganho. Mas muito também foi perdido e esquecido. Incluindo isso. Elder leva sua mão em direção à porta aberta.

— Nós pensamos que sob nossos pés havia outro nível da nave. Estávamos errados. Não é um nível. É um módulo de fuga. No final dessa escotilha, há outra Ponte. O nível todo pode se separar de *Godspeed* e levar-nos à nossa nova casa em Terra-Centauri.

Olho ao meu redor — todos os olhos estão fixos em Elder.

Ele limpa a garganta e explica mais sobre como o módulo funciona.

Embora hesite, ele também fala sobre a possibilidade de perigo, os avisos de Órion.

— Não é o ideal — ele diz, e isso faz a minha cabeça virar-se para cima.
— Quando lançarmos o módulo, estaremos deixando *Godspeed* para trás. Sei que essa nave tem sido o seu lar. Tem sido o meu também. Mas *Godspeed* não é estável. Ela não foi construída para ser uma solução permanente. O nível crio é grande, e vamos aproveitar o espaço da melhor forma possível. Concentrem-se em trazer coisas essenciais com vocês. Algumas coisas terão que ser deixadas para trás.

Elder faz um movimento para Bartie que se aproxima. Elder se afasta do centro da lagoa, e a atenção de todos se vira para Bartie.

— Eu queria dizer algo também — diz Bartie através do sistema com-wi.
— O que Elder lhes disse é verdade. Eu estava no módulo hoje, vi por mim mesmo. E o que ele diz sobre deixar as coisas para trás é verdade também. E...
— ele engole em seco. — E eu sou uma daquelas coisas que serão deixadas para trás. *Godspeed* é a minha casa. Não quero outra. Vou ficar aqui. E se vocês quiserem ficar aqui comigo, serão bem-vindos.

Minha boca se abre. Eu me viro, esperando que multidão pareça chocada ou cética, pensando que Bartie enlouqueceu... Mas muitos deles... Não. Eles parecem concordar.

Eles querem as paredes.

— Podemos fazer isso? — alguém grita.

— É seguro?

— É suicídio — digo baixinho, mas não me sinto tão segura a ponto de gritar de volta.

Elder atravessa a lagoa e faz movimentos com as mãos, indicando a alguém para falar com ele. A jovem concorda e fala com ele, olhando para Bartie e para a multidão atrás de si.

Finalmente, Elder fala novamente — Os cientistas concordam que as funções internas da nave podem durar pelo menos uma geração, talvez indefinidamente se a biosfera for mantida e a energia conservada.

A conversa ressurgue novamente no meio da multidão. Elder levanta o braço — e todos eles são silenciados imediatamente.

— Essa é uma decisão importante. Qualquer que seja a decisão que vocês tomarem agora, não haverá volta. Ficar ou partir, sua decisão será definitiva.

Ele respira profundamente.

— Mas a decisão será de vocês.

Elder

Amy me encurrala no Nível do Guardião no fim do dia.

— Você não pode estar falando sério — ela reclama.

— Não posso forçar as pessoas a ir — jogo meus ombros para trás, tentando aliviar um pouco a tensão depositada neles.

— É suicídio! *Godspeed* não pode durar para sempre; em algumas poucas gerações, todos vão morrer!

— Falei com Bartie sobre isso — digo, caindo em uma das cadeiras de plástico azul que havia trazido do Centro de Aprendizado para o Grande Salão. — Quando a nave não for mais sustentável, eles vão...

— Vão o que? — Amy pergunta. — Fazer um pacto suicida? Beber o Qui-Suco envenenado?

Não tenho ideia do que ela está falando — Doc tem uma série de adesivos médicos. Os pretos...

— *Matairi*? — ela parece enojada.

— Tão humanamente quanto possível.

Amy abaixa suas mãos e começa a andar em torno do Grande Salão.

— Isso é ridículo — ela fala. — Você não pode deixá-los aqui! Tem que forçá-los a vir! Eles estão se matando...

Eu a interrompo.

— Falei com os cientistas. A nave não vai se desintegrar da noite para o dia. Haverá energia suficiente para pelo menos mais duas gerações.

— E depois? — Amy pergunta.

E depois os adesivos pretos.

— Isso é o que eles querem — falo.

— Você é o líder! Faça-os vir!

Espero ela parar de andar e olhar para mim.

— Amy, tenho mais coisas a considerar do que apenas a sua opinião.

Ela morde o lábio como se estivesse mastigando as palavras, e então se senta do lado oposto ao meu.

— Quantos ficarão?

— Cerca de oitocentos.

— Oitocentos?! — Amy levanta-se novamente num pulo.

— Aproximadamente.

— Isso é...

— Mais do que um terço da nave — falo.

— Eles preferem morrer em uma gaiola a morar num planeta?

— Este é o lar deles — digo. — Sei que você é incapaz de entender como *Godspeed* pode ser um lar, mas ela é.

Ela volta a se sentar, lentamente.

— Você deveria fazê-los ir — retruca. — Mas — acrescenta quando abro minha boca — posso entender porque eles querem ficar. Se nunca viram nada além disso...

— Amy — falo —, temos que deixá-los decidir sozinhos — toco seu joelho, trazendo seu olhar de volta para mim. — *Nós* vamos.

Um pequeno sorriso passa pelo seu rosto. Ela se inclina para frente, seus cotovelos sobre os joelhos.

— Oh, Elder — ela diz, e sua fala sai depressa, como um suspiro de alívio —, você vai adorar. Viver em um mundo sem paredes. Há tantas... Tantas coisas para ver. Árvores; grandes, imensas árvores. Aquela lagoa é minúscula; haverá um oceano no planeta. Nuvens. O céu... O *céu*. Você verá pássaros. Pássaros!

Eu rio.

— Já vi pássaros! Nós temos galinhas.

— Não — a voz de Amy tem um tom musical. — Aquelas galinhas não são sequer galinhas de verdade. Estou falando de pássaros reais! Pássaros que cantam tão alto que acordam você de manhã antes do despertador. Pássaros que planam e dão impulso e *voam*!

Com isso, ela pula para cima com os braços levantados. Termina seu giro me encarando, seus olhos ardentes.

— Você não tem ideia de como será maravilhoso!

Ela enxerga pássaros e liberdade e oceanos.

Eu vejo o arsenal, com pilhas de explosivos. Eu escuto Órion dizendo, “se *Godspeed* ainda puder ser o seu lar, se for possível permanecer a bordo — façam isso”.

— Sim — digo a ela, sorrindo da melhor forma possível. — Será fantástico.

Amy desaba em sua cadeira. Ela está me olhando com aquele olhar que diz *Você não tem ideia*, e tudo o que posso pensar é que ela também não tem. Terra-Centauri não é a Terra de onde ela veio. Ela não sabe o que há lá embaixo, ninguém sabe, o único que tinha uma ideia era Órion, e isso o assustou muito.

— E se ele estiver certo? — eu não queria dizer isso em voz alta, mas ela sabe imediatamente sobre quem eu estou falando.

— Valerá a pena — Amy diz imediatamente, sem parar sequer para se questionar.

— Mas...

— Não. Valerá a pena. O que quer que esteja lá embaixo... Talvez seja muito perigoso. Talvez não sobrevivamos. Não sei. Mas sei que vou embora. Não morrerei nessa nave. Não posso viver rodeada de paredes. Não agora. Nem nunca mais.

Não agora depois que ela olhou pelo vidro favo de mel. Não agora que o planeta está ao seu alcance.

— Talvez seja uma coisa boa alguns ficarem — Amy diz, mais séria. — Haverá menos problemas.

Encontro os olhos de Amy.

Ela os estreita.

— Órion... Ele será deixado aqui, certo? Não vamos levá-lo para o novo planeta, vamos?

— Amy, não posso deixá-lo aqui.

— *O quê?*

— Órion virá conosco.

— Se o deixarmos aqui, ele pode ser descongelado. Pode viver aqui na nave.

Fico imóvel.

— Ele será descongelado, de qualquer forma. O cronômetro não pode ser parado, apenas atrasado.

Ela chuta a cadeira e começa a andar. Seu cabelo balança cada vez que ela se vira, como um golpe zangado de uma lâmina vermelha.

— Bartie e eu conversamos a respeito. Doc permanecerá aqui e *será* punido, mas Bartie dará a ele um ju-gamento.

— Um julgamento — Amy me corrige automaticamente.

Não perguntei a Bartie qual seria a punição de Doc. Não a morte — eles precisam de um médico, e Kit irá conosco para Terra-Centauri. Mas Bartie era mais próximo de Victria do que eu, e sei que a punição de Doc será severa.

— Então é isso? — Amy fala. — Vocês dois estão dividindo os sujeitos maus? Bartie fica com Doc e você com Órion?

— Algo assim — digo. — Bartie precisava de Doc, mas nenhum de nós dois sabia o que fazer com Órion. Se ele acordar na nave, Doc irá apoiá-lo e prejudicar Bartie. Se ele for conosco para o planeta, ainda assim causará problemas. Ninguém estava disposto a desligá-lo ou jogá-lo pela escotilha. No

fim, eu me ofereci.

— Não é *justo*— ela fala. — Por que ele tem que ir? Ele só vai trazer mais caos. Você não enxerga isso? Ele está *congelado*, e as pessoas ainda estão sendo assassinadas e explodindo todos os tipos de porcária por *ele*. Imagine o que ele fará quando acordar.

Balanço minha cabeça.

— O plano sempre foi esse. Ele acordaria junto com os outros congelados, e eles o julgariam por seus crimes.

— Você não precisa fazê-los julgar — ela dispara de volta —, poderia simplesmente deixá-lo aqui.

Poderia. Sei disso. Seria muito mais simples. Mas eu também sei — porque, não importa quanto eu queira negar, nós estamos ligados — então sei, eu sei... Ele quer sair. Ele deixou aquelas pistas para Amy encontrar, deixou a decisão por conta dela... Mas o simples fato de ter deixado pistas, de não ter destruído nossa esperança de partir, mostra que, no fim, ele — assim como eu — quer sair de *Godspeed*.

Não posso condená-lo a passar a vida atrás das paredes de *Godspeed*, mesmo que ele mereça isso.

— Deixarei os congelados julgarem-no, e farei o que eles disserem — digo para Amy.

Os lábios dela se apertam; há uma pequena linha branca ao seu redor.

— Não será simples assim, e você sabe disso.

— Ele irá para o novo planeta — digo.

Amy para de caminhar.

— Se você fizer isso, as coisas não podem continuar as mesmas entre a gente. Não posso acreditar que você realmente queira levar Órion conosco.

— Não posso acreditar que você queira tirar o planeta de qualquer pessoa, até mesmo de Órion.

Ele olha para mim como se minhas palavras a tivessem acertado em cheio, então corre para o tubo de gravidade sem falar mais nada.

Vou para o quarto de Eldest, sozinho, no escuro. O manto do Guardiã jaz no chão, amassado.

Eu o deixo ali.

No meu último dia a bordo de *Godspeed*, empacoto tudo o que tenho em uma pequena mala. As roupas outrora pertencentes a Kayleigh, que morreu pelo segredo que Órion não conseguiu manter. O caderno onde escrevi cartas para os meus pais, quando pensei que jamais os veria novamente. Meu urso de pelúcia.

Deixo para trás o lenço marrom. Não precisarei mais dele para me esconder no novo planeta. Enquanto dobro o tecido e o coloco na mesa, olho para o quarto que foi meu por três meses. Pensei que passaria o resto de minha vida aqui. Ou — talvez eu me mudasse para o Nível do Guardião com Elder um dia.

Engulo o nó em minha garganta. Talvez Elder esteja certo, e Órion não mereça se afogar em sua caixa crio. Mas ele também não merece o novo planeta. Tento me lembrar das coisas que eu achava que adorava em Elder, mas tudo o que vejo agora é seu olhar obstinado, o tom de sua voz quando se recusou a deixar Órion em *Godspeed*.

Carrego minha mala em uma mão e o quadro de Harley na outra. Não há muito espaço para arte, mas encontrarei espaço para ele.

A lâmpada solar é ligada justamente quando chego à beira da lagoa. Seu fundo é de terra seca agora, rachada pelo calor da lâmpada; as flores de lótus são hastes murchas verdes e rosas, já mortas.

Sou a primeira a descer. Enfio minha bagagem e o quadro de Harley num canto fora do caminho na Ponte e então sento na cadeira do lado oposto à janela de vidro favo de mel. Depois da ponte, o módulo está lotado quase até a capacidade máxima. Os compartimentos estão destrancados, cada centímetro sendo usado como bagageiro. Exceto pelo arsenal — Elder havia decidido manter aquele compartimento fechado, mesmo que o espaço pudesse ser aproveitado. Não tenho certeza se é porque ele está com medo de alguém tentar roubar uma arma ou se ele quer manter todo o arsenal escondido por enquanto, embora eu ache que, em ambos os casos, ele fez a escolha certa.

Todos os outros compartimentos, contudo, estão cheios de caixas de alimentos — o suficiente para durar um mês. Jarros de água fresca. Remédios. Roupas. Ferramentas. Prateleiras de minúsculas mudas vindas das Estufas. Elder

e Bartie dividiram o gado. Muitos dos animais maiores foram abatidos, a carne, defumada e salgada. Alguns dos menores — coelhos e galinhas — estão engaiolados. Há um minicurral perto das câmaras crio.

Tudo o que restou agora são as pessoas.

Elas chegam em grupos de dois ou três. Trazem somente o que conseguem carregar. Chegam com peças de mobiliário, um berço antigo, uma cadeira de balanço, um fuso de fiar. Carregam sacos de roupas, facas de açougueiro ou equipamentos científicos. Chegam sem nada nas mãos, fixam o olhar no planeta através da janela de vidro favo de mel e choram. Vão direto para a câmara crio, onde os outros estão esperando, sem se incomodar em virar suas cabeças um centímetro sequer para ver o que enfrentarão.

Olham para mim e sorriem, me abraçam, tocam minha pele branca e o meu cabelo ruivo com admiração. Olham para mim e fazem carrancas, amaldiçoam, falam que irão somente porque seus amigos, seus amados, suas mães estão indo, e por eles assumirão o risco de um novo mundo.

Correm escada abaixo, pulam no chão, giram na Ponte, vão até a beira da janela e tocam o vidro. Suspiram quando chegam ao chão, seus ombros curvados sob o peso de seus pensamentos, suas peles coradas e com vincos de preocupação, de tristeza, de medo.

Mas o fato importante é simples: elas vêm.

Elder chega por último.

— É isso — ele diz. — Essas são as pessoas.

Todas as dispostas a ir.

Ele hesita, e eu corro para ele, jogando meus braços ao redor de seu pescoço. Não me importo com nossas desavenças, não me importo com nossa briga — não nesse momento. Elder me envolve num abraço que me levanta, e em seguida me coloca suavemente de volta ao chão.

— Estou assustado pra caramba — ele sussurra no meu cabelo.

— Eu também — sussurro de volta.

Ele observa meus olhos.

— Qual o problema?

Não respondo, e, após um momento, ele olha para longe. Ele sabe qual é o problema.

— Eu preciso levá-lo — Elder fala.

— Você não precisa, mesmo.

Em vez de me responder, Elder pressiona o com-wi.

— Vamos começar o lançamento em poucos minutos — fala. — Vamos usar o piloto automático. Tive algum treinamento na operação do módulo, mas...

Ele não fala que seu treinamento foi pouco mais do que Shelby mostrando

os controles. Ainda assim, isso é mais conhecimento do que qualquer outro tem; somente os Transportadores de maior escalão — aqueles mortos na explosão da ponte — de fato tinham experiência com esses controles.

— Você deve acomodar seus pertences e achar um lugar seguro durante o lançamento — Elder fala depois de desconectar o com-wi.

Podemos escutar o barulho do movimento daqui. Elder fecha a porta da Ponte.

Seu rosto está duro, seus ombros, retos.

Ele parece um general pronto para batalha, mas sem qualquer armadura ou armas.

Ele me diz para segui-lo — vamos para o painel de controle abaixo da janela.

— Vale a pena, não é? — ele pergunta, observando o planeta.

Eu me inclino sobre o painel de controle, tentando ver o máximo possível do planeta. É brilhante, azul e verde, com pequenos redemoinhos de filamentos de nuvens brancas. Posso distinguir lagos e montanhas, um trecho amarelo amarronzado que parece ser um deserto, uma fileira de pontos verdes que são ilhas. É a coisa mais linda que já vi.

Mas então vejo o rosto de Elder.

Sua preocupação me afeta, e agora, enquanto observo a superfície de Terra-Centauri, penso, o que existe lá embaixo?

Os olhos petrificados de Victria preenchem minha memória.

A morte é fácil e repentina e não pode ser parada. Talvez Terra-Centauri esteja apenas começando a evoluir, e dinossauros nos esmagarão. Ou Terra-Centauri pode estar anos-luz à frente da Terra, minha Terra, e os alienígenas rirão de nossas armas enquanto nos matam. É óbvio que plantas crescem no planeta — há muito verde no meio do azul — mas e se todas as plantas forem venenosas? E se toda a água azul for salgada?

— Vale a pena — eu me movimento para tocá-lo, mas ele agarra minha mão primeiro, aperta meus dedos, e então me solta.

— O que você falou para Doc? — Elder pergunta. — Sobre fé?

— Não me lembro — digo, com uma risada seca. — Estava muito ocupada tentando não ser assassinada.

— Bom, o que quer que tenha sido, você estava certa — suas mãos pousam sobre o botão do piloto automático.

— Pronta? — ele pergunta.

— Pronta.

Fim

Este *ePub* teve como base uma tradução
em *Pdf* feita por um autor desconhecido pelo
grupo **Shadows Secrets**.

Junho de 2014

LeYtor

^[1] Referência aos personagens Rhett Butler e Scarlett O'Hara, do filme “E o Vento Levou” (N.T.).

^[2] A compulsão por armazenagem ou colecionismo é definida como a aquisição de e a dificuldade em descartar objetos que aparentemente não tem utilidade ou são de pouco valor. Também se aplica a quem obsessivamente acumula animais em casa, como cães e gatos, sem ter condições de cuidar de todos eles (N.T.).

^[3] Citação de “Alice no País das Maravilhas” (N.T.).

^[4] Flor da família das *Asteraceae* (nome científico: *Centaurea cyanus*), de intensa cor azul (N.T.).

^[5] A embarcação-museu USS Pampanito, submarino americano lançado em 1943 que participou da II Guerra Mundial, está hoje atracada no Píer 45, em São Francisco, e é uma atração turística bastante procurada (N.T.).

^[6] O *softbol* é uma variação mais leve do beisebol (*soft* é “leve” em inglês), por isso tornou-se uma modalidade mais popular entre as mulheres (N.T.).

^[7] The Boxer Rebellion é um quarteto britânico de rock alternativo composto pelo americano Nathan Nicholson (vocal e guitarra), o australiano Todd Howe (composições e guitarra) e os ingleses Adam Harrison (baixo) e Piers Hewitt (bateria). A banda foi formada em 2001 (N.T.).